

ANDERSON SILVA  
MARIA APARECIDA MARFORI  
(orgs.)

# PESQUISAS SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA: OLHARES DIALÓGICOS



2024

## CONSELHO EDITORIAL

Prof.<sup>a</sup> Jeanne Ferreira de Sousa da Silva

**Editor responsável**

### **Conselheiros:**

Alan Kardec Gomes Pachêco Filho

Ana Lucia Abreu Silva

Ana Lúcia Cunha Duarte

Cynthia Carvalho Martins

Eduardo Aurélio Barros Aguiar

Emanoel Cesar Pires de Assis

Emanoel Gomes de Moura

Fabíola Hesketh de Oliveira

Helciane de Fátima Abreu Araújo

Helidacy Maria Muniz Corrêa Jackson Ronie Sá da Silva

José Roberto Pereira de Sousa

José Sampaio de Mattos Jr

Luiz Carlos Araújo dos Santos

Marcos Aurélio Saquet

Maria Medianeira de Souza

Maria Claudene Barros

Rosa Elizabeth Acevedo Marin

Wilma Peres Costa

### **Arte da capa**

### **Formatação e Diagramação**

Yasmine Nainne e Silva Cardoso



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO  
MARANHÃO



PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO  
EM LETRAS

Núcleo de Pesquisa



NÚCLEO DE PESQUISA EM LITERATURA MARANHENSE



P474 Pesquisas sobre a Língua Portuguesa: olhares dialógicos /  
Anderson Silva, Maria Aparecida Marfori (orgs.). ---  
Maranhão : Uema, 2024.  
202 p.; PDF

e-ISBN: 978-85-8227-485-9

Inclui referências

Disponível em: <https://www.enaell.com.br/publicacoes>

1 Linguística. 2 Linguagem - estudo e ensino. 3 Críticas  
literárias. 4 Língua Portuguesa - pesquisa I Título.  
II Silva, Anderson. III Marfori, Maria Aparecida.

CDD: 410

Arlete Ferreira da Silva, bibliotecária CRB-14 1493/SC.

## SUMÁRIO

<b>PALAVRAS INICIAIS .....</b>	<b>4</b>
<b>FORMAS DE PENSAR A RELAÇÃO TRANSCRITIVA NA LITERATURA: ESTUDOS INTERARTES, INTERMIDIALIDADE E TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA .....</b>	<b>7</b>
Adilma Nunes Rocha	
<b>O GÊNERO TEXTUAL MEME NO ENSINO: UMA TEORIZAÇÃO COM FINS PRÁTICOS .....</b>	<b>23</b>
Allan Kayan Dias Carneiro	
Denise Alve Cardoso	
Isabel Delice Gomes Macedo	
<b>O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM: A ANÁLISE LINGUÍSTICA COMO FERRAMENTA PARA LER E ESCREVER.....</b>	<b>38</b>
Ana Cecilia Teixeira Gonçalves	
Dirlei Luciano Benatti	
<b>USOS LINGUÍSTICOS MILITANTES SOB UMA ÓTICA SOCIOLINGUÍSTICA: REFLEXÕES LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS EM TORNO DE LGBTQIA+ .....</b>	<b>50</b>
André Luiz Souza-Silva	
<b>A FUNÇÃO SOCIAL DO GÊNERO ANÚNCIO PUBLICITÁRIO: UMA INVESTIGAÇÃO CRÍTICO-DISCURSIVA DE ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS DA MARCA HAVAIANAS NO FACEBOOK .....</b>	<b>67</b>
Isadora Maria Cavalcante Oliveira	
Yohana Filgueira Silva do Nascimento	
<b>A FORMAÇÃO DE LEITORES ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS: UM RECORTE SOBRE O <i>INSTAGRAM</i> .....</b>	<b>77</b>
Jamile Freitas Cardoso	
<b>SENTIDO DE TELETRABALHO, NO BRASIL, NA LEGISLAÇÃO TRABALHISTA E EM TEXTOS DE IMPRENSA PUBLICADOS DE 2017 A 2020 .....</b>	<b>90</b>
Larissa Amaral Oliveira	
Débora Teixeira Alves	
Jorge Viana Santos	
<b>A PESQUISA NA LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS: TEMAS, OBJETIVOS, MÉTODOS E CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA .....</b>	<b>98</b>
Luana Ferreira dos Santos	

Shirlei Marly Alves

**"BRASIL ACIMA DE TUDO, DEUS ACIMA DE TODOS": O DESPERTAR DAS PAIXÕES A PARTIR DE *FAKE NEWS* PROPAGADAS NA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2022** ..... 109

Marcia Elisia Matos Aguiar

Raquel Abreu-Aoki

**A ORGANIZAÇÃO RETÓRICA NOS EDITORIAIS SOBRE O SEGUNDO TURNO DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018 PRESENTES NO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO** ..... 124

Mirela Araújo Filgueiras

Bárbara Olímpia Ramos de Melo

***FANFICTIONS* NA ERA DA CONVERGÊNCIA MIDIÁTICA: UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS INTERTEXTUAIS** ..... 139

Ozeias Evangelista de Oliveira Junior

Maria da Graça dos Santos Faria

**A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM JUDICIAL SOB A PERSPECTIVA DA CRÍTICA GENÉTICA E ESTILÍSTICA** ..... 151

Paula elisie madoglio pzidoro

Edina Regina Pugas Panichi

**O USO DE PALAVRÕES E PALAVRAS OFENSIVAS A PARTIR DE TWEETS SOBRE JOGOS DE FUTEBOL** ..... 161

Raissa Maria Pereira de Sousa

André Luiz Souza-Silva

**VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS** ..... 176

Simone Aparecida Migon

Loremi Loregian Penkal

**ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS DA MARCA NATURA NO FACEBOOK: UMA ANÁLISE DA ESTRUTURA POTENCIAL GENÉRICA (EPG)** ..... 191

Yohana Filgueira Silva do Nascimento

Isadora Maria Cavalcante Oliveira

## Palavras iniciais...

Este e-book é resultado das pesquisas apresentadas em maio de 2023 no Simpósio *Pesquisas sobre a língua portuguesa: olhares dialógicos*, dentro do Encontro Nacional de Estudos Linguísticos e Literários organizado pela Universidade do Maranhão – UEMA/Campus Caxias. O evento, realizado de maneira híbrida, possibilitou que os pesquisadores da área de Letras pudessem compartilhar dialogicamente trabalhos finalizados ou em desenvolvimento em seus diversos níveis da esfera acadêmica.

Nosso simpósio, de número 39, acolheu estudos com abordagens no ensino da língua, gramática, gêneros textuais, produção de texto e leitura. A partir das apresentações, culminou nesta coletânea que visa ampliar as vozes e compartilhar dialogicamente os resultados dessas investigações a respeito da Língua Portuguesa.

No primeiro capítulo, Adilma Rocha escreve sobre *Formas de pensar a relação transcriativa na Literatura: estudos interartes, intermedialidade e tradução intersemiótica*. Nessa pesquisa, a autora debruça - se sobre o processo de criação dos objetos artísticos culturais na contemporaneidade. No segundo capítulo, Carneiro, Cardoso e Macedo nos apresentam *O gênero textual meme no ensino: uma teorização com fins práticos*. Nesta pesquisa, os autores tratam da inserção do meme e sua didatização em sala de aula.

No terceiro capítulo, Gonçalves e Benatti discorrem sobre *O ensino de língua portuguesa e as práticas de linguagem: a análise linguística como ferramenta para ler e escrever*. Neste trabalho, os autores examinam o processo de construção de textos de estudantes da Educação Básica, destacando a prática de análise linguística como ferramenta para o desenvolvimento de atividades de leitura e produção textual, tendo o Interacionismo Sociodiscursivo como viés teórico. No quarto capítulo, Souza-Silva discorre a respeito dos *Usos linguísticos militantes sob uma ótica sociolinguística: reflexões linguístico-discursivas em torno de LGBTQIA+*. Nessa investigação, sob o viés da sociolinguística, o autor analisa os usos linguísticos, por vezes não-padrão, que marcam a identidade de sujeitos LGBTQIA+ na tessitura social.

No quinto capítulo, Oliveira e Nascimento debruçam sobre *A função social do gênero anúncio publicitário: uma investigação crítico-discursiva de anúncios publicitários da marca havaianas no Facebook*. Neste trabalho, os autores investigam a função social presente no gênero anúncio publicitário, tendo como base a Análise do Discurso Crítica (ADC). No sexto capítulo, Cardoso discute sobre *A formação de leitores através das redes sociais: um recorte*

sobre o Instagram. Nesse trabalho, a autora analisa o uso das redes sociais e como elas podem influenciar a formação de leitores.

O sétimo capítulo desta coletânea apresenta o trabalho de Oliveira, Alves e Santos sobre o *Sentido de teletrabalho, no Brasil, na legislação trabalhista e em textos de imprensa publicados de 2017 a 2020*. Nessa investigação, os autores analisam os sentidos do vocábulo teletrabalho em artigos de notícias publicados no Portal de Notícias G1, no ano de 2017. No oitavo capítulo, Aguiar e Aoki analisam *fake news*, informações mentirosas, propagadas e associadas sobretudo a grupos bolsonaristas em redes sociais no período de eleição presidencial de 2022 no Brasil. A pesquisa, intitulada “*Brasil acima de tudo, Deus acima de todos*”: o despertar das paixões a partir de fake news propagadas na eleição presidencial de 2022, baseia-se em Aristóteles (2005); Avritzer, Santana e Bragatto (2023); Charaudeau (2022); Gomes (2020a, 2020b), e busca investigar o despertar de paixões (pathos) a partir do discurso falacioso encontrado no tipo de notícias supracitado.

No nono capítulo, Filgueiras e Melo, em *A organização retórica nos editoriais sobre o segundo turno das eleições presidenciais de 2018 presentes no jornal Folha de São Paulo*, analisam a organização retórica, com base nos pressupostos teórico-metodológicos de Swales (1990), partindo do *Create a Research Space (CARS)*, modificado por Oliveira (2004) para o gênero artigo de opinião.

O décimo capítulo, intitulado *Fanfictions na era da convergência midiática: uma análise dos processos intertextuais*, analisa os processos intertextuais em *fanfictions* no fenômeno da convergência midiática. Os autores Junior e Faria amparam-se nos conceitos de Jenkins (2009), a cultura de fã; nos estudos de Amossy (2017) que tratam da influência de um texto sobre outro; no dialogismo de Bakhtin e em Carvalho (2018) que aborda a marcação de diálogos chamados de intertextualidades.

O capítulo onze, *A construção da linguagem judicial sob a perspectiva da crítica genética e estilística*, das autoras Izidoro e Panichi, busca analisar, à luz da crítica genética e estilística, o processo de escritura das decisões judiciais do então Juiz Federal José Carlos Cal Garcia, por meio dos manuscritos e prototextos do autor, escritos no período de 1986 a 1989, que foram encontrados e armazenados no Núcleo de Documentação e Memória, da seção de Memória Institucional do departamento da Justiça Judiciária no estado do Paraná. A análise consiste em sentenças judiciais, com aporte teórico-metodológico sustentados na crítica genética e estilística, sob a ótica de estudos de Grésillon (2002, 2007, 2009) e Salles (2000, 2002, 2007, 2008).

No capítulo doze, os autores Sousa e Silva analisam o uso de palavrões e palavras ofensivas de internautas-torcedores durante partidas de jogos de futebol. O estudo, intitulado *O uso de palavrões e palavras ofensivas a partir de tweets sobre jogos de futebol*, busca interpretar os usos desses itens linguísticos estigmatizados por parte de torcedores concentrados no Twitter. Para isso, a pesquisa baseia-se em autores como Queiroz (2005), Swingler (2016) e Souza-Silva, Dias & Bezerra (2021) e constata que palavrões e palavras ofensivas são recursos linguísticos frequentemente utilizados por torcedores de times de futebol para descarregar emoções, sejam elas de alegria ou frustração.

O penúltimo capítulo, *Variações linguísticas na língua brasileira de sinais - libras*, de Migon e Penkal, descreve, sob o viés da Sociolinguística, variedades linguísticas presentes na Libras, língua da comunidade surda brasileira, de modalidade espaço visual. A pesquisa faz a análise e reconhecimento das variações linguísticas da Libras, relação do emprego das variações em outras regiões e a abrangência das variedades da língua como característica social e não como erro gramatical.

O último capítulo, *Anúncios publicitários da marca natura no facebook: uma análise da estrutura potencial genérica (epg)*, de Nascimento e Oliveira, estuda a Estrutura Potencial Genérica (EPG) dos gêneros discursivos anúncios publicitários da marca Natura, à luz da abordagem sociossemiótica de Hasan (1989). O estudo busca refletir o viés argumentativo dos textos e analisar o contexto de situação (registro) e o contexto de cultura (gênero) dos anúncios publicitários, sob o ponto de vista das variáveis campo (*field*), relações (*tenor*) e modo (*mode*), responsáveis pela construção da Configuração Contextual (CC) e pelo *status* genérico do texto. Para isso, as autoras adotam o conceito de Estrutura Potencial Genérica proposto por Hasan (1989), amparado, teórico e metodologicamente, na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday (1985).

Desse modo, convidamos todas a lerem as todas as investigações nesta coletânea ou escolher uma específica que esteja de acordo com seus interesses de pesquisa, colaborando para os trabalhos futuros e outras pesquisas dentro dessa temática. Sendo assim, desejamos uma boa leitura e boas discussões dialógicas.

## **FORMAS DE PENSAR A RELAÇÃO TRANSCRITIVA NA LITERATURA: ESTUDOS INTERARTES, INTERMIDIALIDADE E TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA**

Adilma Nunes Rocha<sup>1 2</sup>

### **Introdução**

O pensamento relacional entre as produções simbólicas artísticas não é algo novo. Desde o clássico enquadramento greco-romano nos gêneros textuais às discussões pautadas nas questões estéticas das belas-artes já no século XX pelos estudos da teoria literária, tal processo sempre foi discutido a partir das produções reconhecidas nas elaborações teórico-estéticas eurocentradas. Nessa perspectiva, Warren & Wellek (s/d) nos apontam tal relação pautando-se no diálogo das belas-artes com a literatura, destacando as possíveis interrelações fundamentadas em quatro possibilidades: nas inspirações recíprocas; na tentativa de provocar os mesmos efeitos de uma arte em outra; nas intenções e teorias por traz das produções em diálogo; e nas características comuns provocadas pelo mesmo fundo social e histórico que podia perpassar as artes. Para os referidos estudiosos, claro está, que:

Sem dúvida que elas [as artes] mantêm constantes relações umas para com as outras, mas essas relações não são influências que começam em dado ponto e determinem a evolução das outras artes: devem ser antes concebidas como um esquema complexo

---

<sup>1</sup> Doutoranda do programa de pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

<sup>2</sup> Professora assistente da área de Estudos Literários da Universidade do Estado da Bahia, campus XXI, Ipiaú.

de relações dialécticas que funcionam nos dois sentidos, de uma arte para outras e vice-versa, e que podem ser inteiramente transformadas adentro da arte que ingressam. (p.165)

Contudo, o processo de criação dos objetos culturais artísticos, antes pensado apenas na restrita relação entre as belas-artes, perdeu o tão propalado estado de independência dos sistemas próprios das específicas gramáticas semântico-estruturais das artes seletas a partir do advento da teoria culturalista. É impossível, hoje, não pensar dança sem relacioná-la à música e à performance teatral tão comum nas culturas africanas e indígenas. Também não há como reconhecer a história em quadrinhos, produto da cultura de massa, como uma composição pluralizada onde a pictórico (pintura), o icônico (desenho), o estrutural-imagético (ângulos e posicionamentos próprios do cinema e da fotografia) e o verbal (estruturação dos diálogos similar à cena do teatro) compõem a gramática própria da quadrinização, tomando de empréstimos para criações e recriações elementos de diversas artes. É também difícil não perceber na arquitetura pós-moderna a elaboração de prédios com fachadas que a aproxima do conceito de movimento, antes só pensada na arte da dança.

Alguns conceitos, tradicionalmente tomados na explicitação da natureza de uma dada arte, também passou a ser observados na constituição de outras estruturas artístico-culturais, a exemplo do ritmo, antes pensado na música, passou a ser elemento da dança, do poema, na narrativa literária, dos congados, do artesanato, das artes digitais.

E, com o avanço da tecnologia, o campo das artes em seu aspecto formal passou a ser revisitado, promovendo elaborações onde diferentes produções artísticas chegam a quebrar a fronteira do concreto e passa a virtualizar conexões entre textos para intensificar as sensações, a exemplo do teatro e da dança contemporânea que mesclam a performance dos atores ao enquadramento com vídeos ampliando a dimensão do real sugestionado.

Neste cenário, há de se observar que a discussão da relação da literatura e outras artes não é algo novo, ampliou-se e aprofundou-se pela apropriação de um novo conceito de textualidade para além do modelo letrado escrito e assentando-se em todo tecido sógnico elaborado para a expressão. Assim a composição do texto literário entrelaça elementos de diferentes artes, em processos composicionais distintos, em criações que podem ser intratextuais (trazer para dentro de uma dada obra elementos de outras artes) ou extratextuais (recriar a obra num processo de transcrição intersemiótica, fazendo surgir novas textualidades que desterritorializam as criações clássicas).

E para explicitar tais processos de criação surgiram campos de estudos que abarcaram textualidades de diferentes naturezas no grande campo da linguagem que têm como foco a

perspectiva composicional com diferentes estratégias. E neste cenário vasto que abarca diferentes tipos de elaborações textuais, encontramos os estudos interartes, os estudos intermédias e os estudos da tradução a abrir espaços teóricos próprios para a discussão das textualidades em suas variadas interrelações entre as linguagens artísticas/midiáticas.

Pensar tais processos em sua relação com a arte literária torna-se nosso caminho de reflexão neste artigo, destacando que tais produções são, a cada dia, mais revigoradas com os atravessamentos criativos na produção de produtos híbridos. Tais criações desterritorializam as fronteiras da arte como também as sociais, uma vez que vêm dissolvendo, aos poucos, a antiga discriminação oriunda do lugar de produção que por muito tempo hierarquizou e criou rótulos para as artes. Assim, a tradicional distinção entre arte da cultura alta, arte da cultura popular e arte da cultura de massa (esta que pelos meios tecnológicos envolvidos tiveram muita dificuldade de serem reconhecidas como arte devido a ruptura aurática promovida) aos poucos foi perdendo o alcance no hibridismo próprio do entrecruzamento de práticas e fazeres. E por hibridismo, caminho de conexão de experiências de vida e de linguagens, apoiamo-nos na ideia de Canline (2008, p. XXXIX):

Considero atraente tratar a hibridação como um termo de tradução entre mestiçagens, sincretismo, fusão e os outros vocábulos empregados para designar misturas peculiares. Talvez a questão decisiva não seja estabelecer qual desses conceitos abrangem mais e é mais fecundo, mas, sim, como continuar a construir princípios teóricos e procedimentos metodológicos que nos ajudem a tornar este mundo mais traduzível, ou seja, convivível em meio a suas diferenças, e a aceitar o que cada um ganha e está perdendo ao hibridizar-se.

E ao hibridizar diferentes experiências artísticas, não apenas transforma-se o texto-arte mas também a experiência-vida que tais textos trazem em seu bojo para daí problematizar o existível, o invisibilizado, o inaudível... e então trazer a possibilidade do convivível, tão cara a condição de humanidade. Entretanto, como pensar tais processos de hibridização nos campos teóricos e metodológico para fazer possível, pelas variadas experiências das artes, as diversas possibilidades de vida, sem perder-se nos meandros dos discursos abstratos da teoria que muitas vezes deixam a arte opaca? Vejamos os caminhos...

### **1-Para início de conversa: os estudos interartes**

Os estudos interartes é o campo de estudos de textualidades focado nas interrelações artísticas, descentrando da ideia da auto-suficiência, pensamento este que vem desde a antiguidade, quando já se pensava em um certo relacionamento entre as artes para além das tradicionais questões classificatórias de enquadramento pelas características comuns que tinham como critério as marcas estéticas-estilísticas dominantes em um dado contexto histórico. Cluver (1997) destaca que:

[...] para o estudioso de questões interartísticas relacionadas à produção e a recepção de textos, tais questões tem importância considerável: tão logo reconheçamos que poemas, pinturas ou sinfonias não sejam textos autônomos ou auto-suficientes e que não sejam intrinsecamente ou essencialmente românticos, impressionistas ou simbolistas; tão logo reconheçamos a importância do “ler como” (reading as) e do papel do leitor no processo de estabelecer o status e o sentido do texto [...] (p. 41)

O diálogo entre as artes com a literatura logo foi observado de diferentes formas: como referência numa perspectiva de citação intertextual de uma obra em outra para ilustração de situações (a citação da encenação de *Otelo* em *Dom Casmurro* de Machado de Assis); como *modus operandi* no processo de produção de uma arte ( no poema *A Valsa* de Gonçalves Dias, a estruturação em verso dísticos provoca, na leitura rítmico-poética do texto, a sensação de dançar a valsa com a voz); na transposição sígnica de uma arte para a outra, como no processo de ekíphrases<sup>3</sup> literárias (verbalização de textos artísticos visuais). Contudo a descrição verbal artística de artes visuais não é a única forma de ekphrasis, há equivalentes não-verbais como descrever pictoriamente textos literários, transformar música em poemas pinturas, fazer pinturas de cenas específicas de peças teatrais e de romances literários, entre outras.

Para Cluver, este processo inverso a ekphrasis literária é o que Roman Jakobson, denominou tradução intersemiótica ou transmutação, ou seja, “interpretação de signos de sistemas sígnicos verbais por meio de sistemas sígnicos não-verbais” (p.42). E alinhando-se às ideias de Leo H. Hoek vê a tradução intersemiótica como caso especial de transposição intersemiótica, por ocorrer em todos textos artísticos, “oferecendo uma reapresentação relativamente ampla (mesmo que jamais completa) do texto fonte composto num sistema sígnico diferente[...]” (CLUVER, p.43). A equivalência e o acréscimo de poucos elementos sem paralelo com o texto fonte são condições fundamentais que aproxima a tradução intersemiótica/ekphrasis artísticas muito mais da ideia de cópia/ícones que de simulacros. Esses poucos paralelos com o texto-fonte seriam justificados pelo fato de que:

Ler tais textos como traduções significa que serão lidas dentro de um estudo dos problemas de tradução – campo que recentemente tornou-se uma disciplina independente, complexa e gratificante. Um dos rumos que a questão tomou é a reconsideração da tradução como processo que não apenas envolve línguas diferentes, mas também culturas diferentes – daí que se prefira o termo “transculturação”. Esta

---

<sup>3</sup>É importante observar que o processo ekíphrático não se limita apenas na interação entre artes para a composição de um texto artístico, como também a tradução não se limita ao campo de criação entre artes. Segundo Cluver (p.42): “Resenhas críticas de uma ópera, descrição de uma pintura num catálogo de um leilão e análises de livros de história da música substituem os textos que verbalizam e não costumam divergir intencionalmente, apesar de poder representá-los numa maneira idealizante ou parodiante.” A ekphrasis literária é uma forma especial de reescrita “onde o texto literário oferece uma reconstrução interpretativa de um texto não verbal”, percepção esta que também é válida para todas as ekphrasis artísticas.

pode ser uma questão interessante também em casos de tradução intersemiótica sempre que o texto-fonte for produto de uma cultura histórica ou geograficamente diferente. (CLUVER, p.43)

Assim, ainda apoiando-se em Hoek, as relações interartes, como transposições intersemióticas, além de relações de textos verbais e visuais, trazem outras relações intersemióticas, assim elencadas por Cluver:

**FIGURA 01: RELAÇÕES INTERARTES**

<p><b>RELAÇÕES TRANSMIDIÁTICAS</b></p> <p>transposição de um texto em um texto auto-suficiente num sistema sígnico diferente. ADAPTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA OU OPERÍSTICA; POEMA SINFÔNICO; EKPHRASIS; RESENHA DE UM BALÉ</p>	<p><b>DISCURSOS MULTIMÍDIAS</b></p> <p>Justaposição de textos auto-suficientes compostos num sistema sígnico diferente. ILUSTRAÇÃO DE LIVRO; EMBLEMAS; TÍTULOS DE TEXTOS NÃO-VERBAIS</p>	<p><b>DISCURSOS MIXTE</b></p> <p>combinação de textos separáveis mas não auto-suficientes compostos em sistemas sígnicos diferentes. SELO; QUADRINHOS; INSCRIÇÕES VERBAIS EM TEXTOS VISUAIS; NARRATIVAS VERBO-VISUAIS</p>	<p><b>DISCURSOS SINCRÉTICOS</b></p> <p>Textos intersemióticos intermédias nos quais os aspectos visuais ou auditivos não admitem separação do verbal – qualquer tentativa de decodificação ou interpretação deve levar simultaneamente em consideração vários sistemas semióticos. POEMA VISUAL; POESIA SONORA; POESIA SEMIÓTICA; LITERATI CHINESES</p>
---	--	---	---

Fonte: CLUVER, Claus. Estudos Interartes: conceitos, termos, objetivos. Revista Literatura e Sociedade. V.2, n.2.

Por mais que seja um trabalho acurado tal classificação centrada na perspectiva semiótica, na relação produto artístico/sensibilidade muitos outros fenômenos ocorrem, que não se enquadram de forma única ou definitiva nesta tipologia. Isso porque o campo criativo, numa sociedade global e tecnológica e em expansão cultural de pluriverso, tende a se ampliar, tanto por ser pensado como práticas sociais, como também por abarcar “outros tipos de textos ou combina[r] ou fund[ir] códigos semióticos diferentes e que não se incluem nos limites das disciplinas tradicionais” (CLUVER, p.52).

E por não incluir em tais limites, passa a ser tomado como discurso transdisciplinar, que além da preocupação semiótica (não só textual como também cultural), explora questões de representação, de interpretação tradicionalmente tratadas na estética eurocentrada, como também questões socioculturais de culturas outras que concebem o objeto cultural e a própria arte de forma diversa.

## 2- Em cena a tecnologia audiovisual: os estudos intermédias

Outro domínio de conhecimento que se centra nas questões da textualidade é a das relações de intermedialidade. É uma perspectiva de estudos que leva em consideração a relação

meio/comunicação/arte onde a textualidade é chamada de mídia. Apesar da dificuldade de se chegar a um conceito, mídia é aqui tomada, de forma geral, como suporte para difusão da informação, inscrevendo-se como meio que faz a intermediação da mensagem, sendo, à princípio, considerada mídias puras e compartimentalizadas como o papiro, o livro, os pergaminhos, os vitrais das igrejas, a pintura, a escultura....

Contudo, ganha mais força a partir dos avanços dos estudos e das tecnologias com o surgimento dos meios de comunicação social de massa como rádio, TV, cinema, imprensa, meios eletrônicos e telemáticos, entre outros, onde comunicação, conhecimento e artes passam a entrecruzar em novos suportes, fazendo surgir novas mídias a partir das antigas. Todavia, há de se observar que:

A questão de como se deve definir uma mídia e distingui-la de outras mídias depende certamente dos contextos históricos e discursivos pertinentes e do tópico ou sistema sob observação, além de levar em conta o progresso tecnológico e as relações entre as mídias num panorama midiático global e num determinado momento do tempo. (RAJEWSKY, 2012)

Aqui, o termo mídia passa a ter preponderância ao passar a abarcar uma gama maior de possibilidades de materialização/expressão para a comunicação também estética. Assim, apesar de tanta controvérsia entre áreas de estudos, texto e mídia convivem como sinônimos que buscam denominar os espaços de configuração/expressão de diferenciadas e diversas experiências, tão velozes e simultâneas neste momento das humanidades.

Para além do conceito, claro está que as produções midiáticas se dão num processo de entrecruzamento. Próprio do hibridismo. Tal entrecruzamento ganha a denominação de intermídia, cunhada pelo artista Dick Higgins a partir das observações das artes de vanguardas que em seu bojo promovem a desterritorialização da compartimentalização da obra de arte, além da aproximação da mídia arte com a mídia vida, a exemplo dos ready-made de Duchamp e a arte gráfica de Heartfield nas artes visuais e das performances e happenings. Passa-se então a reconsiderar as mídias que promovem interrelação de textos, “[...] exatamente em seu sentido contemporâneo – para definir obras que estão conceitualmente entre mídias que já são conhecidas[...]” (p.46), estes antes com fronteiras delimitadas, a exemplo de obras de arte tradicionais, que por diversos meios e mesclagem de técnicas diferentes, são associados objetos não convencionais para composição.

Tomando como exemplo a literatura, especialmente a partir do ato de contar narrativas ficcionais, entrecruzamentos entre suportes e novas composições sígnicas quebraram sua fronteira de pretensão texto artístico puro e tradicional: da palavra arte na voz e performance do contador da Antiguidade migrou para a folha de papel, seja dos folhetins jornalísticos ou do

livro celebrado. A partir da revolução industrial, caminhou para as páginas das revistas na forma de histórias em quadrinho e posteriormente fotonovelas, foi propagada nas ondas sonoras dos radioteatros e radionovelas e, posteriormente também nas ondas audiovisuais do filme no cinema, na telenovela e minisséries na TV, nas plataformas digitais e streamings. Na era digital, ganhou a tela do computador com game-romances, numa mesclagem sígnica. Também pode ser transposta para outra composição sígnica, tornando-se pintura, escultura, dança. Tal percurso de composições nos leva para os estudos sobre mídias desembocando nas discussões de intermedialidade, uma vez que

No movimento constante de superposição de tecnologias sobre tecnologias, temos vários efeitos, sendo um deles a hibridização de meios, códigos e linguagens que se justapõem e combinam produzindo a Intermídia e a Multimídia. O emprego de suportes do presente implica uma consciência deste presente, pois ninguém está a salvo das influências sobre a percepção que estes mesmos suportes e meios tecnológicos impõem. (Plaza, p,13)

Irina Rajewsky (2012) discute a questão da intermedialidade propondo uma observação mais atenta quanto a ideia de fronteira, a partir da clareza de que há mídias monomidiáticas (um romance) composta de um único sistema sígnico e há mídias plurimidiáticas (cinema) que em seu bojo traz várias mídias sem transposição de fronteiras. A transposição da fronteira da mídia, independentemente de sua constituição, é que se constituiria em intermedialidade.

Ela nos aponta, a partir das observações de práticas midiáticas tanto as configurações midiáticas como as relações intermidiáticas, a existência de três grupos de fenômenos que acenam para concepções qualitativamente diferentes de intermedialidade:

**Figura 02: SÍNTESE DOS FENÔMENOS SOBRE INTERMEDIALIDADE**

<p><b>INTERMEDIALIDADE POR COMBINAÇÃO DE MÍDIAS:</b></p> <p>ÓPERA, FILME, TEATRO, SOUND ART, HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, MANUSCRITOS ILUMINADOS/ILUMINATURAS...</p> <p>Processo intracomposicional na formação de significado e/ou estrutura Forma mídias de mesclas de mídias, numa estrutura plurimidiática e intermidiática, com participação direta e/ou indireta de mais de uma mídia. Resulta no desenvolvimento formas novas de mídias que convertem em arte ou gêneros midiáticos convencionalmente distintos.</p>	<p><b>INTERMEDIALIDADE POR REFERÊNCIAS INTERMIDIÁTICAS:</b></p> <p>REFERÊNCIA NUM TEXTO LITERÁRIO A UM FILME OU À GÊNERO FÍLMICO OU À ESCRITA FÍLMICA OU ÓPERA OU PEÇA TEATRAL OU A UMA MÚSICA OU DANÇA; REFERÊNCIA À PINTURA EM FILMES; REFERÊNCIA À FOTOGRAFIA EM FILMES OU EM PINTURAS...</p> <p>Processo intracomposicional que afeta o significado e a aparência externa de trabalhos. Numa perspectiva de mídias individuais, forma de mídias com participação indireta de mais de uma mídia, não havendo diferenças midiática e nem cruzamento de fronteiras, uma vez que é uma referência intramidiática. Numa perspectiva de construto, com a percepção das fronteiras de mídias distintas, é a combinação de várias mídias onde se evidencia diferença midiática em jogo que não se pode apagar, com aproximação da mídia a que se refere.</p>
<p><b>INTERMEDIALIDADE POR TRANSPOSIÇÃO MÍDIÁTICA:</b></p> <p>QUADRINIZAÇÃO LITERÁRIA, ADAPTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA...</p> <p>Intermedialidade extracomposicional, não afeta o significado e a aparência externa de trabalhos. Genética de intermedialidade, orientada ao processo de produção. Qualidade midiática relaciona-se a transformação midiática definida.</p>	

Fonte: RAJEWSKY, Irina O. a fronteira em discussão: o status problemático das fronteiras midiáticas no debate contemporâneo sobre intermedialidade.

Rajewsky (2012), destaca que, na contemporaneidade, a ênfase em fronteira e diferenças na intermedialidade tem sido colocada como desatualizada, preferindo-se o caminho das semelhanças, fortalecendo os atributos comuns e transversais. Defendendo o papel crucial e bastante produtivo desta primeira ênfase no contexto das práticas intermediáticas, destaca que:

O conceito de fronteira constitui um pré-requisito para as técnicas de cruzamento ou de desafio, de dissolução ou de ênfase das fronteiras midiáticas, fronteiras estas que podem se realizar como construtos e convenções. Afinal é o próprio traçar fronteiras que nos faz ciente de como transcender ou subverter estas próprias fronteiras, ou de como ressaltar sua presença, colocá-las à prova, ou mesma dissolvê-las por inteiro. Ao mesmo tempo que, são esses atos de transcender, subverter, colocar à prova ou ressaltar que lançam luz sobre a convencionalidade e construtividade deste limite. [...] As fronteiras ou – melhor ainda – as “zonas fronteiriças” entre as mídias revelam assim estruturas que nos capacitam, espaços que nos possibilitam testar e experimentar **[fazendo vir à luz]** uma pletera de estratégias diferentes **[que nos apontam para muitos outros existires]** (p.71) **[grifo nosso]**

### 3-E a sempre presente tradução

A própria existência da humanidade se efetiva pelo ato da tradução. É um constante traduzir de experiências passadas para elaboração de novas experiências visando o enfrentamento dos desafios da vida. É o que já sugere a etimologia da palavra – ação de levar em triunfo, no andar do tempo e no transpor dos espaços. É um dizer/saber transeunte que extrapola espaços, tempos, línguas, culturas e atende diversos motivos: desde a busca do conhecimento do acervo de vida vivida, à elaboração e reelaboração crescente das técnicas a partir do que já foi criado, até a efetivação do domínio de grupos a partir da disseminação de suas ideias.

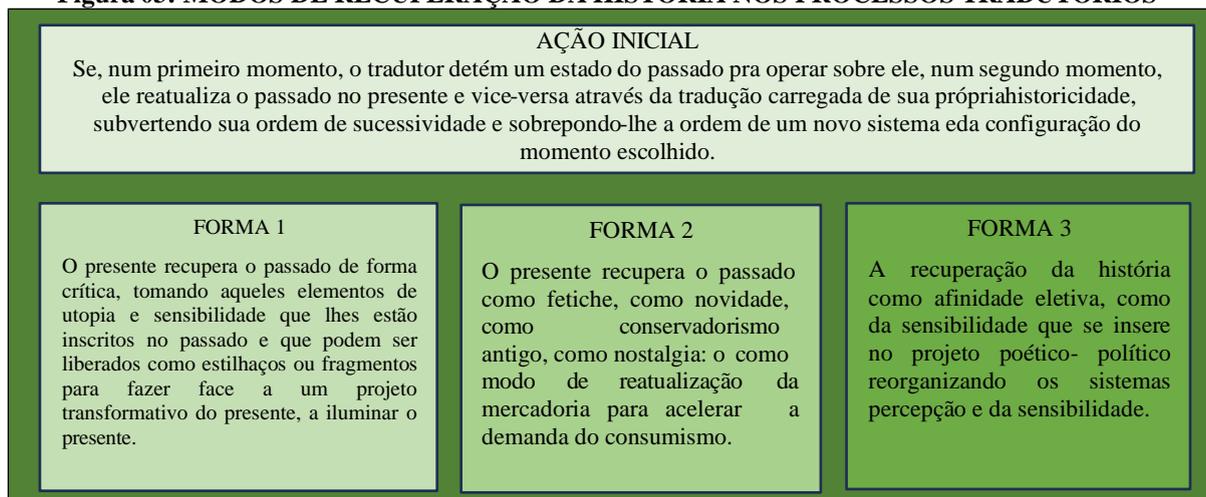
O trânsito do dizer na perspectiva do ser que marca o existir se dá em dois vetores no âmbito dos sujeitos: no que move a subjetividade, dando movimento ao eu singular, de dentro para fora, no ato de remessar significados e sentidos para o mundo circundante; e no que move as intersubjetividades, entre seus em movimentos recíprocos. Ambos os processos se caracterizam pelo compartilhamento de percepções que constroem as existências, sendo que a vetorização intersubjetiva, por dar espaço subjetivo a todas as vozes, é um ato democrático de experiências.

Ambas as vetorizações se realizam de duas formas: no continuum temporal presente das comunicações aparentemente de fluxos cotidianos, pensadas apenas como um ato do tempo presente, do aqui-agora, encerrado em si mesmo; e, em profundidade, como experiências que coadunam diferentes tempos-espaços em constante fluxo de interação onde se processam a relação passado-presente-futuro, clivado de historicidade.

Pensar as vetorizações subjetivas e intersubjetivas relacionando-as no continuum

temporal presente-passado-futuro é pensar a tradução também como um ato de recuperação da história, que se dá criativamente pelas artes e que pode trazer ou não uma dimensão política e crítica. Assim, traduzir é conduzir além um dizer, um pensar, um existir agregando também outros dizeres, outros pensares, outros existires. É um encontro de visões de mundo, de culturas. É o encontro do passado no presente para instaurar possibilidades de futuro. Enquanto recuperação da história, conforme Plaza (2008) pode ser pensada da seguinte forma:

**Figura 03: MODOS DE RECUPERAÇÃO DA HISTÓRIA NOS PROCESSOS TRADUTÓRIOS**



Fonte: PLAZA, Júlio. Tradução intersemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2008.

Há de se observar que o projeto tradutor das experiências ocorre motivado de maneiras diferentes e será alimentado por intenções específicas: retomada de motivação para transformação do presente, retomada de elementos motivadores para atender o mercado capitalista, retomada de elementos para reorganização das percepções e sensibilidades apagadas no fluxo da história.

E aqui, nota-se que a própria ideia de história é alterada. Abandona-se a tradicional perspectiva de historicismo linear do centramento em dados fatos vividos e escolhidos que se mantiveram na memória da humanidade e não serão retornados, apenas lembrados como forma de celebração (tais fatos selecionados são organizados como progressões de causas e consequência, numa progressão infinita) para passar a se pensar na perspectiva de história benjaminiana onde fatos ocorrem simultaneamente para além e aquém daquilo que se convencionou chamar de história oficial. A história não seria apenas a história da humanidade, mas das humanidades que vivem o fluxo temporal com diferentes experiências, tensões, lutas. Uma história monádica, onde os existires ocorrem em simultaneidade, sem apagamentos.

É nessa perspectiva que o projeto tradutor passa a se situar: na tradução das experiências, retomando-se fatos para fazer emergir aquilo que ficou apagado e intitulado como inexistência nas representações da história em diferentes campos epistemológicos e

especialmente no campo das artes. Plaza (2008) muito bem coloca tal situação:

Se Benjamin, na sua visão, enxerga a história como possibilidade, como aquilo que não chegou a ser, mas que poderia ter sido, é justamente na brecha de uma possibilidade semelhante (vão entre o que poderia ter sido, mas não foi, mantendo a promessa de que ainda pode ser) que se insere o projeto tradutor constelativo entre diferentes presentes e, com total, desviante e descentralizador, na medida em que, ao se instaurar, necessariamente produz reconfigurações monadológicas da história. Para o artista-tradutor, a apropriação da radicalidade benjaminiana consoma-se também como estratégia poética e política, pois nosso presente aparece alimentado e minado entre a intensa consciência de presente que, por querer se afirmar como tal, tende a negação do passado e a impossibilidade de negar o tempo **[ou melhor, outras experiências vividas]**. A visão sincrônica da história não seria senão a conciliação sempre provisória dessa conciliação. (p. 4-5)

A tradução da experiência se materializa nos textos diversificados, estes espaços de expressão e comunicação. Dentro da perspectiva tradutória da simultaneidade da história, grávida em si de um manancial de experiências, a representação, que simula as diferentes realidades, espalha-se num parto de diferentes textualidades. Isso porque simular a realidade, traduzindo as experiências, representando os pensares e existires se dá num processo constante de e pela textualidade.

Para tanto há de se considerar o texto como um tecido de signos organizados conforme as percepções e sensibilidades para visibilizar a experiência das humanidades. Espaço onde, por meio da subjetividade, a experiência é dita /representada, mas que na maioria das vezes, por seleções e filtramentos, deu visibilidade a algumas existências e legou a muitas outras o apagamento. Na elaboração do ocidente eurocentrado houve o centramento fundacional na perspectiva de verdade platônica e específicas seleções de conhecimentos hegemônicos elaborados e nas classificações aristotélicas de gêneros de enquadramento do real pelo texto artístico com a poiesis verbal ganhando um status especial.

Contudo, o espaço ocupado pela noção de poiesis grega, na perspectiva platônico-aristotélica dominante até o século XVIII no monocentrismo de uma única experiência vivida como verdade total de existência, ampliou-se, quando muito, na multiplicidade representativa e na desterritorialização das formas textuais clássicas, mas ainda centrada no texto letrado verbal. A partir do século XVIII, ganha cena, ao lado do regime artístico estético ainda focado no texto das belas letras dominante, outras textualidades artísticas também consideradas belas pelo padrão das elites. Assim, a experiência sensível selecionada e filtrada das elites, caracterizada pelos contornos auráticos, está no texto literatura e também nas textualidades pintura, escultura, música, dança, teatro, arquitetura.

E as experiências sensíveis da arte produzidas pelos anônimos? Ficaram fora do campo das visibilidades clássicas, forçosamente excluídas e lacradas em caixinhas classificatórias de cultura popular com o rótulo de folclore, do exótico; e de cultura de massa, produções que

seguem receitas de elaboração como mercadorias para o mercado do entretenimento. Nelas as textualidades também proliferaram.

E arte? Tomada como um grande repositório das produções culturais de valor estético para contemplação, nominavam apenas as produções dos grupos seletos das elites que continuam a preservar os princípios e a excluir o que está fora do modelo platônicos. Contudo, com o tempo os avanços tecnológicos e os interesses capitalistas, a obra de arte passou a ser reconsiderada em processos de discussões da aura da arte e do público apreciador e este levantou a necessidade de também se reconhecer na representação e na forma de acessibilidade.

Foi a partir do século XIX que este terreno se ampliou, o imagético galgou mais espaços de visibilidade e reconhecimento com textos que quebraram a questão aurática<sup>4</sup>, apontado para uma época onde reprodutibilidade técnica visibilizou outras experiências textuais que intercambiava outras existências. Foi, por um lado, a fotografia, o cinema e as quadrinizações, mostrando as produções em grandes escalas; e, por outro, os nacionalismos colocando em cena e em cheque as produções da cultura popular, mesmo que em passos mais lentos.

Adentramos enfim, no século XX e XXI num espraiamento de possibilidades que intensificaram a ideia de textualidade para além do viés clássico do texto letrado e passou a ser colocada em evidência uma nova possibilidade de elaboração por meio de processos de hibridização, graças ao avanço das tecnologias e da globalização cultural. Neste cenário, diferentes áreas de estudos são cruciais para o entendimento das textualidades como espaço de representação/simulação das realidades, expressão e de comunicação de sensibilidades e de tradução de experiências. Tais áreas se tornaram disciplinas que focam nas textualidades, tomando por base ora nas especificidades do texto, ora nos entrecruzamentos onde encontramos os estudos da tradução.

Neste cenário de alargamento das experiências textualizadas, o processo tradução foi vital e os estudos da teoria da tradução ganharam mais ritmo. Tradicionalmente, deste os povos antigos, passando pelo domínio romano e da igreja católica. era reconhecida apenas na vertente da tradução interlingual (ou seja, na tradução de um texto letrado de uma língua para outra

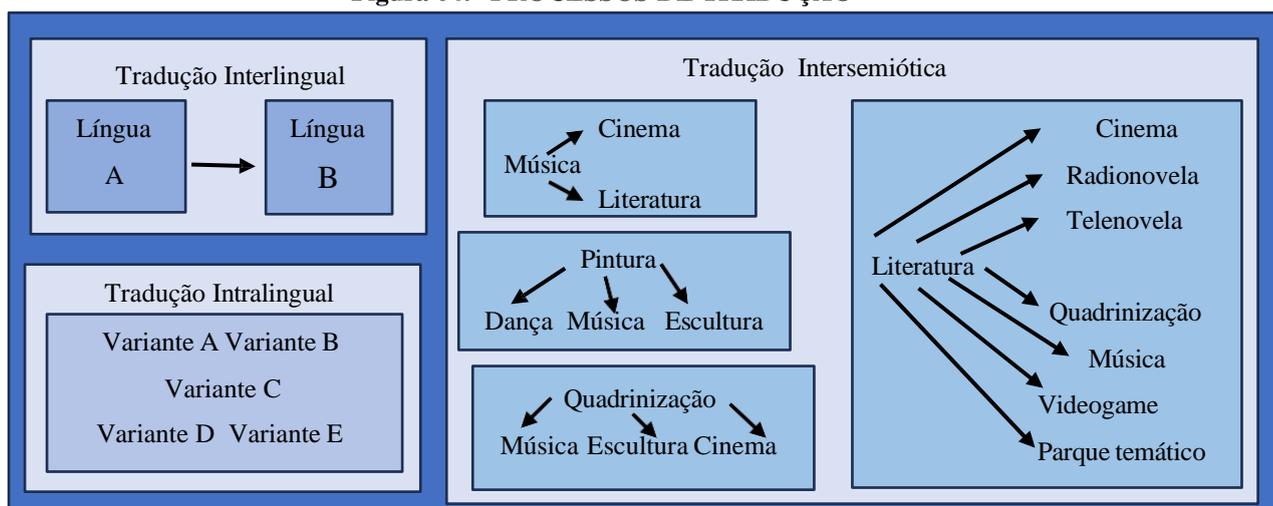
---

<sup>4</sup>Conforme Benjamin (1994) “o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica é a sua aura. Esse processo é sintomático, e sua significação vai muito além da esfera da arte. Generalizando, podemos dizer que a técnica da reprodução destaca do domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial. E, na medida em que essa técnica permite a reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto produzido.” (p.168). E essa atualização também se processará com recriações a partir destes contatos, recriações essas que dará espaços à visibilidade de outras experiências para além da experiência única que está datada no original de caráter platônico.

língua). Passou a ganhar espaços crescentes nos estudos das línguas, e teve compreensão ampliada em duas outras possibilidades a partir do século XX: na tradução intralingual e a tradução intersemiótica.

A tradução intralingual ganhou campo a partir dos estudos das variações linguísticas, quando se passou a vislumbrar a necessidade de tradução dentro de uma mesma língua, tornando notórios processos variacionais mediante determinadas categorias de organização como adaptação, paródia, pastiche, retextualização, entre outros. A tradução intersemiótica teve campo fecundo nas artes, onde a criação cambiará trocas de experiências e sensibilidades pela transcrição de um texto em dada linguagem para textos em outra linguagem sígnica distinta e diversa, transcodificando o verbal para o não-verbal, o sonoro para o imagético, o pictórico para o audiovisual, o verbal para a performance gestual. Assim, podemos sintetizar os três processos mais conhecidos de tradução de experiências na atualidade, a partir dos estudos de Jakobson, apontando alguns processos de interrelação na produção de textualidade:

**Figura 04: PROCESSOS DE TRADUÇÃO**



Fonte: Elaboração da própria autora.

Em qualquer um desses processos, duas conduções tendem a se cristalizar: a tradução literal e a tradução livre. Na primeira, se traduz literalmente, transportando exatamente o pensamento apresentado no texto de partida, mantendo-lhe a substância de seu conteúdo, mudando apenas a forma de materialização, o que a aproxima da perspectiva da cópia platônica, de uma única verdade, monopólio de apenas uma dada experiência transcodificada em diferentes signos. Neste caso, é a tradução vista apenas como forma/meio de contato que propicia a aculturação. Na segunda, se traduz livremente, na medida que uma experiência é visibilizada, outras se tornam possíveis na perspectiva democrática da performance do viver, entrando em cena diferentes versões de experiências, organizadas em diversos repertórios

culturais, aproximando da ideia derridariana de simulacro. Aqui, a tradução é um ato de mediação de relações inter/multiculturais. É um campo de transcrição.

Podemos perceber a ampliação do campo de possibilidades transcriativas por meio da tradução livre nas três formas tradutórias. Na tradução interlinlíngual, saímos de palavras fechadas em si, para palavras que expressem novos sentidos culturais de dadas experiências; na tradução intralingual, a dicotomia língua culta e língua vulgar abre campo para variedades sociolinguísticas e diferentes formas de performances de uma língua em uma dada comunidade de falantes ganham visibilidade; na tradução intersemiótica, um texto musical pode ter ampliado seu campo de subjetividade quando traduzido para outro sistema sógnico como filme ou romance literário. Amplia-se assim, a percepção do mundo, democratiza-se as experiências.

### **O que, enfim, considerar?**

É nesta perspectiva de possibilitar, de experimentar por meio da expansão dos domínios das textualidades que o ato de traduzir as experiências ganha a cena e possibilita reconstruções e reelaborações da própria história de vida. O leitor/sujeito/cidadão torna-se mais consciente de si e de estar no mundo, quando este mundo lhe é apresentado/representado nos diversos meios de simulação da realidade.

Independente do caminho percorrido para o entendimento (o qual muito tem ampliado com o passar do tempo, e na mesma proporção trazem potencialidades semânticas nem sempre percebidas) do texto onde a representação é construída, todos podem apontar para a ampliação das textualidades como um ato de democracia de existires, de partilha de sensibilidades.

Seja pelo viés das relações entre as artes, as quais deixam de ser supremas em si para construir relacionamentos como ocorre na própria vida cotidiana; seja pela perspectiva da intermidialidade, quando o texto passa a ser performado por meio das tecnologias, estas nos entremeios da comunicação do viver; seja pelo processo de fazer transitar as experiências pela tradução, abrindo caminhos para viver as intensidades e possibilidades das humanidades – em todas, o sujeito encontra espaços onde a vida é pensada, questionada e convidada à reinvenção. Situamos assim a tradução intersemiótica, procedimento de elaboração textual e reelaboração socio-histórico-cultural, como um processo de entremeios - interartes por envolver linguagens artísticas em constante processo intercriativo, e que ao envolver textualidades de diferentes composições midiáticas e configurações sógnicas torna-se também relações intermídias. Ela deve superar as limitações que lhe são impostas tanto na discussão interartes como nas intermídias uma vez que geralmente a relaciona a ideia hegemônica das cópia/ícones platônicas, limitação esta

que não dá vazão para o manancial de simulacros (na perspectiva deleuziana) que muito mais a aproxima das realidades do viver, das experiências do existir. Interessa-nos aqui, um olhar um pouco mais atento sobre ela por propiciar o intercâmbio com diferentes textualidades, o que a coloca em zona de contato processos que compartilham a questão da semiose criativa de textos - os processos interarte e intermídia.

Isso porque na tradução intersemiótica:

[...] o tradutor se situa diante de um processo de preferências e diferenças de variados tipos de eleição entre determinados tipos de suportes, de códigos, de formas e convenções. O processo tradutor intersemiótico sofre a influência não somente dos procedimentos de linguagem, mas também dos suportes e meios empregados pois que neles estão embutidos tanto a história quanto seus procedimentos. (Plaza, p.10)

Pensar as textualidades em interrelação, para além das tradicionais belas artes (estas antes tornadas supremas pelo discurso dominante artístico eurocentrado) e para além da formalização e materialidade das mídias e tecnologia (muito cristalizada como produto de consumo capitalista) para centrá-las no diálogo do processo de tradução de experiências de vida, é colocá-las em rota de aproximação, colisão, aglutinação, sobreposição com experiências estéticas e de sensibilidade outras, muito mais coerentes com as produções que perpassam à contemporaneidade, quando o encontro de culturas muito aproxima estas relações.

Assim, a tradução intersemiótica pede um entendimento das semióticas envolvidas em seu processo que podem ser de artes mais tradicionais ou artes que já incorporam mídias mais contemporâneas como filmes, telenovelas, fotonovelas, radionovelas, poemas musicalizados, vídeo-poemas, quadrinizações literárias, teatro-balé, sound art. E muito mais que apenas um espaço gráfico-sonoro-visual são espaços de representação de experiências de vida.

Destarte, é pela tradução das experiências que um texto artístico de uma dada época pode ser retomado para se problematizar os existires apagados na época. Em nova tensão criativa faz submergir, pelos processos transcriativos dos textos-mídias contemporâneos, experiências antes invisibilizadas pelo pensamento hegemônico. É fazer vir a cena, o que as letras e as representações eurocentradas muito invisibilizaram. Ampliar os espaços das textualidades é ampliar os espaços de visibilização dos existires.

E para chegar a tal percepção, um único caminho metodológico como caminho e verdade únicos para a percepção não dá conta de nos revelar o objeto cultural em sua potencialidade de repensar as experiências. E assim, ler o processo de tradução intersemiótica do texto literário infantojuvenil *As aventuras de Pinóquio* (Carlos Coloddi, 1883) para quadrinização *Pinóquio* (Winsh Luss, 2012) para repensar o estatuto da infância no mundo globalizado pós-moderno; ou ler a fabulação cinematográfica *Zootopia* (Disney, 2016),

elaborada a partir de um mosaico fabular que percorreram as fábulas ocidentais de Esopo e La Fontaine para desconstruir normas e valores de ser eurocentrados ( pesquisas de TCC do curso de Letras ) ; ou refletir sobre a tradução da sujeita mulher do texto literário do século XVI para ficção telenovelistica do séc. XXI (pesquisa doutoral em andamento) são processos que requerem entrecruzamento de estudos que, das questões estéticas literárias/sígnicas/intermédias avançam para as sociais e culturais. E assim, ampliar os espaços das textualidades é ampliar os espaços de visibilização das diversidades de existires como destaca Glissant, (2005):

Todas as manifestações inesperadas ampliam a Diversidade: minorias ainda há pouco desconhecidas e esmagadas sob o peso de um pensamento monolítico, manifestações fractais das sensibilidades que se reconstituem e se reagrupam de maneira inédita. Todas as contradições, todos os possíveis estão inscritos nessa diversidade do mundo. (p.30)

Desta forma, refletir sobre este mundo presente-passado-futuro como tradução de experiências que estão clivadas nos objetos simbólicos para além dos textos sacralizados das belas-artes ou das mídias discriminadas como alienantes é tornar o mundo compartilhável democraticamente, apresentado e representado em sua diversidade de sensibilidades advindas das variadas experiências de existir. Assim, ao desterritorizar campos de estudos de seus feudos teóricos que podem reproduzir a ideia de verdade única para daí desterritorializar os olhares e percepções, propiciaremos o mundo ainda mais convivível também epistemologicamente.

### Referências:

BENJAMIM, Walter. A obra de arte no tempo de suas técnicas de reprodução. In: **Sociologia da Arte**, IV. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

CLUVER, Claus. **Estudos Interartes**: conceitos, termos, objetivos. Revista Literatura e Socie-dade. V.2, n.2, p. 35-37, 1997.

CANCLINE, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias de entrar e saís da modernidade. São Paulo: Editora da USP, 2008.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF,2005.

HIGGINS, Dick. Intermídia. Trad: Amir Brito in DINIZ, Thaís Flores Nogueira & VIEIRA, André Soares (Org). **Intermedialidade e estudos Interartes**: desafios contemporâneos 2. Belo Horizonte, Rona Editora: FALE/UFMG, 2012, p. 41-50.

PLAZA, Júlio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RAJEWSKY, Irina O. A fronteira em discussão: o status problemático das fronteiras midiá- ticas no debate contemporâneo sobre intermedialidade. In DINIZ, Thais flores Nogueira & VIEIRA, André Soares (Org.) **Intermedialidade e Estudos Interartes**: desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: Rona Editora: FALE UFMG, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências.** in: SANTOS, Boaventura de Sousa. (Org) Conhecimento prudente para um vida decente: “um discurso sobre as ciências “revisitado”. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006, p.777-821.

WARREN, Austin & WELLEK, René. Literatura e outras artes. In. **Teoria da Literatura.** 5ª edição. Publicações- Europa-América, s/d.

## O GÊNERO TEXTUAL MEME NO ENSINO: UMA TEORIZAÇÃO COM FINS PRÁTICOS

Allan Kayan Dias Carneiro (UEMASUL)<sup>1</sup>

Denise Alve Cardoso (UEMASUL)<sup>2</sup>

Orientador(a): Isabel Delice Gomes Macedo (UEMASUL)<sup>3</sup>

### Introdução

A abordagem da comunicação humana por meio da perspectiva dos gêneros textuais permite uma série de avanços na compreensão desta própria comunicação, assim como na inserção destas formas de comunicação no ensino. Entender o gênero textual enquanto forma que não só perpassa, mas fundamenta a comunicação de maneira que nenhum ato comunicativo se realiza sem fazer uso de um gênero, permite compreender como é possível que mesmo com uma infinidade de formas de se comunicar, o entendimento ainda seja possível nas comunidades humanas. Para o ensino, especialmente, essa perspectiva representa um salto considerável de enorme contribuição para a prática pedagógica.

Ao passar de uma perspectiva tipológica para uma visão norteada pelos gêneros, o processo de ensino e aprendizagem sinaliza uma superação de um modelo centrado na estrutura da língua e que, por isso, ensina aos educandos a escrita de determinada estrutura ao invés de realmente os preparar para situações de comunicação concretas. A prática pedagógica assentada nos gêneros textuais, pelo contrário, leva ao estudante textos que de fato se relacionam com atos de comunicação, contempla a enorme heterogeneidade de textos e situações comunicativas, deixa de se centrar na estrutura para observar os diferentes elementos que formam um texto e o localizam dentro de determinado gênero. Buscam integrar e preparar, portanto, o estudante para a participação social por meio da produção de textos que respondam aos mais diferentes cenários de comunicação que este pode encontrar.

Consequentemente, ao se adotar a abordagem de gêneros a escola também se compromete com um trabalho muito mais complexo uma vez aberto o leque nunca definitivo de gêneros textuais. Nesse sentido, novos desafios se colocam frente a atuação do professor e

---

<sup>1</sup> Graduanda do 7º período do curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. UEMASUL.

<sup>2</sup> Graduanda do 5º período do curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da UEMASUL.

<sup>3</sup> Mestra em Letras. UEMASUL.

cabe aos teóricos da área, assim como aos próprios professores em suas respectivas práticas, buscar sanar tais problemáticas. É com esta percepção que o presente artigo se debruça sobre a questão da utilização do gênero meme em sala de aula, buscando entender e traçar hipóteses - nunca definitivas, uma vez que postas a prova sempre pela ação concreta de ensinar - sobre sua apresentação e inserção na escola, assim como dos modos que pode ser trabalhado.

Desafiador porque ainda um gênero textual emergente, o meme se mostra como um dos textos mais difundidos e disseminados na comunicação virtual nos dias de hoje. Exatamente por essa emergência e por ter como principal veículo a internet, na qual tudo se transforma muito rápido, aparece ainda como um gênero difícil de ser entendido de maneira definitiva. Por isso, considera-se o trabalho de utilização de tal gênero pelo professor como um desafio visto a complexidade e a dinamicidade dos textos trabalhados. São estes desafios que o trabalho procura examinar recorrendo à teorização do gênero meme, muito trabalhada nos últimos anos.

Assim, o objetivo geral do presente artigo é tratar da utilização didática do gênero meme no ensino, apontando possibilidades de recepção e produção dos memes e percepção dos efeitos semânticos de ambiguidade por parte dos alunos. Para isso, busca-se especificamente caracterizar o gênero meme de maneira didática, expor qual a importância da aplicação deste gênero no ensino, assim como aprofundar as discussões sobre sua didatização e, por fim, propor atividade de recepção e produção de memes em sala de aula voltada para os anos finais do ensino fundamental.

Para realizar tal exame, o trabalho se divide em três momentos. Primeiramente, é feita uma apresentação da teoria de gêneros a partir da influência bakhtiniana, buscando introduzir desde os conceitos mais básicos e fundamentais até as implicações da teoria de gêneros para textos que começam a ser produzidos recentemente, num contexto já virtual e hipermoderno. Depois, se adentra a teoria do gênero meme em si, trazendo uma revisão de trabalhos produzidos tanto no intuito de apresentar e caracterizar o gênero como de tratar da sua inserção na escola. Por fim, é proposta uma tarefa prática de produção textual do meme para ser trabalhada em sala de aula a fim de fornecer um modelo prévio para o trabalho com o gênero, obviamente sujeito a todas as problemáticas e particularidades que só o trabalho docente em sua prática pode desvendar.

### **Dos gêneros textuais aos gêneros emergentes em espaços virtuais**

Os gêneros textuais são definidos por meio da soma de diversas características dos

textos tais como conteúdos, funções, estilo e composição de modo que podem, à primeira vista, apontar uma complexidade extremamente desafiadora e aparentemente avessa à qualquer sistematização. Por isso, cabe destacar como pressuposto para a existência dos gêneros que estes são entidades sócio-históricas e que, por isso, acompanham as mudanças na sociedade, nos homens, nas tecnologias, etc. Portanto, não é que se trata de uma construção impossível de ser teorizada, mas que, simplesmente, por estar presente na realização concreta da comunicação, não pode ser simplificada à uma categoria teórica, como, por exemplo, os tipos textuais. Daí que Marcuschi (2008) nomeia as designações de gênero de *sócioretóricas*.

Assim, partindo do pressuposto de que os gêneros se realizam de forma integrada a sociedade se entende que, por mais complexos que sejam em sua definição, por estarem inseridos na prática social os gêneros também carregam consigo uma padronização que permite que esta prática não seja aleatória ou desprovida de expectativas prévias. Como aponta Bahktin (1997), cada esfera em que é utilizada a língua acaba por elaborar formas relativamente estáveis de enunciados. Ou seja, os gêneros textuais ou gêneros do discurso, que aqui utilizam-se como termos que se neutralizam, unem tanto a dinamicidade e flexibilidade da prática social quanto a estabilidade necessária para que não se estabeleça uma completa falta de compreensão nesta prática.

Dessa maneira, a multiplicidade de critérios envolvidos na definição de um gênero e, por consequência, a própria diversidade destes deixam de ser fatores aparentemente problemáticos para um trabalho de teorização e passam a ser vistos como implicações naturais do entrelaçamento entre gêneros e a comunicação humana. Como explica Bakhtin (1997, p. 279):

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Dito isto, pode-se passar a uma descrição mais concreta das características dos gêneros textuais. Inicialmente, é possível apontar três principais, são elas o conteúdo, a estrutura composicional e o estilo. A partir destas características é possível traçar alguns padrões que estabilizam e se tornam marcas de determinado gênero.

No entanto, deve-se prestar atenção para não incorrer em vícios estruturais ao se observar estas características em gêneros textuais pois “não podemos defini-los mediante certas propriedades que lhe devam ser necessárias e suficientes. Assim, um gênero pode não ter uma determinada propriedade e ainda continuar sendo aquele gênero” ( DIONÍSIO;

MACHADO; BEZERRA, 2007, p.11). Isso acontece porque, como se viu até aqui, gêneros textuais não se tratam de construções teóricas fechadas e abstratas, mas de universais concretos (ROJO; BARBOSA, 2015), ou seja, são construções conhecidas e difundidas universalmente, mas que se concretizam de fato nos enunciados.

Outras características dos gêneros que explicam essa possibilidade de um enunciado identificado como exemplar de determinado gênero não reunir todas as suas características são a intergenericidade e a intercalação de gêneros. A intergenericidade é definida por Koch e Elias (2006, p. 114) como “o fenômeno segundo o qual um gênero pode assumir a forma de um outro gênero tendo em vista o propósito de comunicação”. Processo parecido, mas distinto, é apontado por Rojo e Barbosa (2015) ao tratar do que chamam de gêneros intercalados, ou seja, aqueles gêneros que são integrados em anúncios de outros gêneros, mas que mantém limites explícitos em relação a estes.

Ambos os fenômenos explicitam o aspecto dinâmico dos gêneros discursivos, demonstrando assim também a existência de um certo hibridismo na formação destes. Algo que se acentua especialmente nos gêneros surgidos à luz do desenvolvimento tecnológico da era digital, como, por exemplo, o e-mail. Este não só pode ser lugar para os processos de hibridismo relatados anteriormente, como é, por si só, exemplo de hibridismo por meio do processo de transmutação de gêneros, operação na qual um gênero novo se origina com base na assimilação de um já existente, neste caso, o e-mail sendo originado a partir da carta levada para o âmbito virtual e ganhando o título de carta eletrônica.

É sob as inovações da era digital, representadas principalmente pela consolidação da internet, que se desenvolvem diversas formas novas de comunicação, se desbravam novas esferas da atividade comunicativa humana e, conseqüentemente, se originam novos gêneros textuais. Aqui, nomeiam-se esses gêneros de gêneros emergentes visto sua condição de emergência dentro do espaço virtual, que por si só, também é ainda um espaço em constante reformulação e readequação. Entretanto, cabe apontar que tais gêneros emergentes não se tratam de construções completamente originais uma vez que trazem consigo traços de outros gêneros que os precedem (CAVALCANTE; OLIVEIRA, 2019). O exemplo do e-mail no parágrafo anterior demonstra bem como se dá tal processo.

Como ressaltado anteriormente, é principalmente nestes novos gêneros surgidos a partir das novas tecnologias, com centralidade da internet, que o hibridismo se manifesta de forma mais acentuada. A multimodalidade (junção de diferentes linguagens no mesmo texto) se torna uma característica marcante nos gêneros emergentes. A existência de

intertextualidade se amplifica e as próprias ferramentas de produção se complexificam para além do domínio da linguagem oral e escrita, como escrevem Rojo e Barbosa (2015, p. 123):

A produção pode ou não partir concretamente de outra já existente, usando trechos/pedaços da “original” e, em caso afirmativo, estaríamos diante da prática da **remixagem**, constitutiva de gêneros como meme, AMV, *mashup*, dentre outros. Todos esses gêneros supõem, em diferentes graus, o domínio de ferramentas de edição de foto, de áudio e de vídeo – outras escritas.

Embora numa perspectiva oposta a das autoras, que fazem um aporte dos gêneros sob a compreensão de um período hipermoderno, tomando como norte a condição pós-moderna, Passos (2012) traz contribuições que também adicionam muito à caracterização dos gêneros emergentes na internet. Uma delas é a centralidade que a imagem ganha nestas novas formas textuais, a imagem deixa de ser “elemento auxiliar, é integrante, faz parte do objetivo do texto e promove também sentidos autônomos” (PASSOS, 2012, p. 6).

Junto aos processos de transformação ocorridos no surgimento destes novos gêneros, com a predominância de formas híbridas e multimodais, o próprio processo de letramento se modifica, passando agora para uma fase de multiletramento. Multiletramento que:

parte da afirmação de que o mundo contemporâneo é caracterizado pela multiplicidade cultural que se expressa e se comunica por meio de textos multissemióticos (impressos ou digitais), ou seja, textos constituídos por meio de uma multiplicidade de linguagens (fotos, vídeos e gráficos, linguagem verbal oral ou escrita, sonoridades) que fazem significar estes textos. (OLIVEIRA et al., 2017, p. 66)

Decorre disso que, ao ocorrer uma mudança na forma de letramento também não pode o ensino se manter inalterado e aplicar-se as mesmas práticas tradicionais ao tratar das novas formas de comunicação e dos novos gêneros textuais decorrentes delas. Assim, esta série de mudanças estabelece novos desafios ao trabalho do educador, que precisa encontrar novas e efetivas estratégias para a apresentação dos novos gêneros colocados em prática na sociedade de modo que não se crie um espaço vazio entre as situações de comunicação apresentadas na escola e aquelas em voga na comunidade que circunda os estudantes.

Aliás, como indicam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a Língua Portuguesa é inserida na vida cotidiana através de outras linguagens. Sendo assim, a linguagem é construída na sociedade, moldada em diferentes gêneros, portanto, se faz necessário o pleno entendimento de como ocorre tal estruturação. Tomando os PCNs como elementos norteadores (PASSOS, 2012), o domínio da língua gera possibilidades de uma plena participação social, pois é por meio dela que o indivíduo tem acesso à informação,

expressa e defende pontos de vista, compartilha e constrói visões de mundo. Sendo assim, é preciso que o processo educativo tenha compromisso em democratizar um conhecimento social e cultural, que se responsabilize em garantir aos alunos o direito em ter acesso aos saberes linguísticos necessários para a construção de uma cidadania plena.

Situando tal necessidade no campo das práticas da internet, Rojo e Barbosa (2015, p. 135) afirmam que a escola “deve propiciar experiências significativas com produções de diferentes culturas e com práticas, procedimentos e gêneros que circulam em ambientes digitais”. Assim, é papel do professor elaborar formas efetivas de inserir os gêneros emergentes difundidos na *web* no ensino, sabendo, ao mesmo tempo, como tratar destes enquanto instrumentos de comunicação e objetos de aprendizagem (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004). É considerando isso que, a seguir, trata-se da apresentação do gênero meme.

### **O meme: características e o processo de criação de humor**

O conceito “meme” teria sido criado pelo zoólogo e escritor Richard Dawkins, em 1976, quando escreveu o livro “The Selfish Gene” (o Gene Egoísta) em uma clara analogia, o gene será caracterizado como uma unidade de informação que tem o poder de se multiplicar, assim também é o meme, que através de temáticas, ideais e informações irá se propagar de pessoa para pessoa (PAVANELLI-ZUBLE; AYRES; SOUZA, 2017, p. 10).

Nesse sentido, meme será tudo aquilo que é copiado ou imitado, se espalhando de forma rápida e objetiva. Com a expansão da internet, qualquer conteúdo tem facilidade de chegar a milhões de pessoas em questão de instantes (PAVANELLI-ZUBLE; AYRES; SOUZA, 2017, p. 10), e à medida em que as pessoas passam a ter mais acesso às redes sociais, terão conseqüentemente, mais familiaridade com os gêneros textuais diversos que circulam nesse ambiente, sendo assim, o aluno irá dominar a multiplicidade cultural e multiplicidade semiótica dos textos fora do ambiente escolar, se faz então, necessário que tais domínios também sejam trabalhados em sala de aula e habilidades aprimoradas (PEREIRA; NASCIMENTO, 2017, p. 5).

Assim como direcionam os PCNs, é preciso que o processo educativo tenha compromisso em democratizar o conhecimento social e cultural, que se responsabilize em garantir aos alunos o direito em ter acesso aos saberes plenos para a construção de uma cidadania plena. Em consonância com os parâmetros, mais recentemente a BNCC (2018) também destaca a importância de que no ensino de língua portuguesa os estudantes sejam instruídos a “ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em

diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos” (BRASIL, 2018, p. 87). Portanto, ao conhecer e dominar o gênero textual meme o aluno amplia seu conhecimento de mundo, sua capacidade de construir uma visão crítica por intermédio do debate e defesa de seu ponto de vista.

O meme, em sua definição, por vezes é construído por meio de uma linguagem verbal e não verbal, tudo dependerá de seu suporte, que em sua maioria são as redes sociais. Cavalcante e Oliveira (2019) afirmam que ao modo em que as tais mídias sociais são aprimoradas e tornam-se mais dinâmicas, como as já conhecidas *Whatsapp*, *Facebook*, *Twitter* e *Youtube*; e as que vão surgindo e se consolidando - *Tik Tok*, *Twitch* - o fenômeno meme começa a ganhar um sentido mais amplo, reestruturando-se e sendo estendido a outros gêneros, de forma que relacioná-lo somente apenas a desenhos virais já não é o suficiente.

Nesse cenário, a redefinição estrutural do gênero meme se torna diversa, como definem Cavalcante e Oliveira (2019, p. 14):

O meme é uma prática linguageira manifestada em textos verbais, verbo-imagéticos ou simplesmente imagéticos publicados na internet, os quais envolvem processos de remixagem, com propósitos, essencialmente, humorísticos e/ou críticos em relação a uma situação ocorrida no cotidiano, e os quais passam a corresponder aos enunciados de situações diversas dos usuários da internet.

Diante deste apanhado histórico e estrutural da formação do gênero meme, é preciso entender como se configura seu sentido humorístico, que se dá geralmente por meio da ambiguidade definida por Lima (2021) como uma construção de sentidos unilateral feita no inconsciente do leitor ou ouvinte, e que só é compreendida a partir do próprio contexto e entendimento mútuo entre os participantes de um discurso.

Nesse sentido, Lima (2021) traz em seu trabalho os estudos voltados para três ambiguidades. A primeira se trata da ambiguidade lexical que é definida por Cançado (2012 apud. LIMA) como uma ambiguidade que construirá um sentido único de forma exclusiva a partir de um item polissêmico, sendo assim, a ambiguidade sempre ocorrerá quando uma palavra apresentar ao menos duas interpretações dentro do contexto. Como aponta o meme a seguir:

Figura 1 - Meme Chaves



Fonte: <https://www.indagacao.com.br/2019/03/ifpi-2019-resposta-pergunta-do-professor-com-base-na-analise-sintatica-da-oracao-e.html>. Acesso em 31 de ago. 2022

O humor é causado pela ambiguidade da palavra "sujeito" que possui mais de uma definição, sendo a primeira no contexto de análise sintática como um dos termos essenciais da oração. Em um segundo sentido, sendo ele o nome dado a uma pessoa indeterminada.

O segundo tipo de ambiguidade é a estrutural, que é definida por Abrahão (2018 apud Lima) como a que acontece quando ao menos duas construções gramaticais se diferem e tem como resultado duas ou mais interpretações. Cançado (2012 apud Lima) afirma que a ambiguidade estrutural não é somente sintática ou se dá na troca de posição de palavras de uma oração, mas também pode ocorrer na estrutura de sentidos de um enunciado. Como exemplo desta forma de ambiguidade há o meme abaixo:

Figura 2. Meme retirado do Twitter



Fonte: <https://twitter.com/edufutirinhas/status/1290061574116278277>. Acesso em 31 ago. 2022

Nesse sentido, o humor do meme apresentado é feito a partir da estrutura gramatical. Ou neste caso, a falta de estrutura estabelecida pela ausência da vírgula. Se o enunciado estivesse “Almoço na casa do primo e a esposa dele, tava uma maravilha” a ambiguidade não iria existir, logo, também não haveria um sentido humorístico.

E por fim, a ambiguidade pragmática, como define Cumpri (2012 apud LIMA), “está relacionada a valores que se quer enunciar em um dado momento. Está ligada à situação do falante no momento da enunciação. Assim, ela seria um ponto de conflito entre o que a sentença diz e aquilo que o enunciador queria dizer (CUMPRI, 2012, p. 119 apud LIMA). A ambiguidade pragmática, em outras palavras, é estabelecida pela falta de clareza. É preciso que o leitor ao ter contato com o enunciado tenha um conhecimento amplo do contexto no qual o meme é estabelecido, sem estes conhecimentos prévios a compreensão não é alcançada. Perceba no exemplo a seguir:

Figura 3. Meme Napoleão



Fonte: <https://br.ifunny.co/picture/napoleon-napoleoff-0zn49SZn9>. Acesso em 31 ago. 2022.

No meme acima, o humor não será atingido se o leitor não tiver um conhecimento básico da língua inglesa e entenda que “on”, dentre seus diversos significados, um deles é indicar quando algum aparelho eletrônico está ligado. O que é evidenciado na primeira imagem pela figura de Napoleão estar “acesa”, em contraponto “off” significa que um objeto eletrônico está desligado, o que é representado pela mesma figura, agora mais apagada. Somente diante de tais informações é que se torna possível então entender o trocadilho feito com o nome do líder militar Francês, Napoleão Bonaparte.

### **Produção textual do meme em prática: uma proposta de atividade**

Agora, como consequência dos apontamentos teóricos desenvolvidos acima acerca dos gêneros textuais e do gênero meme, o artigo propõe um modelo de atividade prática com enfoque no gênero estudado voltado ao 9º ano do ensino fundamental. Com a atividade proposta buscar-se-á avaliar se os alunos conseguem realizar uma leitura adequada do gênero

e também se podem produzir adequadamente um meme levando em consideração as características do gênero. Toma-se como pressuposto uma apresentação prévia do gênero em sala de aula a qual não cabe elaborar aqui por falta de espaço, mas basta que o educador saiba como apresentar os elementos que formam o meme - dos quais alguns já foram sintetizados neste trabalho - de maneira didática e progressiva.

Sabendo que nos anos finais do ensino fundamental “o tratamento dos gêneros que circulam na esfera pública, nos campos jornalístico-midiático e de atuação na vida pública” (BRASIL, 2018, p. 134) se aprofunda, o trabalho se direciona aos anos finais do ensino fundamental, especialmente ao 8º e 9º ano, com fins de desenvolver nos educandos as habilidades de um gênero tão difundido nas mídias por meio dos indivíduos ou até mesmo de órgãos públicos como o meme. Se faz uso do gênero meme por entender que, por mais que este não esteja contemplado na BNCC, se adequa muito bem à “reconstrução da textualidade e compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos” e à “relação entre textos” (BRASIL, 2018, p. 184) presentes nos objetos de conhecimento do 8º e 9º ano, respectivamente nas práticas de leitura e produção de textos.

Tratando da proposta de atividade em si, cabe destacar que essa se refere a uma primeira produção que deve ser desenvolvida pelo professor em sua prática de modo que este incorpore mais etapas conforme considere necessário para o pleno domínio do gênero apresentado por parte dos alunos. Ou seja, ela deve ocorrer:

Após uma *apresentação da situação* na qual é descrita de maneira detalhada a tarefa de expressão oral ou escrita que os alunos deverão realizar, estes elaboram um primeiro texto inicial, oral ou escrito, que corresponde ao gênero trabalhado, é a *primeira produção*. Essa etapa permite ao professor avaliar as capacidades já adquiridas e ajustar as atividades e os exercícios previstos na sequência às possibilidades e dificuldades reais de uma turma. (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 84)

Assim, o exercício aqui apresentado deve ser integrado à prática das sequências didáticas, comum no trato dos gêneros em sala de aula, e retrabalhado por meio da reescrita dos textos, uma vez que é por meio desta que “o indivíduo também demonstra seu amadurecimento no processo por meio de aceitação, modificação ou, até mesmo, ignorando tudo isso em função de algum motivo enunciativo determinado” (JORDÃO, 2016, p. 207).

Após as aulas nas quais o meme foi abordado pelo professor, este apresentaria para a turma um determinado meme (aqui utilizamos a Figura 1, mas não significa que outros não possam ser escolhidos para o exercício). Como forma de demonstrar a aplicação da atividade na prática, utiliza-se a seguinte imagem:

Figura 4. Meme disaster girl



Fonte: <https://makeameme.org/meme/tudo-pegando-fogo>. Acesso em 31 ago. 2022.

Aqui o meme se encontra “pronto”, ou seja, as diferentes linguagens, verbal e visual, estão unidas na imagem de modo que transmitam uma mensagem específica. A imagem inusitada complementa de forma literal o texto verbal e o texto verbal, por sua vez, possibilita que a imagem ganhe um novo sentido em que a menina no primeiro plano representa a pessoa que assiste doramas enquanto tudo pega fogo. Assim, se cria humor a partir da união das duas linguagens, do processo multissemiótico que forma o meme.

No entanto, estes aspectos não devem ser apontados pelo professor. Este deve perguntar para a turma quais marcas do meme identificam no texto. Sugerem-se perguntas como: *o texto contém humor? O humor se constitui a partir de quê? Linguagem verbal e não-verbal se relacionam no texto? De que forma? Em que tipo de suporte acham que esse texto pode ser encontrado?*

Como resposta, espera-se que os alunos identifiquem padrões do gênero meme, podendo apontar assim o seu humor, a formação deste humor a partir da relação entre imagem e texto, o que por si só já aponta a ligação entre linguagem verbal e não-verbal através de uma correlação em que texto verbal informa e complementa a imagem e vice-versa.

Depois desse momento de conversa mais espontânea que o professor deve utilizar para observar os conhecimentos da turma acerca do meme, o professor apresentaria então a imagem do meme em sua forma “bruta”, sem um texto verbal que a complemente e produza humor. Como na figura abaixo:

Figura 5. Disaster girl



Fonte: <https://dicionariopopular.com/disaster-girl-garota-desastre/>. Acesso em: 31 ago. 2022.

Aqui, a foto da menina com rosto sorridente no primeiro plano com uma casa em chamas no plano de fundo é a mesma, no entanto, o texto verbal não aparece. O que não exclui, porém, que esta imagem possa ser transformada em um meme. Seria este exatamente o trabalho passado pelo professor aos estudantes. Este dividiria a turma em grupos e pediria que cada grupo inserisse uma legenda na imagem que a transformasse em um meme.

Nesta atividade modelo sugere-se que a realização ocorra numa sala de informática em que cada grupo teria acesso a um computador com algum programa de edição de imagens para que, sob orientação do professor, estes produzissem o meme e se familiarizassem com tais ferramentas. Mas não se exclui a possibilidade de realização da tarefa através da imagem impressa em papel e passada aos grupos, especialmente considerando que nem todas as escolas contam com as condições materiais para realização da atividade em computadores.

Com base nas produções realizadas pelos alunos, o professor analisaria se estes percebem e conseguem colocar em prática nos textos o processo de significação multissemiótica, em que o sentido completo da imagem é construído simultaneamente por duas linguagens, a verbal, o texto escrito, e a não verbal, a imagem. A partir desta primeira produção cabe ao professor a avaliação se os textos se adequam ou não e se a turma compreende este processo mais fundamental de criação de sentido no gênero meme. Em caso negativo, o docente deve apontar as devidas correções e retrabalhar os textos com os alunos até que estes produzam memes adequados. Já em caso positivo, como conclusão da atividade poderia ser feita uma exposição com os memes produzidos em que cada grupo apresenta sua produção e explica que motivos pessoais os levaram a elaborar a legenda e de que forma buscaram alcançar o efeito do humor no texto.

Ainda, após finalizar o exercício, os conhecimentos de formas de produção do meme e do efeito de humor no gênero poderiam continuar sendo praticados e expandidos com

atividades voltadas para elaborações mais complexas no campo semântico como os processos de ambigüização apresentados na seção anterior ou mesmo um aprofundamento em diferentes formas que o gênero se apresenta no momento atual, visto sua diversidade resultante do fato de ser um gênero construído e reconstruído diariamente no espaço virtual. Neste último caso, o conhecimento que os próprios educandos obtém no contato direto com este gênero na internet seria muito bem vindo e integrado ao ensino, possibilitando reflexões que tornem sua utilização ainda mais efetiva como prática de comunicação complexa e cheia de potencialidades.

### **Considerações finais**

Foi, portanto, trabalhado neste artigo a integração do gênero meme no processo de ensino. Para isso, buscou-se demonstrar possibilidades de inserção do meme no ensino, primeiro, caracterizando o gênero meme a partir de suas principais marcas e formas pelas quais cria humor, em seguida, mostrando sua importância para o ensino e, por fim, propondo uma atividade prática centrada no meme. Considera-se que tais objetivos foram parcialmente alcançados uma vez que se mostrou ao longo do trabalho que este poderia esboçar apenas algumas das possibilidades do uso do meme no ensino visto a enorme diversidade existente de abordagens possíveis. Quanto à caracterização e justificação da importância de se tratar o meme no ensino, percebe-se que o trabalho alcançou seu objetivo e, visto que desenvolvida apenas teoricamente, a atividade prática aqui proposta também se mostra como uma pequena contribuição para ser colocada à prova nas práticas dos educadores em sala de aula.

Diante dessas abordagens aqui apresentadas, é, então, possível perceber que o gênero textual meme, por meio do seu teor humorístico e das suas características de gênero emergente e, portanto, ainda em construção, pode servir para trabalhar a compreensão por meio de análises em termos semânticos e sintáticos. E, para além disso, ao ser veiculado no ensino o meme pode possibilitar aos educandos mais uma forma de se inserir na sociedade produzindo textos de maneira adequada às suas particularidades.

Assim, conclui-se que o meme trabalhado em sala de aula não só aproxima os alunos de sua realidade cotidiana no meio virtual como proporciona que suas habilidades de compreensão, argumentação e até mesmo defesa de visão de mundo sejam estimuladas. De modo que os direcionamentos apontados nos PCNs e na BNCC se efetivem de fato na realidade das escolas brasileiras, formando alunos que pensam as práticas comunicativas para

além da sala de aula, capazes de tornarem-se cidadãos críticos e agentes ativos na sociedade.

## Referências

- BAHKTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- CAVALCANTE, M. M.; OLIVEIRA, R. L. de. O recurso aos memes em diferentes padrões de gêneros à luz da Linguística textual. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 15, n. 1, p 8-23, jan./abr. 2019.
- DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p.19-39.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY B. Gêneros Orais e Escritos na escola./ tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales – Campinas, SP: *Mercado das Letras*, p.7-22, 2004.
- JORDÃO, C. M. *A linguística aplicada no Brasil: rumos e passagens*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.
- LIMA, A. A. S. et al. Ambiguidade no gênero meme e a construção de sentido pelo efeito de humor. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 4, p. 1733- 1752, nov.-dez. 2021.
- MAGALHÃES, M.; OLIVEIRA, R. O Recurso aos memes em diferentes padrões de gêneros à luz da Linguística Textual. *Revista sos Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 15, n 1, p. 8-23, jan-abr. 2009
- MARCUSCHI, L. Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- OLIVEIRA, M. A. de et al. Práticas de letramento e multimodalidade: uma análise sobre o uso do gênero “meme” na sala de aula. *Revista do GELNE*, v. 19 n. 2, p. 62-77, jul./dez. 2017.
- PASSOS, M. O gênero “meme” em propostas de produção de textos: implicação discursivas e multimodais. *Anais do SIELP*, Uberlândia, v. 2, n. 1., p. 1-15 Uberlândia, 2012.
- PAVANELLI-ZUBLER, É. P.; AYRES, S. R. B.; SOUZA, R. de M. Memes nas redes sociais: práticas a partir das culturas de referência dos estudantes. *Revista Redin*. v. 6. n. 1. out. 2017.
- PEREIRA, F. D. F.; NASCIMENTO, G. P. do. O ensino da língua portuguesa por meio de memes. *Anais do SINALGE*. Campina Grande: Realize Editora, 2017.
- ROJO, Roxane Helena R.; BARBOSA, Jacqueline. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. 2006. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto.

## O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM: A ANÁLISE LINGÜÍSTICA COMO FERRAMENTA PARA LER E ESCREVER

Ana Cecília Teixeira Gonçalves<sup>1</sup>  
Dirlei Luciano Benatti<sup>2</sup>

### Introdução

O objetivo principal deste trabalho<sup>3</sup> é apresentar propostas de atividades baseadas na perspectiva da prática de análise linguística (MENDONÇA, 2006; GERALDI, 1999). Sob esse viés, a análise linguística representa uma importante ferramenta para desenvolver habilidades de leitura e de produção textual. Nesse ínterim, Mendonça (2006) propõe que a prática de análise linguística deve ser concebida como uma atividade que visa a compreensão e o estudo da língua em uso, considerando sua estrutura, funcionamento e significado. Nessa abordagem, Conforme Geraldi (1999), a análise linguística não é vista como um conjunto de regras gramaticais isoladas, mas como uma prática integrada à produção e à interpretação de textos.

Mendonça (2006) defende que a análise linguística deve ser contextualizada, relacionando-se com as práticas sociais e discursivas dos falantes. Dessa forma, é considerada uma atividade que promove o desenvolvimento de habilidades comunicativas, permitindo aos estudantes compreender as escolhas linguísticas presentes nos textos e utilizá-las de maneira eficaz em suas próprias produções. Essa concepção de prática de análise linguística proposta por Mendonça (2006) busca superar uma abordagem tradicional e descontextualizada da gramática normativa, priorizando uma perspectiva mais ampla e funcional da linguagem.

Para dar conta dos objetivos, utiliza-se a abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo, com base nos estudos linguísticos de Bronckart (1999), que examinam a relação entre linguagem e desenvolvimento humano. Também são considerados os trabalhos de Marcuschi (2010) e Bunzen (2006) para observar como a linguagem se relaciona com as

---

1 Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestre em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Graduada em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). É professora de Língua Portuguesa e Linguística na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Textos, Ensino e Cidadania.

2 Graduando no Curso de Letras: Português e Espanhol na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Textos, Ensino e Cidadania.

3 É interessante destacar que o presente trabalho está ligado a um projeto de pesquisa que busca investigar o processo de desenvolvimento textual de alunos da Educação Básica, intitulado *O desenvolvimento da escrita a partir do trabalho com gêneros textuais: uma perspectiva sociointeracionista*.

práticas sociais e entender o contexto em que os textos são produzidos e recebidos. Além disso, são adotados os conceitos de análise linguística propostos, sobretudo, por Geraldí (1999) e Mendonça (2006).

O trabalho está sendo realizado em uma escola pública de Educação Básica, localizada em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, desde 2022. Os participantes são alunos do Ensino Médio. O procedimento Sequência Didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004) é utilizado como uma ferramenta para trabalhar o gênero opinativo, especificamente o texto dissertativo-argumentativo, que é conhecido como redação do ENEM. Durante o desenvolvimento da Sequência Didática, são propostas diferentes atividades, inclusive focadas na análise linguística.

Com esse trabalho, espera-se contribuir para o avanço do ensino de Língua Portuguesa, substituindo abordagens tradicionais que se concentram no ensino isolado da Gramática Normativa por uma abordagem que valorize a análise linguística como recurso importante para o desenvolvimento das habilidades discursivas dos estudantes. Nesse âmbito, está organizado da seguinte maneira: em um primeiro momento, realiza-se uma reflexão acerca dos contextos de produção e recepção textual; subsequentemente, apresenta-se a concepção de análise linguística que fundamenta a prática aqui apresentada; depois, são expostos os procedimentos metodológicos, abordando-se o instrumento Sequência Didática como forma de se caracterizar socidiscursivamente o texto dissertativo-argumentativo; na sequência, são apresentadas propostas didáticas para se trabalhar a análise linguística numa perspectiva de ampliação das habilidades de ler e de produzir textos; por fim, apresentam-se as considerações finais.

### **Contextos de produção e recepção textual: algumas reflexões**

Ao se observar o trabalho com a atividade de produção textual em sala de aula, durante um longo período – final do século XVIII até por volta do século XX – nota-se um enfoque maior na gramática normativa, ou seja, priorizam-se, como objeto de ensino, regras/nomenclaturas e a leitura, nesse contexto, pode ser percebida como forma de decodificação (ROJO, 2002).

É nessa época, 1881, explica Bunzen (2006, p. 142), que “os manuais de retórica, por exemplo, apresentavam uma classificação dos gêneros literários que deveriam ser utilizados

na escola”. Focava-se em obras nacionais e em autores consagrados da época, ou melhor, nas passagens mais bonitas para aprendizagem da língua materna.

Avançando nesse contexto, ainda no século XIX, acreditava-se, sobretudo, “no aprendizado pela exposição à boa linguagem e na existência de uma língua homogênea, a-histórica e, conseqüentemente, não problemática” (BUNZEN, 2006 p. 142). Ou seja, com a leitura dos grandes clássicos literários, os quais eram vistos como única forma correta de escrever bem, o aluno teria que aprender as técnicas e segui-las. Nessa perspectiva, o estudante não era protagonista de sua escrita.

Contudo, no início do século XX, essa concepção mudou, isto significa que “o saber sobre a língua ‘deixa’, em certo sentido, de ser o enfoque principal, dando vez à compreensão e ao estudo dos códigos comunicacionais” (BUNZEN, 2006 p. 144). Nesse momento, tem-se a concepção de língua “como um código que, se utilizado de modo claro e lógico pelo emissor, irá comunicar sem ruídos a mensagem desejada” (MARCUSCHI, 2010, p. 73).

Por volta de 1960 a 1970, novos estudantes, provindos de classes desfavorecidas, começam a frequentar a escola, afinal, após muitas reivindicações, o acesso à educação começava a ocorrer. Também, nesse período, muda-se o nome da disciplina Língua Portuguesa para *comunicação e expressão*, conforme explica Soares (2002).

Esse contexto fez com que estudos/legislações sobre o que deveria ser exposto e produzido em sala de aula fossem publicados, como, por exemplo, o Decreto Federal nº 79.298, o qual tinha como objetivo principal fazer com que os estudantes produzissem redações (BUNZEN, 2006).

Mais adiante, em torno dos anos 1990, “a redação escolar foi vista como um ‘não texto’, pois, além de não apresentar, em muitos casos, determinados padrões de textualidade, suas condições de produção revelam produtos meramente escolares” (BUNZEN, 2006, p. 149). Nesse momento, caminha-se, gradualmente, para uma mudança, pois a preocupação passa a ser, justamente, o contexto de produção e os interlocutores prováveis. Nesse âmbito, muda-se a concepção teórica sobre a linguagem: “uma terceira concepção que se apresenta é a que toma a linguagem como forma de interação [...] como social, resultado de uma construção coletiva e de processo de interação” (COSTA-HUBES; GEDOZ, 2012, p. 129). Assim, a partir desse viés teórico, o texto passa a ser visto como ponto de partida para se trabalhar a língua; torna-se, então, objeto de ensino, inclusive para se trabalhar aspectos gramaticais. Tendo isso em vista, discorre-se, na sequência, sobre a perspectiva da análise linguística.

## A prática de *análise linguística*

As aulas de Língua Portuguesa fundamentaram-se em muitas concepções teóricas/metodológicas diferentes ao longo dos anos. Questionou-se, em especial, qual seria a unidade de ensino/aprendizagem na elaboração das atividades de língua materna. Passou-se, dessa forma, do estudo de regras e da ortografia para o trabalho com o texto. Porém, o modo como é feito esse exercício deve ser analisado, pois, normalmente, o grande objetivo é estudar, por meio do texto, os conceitos gramaticais:

Alguns professores, ao afirmarem trabalhar com a gramática “contextualizada”, em que tudo seria abordado a partir da leitura do texto, mascaram, na verdade, uma prática de análise morfossintática de palavras, expressões ou períodos retirados de um texto de leitura, transformando em pretexto para análise gramatical tradicional (MENDONÇA, 2006, p. 209).

Nesse sentido, foca-se no modo tradicional de ensino de Língua Portuguesa, na identificação e/ou classificação de termos dentro das orações. Em vista disso, o foco parece ser formar “um sujeito analista da língua, que saiba classificar palavras e frases, explicar estruturas linguísticas, que tenha domínio da gramática” (COSTA-HÜBES, 2017, p. 273). Já o educador “se posiciona como agente policial da norma culta e, em conformidade com a GT<sup>4</sup>, dá tratamento isolado às áreas de fonética/fonologia, morfologia e sintaxe, normalmente ministrando aulas expositivas de caráter teórico”, explica Dresch (2010 *apud* SILVA, 2010, p. 953).

Em contrapartida, para que essa situação mude, Geraldi (1999) apresenta a proposta da Análise Linguística (AL) a partir da qual busca-se desenvolver o trabalho com o texto não apenas por meio da análise gramatical e ortográfica, mas também fomentar questões de sentido e função, objetivos com o uso e a escolha, e, por fim, que o aluno consiga atingir seu interlocutor no momento da produção. Em consonância com o autor, Mendonça (2006, p. 208) afirma:

Por isso, pode-se dizer que AL é a parte das práticas de letramento escolar, consistindo numa reflexão explícita e sistemática sobre a constituição e o funcionamento da linguagem nas dimensões sistêmica (ou gramatical), textual, discursiva e também normativa, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento de habilidades de leitura/escuta, de produção de textos orais e escritos e de análise e sistematização dos fenômenos linguísticos. Nota-se que, no lugar da classificação e da identificação, ganha espaço a reflexão.

---

4 Gramática Tradicional.

A partir disso, amplia-se a utilização do texto no ambiente escolar, afinal, a intenção está voltada para que o indivíduo saiba utilizar a língua em diferentes situações, de maneira crítica e autônoma, bem como produzir textos distintos e realizar a leitura com segurança/entendimento, ou melhor, com proficiência. Por esse motivo,

a AL surge como alternativa complementar às práticas de leitura e produção de texto, dado que possibilitaria a reflexão consciente sobre fenômenos gramaticais e textual-discursivos que perpassam os usos linguísticos, seja no momento de ler/escutar, de produzir textos ou de refletir sobre esses mesmos usos da língua (MENDONÇA, 2006 , p. 204).

Ademais, em consonância com essa perspectiva, Costa-Hübes (2017) expõe que a Prática de Análise Linguística faz com que o indivíduo aprimore suas capacidades linguístico-discursivas no momento de elaborar enunciados e, também, saiba interagir em diferentes contextos, reflexionar sobre textos publicados e os que estão em produção (observando suas principais características lexicais, semânticas, etc. ).

À vista disso, entende-se que todo esse processo precisa, necessariamente, estar presente em sala de aula. Mas, para que isso aconteça, é necessário ter clareza acerca do entendimento/conceito de linguagem que o educador está usando em suas práticas: uma concepção de linguagem que expressa o pensamento, ou aquela que a entende como um instrumento de comunicação, ou ainda, por fim, aquela que entende a linguagem como uma forma de interação. Qual dessas concepções vai ao encontro da perspectiva da Análise Linguística e, desse modo, deve fundamentar a prática docente em sala de aula?

Segundo Geraldi (1999, p. 35), “a língua só tem existência no jogo que se joga na sociedade, na interlocução. E é no interior de seu funcionamento que se pode procurar estabelecer as regras de tal jogo”. Nesse contexto, a linguagem pode ser concebida como o espaço em que se dão as relações sociais, no qual os falantes têm papel de sujeitos (GERALDI, 1999). Logo, tem-se a resposta para a questão anteriormente apresentada: a atividade do professor de Língua Portuguesa deve se basear numa concepção sociointeracionista da linguagem, a qual considere o processo de interação entre os seres humanos.

De acordo com essa ideia e com esse modo de ensino de linguagem, Possenti (1999, p. 31) explica que “não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas [...] uma criança aprende a falar com os adultos com que convive e com seus colegas de brinquedo e interação em geral”. Portanto, deixando de lado o foco em regras e em nomenclaturas,

percebe-se a importância de haver, em sala de aula, um ensino de língua materna voltado para formar cidadãos que interajam nas diferentes práticas sociais de que participam e que saibam refletir sobre a linguagem, descobrindo suas funções/sentidos nos textos que permeiam sua vivência. Para dar seguimento ao trabalho, apresentam-se os procedimentos metodológicos.

### **Metodologia**

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, a presente pesquisa desenvolve-se em uma Escola pública de Educação Básica do interior do Rio Grande do Sul - RS. Trabalha-se com estudantes do 1º ano do Ensino Médio. Tendo em vista que esses estudantes, em breve, farão o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), desenvolve-se uma Sequência Didática sobre o texto dissertativo-argumentativo (a redação do ENEM), por meio de módulos/oficinas. Sobre o procedimento Sequência Didática, a seguir, apresentam-se algumas informações.

### **Sequência didática: uma proposta metodológica**

Entende-se que desenvolver e produzir diferentes textos na escola é desafiador para o aluno. Contudo, é responsabilidade do professor propiciar situações de caracterização de gêneros textuais, os quais poderão ser utilizados em diferentes interações sociais e, conseqüentemente, terão significado para a vida do estudante. Dessa maneira, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 96) explicam que “[...] é possível ensinar a escrever textos e a exprimir-se oralmente em situações públicas escolares e extra-escolares”. Para que isso aconteça, é necessário que o professor em sala de aula consiga

criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isso que permitirá aos alunos apropriarem-se das noções, técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversas (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 96).

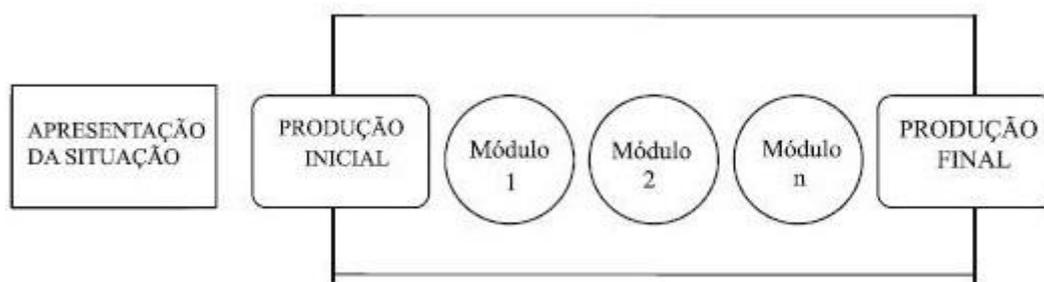
Desse modo, analisar o contexto em que os alunos estão inseridos, sua idade e o que mais têm curiosidade de estudar é essencial, pois “a escolha de um gênero depende da esfera comunicativa, dos interlocutores e da vontade do ator” (SCHNEUWLY, 2004, p. 137). Nessa perspectiva, é que os exercícios precisam ser (re)formulados, afinal, é importante que o aluno

utilize seu conhecimento sociocultural, mas também realize buscas na internet, jornais, blogs, etc. Dessa forma, é necessário elaborar um plano de aula ou um material didático voltado para atividades que têm o gênero como objeto de ensino da aula de Língua Portuguesa e o texto como unidade de ensino, com situações autênticas e reais de produção para o estudante.

Como ferramenta para que isso aconteça, utiliza-se a Sequência Didática, a qual deve possibilitar que o estudante seja protagonista de sua produção, que consiga olhar para seu texto e a própria sociedade criticamente, além disso “uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97).

O procedimento organizado pelos autores representa uma forma metodológica que tem como objetivo desenvolver práticas de linguagem sobre as quais o estudante ainda não possui domínio. Por esse motivo, a sequência didática tem a seguinte representação:

**Figura 1:** Sequência Didática



**Fonte:** Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 83).

Como forma inicial, explica-se para o aluno qual será o gênero textual estudado; em consoante, nesse período, elabora-se com o aluno “a produção inicial, que pode ser considerada uma primeira tentativa de realização do gênero que será, em seguida, trabalhado nos módulos” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 99). Dessa maneira, a primeira produção textual dos alunos acontece no momento em que “os alunos tentam elaborar um primeiro texto oral ou escrito e, assim, revelam para si mesmos e para o professor as representações que têm dessa atividade” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 101).

Além disso, a partir dos módulos, busca-se trabalhar a caracterização do gênero, partindo das dificuldades dos alunos evidenciadas por meio da produção inicial. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 103) explicam: “nos módulos, trata-se de trabalhar os problemas que apareceram na primeira produção e de dar aos alunos os instrumentos

necessários para superá-los”. Depois de realizar todos os módulos e superar os obstáculos, quando as características sociodiscursivas do gênero são internalizadas, “a sequência é finalizada com uma produção final que dá ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 106).

Partindo-se dessa perspectiva, os módulos/oficinas em que se trabalha as características sociodiscursivas do gênero dissertativo-argumentativo, neste trabalho, organizam-se da seguinte forma, conforme mostra o quadro 1.

**Quadro 1** - Capacidades trabalhadas nas oficinas sobre o gênero opinativo.

1. Domínio da escrita formal em língua portuguesa;
2. Compreensão do tema e aplicação das áreas de conhecimento;
3. Capacidade de interpretação das informações e organização dos argumentos;
4. Domínio dos mecanismos linguísticos de argumentação;
5. Capacidade de conclusão com propostas coerentes que respeitem os direitos humanos.

**Fonte:** Adaptado do Ministério da Educação – Redação do ENEM.

Neste trabalho, apresentam-se, em específico, aspectos relacionados à Oficina 4: Domínio dos mecanismos linguísticos de argumentação, cujo objetivo é desenvolver a capacidade de saber articular as partes do texto com uso diversificado de recursos de coesão. Nesse viés, aborda-se o estudo dos organizadores textuais e dos aspectos linguísticos.

Na sequência, expõem-se algumas atividades trabalhadas na oficina em que se exploram as capacidades de ler e de escrever por meio da prática de análise linguística.

### **Proposta didática: o trabalho com análise linguística**

Na continuidade do trabalho, são apresentadas algumas atividades fundamentadas na abordagem da análise linguística (MENDONÇA, 2006). As atividades foram pensadas a partir do texto que segue, apresentado no quadro 2:

**Quadro 2** – Redação (ENEM) de Mattheus Martins Wengenroth Cardoso.

O advento da internet possibilitou um avanço das formas de comunicação e permitiu um maior acesso à informação. **No entanto**, a venda de dados particulares de usuários se mostra um grande problema. Apesar dos esforços para coibir essa prática, o combate à manipulação de usuários por meio de controle de dados representa um enorme desafio. Pode-se dizer, então, que a negligência por parte do governo e a forte mentalidade individualista dos empresários são os principais responsáveis pelo quadro. Em primeiro lugar, deve-se ressaltar a ausência de medidas governamentais para combater a venda de dados pessoais e a manipulação do comportamento nas redes. **Segundo** o pensador Thomas Hobbes, o Estado é responsável por garantir o bem-estar da população, entretanto, isso não ocorre no Brasil. Devido à falta de atuação das autoridades, grandes empresas sentem-se livres para invadir a privacidade dos usuários e vender informações pessoais

para empresários que desejam direcionar suas propagandas. **Dessa forma**, a opinião dos consumidores é influenciada, e o direito à liberdade de escolha é ameaçado. Outrossim, a busca pelo ganho pessoal acima de tudo também pode ser apontado como responsável pelo problema. De acordo com o pensamento marxista, priorizar o bem pessoal em detrimento do coletivo gera inúmeras dificuldades para a sociedade. Ao vender dados particulares e manipular o comportamento de usuários, empresas invadem a privacidade dos indivíduos e ferem importantes direitos da população em nome de interesse individuais. **Desse modo**, a união da sociedade é essencial para garantir o bem-estar coletivo e combater o controle de dados e a manipulação do comportamento no meio digital. Infere-se, **portanto**, que assegurar a privacidade e a liberdade de escolha na internet é um grande desafio no Brasil. **Sendo assim**, o Governo Federal, como instância máxima de administração executiva, deve atuar em favor da população, através da criação de leis que proíbam a venda de dados dos usuários, a fim de que empresas que utilizam essa prática sejam punidas e a privacidade dos usuários seja assegurada. **Além disso**, a sociedade, como conjunto de indivíduos que compartilham valores culturais e sociais, deve atuar em conjunto e combater a manipulação e o controle de informações, por meio de boicotes e campanhas de mobilização, para que os empresários sintam-se pressionados pela população e sejam obrigados a abandonar a prática. Afinal, conforme afirmou Rousseau: “a vontade geral deve emanar de todos para ser aplicada a todos”.

Fonte: Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/40141-redacao-nota-mil>.

Em 2018, a redação do ENEM teve como tema a “Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet”. A partir da redação apresentada, depois de uma série de atividades de interpretação, de reflexão crítica e de caracterização sociodiscursiva do gênero, foram propostas algumas atividades cujo foco era o trabalho com a análise de língua. Seguem alguns<sup>5</sup> exemplos:

### Atividade 1

Observe a seguinte passagem do texto:

O advento da internet possibilitou um avanço das formas de comunicação e permitiu um maior acesso à informação. **No entanto, a venda de dados particulares de usuários se mostra um grande problema.** Apesar dos esforços para coibir essa prática, o combate à manipulação de usuários por meio de controle de dados representa um enorme desafio. Pode-se dizer, então, que a negligência por parte do governo e a forte mentalidade individualista dos empresários são os principais responsáveis pelo quadro.

*Qual a ideia que se inicia a partir do uso do "no entanto"?*

- *Tendo em vista o sentido do texto, a qual passagem o excerto em destaque se conecta?*

5 Por questões organizacionais, são apresentadas apenas duas atividades desenvolvidas.

## Atividade 2

Leia novamente o trecho da redação apresentado abaixo:

Outrossim, a busca pelo ganho pessoal acima de tudo também pode ser apontado como responsável pelo problema. De acordo com o pensamento marxista, priorizar o bem pessoal em detrimento do coletivo gera inúmeras dificuldades para a sociedade. **Ao vender dados particulares e manipular o comportamento de usuários, empresas invadem a privacidade dos indivíduos e ferem importantes direitos da população em nome de interesse individuais. Desse modo, a união da sociedade é essencial para garantir o bem-estar coletivo e combater o controle de dados e a manipulação do comportamento no meio digital.**

- *Se substituíssemos o conectivo “desse modo” por “como também”, a interligação entre as ideias permaneceria com sentido? Justifique sua resposta.*

Nas duas atividades, busca-se trabalhar os mecanismos de textualização por meio de uma abordagem funcional, a qual permita que o aluno reflita, de fato, sobre questões semânticas relacionadas ao uso dos conectivos. Na atividade 1, objetiva-se fazer o estudante pensar sobre a oposição que é estabelecida, não apenas pela identificação da conjunção, mas pela relação entre as orações que o conectivo liga. Na atividade 2, a finalidade é fazer o aluno compreender que o uso de um conectivo não é aleatório, mas intencional; há uma relação de sentido que se estabelece. Desse modo, propõe-se que se substitua um conectivo por outro, observando, assim, se a relação de sentido é respeitada.

### Considerações finais

Entende-se que a produção textual em sala de aula passou por diferentes metodologias e conceitos, conseqüentemente, a análise linguística mostrou-se eficaz para desenvolver uma atividade que vai além de nomenclaturas. Por meio da perspectiva da análise linguística, é possível entender a função e o sentido de utilizar determinadas formas de linguagem.

Nesse ínterim, o objetivo principal deste trabalho foi promover uma reflexão sobre o uso de conectivos dentro do texto dissertativo-argumentativo, em específico, uma sugestão de atividade com análise linguística como ferramenta para ampliar a capacidade de leitura e produção textual. Dessa forma, buscou-se possibilitar ao estudante, nas aulas de Língua Portuguesa, explorar a funcionalidade da linguagem no momento de argumentar e compreender os discursos na sociedade.

A perspectiva sociointeracionista tem como propósito utilizar a linguagem como forma de interação social, em diferentes contextos e por diversos interlocutores. Nesse

ênfase, o trabalho com aspectos gramaticais da língua ganha outra dimensão: “uma nova perspectiva de reflexão sobre o sistema linguístico e sobre os usos da língua, com vistas ao tratamento escolar de fenômenos gramaticais, textuais e discursivos” (MENDONÇA, 2006, p. 205).

Nesse sentido, espera-se, com esse trabalho, propiciar uma atividade que ajude o aluno no desenvolvimento da produção textual, de forma segura e autônoma, como também dominar os diferentes mecanismos de argumentação e saber aplicá-los de maneira coerente. Igualmente, de maneira gradual, distanciar-se da perspectiva tradicional, cujo foco é gramatical, e ir em direção a uma concepção sociointeracionista, focada, efetivamente, em práticas de linguagem.

### Referências

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

BUNZEN, C. Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de texto no ensino médio. *In*: BUNZEN, C. e MENDONÇA, M. (Orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006, p.139-161.

COSTA-HÜBES, T. da C. Prática de análise linguística no ensino fundamental e sua relação com os gêneros discursivos. **PERcursos Linguísticos**, Vitória (ES), v. 7, n. 14, p. 270–294, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/15153>. Acesso em: 21 set. 2022.

COSTA-HUBES, T. da C.; GEDOZ, S. CONCEPÇÃO SOCIOINTERACIONISTA DE LINGUAGEM: percurso histórico e contribuições para um novo olhar sobre o texto. **Trama**, [S. l.], v. 8, n. 16, p. 139–152, 2012. DOI: 10.48075/rt.v8i16.6953. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/6953>. Acesso em: 26 jun. 2023.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, p. 81-108, 2004.

GERALDI, João Wanderley. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo Ática, 1999.

MARCUSCHI. B. Escrevendo na escola para a vida. *In*: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Língua Portuguesa: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um novo objeto. *In*: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (orgs.). **Português no ensino médio e formação de professor**. São Paulo: Editora Parábola, 2006, p. 199 – 226.

POSSENTI, S. Sobre o ensino de português na escola. In: GERALDI, João Wanderley. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo Ática, 1999.

ROJO, Roxane. *Letramento e capacidades de leitura para a cidadania*. São Paulo: Rede do Saber/CENP\_SEE-SP. Disponível em: <http://files.saladeleitura-dera.webnode.com/200000194-e3ca4e4c46/ROJO%20CAPACIDADES%20DE%20LEITURA.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2019.

SILVA, N. I. da. Ensino tradicional de gramática ou prática de análise linguística: uma questão de (con)tradição nas aulas de português. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 10, n. 4, p. 949-973, 2010.

SOARES, M. Português na escola: história de uma disciplina curricular. *In.*: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, p. 155-177, 2002.

## USOS LINGUÍSTICOS MILITANTES SOB UMA ÓTICA SOCIOLINGUÍSTICA: REFLEXÕES LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS EM TORNO DE LGBTQIA+

André Luiz Souza-Silva<sup>1</sup>

### Introdução

A sociolinguística variacionista é bastante representativa em âmbito nacional. Assim, é possível garimpar estudos que se debrucem sobre diferentes variáveis linguísticas, a exemplo de gênero e sexualidade, e a partir de fenômenos de diversas naturezas que a língua (oral, escrita, sinais) em seu multissistema (fonético-fonológico, morfossintático, léxico-semântico e discursivo) possibilitam. Nesse sentido, o presente artigo objetiva analisar como usos linguísticos marcam a identidade de sujeitos LGBTQIA+ na tessitura social. Esse objetivo coloca em evidência estudos linguísticos que destacam sujeitos socialmente marcados/as como falantes que potencializam a variação linguística, sendo relevante para o estado da arte de estudos (socio)linguísticos e por oportunizar o debate em torno de usos linguísticos de falantes marginalizados/as por suas identidades sexuais e/ou de gênero (cf. SOUZA-SILVA, 2022).

Para tanto, aciona-se uma natureza qualitativa de caráter descritivo, tendo como base de dados pesquisas já desenvolvidas em território nacional (artigos, dissertações, teses, etc.), assim, tem-se uma pesquisa de condições documentais e bibliográficas, a partir de levantamentos em sites da internet. Essa análise se faz sob ótica sociolinguística, haja vista a possibilidade de analisar os usos linguísticos à luz de fatores internos e externos, considerando o papel agentivo dos/as falantes ao fazerem o uso da língua em meio à sociedade LGBTfóbica. Para tal, as discussões acerca da variação linguística (LABOV, 2008), identidade (BAUMAN, 2005) e sexualidade (LOURO, 2020) favorecem a feitura deste artigo.

### “Viajantes” sociolinguísticos: algumas considerações

De início, é preciso alinhar o seguinte:

Os sujeitos que cruzam as fronteiras de gênero e sexualidade talvez não ‘escolham’ livremente essa travessia, podem se ver movidos para tal por muitas razões, podem atribuir a esse deslocamento distintos significados. Podem, tal como quaisquer

---

<sup>1</sup> Doutorando bolsista pela Universidade Federal da Paraíba, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e integrante do Grupo de Pesquisa Contato Linguístico (UFPB/PROLING/GPCL/CAPES).

outros viajantes, ver sua travessia restringida, repudiada ou ampliada por suas marcas de classe, de raça ou por outras circunstâncias de sua existência. Sua viagem talvez possa se caracterizar como um ir e voltar livre e descompromissado ou pode se constituir num movimento forçado, numa espécie de exílio (LOURO, 2020, p. 18).

Essa questão dos “viajantes” se faz para que se compreenda que sujeitos LGBTQIA+ cruzam caminhos, por opção ou não, que os/as colocam em uma posição diferente na sociedade, haja vista serem alvos da LGBTfobia. Isso não é apenas um dado, mas um fato que se materializa nas práticas linguísticas desses sujeitos, uma vez que também utilizam a linguagem como instrumento de ataque/defesa, quando a empunham em suas batalhas pela sobrevivência, em um jogo de ora espada, ora escudo! (SOUZA-SILVA, 2018).

O(s) Movimento(s) Feminista(s), por muito, lutou(aram) pela liberdade e emancipação das mulheres, então, com o passar do tempo, mediante as conquistas, passa-se a questionar outros recortes – especialmente pelo advento do termo “gênero” e a questão de performatividade delineada por Butler (2017) –, fomentando discussões, inicialmente, sobre a homossexualidade. Afinal, a descentralização da figura masculina como razão e única engrenagem de controle possibilitou questionar a existência de outros homens e como esses homens performam suas identidades sexuais e de gênero, o que também acarreta em novos desdobramentos sobre a diversidade de gênero e sexualidade, garantindo renovação na agenda dos mais diversos movimentos sociais.

É importante destacar o conceito de identidade discutido por Bauman (2005), quando o autor aponta para os “subclasse”, sujeitos à margem da categorização hegemônica, tendo suas identidades negadas, uma vez que são excluídos/as socialmente e sua classificação identitária é imposta e atribuída por aqueles/as que estão no centro das engrenagens que apontam, classificam, categorizam e, com efeito, subalternizam e inferiorizam. Logo, a identidade dos subclasse, trata-se da ausência, abolição e negação da individualidade, sendo negado direito de presença, mas também de existência.

Nessa direção, passo a discutir como as performatividades se fazem no uso linguístico de sujeitos LGBTQIA+. Assim, evidenciarei as variedades linguísticas no campo daquelas classificadas por Bagno (2007) como **diastrática** e **estilística**: i) aquela reúne as variantes identificadas pela comparação entre os modos de falar de diferentes classes/camadas sociais; ii) esta considera graus de monitoramento por parte do/a falante, identificando o comportamento consciente e/ou inconsciente de cada indivíduo. Sobre a influência dessas variações, para o processo de mudança linguística, Labov (2008) indica o seguinte:

Por ‘social’ entendo aqueles traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea; e por ‘estilístico’, as alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do ato de fala. Ambas estão incluídas no comportamento ‘expressivo’ [...] (LABOV, 2008, p. 313).

A partir do exposto, é possível pensar como as variedades que emergem das práticas linguísticas de LGBTQIA+ são um recurso expressivo, o qual não está dissociado das leituras que fazem de si e como enxergam o mundo. Além disso, Labov (2008) acrescenta que as variantes diastrática e a estilística são idênticas em valor de verdade ou referencial, em meio as demais variedades, mas têm oposição ao tratarmos de sua significação social.

Dito isso, identificamos a manifestação do que sugerimos ser, à luz da sociolinguista francesa Gadet (1971 *apud* PRETI, 1977): **usos sociocontextuais**. Então, fazem-se **sociológicos** por estarem atrelados ao fator sexo/gênero e **contextuais** porque “constam de tudo aquilo que pode determinar diferenças na linguagem do locutor, por influências alheias a ele, como, por exemplo, o assunto, o tipo de ouvinte, o lugar em que o diálogo ocorre e as relações que unem os interlocutores” (PRETI, 1977, p. 08).

Para manifestar usos linguísticos performáticos, sujeitos LGBTQIA+ não deixam de agir como todo/a falante, o que fazem é manifestar usos estilístico-pragmáticos – correspondem a situações diferentes de interação social (BAGNO, 2007) – na estrutura preexistente da gramática já internalizada. Afinal, “[...] gramática diz respeito ao conjunto e à natureza dos elementos que compõem uma língua e às restrições que comandam sua união para formar unidades maiores nos contextos reais de uso” (MARTELOTTA, 2017 [2008], p. 44). Nesse sentido, é possível explicarmos que sujeitos LGBTQIA+ marcam seus usos linguístico-discursivos nos diferentes níveis e formas de manifestação da língua(gem).

### **Diversidade no multissistema linguístico**

No nível fonético-fonológico da língua, lida-se com segmentos que compõem a fala, considerando sua fisiologia e articulação, bem como a organização, orientação e princípios da cadeia sonora, por meio da qual a fala se materializa. De um lado, é possível tratar de aspectos acústicos, os quais se caracterizam por “[...] propriedades físicas dos sons da fala, levando em consideração o apoio do falante ouvinte” (SILVA, 2014 [1998], p. 23); por outro lado, é possível tratar de aspectos contrastivos de um segmento sonoro, quando ocorre em ambiente fonológico específico.

Para pensar sobre essa questão fonético-fonológica, há investigação de Barbuio (2016), a qual aponta para a possibilidade de “[...] identificar características de cunho fonético-fonológico associadas à orientação sexual do falante” (BARBUIO, 2016, p. 14). Sua tese de doutoramento é teorizada a partir de estudos feitos em língua inglesa (LI), o que lhe possibilitou uma busca por possíveis aspectos universais da “fala gay”, pois são escassos os estudos sob tal perspectiva no Brasil<sup>2</sup>.

Ao tratarmos do inventário fonológico da LI, por exemplo, a duração de um segmento é uma materialização distintiva, pois a pronúncia de ‘sheet’ (lençol) apresenta duração de vogal, o que irá diferenciar ao ouvir a pronúncia de ‘shit’ (merda), por exemplo. Dito isso, a duração de vogal na LI pode apresentar papel distintivo, diferentemente, da língua portuguesa (LP), em que não temos a distinção pela duração, apenas pela troca. Entretanto, a duração na LP tem valor estilístico-pragmático, uma vez que Barbuio (2016) constata o valor significativo da fricativa /s/ ao observar a duração do segmento em questão.

O autor, ao explicar sobre a duração da fricativa /s/, mediante estudos já realizados em LI, determina que homens homossexuais produzem tal segmento de modo mais duradouro que homens heterossexuais. Tais constatações também foram possíveis a partir da análise de Barbuio (2016) em suas 42 amostras, em que verificou os valores de pico espectral. A partir disso, “[...] a maior duração da fricativa /s/ em posição de coda final produzida pelos informantes gays represente uma peculiaridade da fala desse grupo” (BARBUIO, 2016, p. 114).

A nível de exemplificação, o termo ‘parabéns’, o qual apresenta o fonema /s/ em posição de coda final, sendo um ambiente fonológico que favorece o fenômeno da duração da fricativa, possibilita um traço fonético acústico que tem valor estilístico-pragmático. E, com a colaboração de Barbuio (2016), não é assertiva a generalização, mesmo que venha se constando a predominância da duração da fricativa /s/ por homens gays, pois existem diversas performances de gênero masculino.

Além disso, o famoso questionamento: será que ele é? É apenas mais um incentivador de estereótipos, uma vez que sob a dúvida já paira o julgamento negativo, porque há uma atitude, por parte do senso comum, de que homens gays almejam se tornarem mulheres. Logo, irão adotar comportamentos tidos como femininos. Nessa direção, Lakoff (2010) afirma que,

---

<sup>2</sup> Santos & Antunes (2020) tecem uma discussão sobre o papel da prosódia na construção social da voz de mulheres transgêneros. A partir da análise dos dados coletados, constataram que as categorias prosódicas não são lineares, seja dos traços masculinos ou femininos, desfazendo a binaridade imposta pela sociedade heteronormativa, mesmo que haja diferenças fisiológicas nos segmentos vocálicos de cada sexo/gênero.

caso homens façam uso de recursos linguísticos tidos como pertencentes à “fala de mulheres”, serão percebidos como gays. Por isso, Cameron (2010 [1998]) explica que gênero é algo que precisa constantemente ser reafirmado e sua exibição pública deve estar alinhada com normas culturais que definem o que seja masculino e feminino.

No nível morfológico da língua, lida-se com aquilo que é maior que fonemas e menor que palavras. Dito isso, o morfema é a unidade mínima da estrutura gramatical e “ele associa os dois polos do signo linguístico, o significante e o significado, de acordo com a conhecida formulação saussuriana” (CASTILHO, 2014, p. 51). Dito isso, entre os morfemas afixais, compreendendo que existem afixos, por exemplo, que possibilitam expressar os mesmos efeitos de sentido que outros itens linguísticos (BAGNO, 2007).

Nessa direção, trata-se de morfemas gramaticais, especificamente dos morfemas segmentais (CASTILHO, 2014), os quais se manifestam na sequência linear do registro linguístico. Para pensar sobre a variação estilístico-pragmática da comunidade LGBTQIA+, nesse nível da língua, as discussões da dissertação de Felix (2016), que considera que o uso da “[...] derivação de grau superlativo não é associado à fala de homens que se identificam como heterossexuais sendo, portanto, associado à fala de homens gays” (FELIX, 2016, p. 04).

Então, o uso dos sufixos {-íssimo, -érrimo, -ésimo} podem ser marcadores de uma “fala gay”, como defende Felix (2016). O autor realiza uma coleta de dados, por meio de entrevistas, com 24 informantes. A partir da frequência de uso de sua amostra, ele faz uma comparação com dados de uma corpora que estratificou os/as informantes apenas pelo sexo, constituindo o que ele chama de ‘grupo controle’. Realizado o trato quantitativo, Félix conclui que os resultados podem indicar a existência de uma tendência de maior uso do superlativo absoluto sintético pelos gays, mas que esses resultados, mesmo em alta quantidade, não devem ser usados para afirmar que esse uso linguístico seja uma característica categórica da fala gay.

Então, feitas considerações acerca do que os dados estatísticos revelam, o autor se presta a uma análise qualitativa centralizada pelas reflexões de estilo, prestígio e estigma, com base no que sujeitos gays consideram ser identidade gay e usos linguísticos de gays. Assim, consegue trazer novas considerações, como é o caso dos usos ‘femininínésima’ e ‘bichérrérrérrésima’, em que os falantes preferem intensificar extrapolando o recurso sufixal do que lançar mão de outros registros comuns da língua, como ‘ **muito** feminina’ e ‘**bastante** bicha’.

Além disso, usos como ‘bronzeadíssimo’, ‘assumiderrima’ e ‘caretésimo’ são pouco comuns, logo, uma prática dessa “fala gay” seria a aplicabilidade da derivação sintética a palavras que, comumente, não passariam por tal processo. Nessa direção, Felix (2016) explica que o uso do sufixo {-íssimo} constituiria certa neutralidade, uma vez que é frequente na fala tanto de gays quanto de héteros; sendo mais comum os usos de {-inho, -ão, -ona} por sujeitos que não se declarem gays, diferentemente dos afixos mais marcados, {-érrimo, -ésimo}, que apareceram somente na fala de homens gays.

Exposto isso, é possível explicar que os sufixos em questão podem denotar homossexualidade, isso porque, para os padrões cis-heteronormativos, o que é avaliado “[...] de modo específico é uma aparência e uma forma de vestir e **de falar que denotam uma masculinidade insuficiente**” (CAMERON, 2010, p. 137, grifos nossos).

O léxico é o nível linguístico, naturalmente, mais propenso a influências externas. Por meio dele, é possível observar os traços de maior evidência em relação ao contato entre línguas, a fim de compreender a constituição de um léxico para identificar adoções e incorporações feitas ao vocabulário de uma dada língua. E, segundo Castilho (2014), o léxico se constitui de elementos concretos – as palavras – as quais passam a fazer parte do vocabulário de uma língua.

Ao abordar a questão lexical, é possível estabelecer as questões de lexicalização que possibilitam o contato interlinguístico. Conforme Castilho (2014), esse fenômeno é de ordem sociocognitiva que nos possibilita a expressão em direção à criação ou adoção de palavras. A lexicalização pode se dar por três caminhos: etimologia, neologia e empréstimo (CASTILHO, 2014). Aqui, irei me ater à **lexicalização por empréstimo**.

Para as discussões desse nível, há a investigação de Barroso (2017), que propôs analisar o pajubá<sup>3</sup> como um código linguístico de resistência da comunidade LGBTQIA+, dedicando-se ao levantamento de suas características linguísticas. Por meio do contato com grupos de algumas Línguas Africanas<sup>4</sup>, a influência, conforme Castilho (2014), pode ser por contato direto e indireto, este, em específico, faz-se pela influência cultural de um povo, o qual exporta suas palavras sem invadir o território afluente. Historicamente, há duas possibilidades para essa ocorrência: a) **substrato**, que é resultante da língua nativa, isso

<sup>3</sup> “O termo também pode ser identificado como ‘bajubá’, logo, constitui-se uma variedade fonética, sendo vocábulos intercambiáveis. Isso é um fenômeno comum no nível fonético-fonológico da língua portuguesa, uma vez que a produção dos fonemas /b/ e /p/, enquanto bilabiais, fazem-se distintas por uma queda no traço de vozeamento” (SOUZA-SILVA, 2020, p. 38).

<sup>4</sup> As línguas de origem africana desdobram-se em diferentes famílias linguísticas, constituídas de ramificações, das quais o banto e o nagô oportunizaram maiores empréstimos ao português brasileiro, por exemplo.

depois de um processo de aculturação; e b) **superstrato**, que é resultante da imposição de um povo invasor. Então, as variedades de origem africana são:

[...] elementos exógenos, uma vez que os povos africanos não eram povos nativos, tampouco, povos invasores, logo, sua existência linguística, no contexto colonial, não é marcada como impositiva ou nativa, mas forçada, haja vista que se deu por processo de escravização (SOUZA-SILVA, 2020, p. 34).

Mediante a escravização de povos africanos, variedades linguísticas adentraram na LP, como foi o caso de variantes lexicais advindas da língua iorubá. Sobre a língua iorubá no Brasil, Barroso (2017) explica o seguinte: “[...] o *yorubá*, ficou oficialmente grafado no PB como iorubá, ou nagô, quando se refere aos ambientes de rituais religiosos” (BARROSO, 2017, p. 46, grifo do autor). Mediante os usos linguísticos coletados por Barroso (2017), em suas entrevistas, a seguir alguns termos de origem africana, os quais passaram a compor o socioleto pajubá. Para tanto, lança-se mão dos significados que estão presentes em *Aurélia: a dicionária da língua afiada*<sup>5</sup>, no quadro abaixo organizamos uma sequência em ordem alfabética:

**Quadro 1** - Alguns termos pajubá em *Aurélia*

---

<b>Ageum</b> [Ajeum] = <i>Subs.</i> Comida, rango, gororoba, obó (p. 18);
<b>Amapô</b> [variante de amapoa, mapô] = <i>S.f.</i> 1. Vagina; órgão sexual feminino; 2. Termo para designar mulher (p. 18);
<b>Aqüë</b> [Acué, akué] = <i>S. m.</i> Dinheiro; outros termos: aqüesh, aqüest, boi, bufunfa, din-din, grana, matambira, paleco, teça (p. 20);
<b>Aquendar</b> = <i>V.t.d. e intr.</i> 1. Chamar para prestar atenção; 2. Fazer alguma função; 3. Pegar; roubar. Forma imperativa e sincopada do verbo kuein! [Se liga! Presta atenção] (p. 20);
<b>Ebó</b> = <i>S.m.</i> 1. Comida de santo na macumba; 2. Macumba em si (p. 53);
<b>Erê</b> = 1. <i>S.m.</i> Bofinho adolescente; 2. <i>Adj.</i> Criança, jovem (p. 55);
<b>Neca</b> = <i>S.f.</i> Pênis (p. 96);
<b>Ocô</b> = <i>S.m.</i> Homem-homem [repetição que enfatiza o cisgênero masculino] (p. 99);
<b>Odara</b> = 1. <i>Adj.</i> Bonito, elegante, vivaz; 2. <i>S.f.</i> (Bahia) Pauzão, jeba (p. 99);

---

Fonte: Fred & Libi (2013 [2006]).

Expostos os léxicos do pajubá de origem iorubá, ressaltamos as proximidades dos sujeitos LGBTQIA+, inicial e especialmente as travestis, com as religiões afro-brasileiras, com destaque para os rituais de candomblé. Sobre essa proximidade, Souza-Silva (2020, p. 38) reflete o seguinte:

[...] se os sujeitos LGBT+ são tidos como desviantes de um padrão sociocultural imposto como ‘correto’, especialmente por religiões cristãs, num anseio de inclusão e na busca de uma fé de aceitação, as travestis, inicialmente, encontraram espaço nos

---

<sup>5</sup> A obra foi produzida por Vitor Angelo e Fred Libi. Lançada em 2006, a publicação sofreu ameaças de ações judiciais por parte do grupo do Dicionário Aurélio, em cujo nome se inspirou, o que reforça a ideia de predileção pela não associação por uma questão de marginalização do grupo, junto a seus usos linguísticos. Além disso, os autores apontam que a obra é composta por termos que a sociedade rotula como pejorativos e/ou chulos, constituindo um tabu linguístico, mas também não é uma produção de rigor lexicográfico, ressalto.

terreiros de candomblé, religião que tem sua prática em raízes distintas do cristianismo, por isso, seus adeptos são tidos, por uma parcela alienada e fervorosa de cristãos, como pagãos, demônios, feiticeiros, macumbeiros [...]

Nesse sentido, socialmente “[...] aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e **pelas várias formas com que se expressam**” (LOURO, 2019 [1999], p. 17, grifos da autora). Portanto, os recursos lexicais também se caracterizam como itens performáticos que correspondem à constituição do que defendo serem variantes estilístico-pragmáticas, contribuindo para a solidez de um socioleto LGBTQIA+.

Já no nível sintático da língua, há as estruturas lexicais que se ordenam na constituição daquilo que gramaticalmente se nomeia como “estrutura complexa”, uma vez que a configuração de uma sentença desperta efeitos semânticos e discursivos diversos, os quais se fazem possíveis pela escolha de determinados itens linguísticos e não de outros. Dito isso, o estudo sintático se dá pela análise da sentença<sup>6</sup>, a qual “[...] é um somatório de estruturas, e nesse sentido ela é uma unidade ‘também’ gramatical (CASTILHO, 2014, p. 58). E, variavelmente, oportuniza diferentes ordens para os itens linguísticos que a compõem.

Paralelo a esse nível de análise, iremos nos valer das discussões de Nogueira (2019) e de Santana (2018). Naquela, a autora dedicou-se a observar e descrever o uso do vocativo por parte de uma comunidade gay; nesta, o autor buscou depreender a relação entre o uso do gênero gramatical feminino e a identificação social com o gênero masculino.

De acordo com Bechara (2015, p. 478) – favorável à gramática normativa (GN) –, o vocativo é “uma unidade à parte” e indica que o vocativo está desligado à estrutura argumental oracional. Nessa direção, Perini (2000) indica que o vocativo pode ser reconhecido como um item que trabalha com a oração, porém não em uma interdependência estrutural, pois é item da organização do discurso. Logo, não desconsidero a possibilidade de discutir, aqui, sobre o vocativo, pois mesmo que seja depreendido da oração, sua funcionalidade é marginal à sentença, negociando a participação de emissor e receptor na interlocução.

De acordo com a investigação de Nogueira (2019), os termos **bicha**, **mulher** [mulhé, mulé], **viado** e **amiga** são os que mais funcionam como vocativos. De forma geral, a investigação de Nogueira (2019) indicou que 52% dos vocativos têm maior frequência de uso na conversa entre amigos do que no contexto do trabalho e da entrevista realizada por ela. Um dado interessante da pesquisa é que os sujeitos participantes realizam uma dupla marcação de

---

<sup>6</sup> Também há termos como oração, frase, período (conjunto de orações) etc. (cf. CASTILHO, 2014).

vocativo<sup>7</sup>, uso não reconhecido pela GT, fugindo dos padrões do que se considera falar e escrever bem. Vejamos alguns exemplos selecionados do *corpus* de Nogueira (2019, p. 68-69):

- a) “**Larissa**, eu amo essa casa, **bicha**”
- b) “**Mulé**, a senhora tava apressando, **mulé**”
- c) “**Mulhé**, deixe de ser baixo, **viado**”

Em (a) o uso do termo ‘bicha’ tem como referente ‘Larissa’; em (b) a variante ‘mulé’ é repetida para reforçar o direcionamento da mensagem ao interlocutor e (c) com o uso de ‘mulhé’ e ‘viado’ como marcadores do mesmo receptor, o qual só podemos presumir que seja do sexo masculino por causa no uso do adjetivo “baixo” em gênero masculino na oração. Afinal, é comum a prática de tratamento por “mulher” entre homossexuais masculinos. Esses usos permitiram à pesquisadora estabelecer o seguinte: “podemos dizer que o uso do duplo vocativo serve ao propósito comunicativo como recurso enfático, dado o seu exagero de marcação do destinatário na conversa” (NOGUEIRA, 2019, p. 69).

Além dos vocativos, Nogueira (2019, p. 89) identifica outros usos que ela aponta como possibilidade de pesquisas futuras e inspiração para outros/as pesquisadores/as, como é o caso da não concordância de gênero que podemos ver abaixo:

- d) “**Amigo**, me revele você já foi **comida** por um aluno?”
- e) “Quase eu disse: mulher, eu dou uma chave de perna no teu **marido**, que **ele** fica **morta**”

Em (d) há o uso da vogal temática ‘o’ em ‘amigo’ indicado pela GN como marcador neutro, mas de amplo reconhecimento, pelas comunidades de fala, como marcador masculino. Logo depois, o emissor aplica marcador feminino ao particípio ‘comida’ – buscando saber se o amigo já teria tido relações sexuais com algum de seus alunos –, mesmo tendo disponível o recurso do marcador masculino. O que não se diferencia de (e), quando o emissor diz que o ‘marido’, de uma terceira pessoa fora da comunicação, ficaria surpreso, caso tivesse um ato sexual com ele. Para dizer isso, lança mão do pronome ‘ele’ e o adjetiva como ‘morta’ e não ‘morto’, como ditam os parâmetros da GN. Nesse sentido, Nogueira (2019) conclui:

[...] ao passo que essa variação de gênero gramatical ‘fere’ os conceitos da gramática normativa, a peculiaridade desse dado revela uma lacuna na concepção de gênero que temos na nossa sociedade e nos leva a pensar sobre o quão é complexo esse assunto (NOGUEIRA, 2019, p. 90).

<sup>7</sup> Não que esse fenômeno seja, exclusivamente, homossexual, mas se mostrou proveitoso. Inclusive pela escassez de investigações sobre vocativos, como aponta Nogueira (2019).

Na investigação de Santana (2018), o autor não teve acesso a dados como os de Nogueira, ou construções totalmente femininas, mas explica que isso pode se dar pela própria metodologia, uma vez que sua coleta de dados se fez apenas por entrevistas face a face, as quais acarretam o paradoxo do observador já indicado por Labov (2008). Entretanto, o autor não deixa de mencionar que o fato de não ter catalogado tal uso não queira dizer que não exista, apenas deva ser mais pragmático e informal, situação que a entrevista sociolinguística nem sempre oportuniza, mesmo quando se os/as informantes. Santana (2018, p. 86) analisa usos interessantes de homens gays, como é o caso destes:

f) “Eu sou uma **pessoa** muito **bondosa**”

g) “**O Félix** daquela novela que teve que era **a viada vingativa**”

Em (f), há marcadores femininos, mas pelo uso do termo ‘pessoa’, o qual irá, normativamente, pedir a construção feminina de ‘bondoso’. Assim, há uma busca por certa neutralidade, o que não os coloca em situação comprometedor, conforme indica o autor. Já em (g), a face a ser preservada não é a do emissor, considerando que ele se refere a um homossexual – ainda que seja um personagem de novela – não vê problemas em se referir a ele como ‘a viada vingativa’. Dito isso, concordo com o seguinte:

[...] indivíduos declaradamente gays, usando o gênero gramatical feminino para se referirem a outros indivíduos também gays, o que não deixa de ser um fato importante para demonstrar que esse uso é, de uma forma ou de outra, reconhecido por esses indivíduos como característico da comunidade (SANTANA, 2018, p. 87).

Ademais, é necessário sempre deixar em destaque que não se deve conceber uma uniformidade linguística entre sujeitos LGBTQIA+, uma vez que as performances desses sujeitos são fluídas e dinâmicas. É importante perceber também porque há sujeitos, como os da pesquisa de Nogueira, que se sentem confortáveis em assumir certas práticas linguísticas; diferentemente dos que participaram da pesquisa de Santana, que não se desfizeram da norma linguística. Então, ao considerar que existe uma submissão em que temos “poder legislador, de um lado, e sujeito obediente do outro” (FOUCAULT, 2020 [2014], p. 93), essas questões não são apenas metodológicas e contextuais, mas resultam de mecanismos de controle que ordenam e configuram os comportamentos públicos e privados.

Ao tratar do aspecto semântico<sup>8</sup> de uma língua, há algumas estratégias, as quais permitem a criação de significados e, como explica Castilho (2014), uma dessas estratégias se

<sup>8</sup> Discuto itens linguísticos que saem da linguagem geral e migram para as práticas linguísticas de um grupo mais restrito. Nesse sentido, opto por separar essa discussão que poderia também ser realizada junto às discussões

faz “emoldurando participantes e eventos via criação de *frames*, *scripts* e cenários” (CASTILHO, 2014, p, 122, grifos do autor). Ao pensar que os significados correspondem às palavras em uma espécie de “moldura”, se pode pensar nos frames como essas molduras. Os frames emolduram significados a partir de nichos, como é o caso da palavra ‘cachorro’ que originalmente nomeia o animal, mas rompeu esse nicho do animalesco e passou a integrar o frame das relações humanas, por exemplo.

Para refletir sobre essa questão, no contexto da comunidade LGBTQIA+, há dois exemplos presentes em glossários, como é o caso de *Aurélia*, já mencionado, e o *Diálogo das Bonecas*<sup>9</sup>, respectivamente:

h) “Muitas **barbies** juram que são bofes” (p. 26).

i) “Não aqüienda o baco sem ochó de neca, a **maldita** está desaqüendada” (p. 05).

Em (h), o termo ‘barbie’ que remete ao frame do brinquedo, da boneca, mas na comunidade LGBTQIA+ esse enquadro do significado é ampliado, para indicar o homossexual adepto da atividade de musculação. A partir disso, Silva & Santos (2017) indicam que o vocábulo faz referência à boneca por ser considerada espelho daquilo que é visto como padrão de beleza. Então, chamar um homem por tal termo é considerar que ele se encaixe nesses padrões ou que tenha trejeitos, socialmente situados, como próprios da mulher cisgênero. Logo, tudo que for feminino é designado a essa classe de pessoas.

Já em (i), temos uma semântica composicional (CASTILHO, 2014), uma vez que o termo ‘maldita’, de modo isolado, remete a algo amaldiçoado, mas no contexto proposto em (i) temos um significado que se faz contido na construção da sentença. Em tradução do pajubá, é uma prescrição para que **não se tenha relações sexuais sem camisinha, pois a AIDS está solta**. Logo, o termo ‘maldita’ tem seu significado ampliado, deixa sua função adjetiva, do contexto da linguagem comum, e passa a nomear outra realidade no contexto LGBTQIA+, nesse caso, a AIDS, oportunizando uma análise no escopo da gramaticalização, por exemplo.

Esses fenômenos são possíveis pelo processo de semanticização: “[...] criação dos sentidos, administrados pelo dispositivo sociocognitivo” (CASTILHO, 2014, p. 122). Então,

---

sobre léxico, considerando os estudos da semântica lexical, mas não é objetivo, aqui, tecer maiores considerações.

<sup>9</sup> Primeiro Dicionário de pajubá das travestis que foi idealizado, impresso e lançado, no Brasil, em 1992, mesmo ano em que nasceu a ASTRAL – Associação de Travestis e Liberados, primeira associação, exclusivamente, de travestis do Brasil.

ao encabeçarem tais práticas linguísticas, “trata-se do desejo enquanto devir e, portanto, como afirmação de uma identidade itinerante” (TREVISAN, 2018, p. 42).

Ademais, a ortografia está diretamente ligada à escrita, como tal, vincula-se aos padrões normativos e aos parâmetros de “certo” e “errado”. De acordo com Gnerre (2009 [1985], p. 06), “a língua padrão é um sistema [...] associado a um patrimônio cultural apresentado como um ‘corpus’ definido de valores fixados na tradição escrita”. Nessa direção, a ortografia compõe o conjunto dos chamados “bons usos da língua”, como aponta Castilho (2014). Portanto, a ortografia também é um instrumento da gramática prescritiva.

Mesmo com os ideais unificadores e com a homogeneidade fundamentados pelo(s) Acordo(s) Ortográfico(s), os sujeitos LGBTQIA+ desviam-se dos padrões de ortografia, por meio do que Viana (2012) diz ser uma “fonetização da escrita”. Em sua dissertação, Viana (2012) tem como um de seus objetivos: compreender como se dá o desvio ortográfico intencional, por parte dos internautas que comentam no blog ‘katylene.com’.

Essa busca pelo não convencional se justifica por uma necessidade da comunidade de prática em questão, o que irá, de acordo com Viana (2012), auxiliar na construção do *ethos*<sup>10</sup> gay, o que também permite a manutenção das relações entre Katylene e seus seguidores. Ao serem observadas as interações, logo constatasse o uso “[...] [d]essas formas linguísticas [que] revelam uma grafia peculiar [...]” (VIANA, 2012, p. 81). A seguir, algumas ortografias selecionadas de Viana (2012): a) beesha; aloooooka, como alongamento vocálico, b) gentchy; grandche, como marcação da africada, c) eshperimenta; sheirinho, como marcação da fricativa alveopalatal, d) baphão, phyna, como resgate de ortografia clássica, e) Incrusã, como rotacismo.

Assim os sujeitos demarcam identidade ao se desviarem do padrão ortográfico, o que, para os conservadores, é mais um exemplo de como esses sujeitos quebram as regras, desvirtuam caminhos, menosprezam o “bom uso da língua”, etc. Apesar disso, concordo com Viana (2012) à medida que os sujeitos que acompanham o blog constroem uma identidade por meio dessa estratégia ortográfica, o que não se limita à caracterização da personagem Katylene, mas de todos que usam desse registro gráfico. Dito isso, ainda que não se tenha conhecimento das identidades de gênero ou da orientação sexual a qual pertence cada internauta, no cenário do blog, a produção dos discursos, tanto de Katylene quanto de seus

---

<sup>10</sup> Conjunto dos costumes e hábitos, comportamentais e culturais que sejam característicos de uma determinada coletividade, tempo ou lugar.

seguidores, há um mesmo ethos, como aponta Viana (2012). Portanto, concordo com o seguinte:

O valor simbólico a forma linguística é tido como dado, e o falante simplesmente a aprende e usa, mecânica ou estrategicamente. No entanto, na prática real, sentidos sociais, identidades sociais, filiações comunitárias, formas de participação, todo o leque de práticas comunicárias e o valor construídos (ECKERT; McCONNELL-GINET, 2010, p. 105).

Mediante tais discussões, deixamos em evidencia que essa manifestação da língua escrita – a ortografia –, apesar de sempre estar associada a padrões homogêneos e compêndios normativos, sendo instrumento de controle e monitoramento linguístico, não deixa de entrar no ritual de (re)configuração das práticas linguísticas de sujeitos LGBTQIA+.

Por fim, me debrucei nos níveis da língua, o que oportuniza indicar como a língua é um multissistema, exceto pela ortografia, pois me interessei pela manifestação verbal escrita<sup>11</sup>, ainda sim representando como os sujeitos LGBTQIA+ demarcam territórios nas variadas manifestações da língua(gem). Dado o exposto, os aspectos fonético-fonológicos, morfológicos, lexicais, sintáticos e semânticos configuram o funcionamento de uma língua, logo, a materialização de registros linguísticos nos leva a considerar a instância discursiva, pensando diretamente nos efeitos que podem ser causados por tais registros, já que uma análise linguística holística ultrapassa o código linguístico.

Com a intenção de apresentar efeitos discursivos, há efeitos de sentido recorrentemente associados à comunidade LGBTQIA+: **comicidade, riso, humor**. Afinal, é comum se ouvir amigos, colegas e parentes dizerem que têm “um amigo gay muito engraçado”; “uma amiga travesti divertida demais”. Entretanto, essa comicidade não é uma uniformidade identitária. Para pensar um pouco a respeito, há as discussões da tese de Alonso (2010). A investigação busca responder ao porquê de o riso estar tão associado à gíria daqueles que compõem a comunidade LGBTQIA+. Como resposta, conclui-se que o riso é um efeito de sentido que se caracteriza de seguinte forma:

[...] obtido também pelo sentido criptológico presente no vocábulo gírios empregado pelos falantes que integram o grupo da diversidade sexual, com os objetivos de ostentar um comportamento irreverente (associado ao riso) e de manter um sentimento de superioridade em relação aos não integrantes (associado ao sentido restrito) (ALONSO, 2010, p. 204).

---

<sup>11</sup> Sobre não verbal, questionamo-nos sobre a possibilidade de “gestos performáticos” e como poderia ser produtiva uma exemplificação de tal questão, a exemplo da ação de bater palmas, que seria caracterizada como gesto ilustrador, o qual está diretamente ligado ao fluxo da fala. Entretanto, mostrou-se escassa nossa busca por tais reflexões, ficando assim uma sugestão para aqueles que investigam a multimodalidade.

Nesse sentido, o registro linguístico materializa e indexicaliza efeitos de sentido, a exemplo do riso. O riso da comunidade LGBTQIA+, como aponta Alonso (2010), é um riso extravagante e excessivo, com o propósito de desacatar a seriedade. Logo, compreende-se que tal ação é performática e que se faz pragmaticamente. Por isso, o riso da comunidade em questão é multissignificativo, “tanto pode significar cumplicidade, ingenuidade e igualdade quanto pode apontar desagregação, malícia e superioridade” (ALONSO, 2010, p. 36).

Portanto, de acordo com o autor, a produção do riso se faz por uma decisão cognitiva dos/as falantes, quando optam por usos linguísticos que fogem do convencional. A irreverência causada por esses escapes ao tradicionalismo, conservadorismo e seriedade demonstram práticas sociais que subvertem uma cultura cis-heteronormativa, essencialmente masculina, consagrada como padrão a ser adotado por aqueles/as que sabem seguir as normas e por aqueles/as que desejem ser socialmente aceitos/as.

### **Considerações finais**

Diante do que apresentei, fica em evidência como sujeitos LGBTQIA+ reconfiguram e ressignificam recursos linguísticos em meio às práticas linguísticas, especialmente em suas comunidades de prática. Dito isso, concordo com Preti (1984, p. 04, grifo do autor) ao mencionar que o/a falante, “falando diferente, estropiando a linguagem usual, ele agride o convencional, opõe-se ao *uso* aceito pela maioria, e deixa marcado seu conflito com a sociedade”. Assim, há comportamento linguístico oposto ao que forças centrífugas estabelecem como regra e bom uso da língua (PRETI, 2010 [1984]).

Ademais, a partir da exposição de investigações que demonstram como sujeitos LGBTQIA+, especificamente os gays masculinos, se distanciam de padronizações para constituir um território de batalha e indignação social, no qual se valem de registros linguísticos diversos, reconhecendo, ainda que inconscientemente, que “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais” (GNERRE, 2009, p. 06-07).

Por fim, a prática linguística de sujeitos LGBTQIA+ é marcada por usos estilístico-pragmáticos constituindo a caracterização de um socioleto que amplia nossa percepção para além de itens lexicais e identificarmos a manifestação da língua(gem) em diferentes níveis e formas, havendo um movimento performático que revela a dinâmica da língua e de seus/suas usuários/as não devendo tais usos serem reduzidos à “linguagem de viado” ou “linguagem de travesti” com conotação pejorativa e excludente haja vista seu poder como marcador de

identidades e constituinte da heterogeneidade como espaço da pluralidade social.

## Referências

- ALONSO, N. T. de Q. *Entre segredos e risos: gíria da diversidade sexual paulistana*. 2010. 233 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica da São Paulo, São Paulo.
- BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BARBUIO, E. *Percepção da orientação sexual de homens gays e heterossexuais por meio de características acústicas da fala*. 2016. 137 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- BARROSO, R. R. *Pajubá: o código linguístico da comunidade LGBT*. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus.
- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Banedetto Vecchi*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 38. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CAMERON, D. Desempenhando identidade de gênero: conversa entre rapazes e construção da masculinidade heterossexual. Tradução de Beatriz Fontana. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Orgs.). *Linguagem, Gênero e Sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 129-149.
- ECKERT, P.; McCONNELL-GINET, S. Comunidades de prática: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. Tradução de Branca Falabella Fabricio. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Orgs.). *Linguagem, Gênero e Sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 93-107. Editorial, 2009.
- FELIX, R. de A. A. *Adjetivo superlativo na fala de homens gays: uma discussão sociolinguística*. 2016. 83 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2020.
- GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LAKOFF, R. Linguagem e lugar da mulher. Tradução de Adriana Braga e Édison Luis Gastaldo. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Orgs.). *Linguagem, Gênero e Sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 13-30.

- LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução de Tomaz T. da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 07-42.
- LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- MARTELOTTA, M. E. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2017, p. 43-70.
- NOGUEIRA, J. M. da S. *O vocativo numa comunidade de prática gay de Serra Talhada-PE: descrição e uso*. 2019. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- PERINI, M. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- PRETI, D. *A gíria e outros temas*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984.
- PRETI, D. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: LPB, 2010.
- PRETI, D. *Sociolinguística: os níveis de fala – um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Companhia Nacional, 1977.
- RIBEIRO, A. B. O. *Usos linguísticos de lésbicas e de gays: questões de identidade e estilo*. 2020. 155 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- SANTANA, W. P. da S. *Variação de gênero gramatical como indexador de identidade gay*. 2018. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- SANTOS, L. A. dos; ANTUNES, L. B. A construção social da voz na performatividade do gênero: uma análise prosódica no falar transgênero feminino. *Caletroscópio*, v. 8, n. 2, 2020, p. 63-82.
- SILVA, D. I. S. C. da; SANTOS, O. J. S. dos. Semântica, gênero e sexualidade: o conceito dos pajubás da comunidade LGBT. *Magistro*, v. 2, n. 16, 2017, p. 29-42.
- SILVA, T. C. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- SOUZA-SILVA, A. L. *Gíria LGBT como empoderamento linguístico: a construção de sentidos no gênero meme*. 2018. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Língua Portuguesa) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira.
- SOUZA-SILVA, André Luiz. *Sociolinguística com foco na comunidade LGBTQIA+ : atitude, identidade e estigma*. 191f. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- SOUZA-SILVA, A. L. *O pajubá no ENEM: preconceito e diversidade linguística*. 2020. 68 f. Monografia (Especialização em Ensino de Línguas e Literatura na Educação Básica) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira.
- TREVISAN, J. S. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VIANA, E. O. *Estratégias de construção do ethos gay masculino no blog katylene.com: um estudo da multimodalidade e das gírias gay*. 2012. 97 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

VIP, A.; LIBI, F. *Aurélia: a dicionária da línguaafiada*. 24. ed. São Paulo: Editora do Bispo, 2013.

## A FUNÇÃO SOCIAL DO GÊNERO ANÚNCIO PUBLICITÁRIO: UMA INVESTIGAÇÃO CRÍTICO-DISCURSIVA DE ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS DA MARCA HAVAIANAS NO FACEBOOK

Isadora Maria Cavalcante Oliveira<sup>1</sup>

Yohana Filgueira Silva do Nascimento<sup>2</sup>

### Introdução

O presente artigo é um recorte da pesquisa que compreende a primeira fase do projeto Gênero Anúncio Publicitário à Luz das Abordagens Sociossemióticas e Sociorretóricas: Proposta de Ensino Fase I e II. Desenvolvida por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), no período de 2022 a 2023, e vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC), esta pesquisa dá continuidade às pesquisas desenvolvidas desde 2009, orientadas pela Professora Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa (UFC)<sup>3</sup>, que tem se dedicado aos estudos sobre gêneros textuais e seus aspectos constitutivos.

A abordagem funcionalista proposta por Halliday serve de base para os estudos sociossemióticos, nos quais está incluída a Análise do Discurso Crítica (ADC). A ADC busca analisar a disposição do discurso por meio de sua função social, através da disposição da tríade metodológica: texto, prática discursiva e prática social. Concebendo a importância social do gênero anúncio publicitário, pela possibilidade de criticidade em meio a táticas comerciais, decidiu-se pelos anúncios da marca Havaianas para construção do corpus de análise deste estudo.

Sendo assim, o presente recorte da investigação feita no projeto da Universidade Federal do Ceará, tem o propósito de investigar a função social presente do gênero discursivo anúncio publicitário. Ademais, buscamos analisar como a utilização das linguagens verbal e não-verbal auxiliam na construção de sentido e na assimilação do propósito comunicativo desse gênero, além de compreender as práticas discursivas presentes nos anúncios e a

---

<sup>1</sup> Graduanda. Universidade Federal do Ceará. Isadoramco13@gmail.com. Gênero Anúncio Publicitário à Luz das Abordagens Sociossemióticas e Sociorretóricas: Proposta de Ensino Fase I e II.

<sup>2</sup> Graduanda. Universidade Federal do Ceará. yohanafilgueiraa@gmail.com. Gênero Anúncio Publicitário à Luz das Abordagens Sociossemióticas e Sociorretóricas: Proposta de Ensino Fase I e II.

<sup>3</sup> Profa. Dra. da Universidade Federal do Ceará, coordenadora do Projeto de Iniciação Científica/PIBIC: Gênero Anúncio Publicitário à Luz das Abordagens Sociossemióticas e Sociorretóricas: Proposta de Ensino Fase I e II. 2022-2023. Coordenadora do Grupo de Pesquisa “Gêneros: Estudos Teóricos e Metodológicos” -GETEME/PPGLin/UFC.

percepção de práticas sociais para contextualização do texto. Dessa forma, analisamos os anúncios publicitários de uma forma discursivo-crítica, com base, principalmente, nos pressupostos teóricos de Fairclough.

Para facilitar a compreensão, o presente trabalho está dividido em três seções: a introdução, na qual constam as respectivas elucidações a respeito da escolha e do desenvolvimento da temática pesquisada; o desenvolvimento, tratando da análise do discurso crítica (ADC) de Fairclough, utilizando do modelo teórico-metodológico tridimensional (texto, prática discursiva e prática social) para análise dos anúncios publicitários da marca Havaianas; e, por fim, as considerações finais a respeito da temática. Tendo como ponto de partida as propagandas dispostas no Facebook, construímos uma linha teórica de representação e utilização de conceitos que perpassam o modelo tridimensional, fazendo uma análise de textos verbais e não-verbais para construção da pesquisa.

### **Análise do Discurso Crítica (ADC)**

Para a Análise do Discurso Crítica, o enfoque de análise se dá no próprio texto, mas tem-se em consideração as questões sociais. Sendo assim, essa teoria se constitui também como metodologia de análise do próprio ato discursivo, considerando o contexto externo com foco nas questões sociais de representatividade e das relações de poder nas manifestações interacionais. Para Melo (2011, p. 1338), “A ADC configura-se como uma abordagem teórico-metodológica que objetiva investigar a maneira como as formas linguísticas funcionam na reprodução, manutenção e transformação social.”

Percebendo as bases funcionalistas que regem a ADC, a grande contribuição da Linguística Crítica hallidayana para essa teoria foi a investigação multifuncional da sentença, o que é uma forma de se analisar a sentença em todas as suas três funções sociais da linguagem: ideacional, interpessoal e textual. Sendo assim, a análise do discurso crítica é feita do ponto de vista ideológico, mas considera três aspectos basilares: o texto, a situação de comunicação e o próprio discurso aplicado ao gênero. Ou seja,

Diante disso, a ACD opera com o conceito de sujeito tanto propenso ao moldamento ideológico e linguístico quanto agindo como transformador de suas próprias práticas discursivas, contestando e reestruturando a dominação e as formações ideológicas socialmente empreendidas em seus discursos. (Melo, 2011, p. 1338)

A ADC, por se tratar “de uma teoria do poder e contrapoder.” (Melo, 2011, p. 1340) e tendo em vista as contínuas transformações sociais, considera que todo tipo de discurso molda e é moldado pelas práticas sociais, ou seja, as relações e os efeitos de poder se apresentam

quando se busca compreender a linguagem tanto por seus aspectos sociais quanto por seus aspectos formais, considerando, acima de tudo, seu uso. A crítica, então, seria o que torna explícita a violência observada no texto, para, assim, incitar uma reflexão baseada nos contextos históricos que permeiam aquele discurso, analisando as percepções de efeito/causa que rodeiam o texto. Dessa forma,

Apesar de hoje existirem diversas formas de violência explícita, o poder tem tendido a não ser imposto por coerção, ou seja, pela força, mas, ao contrário, funciona, em nossa sociedade, como um exercício tácito de hegemonia produzido discursivamente e que conduz as pessoas a cooperar consensualmente com determinadas ideologias. (Fairclough, 2016, p. 86).

Esse modo de reprodução ideológica e cultural está explicitamente presente nos anúncios publicitários - inclusive nos comerciais televisivos - de marcas de bebida alcoólica que, muitas vezes, apresentam as mulheres de forma sexualizada para incentivar o consumo daquela bebida em específico.

Além disso, para a ADC, não se deve separar o texto do seu contexto de produção ou de interpretação, ou seja, ao produzir um texto em determinada condição, espera-se que a interpretação se aproxime do significado potencial esperado. Assim sendo, todo texto é um compilado dos significados potenciais e interpretativos observados pelos pontos de vista ideacionais, interpessoais e textuais. A estrutura de um texto, nessa perspectiva, diz respeito não somente à mensagem repassada, mas também à organização e à disposição dos elementos, buscando representar o significado potencial. Sendo assim,

Fairclough (2001, p. 101) entende qualquer evento discursivo como um compósito de três dimensões simultâneas: o texto, a prática discursiva e a prática social. Tais dimensões correspondem aos elementos estruturais, como léxico, processos de coesão textual, ordem sintática e transitividade (texto); à produção, distribuição e consumo de textos, como os princípios de coerência textual, a intertextualidade, a interdiscursividade e a força ilocucionária (prática discursiva); e às atividades socioculturais e seus significados, a saber, ideologias, exercício de poder, hegemonia (prática social). (Melo, 2011, p. 1341)

Ademais, o discurso, para Fairclough, é compreendido não somente como o uso da linguagem, como é comumente considerado pelos linguistas, mas também pela prática social, política e ideológica envolta em torno desse uso, sendo assim, o discurso é observado “como um instrumento para vender bens, serviços, organizações, ideias ou pessoas” (Fairclough, 2008, p. 180-181). Por ser socialmente constitutivo, ou seja, por contribuir historicamente na formação das estruturas sociais, o discurso se configura como um modo de ação e de representação do mundo, “constituindo e construindo o mundo em significado” (Fairclough, 2001, p. 95). Dessa forma, o discurso, para a ADC, estabelece e movimenta as relações de

poder - de hierarquia, de hegemonia, de liderança e de dominação - existentes na sociedade.

### **Abordagem tridimensional**

Na ADC, Fairclough desenvolveu o modelo de abordagem tridimensional, em que se analisa o discurso em três diferentes e indissociáveis parâmetros: texto, prática discursiva e prática social. Sendo assim, texto seria o esboço de uma comunicação, ou seja, sem considerar os aspectos contextuais das práticas em que se encontra, dividindo-se em estrutural, vocabular, gramatical e coesiva. Já a prática discursiva é responsável por perceber os recursos disponíveis para analisar conforme as escolhas feitas para se chegar à situação interacional específica, definindo o tipo de discurso conforme fatores sociais. Por fim, têm-se a prática social, que determina os posicionamentos ideológicos e hegemônicos presentes no texto, que revelam os discursos de poder presentes na sociedade. Ou seja,

Fairclough (2016, p. 101) entende qualquer evento discursivo como um composto de três dimensões simultâneas: o texto, a prática discursiva e a prática social. Tais dimensões correspondem aos elementos estruturais, como léxico, processos de coesão textual, ordem sintática e transitividade (texto); à produção, distribuição e consumo de textos, como os princípios de coerência textual, a intertextualidade, a interdiscursividade e a força ilocucionária (prática discursiva); e às atividades socioculturais e seus significados, a saber, ideologias, exercício de poder, hegemonia (prática social). (Melo, 2011, p. 1341)

A metodologia tridimensional – texto, prática discursiva e prática social –, proposta por Fairclough, foi essencial para analisar o discurso mitológico por mais de uma perspectiva, ao fazer uma investigação multifuncional ancorada na abordagem funcionalista. Este trabalho é de natureza descritiva e qualitativa, cujos dados emergem da análise dos dados, constituído por imagens das publicações da marca Havaianas no Facebook. Nesse sentido, buscamos compreender os pontos hegemônicos e ideológicos expostos nos anúncios publicitários, especialmente em datas comemorativas e com alto teor ambíguo.

Para Fairclough, hegemonia é a permanência de estruturas sociais, dispostas intrinsecamente de acordo com as relações de poder vigentes, e, por isso, esses elementos podem se reestruturar de acordo com as ações discursivas humanas. Sendo assim,

A hegemonia depende do investimento e do reinvestimento ideológico das convenções discursivas, dos gêneros discursivos e dos estilos (Magalhães, I., idem, p. 91-92). Trata-se de conceito relevante para a compreensão da estruturação social da textualidade híbrida (semiótica). (Magalhães, 2004, p. 114)

Além disso, ideologias, para a ADC, são entendimentos a respeito de aspectos do mundo, e, por isso, legitimadas em interações discursivas, ou seja, na associação do discurso com outros aspectos sociais – geralmente naturalizadas por se tratarem de ideias e identidades permeadas em sociedade. Dessa forma,

Se o significado linguístico é inseparável da ideologia, e ambos dependem da estrutura social, então a análise linguística deveria ser uma poderosa ferramenta para o estudo dos processos ideológicos que medeiam as relações de poder e controle. (...) Não é um instrumento neutro para o estudo da ideologia; é um instrumento que foi neutralizado. (Fowler et al, 1979, p. 186)

Nesse recorte da investigação, demos prioridade para a abordagem da prática social, percebendo principalmente os posicionamentos ideológicos e hegemônicos para construção do significado linguístico do discurso do gênero anúncio publicitário, utilizando da marca Havaianas.

### **Metodologia**

Esse trabalho foi desenvolvido durante a primeira fase do projeto de Iniciação Científica, PIBIC, Gênero Anúncio Publicitário à Luz das Abordagens Linguísticas Sociosemióticas e Sociorretóricas: Proposta de Ensino Fase I e II, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (2022/2023), dando seguimento às pesquisas desenvolvidas desde 2009, orientadas pela professora dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa. Nesta pesquisa, com base em um viés investigativo já trabalhado em outros projetos da orientadora, objetivamos apresentar a base teórico-metodológica da Análise do Discurso Crítica (ADC), de Fairclough (2001, 2003) e de Van Dijk (2018), e discutidas por Magalhães; Martins e Resende (2017), por Melo (2011) e por Irineu et. al. (2020), analisando anúncios publicitários da marca Havaianas, para o quê nos utilizamos, principalmente, de Sousa (2017, 2020), visando desenvolver uma proposta de ensino aplicável aos níveis do ensino fundamental, com base teórico-metodológica consistente.-

Para isso, nos ancoramos em Fairclough (2001, 2003), nas da Análise do Discurso Crítica, que desenvolveu o método investigativo tridimensional: texto, prática discursiva e prática social. Dessa forma, o texto é responsável pela descrição do discurso nas formas verbais e não-verbais; a prática discursiva é expositora da interpretação textual por parte tanto do enunciador quanto do enunciatário; e, por fim, a prática social, em que se expõem as explicações para a ocorrência do discurso, bem como o porquê de este se ancorar em dada ideologia social. Sendo assim, essa investigação foi desenvolvida de forma indutiva, se solidificando como uma pesquisa descritivo-reflexiva de natureza qualitativa e caráter exploratório.

Essa pesquisa objetivou a análise de 100 anúncios publicitários, distribuídos igualmente entre as marcas Havaianas, Itaipava, Natura e Estrela. Para este estudo completo,

foram analisados, com base na metodologia da ADC, 25 anúncios publicitários da marca Havaianas, em que somente cinco foram retirados para esse recorte, utilizando-se de uma análise para demonstração dos resultados obtidos, coletados na rede social Facebook, disponível em [https://www.facebook.com/HavaianasBrasil/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/HavaianasBrasil/?locale=pt_BR)<sup>4</sup>. Ainda, foram coletados e analisados os comentários dos prováveis consumidores. Após coleta e seleção os anúncios foram arquivados em pasta do google drive para compor, com outros anúncios já catalogadas pelas pesquisas anteriores com a mesma orientação, o banco de dados, em construção, de anúncios publicitários.<sup>5</sup>

A escolha pela rede social Facebook foi feita pela importância de observar não somente o discurso do anúncio publicitário, mas também quais as reações que ele gera, tendo em vista o alto nível de engajamento dos usuários que visitam a página da Havaianas. Ainda, percebe-se a relevância em considerar as comunidades sociodiscursivas, pois “quando os agentes sociais tentam se organizar socialmente, por meio das histórias que contam e ouvem durante as interações sociais, suas identidades sociais, inclusive a de gênero, são construídas” (Coimbra, 2003, p. 215). Os anúncios publicitários selecionados foram analisados por meio da abordagem sociossemiótica Análise do Discurso Crítica (ADC), em diferentes categorias de investigação.

### **Análise dos dados**

Para este estudo, foram analisados, com base na metodologia da ADC, 25 anúncios publicitários da marca Havaianas, coletados na rede social Facebook da própria empresa, disponível em [https://www.facebook.com/HavaianasBrasil/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/HavaianasBrasil/?locale=pt_BR). Para isso, seguimos a teoria de Análise do Discurso Crítica (ADC) de Fairclough, que considera que todo discurso modifica a sociedade, independente do modo como são utilizados, além de caracterizarem o gênero anúncio publicitário, os dados obtidos foram observados nas perspectivas da hegemonia e da ideologia. Nesse sentido, considerou-se essas duas categorias de análise pela forma como se manifestam no discurso, pois a linguagem, para a ADC, é um meio que legitima as relações de poder previamente determinadas. Para a ADC,

Os textos como elementos dos eventos sociais [...] causam efeitos, isto é, eles causam mudanças. Mais imediatamente, os textos causam mudanças em nosso conhecimento, em nossas crenças, em nossas atitudes, em nossos valores e assim por diante. (Fairclough, 2003, p. 08)

---

<sup>4</sup> Os anúncios da marca Havaianas foram coletados no seguinte endereço:  
[https://www.facebook.com/HavaianasBrasil/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/HavaianasBrasil/?locale=pt_BR).

<sup>5</sup> (já foram coletados e arquivados anúncios de cosméticos, de perfumes, de cerveja, de brinquedos e de alimentos, além de propagandas das sandálias havaianas).

O texto abaixo (figura 3) trata-se de um anúncio publicitário da empresa de calçados de borracha Havaianas. O objetivo da publicidade é incentivar o consumo dos produtos dessa marca, nesse caso, das sandálias com plataforma, utilizando-se de recursos imagéticos e verbais. Sendo assim, dando seguimento aos parâmetros geralmente utilizados nesse gênero, “toda a estrutura publicitária sustenta uma argumentação icônico-linguística, que leva o consumidor a convencer-se, consciente ou inconscientemente, de que precisa adquirir aquele bem.” (Sousa, 2017, p. 45).

**Figura 1** - Anúncio Havaianas - Vê se cresce



**Fonte :** [https://www.facebook.com/HavaianasBrasil/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/HavaianasBrasil/?locale=pt_BR).  
**Publicado em:** 29 outubro 2009

Percebe-se que, no anúncio publicitário em análise (figura 3), há utilização de linguagens verbal e não-verbal para a construção dos sentidos do texto e do discurso, com o propósito comunicativo de atingir o consumidor, próprio desse gênero: fazer AGIR. O anunciante acredita e aposta na adesão do(a) consumidor(a) ao produto anunciado. Para a ADC (FAIRCLOUGH, 2016), a hegemonia é a permanência de estruturas sociais, dispostas intrinsecamente no discurso de acordo com as relações de poder vigentes, e, por isso, esses elementos podem se reestruturar de acordo com as ações discursivas humanas. Sendo assim, no texto não verbal do anúncio em análise, encontramos uma sandália Havaianas de plataforma em que, na parte mais alta, tem-se uma escada simulando a diferença de altura entre o salto e o terreno plano. Já no segmento verbal, percebemos o seguinte enunciado: “Siga o conselho que você sempre deu aos homens: vê se cresce.”, destacando as sentenças de acordo com as posições e a centralização do escrito, demonstrando uma interação direta entre os textos verbais e não-verbais.

Resgatando o contexto social, sabe-se que a sentença “vê se cresce” é comumente utilizada pela mulher na prática discursiva de um término de um relacionamento,

majoritariamente heteronormativo, ao se referir à imaturidade do parceiro no relacionamento. Apesar dessa recuperação de atitudes e falas frequentes em relacionamentos, a ambiguidade dessa sentença é que se comunica diretamente com o texto não-verbal. Como hegemonia, entende-se aqui tanto a ideia de amadurecimento tardio masculino, quanto o pressuposto de que sapatos com saltos altos são mais femininos e elegantes. Sendo assim, o sentido hegemônico se encontra na ambiguidade da sentença “vê se cresce”, que remete a dois contextos que aludem ao pensamento majoritário ou, pelo menos, aquele estabelecido social e culturalmente. Ou seja, a hegemonia masculina se faz presente mesmo após anos de publicação da peça publicitária, pois as ideias apresentadas e determinadas como femininas não permitem uma liberdade hegemônica.

Já a ideologia, para a ADC, segunda categoria de análise neste artigo, contribui com a perpetuação das relações vigentes de poder – e a instauração de novas – preservando os papéis sociais de dominação e exploração. As ideologias seriam, então, entendimentos a respeito de aspectos do mundo, e, por isso, legitimadas em interações discursivas, ou seja, na associação do discurso com outros aspectos sociais – geralmente naturalizadas por se tratarem de ideias e identidades permeadas em sociedade. Como contexto ideológico desse anúncio publicitário, entende-se o seguimento de uma ditadura da moda – por não somente comercializar, mas induzir a compra do calçado em destaque –, além de revelar o machismo ao induzir que a feminilidade se encontra necessariamente atrelada ao uso de sapatos delicados com saltos e cores vibrantes. Pode-se destacar, também, a questão ideológica da obrigatoriedade que a sociedade coloca na mulher de ensinar ao homem como agir de forma madura, o que é exposto pela sentença: “Siga o conselho que você sempre deu aos homens” e pelo recurso visual da escada de cipó, que, por seu uso na Idade da Pedra, subentende-se o retrocesso evolutivo da mentalidade masculina. Por fim, o nome da campanha publicitária “Havaianas High Look”, alude tanto à significação de “aparência elevada” pelo uso de chinelos mais elegantes, quanto ao pressuposto de “olhar mais alto” pelo uso de saltos.

### **Considerações finais**

A partir da análise do *corpus* total de 25 anúncios publicitários da marca Havaianas no *Facebook*, constatamos que os textos de cunho publicitário apresentam características discursivas que buscam uma maior identificação com o consumidor, tais como a aderência a tendências, o tom insinuativo do representante da marca que busca fortalecer a interação marca-consumidor, a adequação ao período, a linguagem acessível e direta, a apresentação e a divulgação dos produtos para a venda e a utilização de recursos não verbais que buscam

captar a atenção do leitor, como cores chamativas e um cenário de destaque. Todos esses elementos podem e foram investigados por meio da abordagem tridimensional da Análise do Discurso Crítica: texto, prática discursiva e prática social. Aqui, foi feito um recorte que deu enfoque à disposição dos preceitos hegemônicos e ideológicos, próprios de ambas as práticas, dispostos nos anúncios publicitários da marca Havaianas no *Facebook*.

Nesta investigação, percebemos, além dos elementos previamente apresentados, que empresas como a Havaianas buscam, por meio dos anúncios publicitários, representar uma ideologia social, utilizando de aspectos verbais e não-verbais, para persuadir e representar uma familiaridade para o possível consumidor, para que este compreenda a representatividade de consumir aquele bem. Como resultado, embora o estudo de gêneros não tenha sido a finalidade inicial, e sim a averiguação do discurso como forma de poder e hegemonia, constatou-se que a ADC é mais uma via de caracterização do gênero anúncio publicitário, ao estabelecer sua estruturação e sua funcionalidade sociodiscursiva. Concluiu-se, portanto, que essa abordagem discursiva se faz importante na análise de gêneros inseridos na sociedade, especialmente aqueles com viés, ao mesmo tempo, cultural e comercial, pelas relações de poder e a disposição das funções do texto.

Sendo assim, as disposições discursivas já apresentadas contribuem para a construção e a caracterização do gênero discursivo anúncio publicitário e, conseqüentemente, para a realização do motivo de realização discursiva desse gênero, compreendido como a incitação da venda dos produtos divulgados, na plataforma virtual da marca Havaianas. Dito isso, com a pesquisa abrangente em processo de finalização, podemos salientar os pontos em comum que levam a conclusões gerais, como a disposição desses preceitos como características genéricas essenciais dos anúncios publicitários da marca Havaianas. Portanto, após a extensiva análise dos dados, concluímos que a Análise do Discurso Crítica é importante para caracterização genérica dos textos, mesmo aqueles que possuem menos criticidade de forma explícita como os anúncios publicitários, em virtude de seu caráter sistêmico e sociossemiótico, levando em consideração os preceitos expostos no ato discursivo em associação com a contextualização do período.

## Referências

COIMBRA, A. M. Histórias contadas em sala de aula: a construção da identidade social de gênero da mulher. In: MOITA LOPES, L. P. (org.) *Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*.

Campinas - SP: Mercado de Letras, 2003.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. 2 ed. Brasília: Editora da UNB, 2016.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London; New York: Routledge, 2003.

IRINEU, Lucineudo Machado (org.) et al. *Análise de discurso crítica: conceitos-chave*. 1. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2020.

MAGALHÃES, Izabel. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 113-131, 2004.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa*. Brasília: Editora da UNB, 2017.

MELO, Iran Ferreira de. Análise Crítica do Discurso: modelo de análise linguística e intervenção social. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 40 (3), p. 1335-1346, 2011.

SOUSA, M. M. F. *A linguagem do anúncio publicitário*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017.

SOUSA, M. M. F.; RODRIGUES, M. G. S. Concepções de gêneros discursivos nas abordagens sociosemióticas. *Revista Calidoscópio*. v. 18, n. 1, janeiro-abril 2020.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e poder*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

## A FORMAÇÃO DE LEITORES ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS : UM RECORTE SOBRE O *INSTAGRAM*

Jamile Freitas Cardoso<sup>1</sup>

### Introdução

Devido ao crescente uso das redes sociais, principalmente por jovens, nasce o interesse de pesquisar acerca desse espaço como meio para disseminação da leitura e, conseqüentemente, a formação de leitores. As redes sociais são espaços de bastante interação e trocas de ideias, por isso, o problema no qual este artigo se debruça é como as redes sociais podem influenciar a formação de leitores, visto que é lugar em que as pessoas estão presentes, seja consumindo conteúdo ou criando-o.

Essa questão justifica-se sob três perspectivas importantes: a primeira delas é individual, pois a pesquisadora tem uma relação próxima da leitura e das redes sociais, sendo um meio para encontrar pessoas com os mesmos interesses leitores, bem como um espaço para conhecer novos títulos e possibilidades de leitura. Do ponto de vista social, essa pesquisa tem muita relevância, pois, a maioria das pessoas, atualmente, estão nas redes sociais, portanto, podem saber que esse espaço também tem potencial de ser produtivo e relevante para o desenvolvimento da leitura, principalmente para os jovens, que muitas vezes faz uso dessas redes de maneira equivocada.

A última perspectiva é a educacional, tanto para os acadêmicos, como para professores, essa pesquisa é muito pertinente, pois é preciso influenciar a leitura de maneira leve, saudável, então entender esse universo é importante para aplicar metodologias eficazes com alunos em sala de aula.

Para além disso, o objetivo é pensar de que maneira a leitura pode ser disseminada através das redes sociais, sua relevância na vida das pessoas que consomem os conteúdos desse espaço, principalmente de jovens, utilizando o *Instagram* como ponto de partida para a compreensão.

A partir desse objetivo geral, foram segmentados outros três objetivos específicos, a fim de delimitar o trabalho, são eles: identificar de que forma o incentivo à leitura é feito através das redes sociais; demonstrar a relevância do espaço das redes sociais na vida das

---

<sup>1</sup> Pedagoga, graduada em Letras e pós graduanda em Leitura e Produção Textual. Instituto Federal Baiano. E-mail: jamilefreitas.h@gmail.com

pessoas que consomem seus conteúdos; e discutir o uso do *instagram* como espaço para formação de novos leitores.

No que se refere à metodologia, a pesquisa tem abordagem qualitativa, quanto aos procedimentos técnicos usou-se a pesquisa bibliográfica, ela foi feita seguindo critérios de análise de descritores, a partir de buscas de artigos, livros e revistas científicas em sites importantes, reconhecidos academicamente, além daqueles acumulados durante a formação acadêmica.

O referencial teórico perpassa por autores que escreveram algo que tenha relação com o tema da pesquisa, seja de forma direta ou indireta. Primeiramente, tratando-se de fomento à leitura, pensa-se logo em letramento, desta maneira, Magda Soares (2002) e Rildo Cosson (2020) foram os grandes referenciais do artigo, pois eles trazem perspectivas diferentes sobre tema, mas que conversam perfeitamente entre si, contribuindo significativamente com o trabalho.

Além disso, a temática das redes sociais é tratada no artigo por meio de correspondências que são feitas com autores que de alguma maneira falam do espaço digital, alguns de forma direta, outros de forma indireta, a própria Magda Soares (2002) fala de letramento na cibercultura.

Ademais, Roger Chartier (1998) tem uma obra que fala da relação do leitor ao longo do tempo, do códex, passando pelo livro impresso e o texto eletrônico, ele não fala diretamente de redes sociais ou de *Instagram*, porém é muito relevante, pois ele reflete sobre o tipo de leitor, a partir do suporte da leitura.

Outrossim, alguns autores fundamentaram este trabalho, alguns deles, já citados são: Roger Chartier (1998), Magda Soares (2002), Rildo Cosson (2020), que discutem o letramento de diferentes ângulos, além de Marisa Lajolo (2011) e Regina Zilberman (2011) que falam sobre leitura no Brasil, outros teóricos são citados também no trabalho a fim de contribuir com as reflexões.

Além da contribuição dos autores, alguns dados sobre a pesquisa do Instituto Pró-livro (2020) são trazidos e discutidos, ela mapeia a questão da leitura no Brasil e é primordial que educadores, família e sociedade tomem conhecimento desse mapeamento, pois assim fica mais fácil fazer as devidas intervenções.

Por conseguinte, o trabalho está organizado, além da introdução, com a metodologia, em que é apresentada a forma como o trabalho foi delimitado e uma seção com o título: O letramento literário e as redes sociais, que contém as seguintes subseções: os múltiplos

letramentos; a influência das redes sociais; o *Instagram* como ponto de partida para os leitores e a real importância da leitura para as pessoas. Cada subseção trará reflexões baseadas nos autores citados, onde é feito, também paralelos com os objetivos da pesquisa.

## 2 Metodologia

O tema deste artigo tem abordagem qualitativa visando entender o objeto de estudo, a fim de relacionar e analisar o fomento à leitura. Quanto aos procedimentos técnicos, o tipo de pesquisa será a bibliográfica, para Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica finalidade “[...] colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”, dessa maneira, a pesquisa é fundamentada com temas que estão relacionados de alguma maneira ao tema e problema. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 183).

Além disso, é preciso o uso de instrumentos para que a análise seja feita, por isso, foi realizado o levantamento bibliográfico de artigos, livros e revistas científicas, tanto em sua forma física, como digital, de forma segura e reconhecida academicamente.

Esses instrumentos foram selecionados a partir de sites como: Google acadêmico, SciELO e sites de universidades reconhecidas. O critério para a escolha foi a utilização de palavras-chave utilizadas nas buscas, livros próprios e alguns artigos e revistas científicas acumulados ao longo da graduação.

## 3 O letramento literário e as redes sociais

Nesta seção será apresentada a relação do letramento e a influência das redes sociais, haja vista que esse espaço é propício para a formação de novos leitores, sendo eles engajados com a leitura e promovendo o letramento. Essas informações estarão dispostas em três subseções, que são: os múltiplos letramentos; a influência das redes sociais e o *instagram* como ponto de partida para os leitores.

### 3.1 Os múltiplos letramentos

Quando se fala em letramento, pensa-se logo em leitura e escrita, ou até mesmo aquele sujeito considerado “letrado”, no entanto, esse pensamento é um pouco raso, visto que saber ler e escrever não é suficiente para definir letramento.

Magda Soares (2002) define letramento como: “o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita, participam competentemente de eventos de letramento.” (SOARES, 2002.

p.145). Pensando nisso, o letramento envolve o uso que o sujeito faz com a aprendizagem da leitura e escrita, levando em conta que ele é um ser histórico e social, portanto pertence à uma sociedade que está em constante mudança.

A partir dessas reflexões, uma linha de raciocínio será traçada, nesta subseção, com apoio de Magda Soares (2002), Chartier (1998) e Rildo Cosson (2020).

A forma como a sociedade lê atualmente mudou muito ao longo do tempo, Chartier (1998) diz que: “Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler.” Isso faz com que haja uma reflexão sobre o modo de leitura para cada tipo de leitor, o letramento da época do códex certamente não é o mesmo letramento que se vê hoje em dia com o avanço das tecnologias digitais. (CHARTIER, 1998, p. 77)

Outro ponto importante a discutir é à medida que o lugar em que o leitor está inserido muda, seu modo de ler vai mudar também. Dessa forma ele será um sujeito com múltiplos letramentos, pois irá interagir em diversos espaços. Soares (2002) diz que o espaço da tela muda as formas de interação, ela defende que:

Essas mudanças tenham consequências sociais, cognitivas e discursivas, e estejam, assim, configurando um letramento digital, isto é, um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel. (SOARES, 2002. p. 151)

Ou seja, aquele letramento inicial, em que Magda Soares (2002) diz que é o uso da leitura e escrita por parte do indivíduo, nesse sentido, ganha uma nova roupagem, pois quando em contato com a tela, o sujeito ressignifica sua forma de ler, ganha sentido cognitivo, social, discursivo e também participa do movimento de letramentos, no plural, como bem coloca a autora.

Pensando nisso, as redes sociais ocupam espaço importante na vida das pessoas, pois é um espaço potente de interação social, mas isso é assunto para a próxima subseção. O olhar agora é lançado para o letramento ou os letramentos, nesse caso.

Cosson (2020) é bem feliz quando diz que ao ler, abre-se uma porta entre o mundo do leitor e o mundo do outro, isso quer dizer que a leitura não é um movimento solitário, ou é? Ele acrescenta a isso a seguinte colocação:

No sentido de que lemos apenas com os nossos olhos, a leitura é, de fato, um ato solitário, mas a interpretação é um ato solidário. O trocadilho tem por objetivo mostrar que no ato da leitura está envolvido bem mais do que o movimento individual dos olhos. Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões entre os homens no tempo e no espaço. (COSSON. 2020, p.27)

O autor faz um trocadilho entre as palavras “solitário e solidário”, para dizer que a leitura é um ato em que nos debruçamos sozinhos, mas a interpretação é social e múltipla. O sentido que se faz de uma leitura é de fato múltipla, pois cada sujeito é único e fará suas interpretações da sua maneira, de acordo com suas crenças, vivências e saberes.

É nesse sentido que podemos alinhar mais uma via de pensamento do letramento através das redes sociais, pois é um espaço em que a interação é constante, a grande maioria das pessoas, em especial os jovens, tem acesso às redes sociais, é um lugar de trocas constantes, por isso, um espaço propício para a formação de novos leitores.

Obviamente, será uma forma diferente de criar vínculos e, portanto, o letramento virtual também será diferente daquele conhecido, o do papel, mais uma vez, majestosamente, Soares (2002) contribui dizendo: “o letramento na cibercultura conduz a um estado ou condição diferente daquele a que conduzem as práticas de leitura e de escrita quirográficas e tipográficas, o letramento na cultura do papel.” (SOARES, 2002. p. 146)

Ao ler na tela ou a ter contato com pessoas que leem através das redes sociais, o leitor não deixa de valorizar a cultura do papel, ou deixa de ser letrado à essa maneira, mas sim, ganha um novo sentido na cultura digital, ou seja, ele desenvolve a capacidade dos múltiplos letramentos.

### 3.2 A influência das redes sociais

Antes de tudo é importante conhecer algumas concepções primárias acerca desse universo. Pierre Lévy (1999) traz denominações quanto ao “ciberespaço” e “cibercultura”, esses termos dialogam com esta pesquisa:

O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p.17)

O importante para que seja percebido nessas concepções de Lévy (1999) é que ambos os termos colocam como sujeitos participantes os seres humanos, o ciberespaço como uma estrutura em que há a interação e a cibercultura são as atitudes que provém dessa interação. Hoje é possível incluir nesse ciberespaço as redes sociais, pois nelas também existem sujeitos que utilizam desse universo para realizar novas conexões e interação.

As famigeradas redes sociais mudaram a forma como a sociedade se comunica, assiste, come, dorme e ler, Cogo e Brignol (2011) complementa:

A noção sobre o que entendemos por rede, definida genericamente como um

conjunto de nós interconectados, caracterizada pela flexibilidade e adaptabilidade, supõe concebê-la como produto da intervenção e interação humanas sobre a materialidade tecnológica. (BRIGNOL; COGO, 2011, p.79)

Essa colocação contribui perfeitamente para a reflexão deste artigo e complementa a subseção anterior, porque uma vez que esse espaço digital é flexível, adaptável e que as interações humanas podem participar dessas mutações, esse lugar se torna ideal para que o incentivo à leitura aconteça.

Isso porque, pelas redes sociais é muito comum as pessoas terem acesso ao entretenimento, vídeos, fotos, podem interagir de todas as formas, mas ainda é um espaço pouco aproveitado para as pessoas se motivarem a ler.

É conhecido que a internet se tornou um espaço cada vez mais comum para a maioria das pessoas, e um lugar em que existem muitas possibilidades, coisas ruins e boas. No entanto, deve-se pensar nesse espaço como algo construído a partir da necessidade do ser humano, ou como explica Cogo e Brignol (2011):

Internet é, ao mesmo tempo, um produto da cultura, uma tecnologia gerada por pessoas concretas, com objetivos e prioridades contextualmente situados e definidos, além de ser conformada pelos modos a partir dos quais é comercializada e utilizada (COGO; BRIGNOL, 2011, p.87)

Haja vista que a internet é um espaço onde as pessoas interagem e fazem uso, é possível compreendê-la como um produto da cultura. Então também é um espaço histórico e social, porque a partir do momento que essas pessoas têm objetivos e prioridades, como bem coloca as autoras, a sua forma de acesso mudará com o tempo de acordo com esses objetivos, ou seja, quem é leitor pode usar as redes sociais como um espaço para buscar novas leituras, inspiração, influências de acordo com suas prioridades.

A partir desse entendimento, há ainda outra contribuição de Cogo e Brignol (2011) que complementa: “como produto e como parte da cultura contemporânea, a internet é pensada, a partir de sua lógica de redes, em sua possibilidade de estabelecer conexões e dinamizar as interações sociais entre os sujeitos que a apropriam.” (BRIGNOL; COGO, 2011, p.88)

Ou seja, a internet sendo um espaço cultural, social, histórico, certamente as pessoas farão uso dela a fim de estabelecer conexões, não apenas de rede, mas conexões com outras pessoas ou outros leitores.

Por esse entendimento, as redes sociais têm uma influência bem significativa na vida das pessoas, pois é um espaço de rápido acesso, fácil conexão e onde, muitas vezes, as pessoas se sentem mais encorajadas a falar o que pensam, o que pode ser muito ruim, mas tem seu lado positivo: o leitor não é mais solitário.

E nesse momento a reflexão sobre a potência das redes sociais na vida das pessoas pode interessar o entendimento acerca deste estudo. As pessoas lêem cada vez menos, por diversos motivos, porém estão cada vez mais nas redes sociais. Ao unir a necessidade de se tornar leitor ao acesso às redes sociais, é mais fácil promover o letramento.

### 3.3 O *instagram* como ponto de partida para leitores

Ao abrir a página online no *instagram* e inserir no local de pesquisa as palavras: “leitores”, “livros”, “leitura”, com certeza múltiplas possibilidades irão aparecer, pessoas falando de livros, fotos, dicas, entre outros conteúdos, pensando nisso, o leitor percebe que não está sozinho.

Lajolo e Zilberman (2011) dizem que: “Ser leitor, papel que, enquanto pessoa física, exercemos, é função social, para a qual se canalizam ações individuais, esforços coletivos e necessidades econômicas” (LAJOLO; ZILBERMAN. 2011, p.26). Então, é possível formar novos leitores a partir das redes sociais, em especial o *instagram*, porque o leitor tem função social e ser leitor não requer apenas esforços individuais, mas também coletivos, ou seja, uma rede de conexões em pró de um mesmo objetivo.

A fim de contextualizar, o *Instagram* é um aplicativo de rede social e:

A base de relacionamentos do *Instagram*, característica comumente presente nas redes sociais da internet, se mantém em torno de ter amigos ou seguidores, ou seja, indivíduos que estão vinculados à conta de usuários, com o intuito de acompanhar continuamente as atualizações do outro na rede. (PIZA, 2012, p. 11)

Isto significa que o *Instagram* é uma rede em que as pessoas estão conectadas e podem interagir umas com as outras e onde relações são criadas, ou seja, a sociedade faz parte desse ambiente, seja para seguir pessoas com os mesmos interesses ou para ter seguidores. Sendo um espaço onde os interesses mútuos se encontram, é importante dizer que é favorável para a formação de leitores.

Retomando Magda Soares (2002), o letramento é construído socialmente, por isso a autora defende:

Letramento designa o estado ou condição em que vivem e interagem indivíduos ou grupos sociais letrados, pode-se supor que as tecnologias de escrita, instrumentos das práticas sociais de leitura e de escrita, desempenham um papel de organização e reorganização desse estado ou condição. (SOARES, 2002. p.148)

Tomando posse da expressão “grupos sociais”, usada por de Soares (2002), ao fazer um paralelo com “rede social” usando o *instagram*, apenas nesta subseção, para representar as redes sociais, pode-se refletir que o sujeito terá subsídios suficientes para se tornar um leitor, porque esses “grupos sociais” se virtualizou, ou seja, está presente com mais facilidade no

instagram, por exemplo.

Pensando em épocas remotas, ler estava restrito a um grupo social de condição financeira elevada, o acesso a livros era escasso e, obviamente, o incentivo à leitura não existia, o uso de grupo social mudou, hoje a leitura é mais acessível, ainda que o objeto livro tenha um preço elevado, mas as formas de ler mudaram, todas as pessoas podem se conectar com outras que leem, e ter acesso a uma infinidade de possibilidades de leitura.

Já está entendido que a rede social é favorável e que o *instagram* pode contribuir muito, mas o incentivo vai acontecer de que maneira? A escola é o lugar onde as pessoas, e claro os jovens, têm acesso ao fomento da leitura, mas já é passada a hora do professor entender também que ele pode ir onde os alunos estão, Chartier (1998) pontua: “Aqueles que são considerados não-leitores leem, mas leem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima” (CHARTIER, 1998, p. 103). Isto é, no *instagram*, o sujeito já lê, as legendas, os memes, as curiosidades e afins, porém tem que haver uma preocupação de direcionar essa leitura e apresentar, também, a leitura literária.

O sujeito não apenas lê, ele também intervém nesse conteúdo, porque a rede social é uma troca, portanto o consumidor desses conteúdos (leitor) não é mero receptor “Difícil chamá-lo de receptor quando ficam evidentes os seus processos permanentes de experimentação e a sua produção constante de conteúdos e significações na web.” (BRIGNOL; COGO, 2011, p.89).

Cogo e Brignol (2011) coloca o consumidor como receptor, ou seja, o acesso não é apenas puramente para consumir o que estiver presente, mas também serve de interação, isso acontece quando o sujeito curte, comenta, compartilha, ou até mesmo não fazendo nada disso, reflete sobre aquele assunto de uma maneira ativa.

Uma exemplificação disso é quando, naquela busca ilustrada no início da subseção, o leitor encontra alguém falando de um livro e a temática lhe chama a atenção e ele busca ler, ou quando ele encontra alguém que tem os mesmos gostos literários dele e interagem a fim de construir uma colaboração a partir e sua interpretação, que segundo Cosson (2020) são solidárias.

Algo bastante interessante nas redes sociais, inclusive o *instagram*, é que a própria plataforma incentiva essas buscas. Quanto mais a pessoa acessa conteúdos sobre determinado assunto, a própria rede vai direcioná-lo para assuntos similares, ou seja, “Existem, por sua vez, tecnologias que programam padrões para agregar dados do usuário e gerar valor pelo simples uso de um aplicativo” (CYPRIANO; SANTOS. 2014, p.64). Dessa forma, é mais

fácil encontrar pessoas com os mesmos objetivos e prioridades.

#### 3.4 A real importância da leitura para as pessoas

A importância da leitura pode parecer óbvia, mas é ainda muito necessário falar sobre isso, pois o Brasil é o país que ainda há poucos leitores. Segundo a pesquisa do Instituto Pró-livro (2020), “leitor é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, p.19).

Então, não é preciso ler uma quantidade absurda de livros para ser um leitor, pois quando se trata de leitura, a qualidade é mais importante, o tempo que a pessoa se dedica à determinada leitura e as reflexões que faz a partir dela.

A leitura tem uma potente contribuição na formação do sujeito, pois a partir dela ele se torna crítico, desenvolve autonomia para fazer suas reflexões, Vieira (2015) diz que:

O letramento literário, que tem como objetivo principal formar leitores críticos, capazes de compreender parte do mundo da literatura que os cercam, portanto, não basta somente ler fragmentos de textos, resumos de obras, é preciso inserir o estudante em um mundo literário. (VIEIRA, 2015, p.118)

Dessa forma, é possível compreender que aquele processo dos múltiplos letramentos, já citados no artigo, envolve um crescimento do indivíduo que se torna leitor. Essa inserção no mundo literário se dá, claramente, com a leitura de livros, quando o sujeito se envolve nesse processo, aquela leitura de um livro a cada três meses fica muito mais fluída, porque, apesar da quantidade não ser o mais importante, quanto mais ele lê, mais vai desenvolver o senso crítico, se tornando autônomo em seus pensamentos e reflexões.

Voltando à pesquisa realizada pelo Instituto Pró-livro (2020), um dos pontos que eles analisaram foi em relação ao significado da leitura para as pessoas. A grande maioria disse que a leitura traz conhecimento. Conhecimento é poder, então se as pessoas entendem que a leitura possibilita isso a elas, então esse hábito torna o sujeito potente, e esse poder é trazido a partir do lugar que o leitor pode chegar, a emancipação gerada através da construção desse conhecimento.

A leitura pode levar o leitor a lugares em que ele se torne autônomo de fato, ou seja, ao ler uma reportagem, um anúncio ou uma entrevista de alguém influente, ele fará suas próprias considerações, não baseada em “achismos”, mas em reflexões que foram possíveis fazer porque o poder de autonomia de pensamento foi desenvolvido.

Além dessas questões, a leitura traz uma contribuição bem interessante que é a questão estrutural dos textos, isso quer dizer que, a medida que o indivíduo lê, ele estará mais acostumado com as normas gramaticais, que também são importantes: o desenvolvimento de

vocabulário, uso correto de pontuação, acentuação entre outros, porque a maioria dos textos são escritos seguindo essas premissas gramaticais. Obviamente, que isso não é tudo, mas é muito importante ter conhecimento, em especial os jovens, estudantes que estão nesse processo de aprendizagem da língua.

Outro aspecto importante a salientar é em relação ao tratamento que é dado à leitura muitas vezes, ela é utilizada apenas para entender a estrutura do texto e aspectos gramaticais. Isso é importante, mas a leitura é um processo individual e também social, como Cosson (2020) já citou, sua interpretação é solidária.

Então é preciso considerar no momento da leitura que as vivências do leitor também entram em ação e conversam com o texto:

A leitura é algo muito amplo, não pode apenas ser considerada como uma interpretação dos signos do alfabeto. Produz sentido, ou seja, surge da vivência de cada um, é posta como prática na compreensão do mundo na qual o sujeito está inserido. (BRITO, 2010, p.09)

Dessa forma, quando alguém entra em contato com a leitura, constrói uma interpretação baseada, também, em suas experiências de vida, isso quer dizer que a importância da leitura vai além de tornar o sujeito crítico e autônomo, torna ele um participante ativo da formação social. Concomitante com essa reflexão, Paulo Freire (1989) diz que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, p.09).

A partir do momento que o sujeito usa sua realidade para intervir na leitura, ele também muda a concepção que tem da sua própria estrutura social. É por isso que é importante entender o que a leitura pode fazer para transformar a realidade de uma pessoa. Quando essa transformação é compreendida, fica mais fácil de disseminar o poder da leitura, incentivar jovens, seja na escola ou nas redes sociais é um ato significativo, porque esse movimento pode mudar a realidade deles.

#### **4 Considerações finais**

Por fim, as ideias que predominaram no texto, como um todo, foram a existência dos múltiplos letramentos; a possibilidade das redes sociais para os leitores; instagram como espaço propício para essa interação e a importância da leitura para as pessoas.

Nesta pesquisa, buscou-se entender a influência que as redes sociais podem ter sobre a formação dos leitores, além de demonstrar esse espaço como ideal para esse fomento à leitura

e conseqüentemente para o letramento.

Dessa maneira, é preciso refletir que esse trabalho é apenas a “ponta do *iceberg*”, há muito o que pesquisar sobre o assunto, pois como foi dito em vários momentos no texto, as redes sociais tem um potencial de influenciar grandioso, as pessoas fazem buscas constantes por tudo que está “viralizando” no momento, então por que não fazer com que a leitura faça parte desse “viral” também.

Cypriano e Santos (2014) alerta para “A atenção aos limites que sustentam um mínimo de igualdade e reciprocidade é uma das principais regras dos jogos sociais que são característicos da sociabilidade” (CYPRIANO; SANTOS. 2014, p.71). Assim dizendo, a reciprocidade é o vínculo dessas pessoas, elas criam comunidades nas redes sociais para falarem da mesma coisa, pois tem o mesmo objetivo e prioridade.

Algumas colocações também podem ser consideradas quando se trata de redes sociais e acesso à internet, infelizmente, ainda há pessoas à margem da sociedade que não possuem o acesso, isso implica um problema de letramento, pois como foi colocado no texto, o espaço digital desenvolve um sujeito com múltiplos letramentos, essa questão é para ser pensada em discutida mais profundamente.

É importante salientar também a importância da leitura na vida das pessoas, no artigo apresentou-se uma pesquisa do Instituto Pró-livro (2020), que faz essa coleta de dados acerca da situação da leitura no Brasil. É imprescindível que todos conheçam esse trabalho, professores, alunos, licenciandos, a família e sociedade em geral, porque esse mapeamento permite um olhar de reação para a situação brasileira de leitores. Essa reação é no sentido de aprimorar e mudar essa realidade.

Infelizmente, muitas pessoas no país ainda não têm acesso à livros, e esse incentivo não acontece nem por parte do poder público, nem por parte da sociedade, a escola muitas vezes que fica com essa responsabilidade. É nesse momento, que mais uma vez, a importância do alcance das redes sociais, através desse espaço, os jovens terão maior contato com a leitura, e também, com as inúmeras possibilidades de interação com outros leitores.

Paulo Freire (1989) realizou um papel muito importante na educação e se tornou uma das referências para educadores e para educação, por isso ele também se fez presente neste artigo. Quando ele fala que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ele diz que para além de movimentos mecânicos da leitura, é preciso refletir sobre a realidade do sujeito, o que esse indivíduo traz de vivência para o que lê. (FREIRE, 1989, p.09)

Além disso, pode-se pensar, posteriormente, a concepção que as pessoas fazem das

redes sociais, pois muitas vezes, é visto como um espaço em que se “perde tempo”, mas não é apenas isso, é um lugar de trocas, interações, construções, e é possível aproveitar-se desse espaço para o fomento da leitura. Dessa maneira a reflexão que fica é que independente do espaço é sempre essencial fomentar a leitura, as redes sociais, como o *instagram* pode tornar a disseminação mais fácil, leve e fluído, também desmistificando que ler é um hábito enfadonho.

## Referências

BRIGNOL, Liliane Dutra; COGO, Denise. Redes sociais e os estudos de recepção na internet. In: **Revista Matrizes**. ano 4 – nº 2 jan./jun. 2011 - São Paulo. p. 75-92. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38293/41117>> Acesso em: 08. fev. 2023

BRITO, Danielle Santos de. A importância da leitura na formação social do indivíduo. In: **Revela**. Ano 4. n.8 São Paulo. Jun. 2010.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP. 1998

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. 10ª reimpressão. São Paulo. Editora Contexto, 2020.

CYPRIANO, Cristina Petersen; SANTOS, Francisco Coelho dos. Redes Sociais, redes de sociabilidade. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v.29. n. 85. jun/2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/k5ykGdRVvtzwfCq9Twh6ZGq/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 08. fev. 2023

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. Brasil: 2020. 5ª edição. Disponível em: <[https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a\\_edicao\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_no\\_Brasil\\_IPL-compactado.pdf](https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPL-compactado.pdf)> Acesso em: 13. Fev. 2023

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. O leitor, esse desconhecido. In: **A formação da leitura no Brasil**. 1.ed. - São Paulo : Ática, 2011 cap.1 p. 26-31.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica 1**. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 1ª ed. São Paulo. Editora 34, 1999.

PIZA, Mariana Vassalo. **O fenômeno instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica**. In: Monografia (graduação)—Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, 2012. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/3243>> Acesso em: 10. fev. 2023

SOARES. Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In: **Revista Cedes**: Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002

VIEIRA. Hilluska de Figueredo Sousa Carneiro. Letramento literário: um caminho possível. In: **Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras/UFGD**. Mato Grosso do Sul. Jul/dez. 2015 v.4 n.7. Disponível em: <  
<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/arredia/article/view/4307>> Acesso em: 13. fev. 2023

## SENTIDO DE TELETRABALHO, NO BRASIL, NA LEGISLAÇÃO TRABALHISTA E EM TEXTOS DE IMPRENSA PUBLICADOS DE 2017 A 2020

Larissa Amaral Oliveira (UESB/PPGLin)<sup>1</sup>

Débora Teixeira Alves (UESB/PPGLin/CAPES)<sup>2</sup>

Jorge Viana Santos (UESB/PPGLin/FAPESB)<sup>3</sup>

### 1. Introdução

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). O objetivo principal dessa pesquisa é investigar os diferentes sentidos atribuídos ao teletrabalho, com foco na análise das mudanças legislativas ocorridas em 2017 e em alguns textos de imprensa publicados entre 2017 e 2020. Essas alterações foram implementadas por meio da Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017, com o intuito de equiparar os efeitos jurídicos da subordinação exercida por meios telemáticos e informatizados àquela exercida de maneira pessoal e direta.

No contexto atual, o teletrabalho tem se tornado cada vez mais relevante e difundido, principalmente devido aos avanços tecnológicos e à necessidade de flexibilidade no ambiente de trabalho. Essa modalidade permite que os profissionais executem suas atividades remotamente, utilizando ferramentas de comunicação e tecnologia para se conectarem com suas equipes e realizarem suas tarefas.

No entanto, a legislação trabalhista precisou ser adaptada para abranger o teletrabalho e garantir a proteção dos direitos trabalhistas dos indivíduos envolvidos nessa modalidade. As alterações realizadas em 2017 visaram estabelecer uma base jurídica sólida para o

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), membro do Laboratório de Pesquisa em Linguística de Corpus (Lapelinc) e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Semântica (GEPES). E-mail: larissa.jus.oliveira@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), membro do Laboratório de Pesquisa em Linguística de Corpus (Lapelinc) e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Semântica (GEPES). Bolsista CAPES. E-mail: [deborafatsus@gmail.com](mailto:deborafatsus@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin-UESB), campus de Vitória da Conquista (UESB/PPGLin/DELL/Brasil). E-mail: viana.jorge.viana@uesb.edu.br.

teletrabalho, equiparando seus efeitos àqueles decorrentes da subordinação presencial tradicional.

Dessa forma, o presente estudo se propõe a analisar o sentido atribuído ao teletrabalho a partir das mudanças legais ocorridas em 2017, tanto na legislação quanto em textos de imprensa publicados em período contemporâneo à entrada em vigência da lei. É importante compreender como a legislação trabalhista define e regula essa modalidade, levando em consideração a natureza da subordinação exercida por meios telemáticos e informatizados.

Nossa análise se concentrará nas definições e nos parâmetros estabelecidos pela Lei nº 13.467/2017, a fim de identificar os efeitos jurídicos do teletrabalho no contexto da subordinação. Investigaremos como a lei equipara as obrigações e direitos do teletrabalhador em relação àqueles que trabalham de forma presencial.

Além disso, também examinaremos as implicações dessas mudanças legais para empregadores e trabalhadores. É fundamental compreender como o teletrabalho afeta as relações de trabalho, tanto em termos de direitos e deveres quanto de aspectos práticos, como a organização do trabalho, a remuneração e a proteção social.

Para alcançar esses objetivos, utilizaremos métodos de análise documental, examinando a legislação trabalhista que incluiu o teletrabalho bem como em textos jornalísticos publicados no G1 – Portal de Notícias. Essa abordagem nos permitirá explorar e compreender em profundidade o sentido e o impacto das mudanças legislativas em relação ao teletrabalho, sob a perspectiva de como o sentido do teletrabalho foi absorvido e difundido.

Esperamos que este estudo contribua para o campo da linguística e do direito do trabalho, fornecendo uma análise semântica e embasada das mudanças ocorridas na legislação trabalhista em relação ao teletrabalho. A compreensão aprofundada dessas questões é fundamental para garantir relações de trabalho justas e adequadas no contexto contemporâneo, promovendo o equilíbrio entre as necessidades dos empregadores e os direitos dos trabalhadores.

## **2. Pressupostos teórico metodológicos: Semântica do Acontecimento**

A metodologia utilizada para desenvolver este trabalho se fundamentou na teoria do semanticista Eduardo Guimarães (2002; 2005; 2007; 2018), o qual apresenta a semântica como “a disciplina científica que estuda a significação da linguagem” (2018, p. 13). A definição apresentada pelo semanticista importa, necessariamente, na compreensão do que

vem a ser o termo “significação”.

Guimarães (2018) explica que a significação é o que se apresenta por aquilo que se diz. Para o autor, trata-se de considerar *o que se diz*, ou seja, algo que se caracteriza por ter ocorrido e ocorrido porque alguém disse (...) a significação é, portanto, produzida pela *enunciação*, por alguém de algum material de linguagem específico.

A *enunciação*, por sua vez, “é o que ocorre quando alguém diz algo, quando um falante de uma língua diz uma sequência que é, de alguma maneira, reconhecida pelos falantes desta língua” (GUIMARÃES, 2018, p. 14). A *enunciação*, desse modo, se refere a um *acontecimento do dizer* e é composta por enunciados que representam a unidade de análise para a semântica (GUIMARÃES, 2018, p. 19), sendo que ele – o enunciado – se estabelece na sua relação de integração ao texto. Guimarães (2018) conclui que:

(...) a enunciação é um acontecimento que produz sentido. Ou seja, o sentido se produz pela enunciação, pelo acontecimento de funcionamento da língua. E este acontecimento se apresenta como se dando pela existência de uma língua, por que há falantes que são tomados enquanto falantes pela relação com tal língua (...) enquanto língua destes falantes. (...) o falante (...) é um lugar de enunciação determinado pela relação com a língua, no que chamamos de espaço de enunciação. (GUIMARÃES, 2018, p. 22)

Como método de análise dos enunciados na busca da compreensão dos seus sentidos, a teoria da Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2005; 2007; 2009; 2011), utiliza os procedimentos de análise: reescrituração e articulação, Domínio Semântico de Determinação.

Na definição de Guimarães (2009, p. 51), a “articulação é o procedimento pelo qual se estabelecem relações semânticas em virtude do modo como os elementos linguísticos, pelo agenciamento enunciativo, significam sua contiguidade”, em outras palavras, como os elementos linguísticos contíguos se relacionam a partir da sua relação e da relação do falante com aquilo que se fala. Essa articulação pode se dar por dependência, quando os elementos constituem uma única unidade; por coordenação, quando há junção de elementos da mesma natureza organizados como um só; e por incidência, quando há uma relação entre um elemento e outro sem que haja relação de dependência.

A reescrituração, por sua vez, “consiste em se redizer o que já foi dito” (GUIMARÃES; 2009, p. 53) e possui como característica “uma relação com elementos à distância, que podem eventualmente estar contíguos” (GUIMARÃES; 2009, p. 53) e pode se dar por repetição; substituição, quando há relação simétrica; elipse, quando o termo pode ser subentendido a partir do contexto; expansão, quando se retoma a relação ampliando-a;

condensação, quando há retomada da relação de forma sintética; e, definição.

O Domínio Semântico de Determinação (DSD) representa uma interpretação do processo de análise e deve ser capaz de explicar o funcionamento do sentido da palavra no corpus especificado. O DSD é construído pela análise das relações de uma palavra com as outras que a determinam em textos em que funciona.

Conforme Guimarães (2018, p. 157), para a construção dos domínios semânticos de determinação, graficamente, utiliza-se os seguintes sinais:  $\top$ ,  $\perp$ ,  $\dashv$ ,  $\vdash$ , em que o elemento que está na ponta determina o elemento que está após o traço; Para representar relações de sinonímia, usa-se o seguinte traço: ----- e para representar relações de oposição, utiliza-se o traço contínuo \_\_\_ que divide o DSD, indicando os sentidos de oposição. Assim, através do DSD, observamos as relações de sentido estabelecidas em determinado enunciado.

Para o desenvolvimento deste trabalho, a metodologia compreendeu a seleção de excertos do corpus que: a) a palavra *teletrabalho* está expressamente escrita no texto em análise; b) a palavra *teletrabalho* aparece articulada com outros elementos linguísticos; e c) é possível recuperar a palavra *teletrabalho* do contexto, a partir do procedimento de reescrituração.

## 2. ANÁLISES E DISCUSSÕES

A partir das análises, chegamos aos seguintes sentidos de **teletrabalho**:

### 2.1 TELETRABALHO É RESPONSABILIDADE DO TRABALHADOR

Observemos o excerto 1:

#### Excerto 1

Autonomia, autodisciplina e processos de trabalho. O **home office** ou **teletrabalho**, regulamentado pela reforma trabalhista, é **uma tendência apreciada tanto pelas empresas como pelos seus colaboradores**, por aliar **economia de recursos com qualidade de vida no trabalho**. Para **funcionar bem**, requer organização, capacidade de gestão do tempo, planejamento do trabalho a partir de processos e bastante autocontrole. (RAMAL, Andrea, 2017)

No excerto (1), a palavra *teletrabalho* aparece como reescritura de *home office* articuladas pela conjunção *ou* que indica uma relação de sinonímia entre os dois termos. Em seguida, a palavra *teletrabalho* é caracterizada pela articulação *regulamentado pela reforma*

*trabalhista* que aponta para ideia de que essa forma de trabalho estava funcionando ainda sem regulamentação.

No excerto, notamos ainda que a palavra *teletrabalho* aparece reescriturada por definição pela sequência *é uma tendência apreciada tanto pelas empresas como pelos seus colaboradores*. Nessa sequência, observa-se que a forma verbal no participio *apreciada* produz o sentido de que o teletrabalho é considerado benéfico, tanto para o trabalhador quanto para a empresa.

A justificativa para essa ideia aparece na articulação *por aliar economia de recursos com qualidade de vida no trabalho*. Nessa articulação, vemos que *teletrabalho* liga-se ao sentido de *economia de recursos* que se relaciona à empresa e à *qualidade de vida* que se relaciona ao trabalhador.

Entretanto no último enunciado do recorte, vemos que para o funcionamento dessa modalidade de trabalho, a responsabilidade está centrada no trabalhador, como podemos ver em: *Para funcionar bem, requer organização, capacidade de gestão do tempo, planejamento do trabalho a partir de processos e bastante autocontrole*. Aqui, a palavra *teletrabalho* é reescrita por elipse como sujeito do verbo *requer*.

## 2.2 A LEI SOBRE TELETRABALHO NEGLIGENCIA O TRABALHADOR

Observemos o excerto 2:

Excerto 2

O que é trabalho home office?

**Ele** também é chamado **teletrabalho** ou a pessoa que trabalha em casa. **Ele não era regulamentado**. Agora tudo que o trabalhador utilizar em casa será formalizado em um contrato com o patrão, como equipamentos, gasto com energia e internet. O contrato de trabalho, que será anotado em carteira, tem remuneração por tarefa. A novidade da lei é que quem trabalha em casa não terá direito a hora extra. (RIBEIRÃO E FRANCA, 2017)

No excerto 2, a palavra *teletrabalho* reescritura o pronome *Ele* e este, por sua vez, reescritura a palavra *home office*. A palavra *teletrabalho* integra uma articulação sustentada pela conjunção *ou* que produz uma relação de sinonímia, de forma que *teletrabalho* aparece como sinônimo de *pessoa que trabalha em casa*.

No trecho, a palavra *teletrabalho* é reescriturada pelo pronome *Ele* em: *Ele não era regulamentado*. Aqui, notamos que essa modalidade de trabalho já existia, mas não havia até então lei que o regulamentasse. A palavra *regulamentado* que caracteriza *teletrabalho* é

reescrita por expansão no trecho seguinte, no qual aparecem as características que constarão no contrato de trabalho, entre elas: *equipamentos, gasto com energia e internet*.

No trecho, a palavra *teletrabalho* é reescriturada ainda pela sequência *quem trabalha em casa* no enunciado: [...] quem trabalha em casa não terá direito a hora extra, o qual podemos parafrasear por: *teletrabalho não dá direito a hora extra*.

Na paráfrase, notamos que há a retirada da remuneração por eventual jornada extraordinária realizada. Isso nos mostra que a nova modalidade de trabalho, ao mesmo tempo em que traz características de flexibilidade de horário ao trabalhador, inexistem parâmetros quanto ao limite de demandas/tarefas a serem atribuídas e aos prazos para o seu cumprimento.

### 2.3 TELETRABALHO É ATIVIDADE HÍBRIDA

Por fim, observemos o excerto 3:

Excerto 3

(...) No **home office** ou **teletrabalho**, não haverá controle de jornada, e a remuneração será por tarefa. No **contrato de trabalho** deverão constar as atividades desempenhadas, regras para equipamentos e responsabilidades pelas despesas. O **comparecimento às dependências do empregador** para a realização de atividades específicas não descaracteriza o home office. (CAVALLINI, Marta, 2017)

No excerto 3, a palavra *teletrabalho* aparece novamente como sinônimo de *home office*. Em seguida, ela aparece articulada ao enunciado *não haverá controle de jornada, e a remuneração será por tarefa* que especifica seu sentido, ou seja, cabe ao trabalhador controlar o seu tempo e produção, já que se a tarefa não for cumprida, ele não será remunerado.

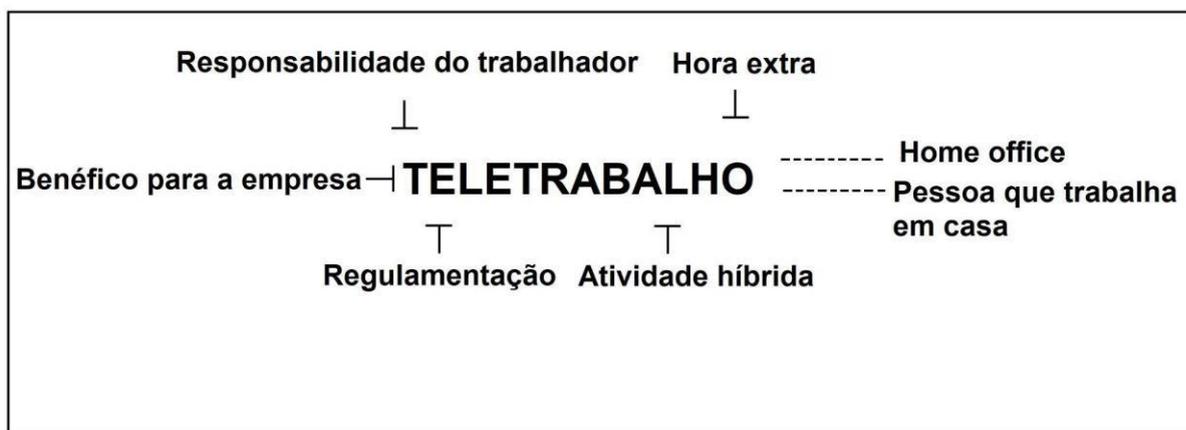
No trecho, a palavra *teletrabalho* é reescrita por elipse em *No contrato de trabalho deverão constar [...]*, no qual aparecem as formalidades do contrato de trabalho.

Por fim, a palavra *teletrabalho* é reescriturada por *home office* no enunciado: *O comparecimento às dependências do empregador para a realização de atividades específicas não descaracteriza o home office*. Nesse enunciado, nota-se que *teletrabalho* se apresenta como atividade híbrida, de forma que o empregado além de exercer a sua atividade laboral em casa teria que comparecer na empresa.

### 3. DSD – Domínio Semântico de Determinação

No DSD, notamos que a palavra *teletrabalho* tem seus sentidos determinados por regulamentação, hora extra, atividade híbrida, além de apresentar sentidos que apontam para a

responsabilidade do trabalhador e benefício para a empresa. Além disso, *teletrabalho* é sinônimo de Home office e pessoa que trabalha em casa.



Fonte : Elaboração própria

### Considerações finais

Durante as análises realizadas, pôde-se observar a presença de características recorrentes no contexto do *teletrabalho*. Essas características abrangem **competências essenciais** que devem ser **identificadas nos trabalhadores** que exercem suas funções fora das instalações do empregador, principalmente em ambientes domésticos.

Além disso, também foram identificadas características relacionadas às **formalidades do contrato de trabalho**. É importante salientar que esses aspectos são frequentemente encontrados no contexto do teletrabalho e devem ser considerados tanto pelos empregadores quanto pelos trabalhadores para garantir a eficiência e o cumprimento das obrigações trabalhistas nesse tipo de arranjo laboral.

No que diz respeito à primeira questão, os textos evidenciam um conjunto de habilidades que se relacionam com a organização, capacidade de gerir o tempo de forma eficiente, planejamento das tarefas a serem executadas e autocontrole. Essas habilidades são fundamentais para o teletrabalho, uma vez que os trabalhadores precisam se autoestruturar e gerenciar suas atividades de forma autônoma.

A capacidade de organizar-se, estabelecer prioridades e manter o foco são elementos-chave para o sucesso do teletrabalho, permitindo um desempenho efetivo e alcançando resultados satisfatórios no ambiente de trabalho remoto.

Com relação à forma, a análise evidencia a importância de registrar as informações

pertinentes na carteira de trabalho, bem como formalizar aditivos contratuais, de acordo com a nova legislação, a fim de regularizar o teletrabalho. Além disso, destaca-se a necessidade de obter a concordância do empregado ou, em sua ausência, do sindicato, para a implementação dessa nova modalidade de trabalho. Essas medidas visam assegurar a conformidade legal e garantir a devida estruturação do teletrabalho dentro das normas trabalhistas vigentes.

Os excertos analisados materializam dois pontos importantes quanto à regulamentação do teletrabalho, no ano de 2017, sendo elas:

- a) A transformação do teletrabalhador em um “super” empregado que é capaz de acumular competências diversas.
- b) Demonstra a necessidade de formalizar as contratações e definir os parâmetros do seu desempenho bem como e, especialmente, a distribuição dos ônus derivados do exercício do trabalho no ambiente doméstico, seja quanto aos custos operacionais, seja quanto ao retorno de produtividade do empregado.

## Referências

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*, promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.html)>. Acesso em 16 de maio de 2022.

CORREIA, Henrique; MIESSA, Élison. *Manual da Reforma Trabalhista*. Salvador, BA: Editora JusPODIVM, 2018.

FERRARI, Irany; NASCIMENTO, Amauri Mascaro; MARTINS FILHO, Ives Gandra da Silva. *História do trabalho, do direito do trabalho e da justiça do trabalho*. - 3. ed. – São Paulo : LTr, 2011.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os Limites do Sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 2005.

GUIMARÃES, Eduardo; MOLLICA, Maria Cecília (org.). *A Palavra: forma e sentido*. Campinas, SP: Pontes Editora, RG Editores, 2007.

GUIMARÃES, E. *Semântica: enunciação e sentido*. Campinas: Pontes Editores, 2018.

G1 - Portal de Notícias. RAMAL, Andrea. *Sete competências para as escolas e faculdades se*

*adaptarem ao novo mercado profissional.* Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/blog/andrea-ramal/post/sete-competencias-para-escolas-e-faculdades-se-adaptarem-ao-novo-mercado-profissional.html>>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.

G1 - Portal de Notícias. RIBEIRÃO E FRANCA. *Como a reforma trabalhista influencia as regras da Previdência? Especialista esclarece pontos.* Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/pode-perguntar/noticia/como-a-reforma-trabalhista-influencia-as-regras-da-previdencia-especialista-esclarece-pontos.ghtml>>. Acesso em: 21 de novembro de 2022.

G1 - Portal de Notícias. D'AVILA, Renato. *Reforma trabalhista x Lei de Cotas.* Disponível em: <<https://g1.globo.com/se/sergipe/blog/novo-olhar/post/reforma-trabalhista-x-lei-de-cotas.html>>. Acesso em: 21 de novembro de 2022.

G1 - Portal de Notícias. CAVALLINI, Marta. *Nova lei trabalhista: veja pontos que precisam de negociação para entrar em vigor.* Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/nova-lei-trabalhista-veja-pontos-que-precisam-de-negociacao-para-entrar-em-vigor.ghtml>>. Acesso em: 21 de novembro de 2022.

G1 - Portal de Notícias. *Nova lei trabalhista: jornada pode chegar a 12 horas; veja o que muda.* Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/nova-lei-trabalhista-jornada-pode-chegar-a-12-horas-veja-o-que-muda.ghtml>>. Acesso em: 21 de novembro de 2022.

G1 - Portal de Notícias. CAVALLINI, Marta. *Nova lei trabalhista cria regras para home office.* Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/nova-lei-trabalhista-cria-regras-para-home-office-entenda.ghtml>>. Acesso em: 21 de novembro de 2022.

G1 - Portal de Notícias. ALVARENGA, D.; CAVALLINI, M. *Empresas devem adotar gradativamente novidades da lei trabalhista.* Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/empresas-devem-adotar-gradativamente-novidades-da-lei-trabalhista.ghtml>>. Acesso em: 21 de novembro de 2022.

G1 - Portal de Notícias. CAVALLINI, Marta. *Nova lei trabalhista entra em vigor no sábado; veja as principais mudanças.* Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/nova-lei-trabalhista-entra-em-vigor-no-sabado-veja-as-principais-mudancas.ghtml>>. Acesso em: 23 de novembro de 2022.

## A PESQUISA NA LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS: TEMAS, OBJETIVOS, MÉTODOS E CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA<sup>1</sup>

Luana Ferreira dos Santos<sup>2</sup>  
Shirlei Marly Alves<sup>3</sup>

### Introdução

Desde o seu surgimento, a universidade tem como missão cultivar e transmitir o saber acumulado pela humanidade, buscando adaptar-se às diferentes realidades surgidas em função das transformações históricas por que passam as sociedades. Nesse contexto, “sob o impacto determinado por novas exigências, constatou-se a necessidade de ampliar os conhecimentos, produzir novos saberes, e o meio privilegiado foi a pesquisa” (Wanderley, 2003, p. 38), ou seja, na universidade, enquanto o ensino se estabelece como propiciador do cultivo e da difusão de saberes, a pesquisa decorre das necessidades de ampliação de conhecimentos e descobertas, verificando-se a imperiosa necessidade de integração entre essas finalidades, visto que o ensino se enriquece com a pesquisa, enquanto esta propicia-lhe novos temas, proposições, métodos etc.

A pesquisa científica é, assim, uma atividade de produção de conhecimento com a qual a Universidade, historicamente, cumpre seu papel social de contribuir para o avanço do saber e para a melhoria das condições de vida da sociedade. As universidades, portanto, têm a função precípua de formar para a pesquisa, devendo fomentar em seus quadros essa atividade basilar que a sustenta, contribuindo decisivamente, com a geração de conhecimentos, para o avanço e o desenvolvimento da sociedade, como corrobora Aguiar e Pereira (2007, p. 8): “À Universidade é reservada, por sua vocação, a tarefa de produzir conhecimento novo, transmiti-lo às novas gerações e dirigi-lo ao bem-estar social”.

No contexto universitário brasileiro, em se tratando dos cursos de licenciatura, a ênfase na pesquisa como processo de formação se faz presente na Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Segundo esse

---

<sup>1</sup> Este estudo desenvolveu-se no contexto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Estadual do Piauí.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Letras Português. Universidade Estadual do Piauí. Bolsista do PIBIC.

<sup>3</sup> Doutora em Letras/Linguística. Universidade Estadual do Piauí. Vinculada ao Núcleo de Estudos em Linguagem, Tecnologias e Ensino (NELTE).

documento, os cursos devem ter como um de seus fundamentos pedagógicos o “reconhecimento da escola de Educação Básica como lugar privilegiado da formação inicial do professor, da sua prática e **da sua pesquisa**”. (BRASIL, 2019, grifo nosso).

Entendemos, de acordo com o documento supracitado, que, em sua formação, o licenciando deve ser incentivado a não apenas ver a escola como um ambiente de prática, mas também considerá-la como um “objeto a ser desvendado”, isto é, transformá-la, com seus diversos componentes, em objeto de investigações sistemáticas. Desse modo, pode ampliar sua compreensão sobre aquele que será seu futuro ambiente de trabalho, ao tempo em que pode perceber a importância de incorporar a atividade de pesquisa em seu fazer pedagógico, fortalecendo-se como professor pesquisador, cujo principal trunfo é a autonomia adquirida nos processos em que ele mesmo constrói conhecimentos. Nesse sentido, ratificamos o pensamento de Bortoni-Ricardo (2008, p. 46) de que “O professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais de forma a melhorar sua prática.”

Com base nessas orientações, lançamos um olhar para um curso de licenciatura em Letras Português de um campus da Universidade Estadual do Piauí, analisando, especificamente, as pesquisas desenvolvidas pelos licenciandos em seus trabalhos de conclusão (TCC) nos últimos cinco anos (2017-2022). O objetivo é verificar o que tem sido explorado em termos de temáticas, objetivos, metodologia e suas convergências com o ensino e aprendizagem de língua portuguesa na Educação Básica.

Esta pesquisa situa-se em uma linhagem de trabalhos investigativos que visam identificar paradigmas e tendências em determinadas áreas (Moreira, 2004), vislumbrando que seus resultados propiciarão um panorama da produção de conhecimentos pelos licenciandos do curso investigado, o qual pode servir de base para reflexões sobre os caminhos epistemológicos e metodológicos que demarcam a identidade do curso, bem como para a concretização do que é preceituado no documento orientador: BNC-Formação.

### **Fundamentos teóricos**

Este estudo se alinha com outros trabalhos investigativos de vertente epistemológica que visam identificar paradigmas e tendências em determinadas áreas, a exemplo, no caso específico de estudos na área de Letras, do trabalho de Moita Lopes (1998), que fez um levantamento das tradições e caminhos epistêmicos da pesquisa sobre o ensino de língua

portuguesa; de Oliveira (2009), que realizou um mapeamento do conhecimento literário produzido na academia, visando detectar paradigmas dominantes, e o de Paiva (2019, p. 8), em cujo estudo se encontra um levantamento de objetivos de pesquisas na área de Linguística Aplicada.

Segundo Moreira (2004, p. 22), citando Noronha e Ferreira (2000, p. 191), trata-se de

estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da-arte sobre um tópico específico, evidenciando novas idéias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada.

Trabalhos dessa natureza são denominados de *metapesquisa*, por se configurarem como “pesquisa sobre pesquisas ou, ainda, pesquisa que busca explicar o processo de pesquisa sobre um tema ou de uma área ou campo específico” (Mainardes, 2018, p. 305). Trata-se de “estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da-arte sobre um tópico específico, evidenciando novas idéias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada” (Noronha; Ferreira, 2000, p. 191 *apud* Moreira, 2004, p. 22).

Os resultados dessas pesquisas contribuem, sobretudo, para o conhecimento sistematizado acerca de tendências de estudos já realizados, dando base para reflexões relativas à epistemologia e à metodologia que demarcam as áreas. Geralmente com *design* de revisões sistemáticas, de acordo com Moreira (2004, p. 21), tais pesquisas assumem uma dimensão altamente funcional no âmbito acadêmico, visto que os resultados propiciam uma visão de conjunto acerca das opções e condução das pesquisas em diferentes áreas, favorecendo aos pesquisadores um acesso facilitado ao estado da arte em determinados campos ou temas. Assim, “por seu aspecto sumarizador, principalmente, assumem importante função orgânica, [pois] Muitas vezes consome-se mais tempo tentando identificar se determinado estudo já foi realizado anteriormente do que o realizando de fato.”

## Metodologia

Esta pesquisa se classifica como básica, visto que o propósito é investigar os conhecimentos gerados no curso de Letras Português, com vistas à sistematização de temas e metodologias adotados pelos licenciandos pesquisadores e ainda das contribuições previstas para o ensino de língua materna na Educação Básica.

O curso de licenciatura em Letras Português foi selecionado em função dos seguintes critérios: no ano de 2022, o campus e o curso de Letras Português da instituição completaram 20 anos de existência e funcionamento, provendo-se um resgate histórico parcial da produção de conhecimentos nesse contexto. Destaca-se que foi no ano de 2007 que o TCC passou a ser obrigatório no referido curso, fazendo, portanto, 15 anos que essa atividade faz parte do processo de formação dos estudantes, considerando-se o ano de 2022 como limite temporal da pesquisa, na qual se optou por recorte de 5 anos (2017-2022), ou seja, a produção mais recente, em função do tempo para a investigação.

Quanto às fontes, desenvolveu-se uma pesquisa secundária, pois os dados provieram de pesquisas já realizadas e divulgadas (Paiva, 2019) – os TCCs da licenciatura em Letras Português, disponibilizados na biblioteca do *campus* selecionado. Por essa mesma razão, a pesquisa, quanto à fonte dos dados, também pode ser classificada como documental, já que se investigaram “documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum outro autor” (Helder, 2006, p. 1 *apud* Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009, p. 3).

Considerar os TCCs como documentos se justifica por se tratar de fontes primárias, ou seja, trazem dados originais que possibilitam ao pesquisador um contato direto com os fatos a serem analisados, ou seja, é ele mesmo quem os analisa. (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009).

Em função dos objetivos, esta pesquisa se caracteriza como descritiva, visto que dela emerge um panorama caracterizador da produção de conhecimentos no âmbito do curso investigado.

A abordagem dos dados é quantiquantitativa, pois alguns dos objetivos específicos, para serem alcançados, demandaram levantamentos de aspectos em termos de quantidades/predominâncias. A abordagem qualitativa se fez necessária no que diz respeito à identificação de concepções acerca da relação entre os achados das pesquisas e suas repercussões na Educação Básica, com gestos interpretativos das pesquisadoras.

Os dados foram coletados, em consonância com os objetivos específicos, em uma ficha elaborada pelas pesquisadoras, composta pelos itens: ano de defesa, título do TCC, área, tema, objetivos, classificação da pesquisa quanto à metodologia e evidências de vinculação com a Educação Básica.

Para este artigo, selecionamos uma amostra daqueles que evidenciam algum tipo de vinculação com a Educação Básica, sendo que, em função do espaço, apresentamos apenas 4 , TCCs, tendo sido selecionados um com defesa em cada ano do período estipulado.

### **Contexto de produção da pesquisa no curso de Letras Português**

Conforme o Projeto Pedagógico do Curso de Letras Português (PPC), o trabalho de conclusão de curso (TCC) “proporciona ao discente fazer investigação científica que, como tal, deverá estimular procedimentos da metodologia da pesquisa. Um dos pilares que justificam a presença do TCC nos cursos de graduação é despertar o interesse pela pesquisa e pela produção do conhecimento” (UESPI, 2012).

Importante mencionar que o curso se organiza em duas grandes áreas de estudos – Linguística e Literatura –, incluindo-se também disciplinas de formação pedagógica da área de Educação. Assim, ao pensarem nos temas para o TCC, os estudantes geralmente optam por estudos literários ou por estudos da linguagem não literária, associando-os ou não ao contexto do ensino de língua materna, conforme pontuam Aguiar e Pereira (2007, p. 9): “os novos projetos devem estar em sintonia com as linhas de pesquisa do Curso, que, por seu turno, vão sendo reformuladas segundo o ‘estado da arte’ em questão e os apelos sociais”.

No que diz respeito à preparação do graduando para enfrentar as exigências atinentes à atividade de pesquisa, o curso inclui duas disciplinas – Prática de Pesquisa em Letras I e II –, nas quais são abordados os princípios da ciência e do conhecimento científico, metodologia da pesquisa, estudos dos gêneros textuais projeto de pesquisa e monografia, além da normatização da ABNT para trabalhos acadêmicos (UESPI, 2012). Paralelamente, os estudantes contam com a assistência de um(a) docente orientador(a), que se corresponsabiliza pela produção do TCC, atuando de modo determinante para o estabelecimento do tema da pesquisa, em função, também, de seus próprios interesses e experiências acadêmicas. Nesse sentido, Aguiar e Pereira (2007, p. 9) orientam que é preciso “considerar também a importância do assunto para a comunidade, as vantagens que o mesmo pode trazer e, ainda, seu grau de representatividade científica.”

A fim de prover os graduandos de uma base conceitual (teórica e metodológica) para o desenvolvimento de suas pesquisas, conforme o item II da Resolução CEPEX nº 003/2021, supramencionado, no contexto das disciplinas PPL I e PPL II, são trabalhados conhecimentos e práticas relacionados ao conhecimento científico e às formas de obtê-lo seguindo procedimentos já validados pela comunidade acadêmica. Nesse sentido, nas orientações para a elaboração do projeto, constam aspectos relativos à leitura dos textos teóricos e à forma de tecer um diálogo que fundamentará a investigação. Também se dá relevo aos aspectos metodológicos, apresentando-se uma classificação das pesquisas de acordo com concepções e procedimentos, a fim de que o estudante possa adquirir bases para estabelecer o percurso metodológico coerente com o objeto e os objetivos de seu projeto de pesquisa.

### Características dos TCCs no curso de Letras Português

Foram consultados os TCCs produzidos no período do quinquênio 2017-2022, totalizando 70 trabalhos, apresentados como monografias. Destes, 30 vinculam-se à área de Literatura, e 40, à de Linguística, sendo que, quanto à relação com a Educação Básica, foram encontrados 4 de Literatura e 22 de Linguística.

Esses dados revelam um equilíbrio nos interesses dos estudantes pelas temáticas das duas áreas do curso, visto que há uma diferença de apenas 10 trabalhos. Essa ocorrência pode ser associada a fatores como uma maior disponibilidade de professores em determinados períodos, em função de afastamentos para cursar pós-graduação ou outro motivo, o que é comum de ocorrer no âmbito universitário. Outro fator interveniente é o envolvimento de um número maior de estudantes em projetos de iniciação científica em uma área, o que já os predispõe a desenvolver o TCC vinculado a essas pesquisas.

Cenário distinto se observa na grande diferença quantitativa entre os trabalhos que apresentam objetos de pesquisa relacionados com a Educação Básica: 18. Consideramos a hipótese de que, na área de Literatura, como aponta Oliveira (2009), se verifica uma forte tradição de pesquisas denominadas de *aplicações teóricas*, “[...] que privilegiam a obra em si mesma, em seus elementos construtivos e/ou em comparação com outros textos e manifestações de linguagem, valendo-se de aportes conceituais aplicados à leitura das obras”, e de *análises sócio-históricas*, nas quais se incluem “as interpretações de obras (literárias e na relação destas com outras manifestações artísticas ou gêneros), tendo em vista a relação com o contexto exterior, ou seja, a realidade representada na obra.” (Oliveira, 2009, p. 6).

Nesse sentido, o baixo quantitativo pode também evidenciar uma tendência de não se vislumbrar, no âmbito do curso, a urgente necessidade de o futuro professor compreender de modo mais profundo e sistemático, o modo como a literatura tem se tornado objeto de ensino e aprendizagem na Educação Básica. Vale lembrar, conforme Soares (2011) e Cosson (2015), a problemática da escolarização da literatura, processo em que se verificam deturpações que, em detrimento de formar leitores, muitas vezes pode promover o malogro dessa delicada e necessária ação pedagógica.

A seguir, nos quadros 1, 2, 3 e 4, temos a amostra de trabalhos selecionada para este artigo, que corresponde a 15% do total dos trabalhos em que foi identificada vinculação com a Educação Básica.

Quadro 1 – TCC defendido no ano de 2017

Título	<b>A abordagem da Literatura nas provas do ENEM - 2010 a 2015</b>
Área	Literatura ( <input checked="" type="checkbox"/> ) Linguística ( )
Tema	A abordagem literária nas provas do ENEM, no período de 2010 a 2015
Objetivo	Investigar como a literatura é abordada nas provas do ENEM 2010 a 2015
Tipos de pesquisa	Natureza: Básica ( <input checked="" type="checkbox"/> ) Aplicada ( )
	Gênero: Teórica ( ) Prática ( ) Empírica ( <input checked="" type="checkbox"/> )
	Fontes de informação: Primária ( <input checked="" type="checkbox"/> ) Secundária ( ) Terciária ( )
	Procedimento: Experimental ( ) Bibliográfico ( ) Documental ( <input checked="" type="checkbox"/> ) Campo ( )
	Abordagem: Quantitativa ( ) Qualitativa ( ) Mista ( <input checked="" type="checkbox"/> )
	Objetivo: Exploratória ( ) Descritiva ( <input checked="" type="checkbox"/> ) Explicativa ( ) Experimental ( )
Relação com a EB	Não ( ) Sim ( <input checked="" type="checkbox"/> ) Sim (*) ( )

Fonte: A pesquisa.

Quadro 2 – TCC defendido no ano de 2018

Título	<b>Objetos digitais no livro didático de Língua Portuguesa: contribuições para a aprendizagem</b>
Área	Literatura ( ) Linguística ( <input checked="" type="checkbox"/> )
Tema	Os objetos digitais e suas contribuições para a aprendizagem
Objetivo	Identificar os objetos digitais presentes em livros didáticos digitais (LDD) de língua portuguesa destinados ao ensino médio, lançados pela Editora Moderna.
Tipos de pesquisa	Natureza: Básica ( <input checked="" type="checkbox"/> ) Aplicada ( )
	Gênero: Teórica ( ) Prática ( ) Empírica ( <input checked="" type="checkbox"/> )
	Fontes de informação: Primária ( <input checked="" type="checkbox"/> ) Secundária ( ) Terciária ( )
	Procedimento: Experimental ( ) Bibliográfico ( ) Documental ( <input checked="" type="checkbox"/> ) Campo ( )
	Abordagem: Quantitativa ( ) Qualitativa ( ) Mista ( <input checked="" type="checkbox"/> )
	Objetivo: Exploratória ( ) Descritiva ( <input checked="" type="checkbox"/> ) Explicativa ( ) Experimental ( )
Relação com a EB	Não ( ) Sim ( <input checked="" type="checkbox"/> ) Sim (*) ( )

Fonte: A pesquisa.

Quadro 3 – TCC defendido no ano de 2019

Título	<b>Os gêneros digitais em livros didáticos recomendados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para o ensino</b>
--------	---

	<b>médio - triênio 2015/2016/2017</b>
Área	Literatura ( )      Linguística ( X )
Tema	A abordagem dos gêneros digitais em livros didáticos de Língua Portuguesa, destinados ao Ensino Médio
Objetivo	Caracterizar a abordagem dos gêneros digitais em livros didáticos de Língua Portuguesa, destinados ao Ensino Médio, recomendados pelo Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio - 2015/2016/2017.
Tipos de pesquisa	Natureza: Básica ( X ) Aplicada ( )
	Gênero: Teórica ( ) Prática ( ) Empírica ( X )
	Fontes de informação: Primária ( X ) Secundária ( ) Terciária ( )
	Procedimentos: Experimental ( ) Bibliográfica ( ) Documental ( X ) Campo ( )
	Abordagem: Quantitativa ( ) Qualitativa ( ) Mista ( X )
Objetivo: Exploratória ( ) Descritiva ( X ) Explicativa ( ) Experimental ( )	
Relação com a EB	Não ( )      Sim ( X )      Sim (*) ( )

Fonte: A pesquisa.

#### Quadro 4 – TCC defendido no ano de 2022

Título	<b>Análise das propostas de produção textual em livro didático de língua portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental II</b>
Área	Literatura ( )      Linguística ( X )
Tema	As propostas de produção textual apresentadas no livro didático de língua portuguesa
Objetivo	Descrever as atividades de produção textual propostas no livro didático.
Tipos de pesquisa	Natureza: Básica ( X ) Aplicada ( )
	Gênero: Teórica ( ) Prática ( ) Empírica ( X )
	Fontes de informação: Primária ( X ) Secundária ( ) Terciária ( )
	Procedimento: Experimental ( ) Bibliográfico ( ) Documental ( X ) Campo ( )
	Abordagem: Quantitativa ( ) Qualitativa ( X ) Mista ( )
Objetivo: Exploratória ( ) Descritiva ( X ) Explicativa ( ) Experimental ( )	
Relação com a EB	Não ( )      Sim ( X )      Sim (*) ( )

Fonte: A pesquisa.

Nesses trabalhos, observa-se a análise documental focada em materiais de uso pedagógico – a prova do ENEM e livros didáticos de Língua Portuguesa, buscando-se nesses materiais analisar como são abordados determinados temas: a literatura, os gêneros digitais, a produção textual, e ainda a presença de objetos digitais e sua contribuição para a aprendizagem.

A amostra revela o que também se observa no conjunto dos trabalhos – a

predominância por temas vinculados às práticas de leitura e escrita, possivelmente por serem aspectos considerados basilares na formação do estudante da Educação Básica.

Outro aspecto que a amostra evidencia é que, nos 70 trabalhos analisados, constatou-se a quase ausência da pesquisa de campo, ou seja, a ida à escola ou o contato direto com seus agentes não tem sido uma prática cultivada no âmbito do curso selecionado. De acordo com Lima (2008, p. 12), “O exercício da investigação acadêmico-científica pressupõe diferentes níveis de aprofundamento, dependendo do estágio de formação em que se encontra o estudante pesquisador”. Nesse sentido, por ser, geralmente, a incursão inicial dos licenciandos pelos caminhos da pesquisa científica, a análise de dados empíricos, em vez da discussão conceitual ou a intervenção, mostra-se uma operação mais segura e factível para os estudantes da graduação.

Percebe-se também o predomínio da pesquisa básica, a qual, conforme Paiva (2019, p. 11) “Visa ampliar o conhecimento científico, sem ter como fim a resolução de problemas da vida prática.”, o que, de igual modo, pode se associar a ser a produção do TCC o início, para a maioria, da atividade de pesquisa, sendo as pesquisas de intervenção algo em que se torna necessário uma maior maturidade e experiência dos pesquisadores.

No que diz respeito às fontes dos dados, percebe-se que os pesquisadores trabalharam com dados primários, provindos, na maioria, de fontes documentais, Postula-se que isso se deva ao fato de a pesquisa de campo requerer uma preparação prévia mais complexa para o pesquisador, bem como um número maior de providências para o acesso aos ambientes onde os fatos se desenvolvem, além do tempo mais curto para a produção do TCC, que, no caso da UESPI, é de um semestre letivo.

### **Considerações finais**

Com este estudo, espera-se ampliar o conhecimento acerca da produção científica e seus direcionamentos, com uma visão de conjunto das pesquisas realizadas em determinada área e IES, além de propiciar aos pesquisadores uma perspectiva de seus estudos, de modo a se evitar duplicação desnecessária, planejar pesquisas posteriores a partir de novas ideias e pontos de vista e, sobretudo, possibilitar reflexões acerca das relações entre a pesquisa acadêmica na licenciatura e as problemáticas de ensino e aprendizagem na Educação Básica, tendo-se no horizonte esse trabalho como uma importante etapa da formação do professor pesquisador.

## Referências

- AGUIAR, V. T. D.; PEREIRA, V. W. P. (Org.). **As letras em foco na pesquisa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stela Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019**, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Brasília, 2019.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- LIMA, Manolita Correia. **Monografia**: a engenharia da produção acadêmica. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- MAINARDES, J. Metapesquisa no campo da política educacional: elementos conceituais e metodológicos. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 72, p. 303-19, nov./dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/L4GSjqQfPYz4whXWwHYmYgv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 abr. 2022.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Tendências atuais da pesquisa na área de ensino/aprendizagem de línguas no Brasil. **Letras**, Santa Maria, n. 4, p. 7-13, jul./dez. 1998.
- MOREIRA, W. Revisão de Literatura e desenvolvimento científico: conceitos e estratégias para confecção. **Janus**, Lorena, n. 1, p. 21-30, 2º sem. 2004.
- OLIVEIRA, R. P. D. Pesquisa literária em foco: tendências, possibilidades e impasses. **Nonada: Letras em Revista**, Porto Alegre, v. 1, n. 12, p. [on-line], maio/set. 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451678003>. Acesso em: 17 jan. 2022.
- PAIVA, V. L. M. D. O. E. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.
- SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. I, n. I, p. 1-15, jul. 2009.
- SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (org.). **Escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 1-34.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI. **Projeto Pedagógico do Curso – Letras Português**. Teresina, 2012.
- WANDERLEY, L. E. W. **O que é universidade**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

**"BRASIL ACIMA DE TUDO, DEUS ACIMA DE TODOS": O DESPERTAR DAS  
PAIXÕES A PARTIR DE *FAKE NEWS* PROPAGADAS NA ELEIÇÃO  
PRESIDENCIAL DE 2022**

Marcia Elisia Matos Aguiar<sup>1</sup>

Raquel Abreu-Aoki<sup>2</sup>

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

As redes sociais, em todo o globo, tornaram-se uma possível ferramenta, poderosa e necessária, para a comunicação e forma de expressão. Nesse mundo conectado, é possibilitado que seus usuários tenham acesso a uma rede de informações que acaba por possuir bastante alcance e de modo rápido e facilitado. Assim como acontece com o consumo das informações, a produção de tais conteúdos apresenta-se caracterizada tanto pela articulação de diversas e diferentes ferramentas ligadas a recursos tecnológicos quanto pela sua velocidade e alcance no que diz respeito à sua propagação, além de uma rede de outros fatores que impulsionam o seu triunfo.

O usuário, no universo digital, pode interagir com informações e opiniões, a título de exemplificação, *posts*, *stories*, mensagens, comentários e curtidas. Isso, por sua vez, demonstra, na sua maioria das vezes, uma espécie de posicionamento e/ou concordância (ou de não concordância) em relação ao que está em discussão.

A depender da interatividade por parte do internauta, nas *social media*, há uma espécie de personalização do conteúdo que aparece para cada pessoa, por conseguinte, as informações não são recebidas por todos os indivíduos do mesmo jeito. O conteúdo personalizado pelo algoritmo é construído de forma que o usuário acessará informações que compatibilizam com suas crenças, interesses, valores e predileções, formando, portanto, as chamadas bolhas.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras com habilitação em Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista no Programa de Iniciação Científica da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. [marciaelisia475@gmail.com](mailto:marciaelisia475@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Linguísticos do Texto e do Discurso pela Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Adjunto II na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. [abreuaoki.raquel@gmail.com](mailto:abreuaoki.raquel@gmail.com)

Logo, esse espaço virtual torna-se um lugar propício e favorável para que haja a disseminação de informações falsas e manipuladas (Melati, 2020), sendo compreendidas, também, como uma maneira moderna de difundir falácias, concebidas por nós como “uma estratégia deliberadamente enganosa de discurso que tenta se passar por boa argumentação. Porém, seu único objetivo é induzir ao erro” (Weisz, 2022) – ao considerar um papel expressivo da tecnologia para a ocorrência do fenômeno.

Conforme abordado por Gomes (2020b), a propagação de notícias – devido às características já debatidas e à resultante alta adesão do público-alvo das bolhas – passou a ser usada como recurso utilizado em propaganda de partidos políticos e grupos sociais muito específicos e, baseado em engano, mentira e manipulação, está conseguindo sucesso por parte de quem está utilizando-as.

Em um processo eleitoral, a disseminação desse tipo de falácia pode influenciar e, até mesmo, definir o cenário político de um país, o que, conseqüentemente, interfere no próprio processo democrático, na concepção dos cidadãos perante a democracia e, como seqüela, na permanência e manutenção da democracia.

Nesse sentido, tratando-se da eleição presidencial do ano de 2022, no território brasileiro, em consonância com Von Bülow (2023, p. 84), frisamos que “quando se fala sobre internet e eleições no Brasil, um tema central é o do impacto negativo da difusão de notícias falsas”.

Assim, a presente pesquisa busca analisar o discurso presente em um *corpus* composto por *fake news* propagadas no Brasil, após o período de eleição presidencial de 2022 e que estão relacionadas às figuras públicas e políticas relevantes na época referenciada e aos eventos decorridos dos resultados da eleição. Dessa forma, tem o principal objetivo de investigar o despertar de paixões (*pathos*) a partir dos argumentos falaciosos encontrados em tais notícias.

Cabe ressaltar que este trabalho é concebido como uma iniciativa de compreender o fenômeno por meio de um viés discursivo, já que é perpassado pela linguagem. Além disso, o estudo, com isso em perspectiva, configura-se em um meio de auxiliar subsidiar futuras políticas de enfrentamento às *fake news* no ambiente virtual de *social media*, dado que incorpora um movimento rumo ao desmonte do mecanismo por trás de tais notícias enganosas.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: na seção 2, são apresentadas algumas considerações sobre o fenômeno das *fake news* e seu mecanismo; na seção 3, ponderações

sobre as *fake news* no contexto eleitoral de 2022; na seção 4, notícias falsas e as emoções; na seção 5, a análise pathemica de uma *fake news* e, na seção 6, as considerações finais.

## O FENÔMENO DAS *FAKE NEWS* E SEU MECANISMO

A existência e difusão de informações/informativos falsos são questões que perpassaram a trajetória da humanidade, sendo usados, até mesmo, como estratégia bélica na Primeira e na Segunda Guerras Mundiais. Como lembra Charaudeau (2022, p. 134-135), “embora a invenção da tecnologia digital com a proliferação das redes sociais tenha aumentado consideravelmente a circulação de notícias falsas, mascaradas como informações jornalísticas, isso tem uma história antiga” (Charaudeau, 2022).

É importante pontuar que a *fake news* é uma criatura do mundo das *social media*, o que faz com que precise de disseminação digital (viralização). Por isso, possui um alcance e uma rapidez sem precedentes históricos, apesar do fato de que informações mentirosas fazem parte do histórico da sociedade humana.

O fenômeno das *fake news*, tal como acontece atualmente, teve sua identificação no ano de 2016 na eleição presidencial estadunidense (Donald Trump - Republicano x Hillary Clinton - Democrata). Neste momento, de acordo com Gomes (2020b), a culminação desse evento está ligada ao avanço sem precedentes da direita conservadora digital e ao fenômeno da hiper politização da política (comum em períodos de disputas eleitorais).

As notícias falsas, então, podem ser vistas como um instrumento potente na comunicação política ou comunicação estratégica aplicada a recursos políticos por incorporar elementos fundamentais dessa categoria da comunicação: personalidades, percepções e leituras da realidade, emoções, persuasões (Gomes, 2020b).

O termo *fake news* (nomenclatura em inglês) é empregado em situações de fraude informativa que imitam notícias do jornalismo de qualidade e referência. Ela é uma espécie de gênero da informação, mas há um relato pretensamente factual e efetivamente falso embalados para disseminação e consumo em ambientes digitais (Gomes, 2019b).

Nesse mesmo sentido, Santana (2023, p. 93) explica que o sistema que envolve as *fake news* “não se explica apenas pela utilização das redes sociais para disseminar conteúdo: é uma articulação muito mais complexa e estruturada, com envolvimento de muitos atores”, o que abarca, claro, o impulsionamento daquele conteúdo (com auxílio de *bots*, robôs e grupos de mensagem), mas, de igual modo, o seu financiamento e a sua produção pensada e estruturada:

a desinformação veiculada tem uma roupagem de notícia, traz elementos

simbólicos de outros discursos (as categorias do discurso religioso, por exemplo), é pensada e direcionada para públicos específicos, ressignifica temas e assuntos do cenário real, dando a eles novos sentidos que são falsos (como o *kit gay* ou a suspeita em relação às urnas eletrônicas, por exemplo) (Santana, 2023, p. 93).

Hoje, elas podem ganhar qualquer forma textual, assumindo diversos gêneros textuais digitais ou não, fazendo parte de um esforço coordenado para mentir, enganar e manipular (Gomes, 2020a). Conseqüentemente, gera um caos informacional tanto do ponto de vista individual quanto coletivo.

O ecossistema de *fake news* obstrui o suprimento de uma informação necessária (o que produz um sujeito desinformado) e coloca, no lugar disso, uma informação fabricada sobre o fato que relata (*fake news*), fazendo com que se produza um sujeito mal-informado. Esse processo faz com que seja plantada, de forma desonesta, uma convicção e, por sorte, um sentimento no sujeito mal-informado. Tais resultados favorecem aquele(s) orquestrador(es) do sistema já citado. Caso o que foi desenvolvido não tenha servido para o propósito, reconstrói em outra base, já que quem produz notícias falaciosas define o que é verdade nesse universo (Gomes, 2019b).

Na perspectiva individual, o sujeito consumidor desse tipo de notícia (aqui, tem-se em vista aquele usuário de redes sociais que acredita nas falácias debatidas no presente trabalho e, também, contribui na viralização de tais conteúdos por intermédio da sua interação com eles) sofre efeitos cognitivos. Isso resulta em sujeitos que possuem incapacidade de distinguir a verdade, que lidam inadequadamente com fatos e dados, bem como tomam decisões estando mal-informados (Gomes, 2019b).

Em diálogo com o prisma relacionado à subjetividade pode-se levantar uma questão social do problema: “se a democracia é definida como a expressão da soberania popular, é necessário que o povo esteja corretamente informado para poder exercer esse direito, estando o mais esclarecido possível sobre os assuntos da cidade” (Charaudeau, 2022, p. 152). Ou seja, as notícias manipuladas interferem diretamente no proceder do fazer democrático. Assim, aquela informação falsa revestida como verdadeira afeta o processo eleitoral, já que acaba por ser relacionada ao compromisso com a verdade feito por instituições que tradicionalmente se dedicam à coleta e disseminação de conhecimento, dentre elas, o jornalismo.

## **FAKE NEWS E ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2022**

Da mesma forma que a questão foi levantada anteriormente, a eleição presidencial de

2016, nos Estados Unidos, consumou o surgimento da desordem informacional de maneira sistematizada. Em 2018, “com a eleição de Jair Bolsonaro para a Presidência da República, via-se repetir por aqui o que já havia ocorrido nos Estados Unidos com a eleição de Donald Trump (2016) - a disseminação em massa de *fake news* e o uso da desinformação sistemática como arma eleitoral e política (Santana, 2023, p. 89).

“Em 2022, vivemos a consolidação desse processo em que a decisão do voto deixou de ser apenas a expressão de uma preferência política e passou a ser a manifestação de identidade” (Nunes; Traumann, 2023, p. 26). Esses mesmos autores destacam que tal identidade foi consolidada em torno de um sentimento polarizado do que é ser petista ou antipetista, o que, por sua vez, retoma à imagem do político Luís Inácio Lula da Silva (PT – Partido dos Trabalhadores).

Ademais, Martins (2023) aponta que, nessa época, a estratégia de comunicação política conseguiu provocar, mais uma vez, uma desorientação no que diz respeito às informações, ocasionando um momento sensível para a credibilidade da verdade, das instituições tradicionais e seus portadores estavam impactando uma parte da população brasileira.

A parcela da sociedade mencionada sofreu um bombardeio contínuo de conteúdos nas redes sociais que a atingiam, principalmente, no campo dos valores. Então, foi formado um coletivo que seus participantes dividiam e compartilhavam a mesma opinião, tal qual pensamentos, crenças, valores e interesses semelhantes.

Em tal perspectiva, as bolhas de grupos bolsonaristas, nas mídias sociais, estavam fechadas em si mesmas, em suas afinidades políticas (partidos, políticos, personalidades públicas) e em suas próprias ideologias. “Nesse ecossistema, os eleitores tentam minimizar os efeitos da dissonância cognitiva<sup>3</sup> recusando informação que contraria sua crença ou buscando informação que reforça o que ele já pensava (processo conhecido como “viés da confirmação”)” (Nunes; Traumann, 2023, p. 30).

Como resultado, “[...] a eleição de 2022 no Brasil calcificou o processo de escolha, em que os interesses perderam força para as paixões” (Nunes; Traumann, 2023, p. 26). Nesse sentido, “da mesma forma que a identidade do torcedor não se encerra com o fim da partida dentro do campo; vencendo ou perdendo, a identidade do eleitor não se encerra com o fim da eleição” (Nunes; Traumann, 2023, p. 30).

A partir dessa ideia, pode-se conceber os atos antidemocráticos após o resultado das

---

<sup>3</sup> Dissonância cognitiva: entrar em contato com informações que não satisfaçam os meus desejos e com relatos que confrontam as minhas crenças. (Gomes, 2019b)

eleições – Lula eleito em segundo turno, no dia 30 de outubro de 2022, com 50,83% dos votos válidos –, em que “grupos bolsonaristas pararam estradas e reuniram-se para questionar os resultados, colocar em dúvida as urnas e defender intervenção de militares na política, indicando que a contenciosidade tende a permanecer no próximo período” (Carvalho, 2023, p. 173), além de concentrações e acampamentos em frente a quartéis do Exército por todo território nacional.

Por fim, todas essas ocorrências consumaram na tentativa de golpe no dia 08 de janeiro de 2023, a qual “a escalada violenta dos atos criminosos resultou na invasão dos prédios do Palácio do Planalto, do Congresso Nacional do Supremo Tribunal Federal, com depredação do patrimônio público” (Brasil, 2023, p. 5). Sendo assim, “a organização, participação, financiamento e apoio a esses acompanhamentos terroristas configura crime passível de imediata prisão em flagrante, uma vez que a lei antiterrorista admite a punição, inclusive, de atos preparatórios” (Brasil, 2023, p. 11), o que fez com que a maioria daqueles que estiveram presentes em tal ato fossem detidos.

Os episódios referidos nos últimos parágrafos estão, justamente, atrelados ao *corpus* a ser analisado posteriormente no presente trabalho.

## NOTÍCIAS FALSAS E AS EMOÇÕES

Aristóteles, em *Retórica* (2005, p. 95), pontua: “entendamos por retórica a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir”. Então, a partir dessa perspectiva clássica, o orador, ao buscar atingir o seu público (auditório), mobiliza mecanismos e métodos na construção do seu discurso. Logo, “é também evidente que ela (retórica) seja útil e que a sua função não seja persuadir mas discernir os meios de persuasão mais pertinentes a cada caso” (Aristóteles, 2005, p. 94).

Dentre as provas retóricas<sup>4</sup> esquematizadas por Aristóteles (2005), o *pathos* é apresentado com um componente da tríade aristotélica: “o *pathos* é o conjunto de emoções, paixões e sentimentos que o orador deve suscitar no auditório com o seu discurso” (Reboul, 2004, p. 48).

A mobilização do discurso apoiada a uma ideia de persuadir o outro levando em conta o despertar de paixões é uma análise possível no que se refere às *fake news*. De acordo com

---

<sup>4</sup> “As provas artísticas consistem no *logos*, *pathos* e *ethos* e definem uma argumentação orientada pelo raciocínio rigoroso (*logos*), dirigida às emoções humanas (*pathos*) e baseada no caráter e probidade humanos (*ethos*)” (MATEUS, 2018, p. 106). Essas três provas compõem a tríade aristotélica.

Aristóteles (2005, p. 159-160) “os fatos não se apresentam sob o mesmo prisma a quem ama e a quem odeia, nem são iguais para o homem que está indignado ou para o calmo, mas, ou são completamente diferentes ou diferem segundo critérios de grandeza”.

Por conseguinte, torna-se um recurso promissor em um ambiente o qual já é existente uma polarização política – caso da eleição presidencial de 2022 no Brasil –, dado que “as emoções são as causas quem fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer [...]” (Aristóteles, 2005, p. 160).

No que concerne à argumentação, é preciso assinalar que o discurso das *fake news* pode ser associado à argumentação erística e a argumentos falaciosos. A dialética erística é uma “técnica argumentativa utilizada para vencer um debate a qualquer custo. Para que o fim seja alcançado, a ética fica de lado e a desonestidade intelectual avança sem pudor” (Garcia, 2016), ou seja, ganhar o debate a qualquer preço sem considerar questões éticas. Já os argumentos falaciosos se relacionam com as falácias, as quais “possuem dimensões cognitivas; elas distorcem a realidade objetiva dos fatos a partir da criação de sofismas. Por isso, de modo mais geral, podem ser definidas como um modo incorreto tanto de pensar (para estabelecer analogias) quanto de argumentar” (Weisz, 2022).

Outrossim, as notícias falsas se relacionam com o discurso manipulatório, uma vez que

com ele a comunicação rompe com os princípios de pertinência e de alteridade; de pertinência, uma vez que o sujeito manipulador é movido por uma negatividade diante das diferentes formas de verdade; de ausência de alteridade, visto que o outro, o manipulado, existe apenas como um receptáculo que deve registrar e aceitar sem reação crítica o que o manipulador diz. O discurso manipulatório [...] é uma estratégia que joga com os imaginários sociais que cria e com os mecanismos de credulidade que recupera. Seu impacto, portanto, depende do peso desses imaginários e da propensão dos indivíduos a acreditar. (Charaudeau, 2022, p. 172).

Charaudeau (2022, p. 115) salienta que, no discurso manipulatório, “o sujeito-alvo está em condições de fundir-se completamente em seu afeto, de reagir apenas em função da irracionalidade quase pulsional de seus sentimentos, de se tornar uno com suas emoções, o que, ao mesmo tempo, obscurece ou paralisa sua razão”.

Vale ressaltar que “não se pode dizer que qualquer ato de persuasão pode ser considerado manipulatório por definição” (Charaudeau, 2022, p. 171).

Portanto, tal panorama faz com que este estudo apresente um movimento de afastamento em relação à percepção de Aristóteles sobre a argumentação, pois, para ele, ela é vinculada à honestidade. Porém, ao considerar a importância dos trabalhos desenvolvidos pelo

filósofo nos estudos dos discursos, é possibilitado uma leitura do *corpus* que busca analisar a prova retórica do *pathos* – inclusive, valendo-se de algumas emoções elencadas por Aristóteles (2005) – dentro dessas construções discursivas.

Sendo assim, as notícias falsas – apesar de não prezarem pela verdade e pela ética – por serem capazes de despertar as emoções para o fim de persuadir o seu auditório, comovendo e sensibilizando o seu público-alvo, potencializam uma análise que estabelece diálogo com as contribuições de Aristóteles.

### **ANÁLISE PATHEMICA DE UMA *FAKE NEWS***

Primeiramente, é pertinente mencionar que a seleção do material a ser analisado foi selecionado no *Instagram* da *Agência Lupa*<sup>5</sup> – perfil que visa a checagem, verificação e análises de notícias e mídias. A *Agência Lupa* “integra a International Fact-Checking Network (IFCN), rede mundial de checadores reunidos em torno do Poynter Institute, nos Estados Unidos, e segue à risca o código de conduta e princípios éticos do grupo.” (Lupa, 2023b) Outro ponto importante é que “a matéria-prima principal no processo de produção de conteúdo jornalístico são as declarações feitas por atores públicos e as informações potencialmente falsas que circulam em plataformas de redes sociais e em aplicativos de mensagem” (Lupa, 2023b).

Então, a *fake news* em questão é um conteúdo o qual já passou por um processo sistematizado de verificação de veracidade, o que faz com que ela se estabeleça como uma informação enganosa.

---

<sup>5</sup> *Instagram*: @ *agencia\_lupa* ([https://www.instagram.com/agencia\\_lupa](https://www.instagram.com/agencia_lupa))



Figura 1: Fake news “Morre idosa no campo de Concentração de Lula” (LUPA, 2023a)



Figura 2: Imagem publicada junta ao post de checagem da Agência Lupa. (Lupa, 2023a)

Essa notícia falsa (aqui, é considerada *fake news* o conjunto da imagem e a legenda da

publicação) tem sua origem e circulação associada, sobretudo, a grupos bolsonaristas e às suas redes sociais. Além disso, o *corpus* se relaciona a uma estratégia de campanha que visa desmoralizar a campanha de outros candidatos, o que mobiliza paixões por meio de crenças e valores morais vinculados ao slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” e à própria campanha.

Para fins didáticos, constitui-se a seguinte esquematização a qual busca apontar as marcações linguísticas presentes na *fake news* e suas respectivas emoções mobilizadas e questões discursivas.

- **"Luto"**: traz a questão do sofrimento, da tristeza, da melancolia, intensificados pela associação à expressão **"campo de concentração"**, que, por sua vez, retoma a um evento caracterizado pela desumanização e barbárie. Dessa maneira, pode-se relacionar à manipulação pelo medo (Charaudeau, 2022); Temor (Aristóteles, 2005)
- Figura **"idosa"**, remete à uma figura ligada a afetos e ao cuidado na instância da família. Também, a figura da idosa é ligada à imagem da avó. Assim, pode, até mesmo, se relacionar com a ideia de maternidade e as formações discursivas do cristianismo nas figuras da Virgem Maria (mãe de Jesus Cristo) e Nossa Senhora de Santana (avó de Jesus Cristo). Isso desencadeia a ideia de falta de Piedade (Aristóteles, 2005) por parte da oposição, principalmente, em relação a uma figura familiar e afetuosa, trazendo a ideia do absurdo. Na imagem, ela é colocada em tons mais claros e está sorridente e feliz, de modo que solidifica um imaginário de pureza e inocência, ou seja, uma personagem que não transmite nenhum tipo de perigo ou ameaça e, portanto, não há justificativa para ela ter sido presa no “campo de concentração” e muito menos morta.
- **"Ela só estava lá lutando pela liberdade e justiça.. "**: remete a ideais de luta e valores, o que pode potencializar paixões, dado que a personagem é colocada em um lugar de “salvadora da pátria”, tal como a indignação e revolta.
- **"Os verdadeiros terroristas estão todos soltos e despachando em seus confortáveis gabinetes com ar condicionado."**: há o fomento do sentimento de "nós contra eles", encadeando a paixão de Inimizade (Aristóteles, 2005), bem como uma inversão de

valores na realidade a ser narrada. Em diálogo com Martins e Alves (2022), este fragmento expressa um ponto de vista que enxerga os seus opositores como perversos e divisores da pátria, associados, então, ao comunismo, o qual é explicitado a partir do símbolo do comunismo na imagem.

- *"Que Brasil é esse meu Deus?"*: aqui, tem-se a presença da figura da pátria > a prisão dos pessoas presentes nos atos antidemocráticos como uma evidência que o curso das coisas não é o correto para aquele grupo em questão – pontualmente, o motivo da idosa ter participado da “luta” contra essa mal para a pátria. Mais uma vez, resgata a ideia do absurdo, conseqüentemente, evoca a ideia de Desvergonha (Aristóteles, 2005) por parte da oposição e Temor (Aristóteles, 2005); Medo (Charaudeau, 2022). Outro ponto é a gravura da bandeira do Brasil coberta de sangue, consolidando o imaginário do Brasil (pátria) que está “sangrando” e sofrendo.
- *"meu Deus"*: há uma formação discursiva<sup>6</sup>, no sentido de que se refere ao Deus branco cristão, precisamente, o Deus contemplado como um dos pilares da campanha.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As *fake news* é um fenômeno contemporâneo que impacta diretamente na sociedade e no funcionamento dela, acarretando uma relevância de viés social, político e cidadão. De tal forma, este estudo adquire teor de importância, pois o fenômeno é mediado pela linguagem, sendo construído e perpassado por diversos discursos, formações discursivas e imaginários sociais.

De acordo com Abreu-Aoki (2017, p. 142) “toda situação de comunicação determina um uso estratégico da língua, apropriado às suas especificidades e gerado pelas intenções comunicativas dos sujeitos envolvidos nessa interação”. Igualmente, as questões levantadas pela autora são aplicáveis às notícias mentirosas propagadas no universo das mídias sociais.

A visada era informativa, da ordem do fazer-saber<sup>7</sup>, mas a dimensão é argumentativa,

---

<sup>6</sup> “Para Foucault a formação discursiva é vista como um conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos linguísticos, tal como as proposições, atos de fala ou frases, mas submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria, etc.” (BARONAS, 2011, p. 3)

<sup>7</sup> Fazer-saber consiste em “querer transmitir um saber a quem se presume não possui-lo.” (CHARAUDEAU, 2009, p. 69)

impulsionando um fazer-criar e um fazer-fazer<sup>8</sup>, incluindo-se o fazer-sentir<sup>9</sup> e o fazer-criar<sup>10</sup> (Charaudeau, 2009). É importante pontuar que a visada informativa, neste caso, é ligada a objetivos de manipulação e enganação como uma estratégia no âmbito da comunicação política.

Martins e Alves (2022, p. 10) analisam o discurso da campanha de Jair Bolsonaro, em 2018, apontando que “o debate político se esvaziava na mobilização de sentimentos difusos que pudessem ser atraídos pela tríade Deus – família – pátria”. Sendo assim, pode-se depreender que os mesmos três elementos podem ser encontrados no *corpus*, já que perpetua uma estratégia de campanha que adquiriu grande êxito em 2018.

A análise realizada demonstra que a *fake news* supracitada é bastante carregada de paixões voltadas, sobretudo, à indignação, bem como trabalha com o Medo (Charaudeau, 2022)/Temor (Aristóteles, 2005) para sensibilizar o auditório. Entretanto, percebe-se o despertar de outras emoções elencadas por Aristóteles (2005), como Desvergonha, Inimizade e Piedade, associados a imaginários ligados, também, à religião.

Tais aspectos auxiliam para que ocorra, de modo eficaz, a adesão da narrativa mentirosa por parte do público consumidor do conteúdo, possibilitando que aquelas informações possam intensificar sua circulação nas redes sociais. Por isso, acaba por contribuir para a eficiência do ecossistema das *fake news*.

O questionamento sobre a realidade dos fatos pode corroborar num apagamento da memória desses eventos reais e afetar a sua repercussão na pós-memória. Conseqüentemente, é preciso refletir sobre a temática pensando como as informações manipuladas podem ser operadas como mecanismo de silenciamento da memória, logo, propiciando um movimento de anular e minimizar atrocidades na percepção daqueles que consomem tal tipo de notícia.

Por fim, o presente trabalho objetivou ponderar sobre os aspectos anteriormente expostos – colaborando em estudos posteriores a este – e fazer uma análise à luz das discussões pertinentes às áreas da Análise do Discurso e da Retórica – buscando fornecer reflexões para a compreensão das emoções e como elas se manifestam no discurso e a partir dele.

Assim, igualmente, inspirado nas atividades desenvolvidas pela *Agência Lupa*, é desejado que esta proposta fomente um olhar crítico e reflexivo dos leitores, de maneira que

---

<sup>8</sup> Fazer-fazer: “querer levar o outro a agir de uma determinada maneira.” (Charaudeau, 2009, p. 69)

<sup>9</sup> “A visada do *páthos*, que consiste em “fazer sentir”, ou seja, provocar no outro um estado emocional agradável ou desagradável.” (Charaudeau, 2009, p. 69)

<sup>10</sup> Visada incitativa (fazer-criar): “querer levar o outro a pensar que o que está sendo dito é verdadeiro (ou possivelmente verdadeiro).” (Charaudeau, 2009, p. 69)

impulsione uma formação cidadã, em que oportunize que tais sujeitos questionem e a participem, ativamente e eticamente, de debates voltados a temas de ordem social e política na vida em sociedade.

Nesse sentido, é almejado que os pontos observados e debatidos aqui possam servir de base para políticas e iniciativas de combate a *fake news*, em especial, nas redes sociais e, também, contribuir para a prevalência da verdade e manutenção da democracia.

## REFERÊNCIAS

ABREU-AOKI, Raquel. A biografia em sua dimensão argumentativa: o fazer-fazer. *Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação*, 2017, 14(1), 139-154. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/eidea-14-1683>. Acesso em: 12 maio 2023

ARISTÓTELES. *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005. Disponível em: [https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/aristoteles\\_-\\_retorica2.pdf](https://sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/aristoteles_-_retorica2.pdf). Acesso em: 25 fev. 2023.

AVRITZER, Leonardo; SANTANA, Eliara; BRAGATTO, Rachel Callai (org.). *Eleições 2022 e a reconstrução da democracia no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

BARONAS, Roberto Leiser. Formação discursiva e discurso em Foucault e em Pêcheux: notas de leitura para discussão. In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso, V, 2011, Porto Alegre. *Anais [...]* Porto Alegre: UFRGS, 2011. p. 1-7. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/5SEAD/SIMPOSIOS/RobertoLeiserBaronas.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2023.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *Inquérito nº 4.879*. Relator: Ministro Alexandre de Moraes. Brasília, 08 jan. 2023. Disponível em: <https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/DECISA7710Afastagovernadoreoutrasmedidas2.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2023.

CARVALHO, Priscila Delgado de. Urnas, cartas e ruas: protestos na eleição de 2022 e o caso dos grupos armamentistas. In: AVRITZER, Leonardo; SANTANA, Eliara; BRAGATTO, Rachel Callai (org.). *Eleições 2022 e a reconstrução da democracia no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023, p. 173-180.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. *A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade*. São Paulo: Editora Contexto, 2022.

GARCIA, Emerson. *O Uso da Dialética Erística na Argumentação Jurídica: o que se faz e não se deveria fazer*. o que se faz e não se deveria fazer. 2016. Disponível em: <http://www.direitodoestado.com.br/colunistas/emerson-garcia/o-uso-da-dialetica-eristica-na-argumentacao-juridica-o-que-se-faz-e-nao-se-deveria-fazer>. Acesso em: 17 jun. 2023.

GOMES, Wilson. *As questões mais frequentes sobre natureza, efeitos e controle de notícias falsas digitais*. Youtube, 19 jul. 2020a. Disponível em: <https://youtu.be/8tvJ4cMtYXY>. Acesso em 11 abr. 2023.

GOMES, Wilson. *O que são Fake News?*. Youtube, 19 jul. 2020b. Disponível em: <https://youtu.be/8tvJ4cMtYXY>. Acesso em 27 mar. 2023.

LUPA, Agência. *É falso que idosa morreu em ginásio após ter sido presa em atos golpistas*. 10 jan. 2023a. Instagram: @agencia\_lupa. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnP04tmP-hm/>. Acesso em: 19 jun. 2023

LUPA, Agência. *Institucional*. 2023b. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/institucional>. Acesso em: 19 jun. 2023.

MARTINS, Helena. A disputa na internet: plataformas, desinformação e impactos na democracia. In: AVRITZER, Leonardo; SANTANA, Eliara; BRAGATTO, Rachel Callai (org.). *Eleições 2022 e a reconstrução da democracia no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023, p. 111-118.

MARTINS, Joyce Miranda Leão; ALVES, Mércia. Deus, pátria e família: o discurso neoconservador na propaganda eleitoral de bolsonaro. *Revista Sul-Americana de Ciência Política*, Pelotas, v. 8, n. 2, p. 1-24, maio 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rsulacp/article/view/24323>. Acesso em: 19 jun. 2023.

MATEUS, Samuel. *Introdução à retórica no séc. XXI*. Covilhã: ed. Labcom-ifp. 2018.

MELATI, Nathalia. *As contribuições da Retórica para o estudo das fake news*. *Verbum*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 187-198, maio 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/48382/pdf>. Acesso em: 14 fev. 2023.

NUNES, Felipe; TRAUMANN, Thomas. A eleição que calcificou o país. In: AVRITZER, Leonardo; SANTANA, Eliara; BRAGATTO, Rachel Callai (org.). *Eleições 2022 e a reconstrução da democracia no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023, p. 25-32.

REBOUL, Olivier. *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANTANA, Eliara. Ecosistema de desinformação se consolidou com o bolsonarismo. In: AVRITZER, Leonardo; SANTANA, Eliara; BRAGATTO, Rachel Callai (org.). *Eleições 2022 e a reconstrução da democracia no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023, p. 89-95.

VEGA, Luis Reñón. *La fauna de las falácias*. Madri: Trotta, 2013 *apud* WEISZ, Isabel Cristina. *Desconstruindo as falácias do negacionismo e das fake news: um manual para professores do Ensino Médio*. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, nº 10, 22 de março de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/10/desconstruindo-as-falacias-do-negacionismo-e-das-fake-news-um-manual-para-professores-do-ensino-medio>

VON BÜLOW, Marisa. Eleições 2022 nas redes sociais: notícias falsas e muito mais. In: AVRITZER, Leonardo; SANTANA, Eliara; BRAGATTO, Rachel Callai (org.). *Eleições 2022 e a reconstrução da democracia no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023, p. 83-87

WEISZ, Isabel Cristina. *Desconstruindo as falácias do negacionismo e das fake news: um manual para professores do Ensino Médio*. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, nº 10, 22 de março de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/10/desconstruindo-as-falacias-do-negacionismo-e-das-fake-news-um-manual-para-professores-do-ensino-medio>

## A organização retórica nos editoriais sobre o segundo turno das eleições presidenciais de 2018 presentes no jornal Folha de São Paulo

Mirela Araújo Filgueiras<sup>1</sup>

Bárbara Olímpia Ramos de Melo<sup>2</sup>

### Introdução

A análise de gêneros nos ajuda a compreender a própria produção de sentido e sequências de pensamento, é o que afirmam Bawarshi e Reiff (2013), com tradução de Bezerra (2017). Os autores levantam uma série de elementos da vida humana que estão atrelados aos gêneros. Como aspectos da nossa comunicação, estratificação social, conteúdos e organizações específicas, poder social etc (Bawarshi; Reiff, 2013 apud Bezerra, 2017).

Um dos elementos, o poder institucional de produção, recepção e regulação por meio de gêneros, é fundamental para esta pesquisa, pois estamos estudando uma prática social que, institucionalmente, detém o poder de mediação das informações, o jornalismo. E dentre seus gêneros, o que possui o maior *status*, o editorial. Pois é esse o gênero responsável em transmitir ao público, formado, majoritariamente, por formadores de opinião, jornalistas e políticos, a opinião do(s) dono(s) do veículo de comunicação.

Essa opinião é levada muito a sério, uma vez que influencia no debate político, principalmente em períodos eleitorais. E esse fator também está atrelado à nossa pesquisa, já que vamos analisar editoriais sobre o segundo turno das eleições presidenciais de 2018, publicados no período de 08/10/2018 a 28/10/2018. Nosso recorte temático se deve ao fato da existência de poucos estudos acadêmicos sobre a análise retórica desse importante gênero, ver tópico 2 *O gênero editorial jornalístico*.

O *corpus* da pesquisa é formado por quinze editoriais que tratam sobre o segundo turno das eleições presidenciais de 2018, os demais editoriais, publicados no período selecionado, mas que não possuem o tema, já mencionado, de pano de fundo ou que não são sobre os presidenciais, não foram para esse estudo.

A metodologia adotada é descritiva e bibliográfico-documental, seguindo o modelo *CARS*, proposto por Swales (1990) e adaptado por Oliveira (2004) para o estudo de artigos de

---

<sup>1</sup> Mestranda. Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

<sup>2</sup> Doutora. Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Estudos sobre a Linguagem e o Ensino da Língua Portuguesa/CNPq.

opinião, e baseada em uma revisão bibliográfica. O trabalho está situado na perspectiva dos estudos de análise de gêneros, mais especificamente com base na sociorretórica.

O artigo está estruturado em seis seções, além desta Introdução. No tópico 1 *Noções de Gêneros*, situamos nosso trabalho nos conceitos bakhtiniano e swalesiano de gênero; no tópico 2 *O gênero editorial jornalístico*, definimos o gênero editorial e apontamos as peculiaridades e a importância de se realizar uma análise retórica sobre esse gênero; no tópico 3 *O modelo CARS e sua adaptação para artigos de opinião*, descrevemos o modelo CARS, bem como a adaptação proposta por Oliveira (2004) para o gênero artigo de opinião; no tópico 4 *Metodologia*, esclarecemos os procedimentos metodológicos utilizados no presente trabalho e no tópico 5 *Análise de dados e discussão dos resultados*, realizamos a análise dos dados encontrados, seguida da discussão dos resultados e com uma análise integral de um dos editoriais, e, por fim, temos as Considerações Finais.

Nosso estudo demonstra que, possivelmente, devido à forte presença de marcas persuasivas, há imiscuidade e mobilidade entre Unidades e subunidades retóricas. Por exemplo, a Unidade retórica 2 – *Apresentação de uma tomada de posição* e a Unidade retórica 3 – *Avaliação*, muitas vezes se mesclam. De forma mais detalhada, esse fenômeno ocorre entre as subunidades 1 e 2, da Unidade retórica 2, e entre as subunidades 1A e 1B da Unidade retórica 3. Ademais, a Unidade retórica 4 - *Conclusão* não foi encontrada em dois dos editoriais selecionados, nos demais, sempre se localiza no último parágrafo e de forma um tanto sintética.

## 1 NOÇÕES DE GÊNEROS

Este artigo toma o conceito de gêneros com base em Bakhtin (2016) e em Swales (1990, 2009), como fonte principal de embasamento. Pois, além de acreditarmos que a visão desses autores é basilar para este estudo, ela nos ajuda a entender o gênero escolhido, editoriais jornalísticos, seja através da noção bakhtiniana de atividades humanas, ou swalesiana, considerando as noções de comunidades discursivas, propósito comunicativo e modelo CARS.

Os postulados de Bakhtin (2016) são importantes, uma vez que o autor atrela o uso da linguagem às atividades humanas, ao defender que o tipo de discurso, se jornalístico, político ou acadêmico, por exemplo, vai depender da instância discursiva própria da prática social a que pertence. Acreditamos que a atividade jornalística exerce um discurso próprio às suas rotinas produtivas.

Ademais, o nosso recorte temático tem importância para a história da democracia na sociedade brasileira, o que o insere em mais um viés bakhtiniano, o de que “Os enunciados e o tipo a que pertencem, ou seja, os gêneros do discurso são as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua” (Bakhtin, 2016, p. 20).

E essa língua é empregada através de enunciados que são reflexos das peculiaridades de cada prática social. Enunciado e gênero estão imbricados em uma relação constitutiva. Os enunciados estão intrinsecamente ligados à realidade social, pois são formados a partir das interações sociais e das necessidades de comunicação dos seus indivíduos. Gêneros são formados por enunciados que são *a forma gramatical e estilística*<sup>3</sup> próprias de determinada prática social, no caso em questão, o jornalismo.

Assim, os gêneros são compostos por categorias de enunciados, pertencentes às nossas práticas sociais. A diferença, ressaltamos, está nas instâncias discursivas que constituem determinada atividade humana, dessa forma, podemos falar em discurso jornalístico, jurídico, econômico etc.

Já Swales (1990) afirma ser, principalmente, o propósito comunicativo, e não o enunciado pleno, segundo Bakhtin (2016), um dos pontos centrais, mas não o único, que definiria a qual gênero o texto pertence. Segundo o autor, gênero “[...] compreende uma classe de eventos comunicativos cujos membros compartilham certo conjunto de propósitos comunicativos” (Swales, 1990, p. 58)<sup>4</sup>.

Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e constituem a razão do gênero. A razão subjacente dá o contorno da estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é o critério que é privilegiado e que faz com que o escopo do gênero se mantenha focado estreitamente em determinada ação retórica compatível com o gênero. Além do propósito, os exemplares do gênero demonstram padrões semelhantes, mas com variações em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Se forem realizadas todas as expectativas em relação àquilo que é altamente provável para o gênero, o exemplar será visto pela comunidade discursiva original como um protótipo. Os gêneros têm nomes herdados e produzidos pelas comunidades discursivas e importados por outras comunidades. Esses nomes constituem uma comunicação etnográfica valiosa, mas precisam de validação posterior (Swales, 1990, p. 58)<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> Volóchinov (2019a, p. 269, apud Barbosa e Di Fanti, 2020, p. 187)

<sup>4</sup> No original: “[...] comprises a class of communicative events, the members of which Soares some set of communicative purpose” (SWALES, 1990, p. 58)

<sup>5</sup> No original: “These purposes are recognized by the expert members of the parent discourse community, and thereby constitute the rationale for the genre. This rationale shapes the schematic structure of the discourse and influences and constrains choice of content and style. Communicative purpose is both a privileged criterion and one that operates to keep the scope of a genre as here conceived narrowly focused on comparable rhetorical action. In addition to purpose, exemplars of a genre exhibit various patterns of similarity in terms of structure, style, content and intended audience. If all high probability expectations are realized, the exemplar will be viewed as prototypical by the parent discourse community. The genre names inherited and produced by

Posteriormente, Swales, em parceria com Askehave, tirou o enfoque do propósito comunicativo como algo central na definição de gênero, salientando que

[...] o propósito comunicativo não pode, por si mesmo, ajudar os analistas a decidirem rápida, tranqüila e indiscutivelmente quais dentre os textos A, B, C e D pertencem ao gênero X ou Y, pois esses analistas dificilmente saberão, de saída, quais são realmente os propósitos comunicativos daqueles textos. Antes, o que é imediatamente manifesto ao analista de gênero não é o propósito, e sim a forma e o conteúdo. Além disso, mesmo que um texto se refira ao próprio propósito comunicativo de forma explícita e evidente, como em ‘o propósito dessa carta é informar que sua conta excedeu o limite de crédito’, diríamos que é temerário interpretar sempre tais enunciados do modo como se apresentam (Askehave; Swales, 2009, p. 228).

Essa necessidade de uma análise rigorosa de todo o enunciado é vital em pesquisas cujo *corpus* é constituído por textos opinativos, com forte teor persuasivo, como é o caso dos editoriais do jornalismo. Ademais, nos ajudou em determinar o tema predominante nos editoriais, excluindo aqueles que, mesmo citando os presidenciais e/ou o segundo turno das eleições presidenciais de 2018, abordavam, verdadeiramente, outro tema.

Outrossim, a visão de comunidades discursivas (CD) para Swales (2009) está afim ao nosso entendimento de como podemos agir na sociedade por meio de gêneros discursivos. Além de apresentar convergência com o conceito bakhtiniano de enunciados. Vejamos critérios de definição utilizados pelo autor, que, em publicação mais recente, de 2016, inseriu o 7) e o 8) critérios.

- 1) possui um conjunto perceptível de objetivos. Esses objetivos podem ser formulados pública e explicitamente e também podem ser, no todo ou em parte, aceitos pelos membros; podem ser consensuais; ou podem ser distintos, mas relacionados [...]
- 2) possui mecanismos de intercomunicação entre seus membros;
- 3) usa mecanismos de participação para uma série de propósitos: para prover o incremento da informação e do *feedback*; para canalizar a inovação; para manter os sistemas de crenças e de valores da comunidade; e para aumentar seu espaço profissional;
- 4) utiliza uma seleção crescente de gêneros para alcançar seu conjunto de objetivos e para praticar seus mecanismos participativos. Eles freqüentemente formam conjuntos ou séries [...]
- 5) já adquiriu e ainda continua buscando uma terminologia específica;
- 6) possui uma estrutura hierárquica explícita ou implícita que orienta os processos de admissão e de progresso dentro dela. (ASKEHAVE; SWALES, 2009, p. 206-207)
- 7) uma CD desenvolve um senso de ‘relações silenciais’ (BECKER, 1995), segundo o qual há um senso de coisas que não precisam ser ditas ou que não devem ser explicadas em detalhes em palavras ou escrita
- 8) uma CD desenvolve horizontes de expectativas. Isto é, um senso de sua história e sistema de valores para o que é bom e menos bom (Pereira, 2022, p. 36).

---

discourse communities and imported by others constitute valuable ethnographic communication, but typically need further validation.”

## 2 O GÊNERO EDITORIAL JORNALÍSTICO

Os editoriais são gêneros textuais que refletem a opinião do(s) proprietário(s) do jornal e são utilizados para pautar a opinião pública e a própria mídia hegemônica, além de marcar o interesse político do veículo sobre determinado assunto. Nas palavras de Firmstone,

Os jornais e os jornalistas que escrevem editoriais desempenham um papel poderoso na construção do debate político na esfera pública. Eles usam sua voz editorial para tentar influenciar a política indiretamente, alcançando a opinião pública, ou diretamente, mirando nos políticos. O jornalismo editorial é mais persuasivo durante as eleições, quando os jornais tradicionalmente declaram apoio a candidatos e partidos políticos. Apesar do potencial das opiniões editoriais para influenciar o debate democrático e da controvérsia sobre a forma como os jornais e seus proprietários usam editoriais para intervir na política, o jornalismo editorial é pouco pesquisado.” (Firmstone, 2019, p. 01)<sup>6</sup>

Escolhemos como gênero discursivo o editorial, pois como explica Van Dijk, este é um “[...] gênero distinto do discurso diário que, no entanto, recebeu pouca atenção teórica nos estudos de discurso e de gênero” (Dijk, 2016, p. 21, supressão nossa).

Com reconhecida importância para a sociedade, os editoriais constituem um “macroato de rotina na expressão da opinião pública e formação (dos editores) de um jornal, funcionando no sentido de influenciar a opinião pública a respeito de eventos e problemas sociais e políticos relevantes” (Dijk, 2016, p. 21).

Os editoriais possuem ainda um leque de possibilidades para estudos acadêmicos, pois

Discursivamente, os editoriais constituem um gênero de discurso persuasivo. Podemos, por isso, esperar uma variedade de estruturas retóricas e argumentativas, apreciações, estruturas ideológicas, descrições de eventos sociais, atores e situações, estruturas epistêmicas, e estruturas pragmáticas de asserções, recomendações, conselhos para outros atores sociais e instituições, bem como formas de polidez ao criticar atores ou instituições poderosas. O importante é que todas essas estruturas discursivas, cognitivas e sociais, estratégias e processos ocorrem em combinação e em vários níveis, ao mesmo tempo. (Dijk, 2016, p. 21 e 22).

A partir disso, selecionamos para análise quinze editoriais publicados no jornal Folha de São Paulo, no período de 08/10/2018 a 28/10/2018, que tratam sobre o segundo turno das eleições presidenciais de 2018.

## 3 O MODELO *CREATE A RESEARCH SPACE (CARS)*

Escolhemos como perspectiva analítica o modelo *Create a Research Space (CARS)*, proposto por Swales (1990) e modificado por Oliveira (2004), para a análise do gênero artigo de opinião. Isto porque o modelo *CARS* original é mais adequado para a análise de gêneros

---

<sup>6</sup> No original: “Newspapers and the journalists who write editorials play a powerful role in constructing political debate in the public sphere. They use their editorial voice to attempt to influence politics either indirectly, through reaching public opinion, or directly, by targeting politicians. Editorial journalism is at its most persuasive during elections, when newspapers traditionally declare support for candidates and political parties. Despite the potential of editorial opinions to influence democratic debate, and controversy over the way newspapers and their proprietors use editorials to intervene in politics, editorial journalism is under-researched.” (Firmstone, 2019, p. 01)

acadêmicos e o nosso *corpus* é composto por editoriais jornalístico, um gênero que se diferenciou dos artigos de opinião apenas porque expressam a opinião do(s) dono(s) do jornal, ganhando, assim, possivelmente um *status* superior na comunidade discursiva jornalística, mas com estratégias retóricas semelhantes às daquele.

Primeiramente, vamos nos ater ao modelo *CARS* proposto por Swales (1990). Esse modelo foi desenvolvido para a Análise de Gêneros, principalmente os acadêmicos, elaborado a partir do estudo de introduções de artigos de pesquisa. É constituído por três movimentos retóricos<sup>7</sup> (*moves*), a saber, movimento 1 – *estabelecer território*; movimento 2 – *estabelecer um nicho*; movimento 3 – *ocupar o nicho*.

Cada um desses três movimentos retóricos possui passos (*steps*), cujo objetivo é o de descrever, a partir da organização retórica, a distribuição de informações recorrentes no texto. No movimento 1 temos os seguintes passos: “Passo 1 – Estabelecer a importância da pesquisa e/ou Passo 2 – Fazer generalização sobre o assunto e/ou Passo 3 – Revisar itens de pesquisas anteriores;”. No movimento 2 temos o “Passo 1A – Contra-argumentar ou Passo 1B – Identificar lacunas no conhecimento ou Passo 1C – Fazer questionamentos ou Passo 1D – Continuar uma tradição”. E, no movimento 3, temos o “Passo 1A – Esboçar os objetivos ou Passo 1B – Anunciar a presente pesquisa; Passo 2 – Apresentar os principais resultados e Passo 3 – Indicar a estrutura do artigo”. (SWALES, 1990, p. 141)<sup>8</sup>.

Como podemos perceber, a análise de gênero acima, proposta por Swales (1990), prioriza os gêneros acadêmicos e suas organizações retóricas, porém esse modelo tem sido adaptado para a análise de gêneros fora da comunidade discursiva acadêmica, como é o caso, por exemplo, da adaptação feita por Oliveira (2004) para a análise de artigos de opinião, pertencentes à esfera jornalística.

Em sua dissertação, intitulada *A organização retórica de artigos de opinião na imprensa e no jornal escolar*, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC), Oliveira, ao analisar artigos de opinião, adaptou o modelo *CARS* para a seguinte estrutura:

---

<sup>7</sup> Com o propósito de nos alinharmos a Oliveira (2004), fizemos a opção terminológica por usar Unidades em substituição a Movimento e Subunidade em vez de Passos. Esta decisão, porém, em nada afeta a base conceitual com a qual trabalhamos neste estudo.

<sup>8</sup> No original: “Move 1 Establishing a territory Step 1 Claiming centrality and/or Step 2 Making topic generalization(s) and/or Step 3 Reviewing items of previous research Move 2 Establishing a niche Step 1A Counter-claiming or Step 1B Indicating a gap or Step 1C Question-raising Step 1D Continuing a tradition Move 3 Occupying the niche Step 1A Outlining purposes or Step 1B Announcing present research Step 2 Announcing principal findings Step 3 Indicating RA structure” (Swales, 1990, p. 141).

Imagem 1 – Adaptação do modelo CARS para a análise retórica de artigos de opinião

<p><b><i>Unidade retórica 1 – Apresentação do tema</i></b>  Subunidade 1A – Apresentando o fato jornalístico e / ou  Subunidade 1B – Apresentando o(s) antecedente(s) do tema em questão</p> <p><b><i>Unidade retórica 2 – Apresentação de uma tomada de posição</i></b>  Subunidade 1 – Formulando uma tese e / ou  Subunidade 2 – Apresentando diferente(s) argumento(s) que justificam a tese</p> <p><b><i>Unidade retórica 3 – Avaliação</i></b>  Subunidade 1A – Apresentando processo(s) estimativo(s) de juízo(s) de valor(es) e / ou  Subunidade 1B – Apresentando causa(s) e consequência(s)</p> <p><b><i>Unidade retórica 4 – Conclusão</i></b>  Subunidade 1A – Apresentando conclusão(ões) e / ou  Subunidade 1B – Indicando perspectiva(s)</p>
---

Fonte: Oliveira (2004, p. 73)

Segundo Oliveira (2004) a Unidade retórica 1 - *Apresentação do tema* refere-se à apresentação e contextualização do fato jornalístico, desempenhando, respectivamente, as funções de informar o (a) leitor (a) sobre o tema a ser abordado e situá-lo (a) sobre os antecedentes desse fato em questão; a Unidade retórica 2 – *Apresentação de uma tomada de posição* “utiliza estratégias discursivas consistentes como forma de persuadir o leitor, apresentando argumentos que venham evidenciar a sua tomada de posição diante do fato por ele abordado.” (Oliveira, 2004, p. 77); a Unidade retórica 3 – *Avaliação* visa expressar “uma avaliação analítica na qual os fatos são expostos na maioria das vezes com brevidade, contendo causas e consequências por meio de um processo estimativo, em que é estabelecido o valor de bem e de mal para o evento.” (Oliveira, 2004, p. 78) e a Unidade retórica 4 – *Conclusão* onde o jornalista “utiliza recursos discursivos para fundamentar a posição inicial formulada no texto. [...] indica perspectivas positivas ou negativas, utilizando argumentos sugestivos e persuasivos.” (Oliveira, 2004, p. 78).

Oliveira (2004) se baseou, também, em Kaufman e Rodriguez (1995), para compor seu esquema de organização retórica e sua explicação corrobora com a nossa escolha em usá-lo para análise do gênero editorial jornalístico, pois

[...] podemos identificar alguns traços característicos dos artigos de opinião como um dos gêneros jornalísticos, conforme bem colocam Kaufman e Rodriguez (1995), texto de trama argumentativa, cuja função predominante é a informativa. Para as autoras, esse texto, por seguir uma linha argumentativa, geralmente começa pela identificação do tema, seguida por uma tomada de posição que se apoia em

diferentes argumentos que culminam com a reafirmação da posição adotada inicialmente pelo seu autor. (OLIVEIRA, 2004, p. 05)

#### 4 METODOLOGIA

A presente pesquisa constitui-se como uma pesquisa documental e descritiva, não pretendendo buscar conclusões generalizáveis sobre a organização retórica dos editoriais. Para a obtenção dos resultados, foi realizada uma análise de cada editorial publicado pelo jornal Folha de São Paulo, no período de 08/10/2018 a 28/10/2018. Desses, constituiu-se um *corpus* de quinze editoriais que tratam das eleições presidenciais de 2018.

O texto de tais editoriais, inseridos no nosso recorte temático, teve sua organização retórica descrita em seus movimentos e passos de acordo com o modelo *CARS*, modificado por Oliveira (2004) para o estudo de artigos de opinião, pois os editoriais são artigos de opinião, que, por expressarem os interesses do(s) proprietário(s) do jornal, ganharam um *status* diferenciado, porém possuem estrutura retórica semelhante, tais como: formulação de uma tese, tomada de posição, apresentação de argumentos e reafirmação conclusiva do posicionamento defendido.

Os critérios de escolha do jornal Folha de São Paulo para a coleta do *corpus* se dão pelo fato de esse veículo ser um dos mais longevos, cento e um anos, do jornalismo hegemônico brasileiro; ter tradição na cobertura jornalística eleitoral no âmbito nacional; ser referência para outros jornais impressos no Brasil, principalmente os regionais/locais, bem como para outros meios de comunicação (televisão e rádio, por exemplo), incluindo seus jornalistas; pautar o debate político na mídia e entre os formadores de opinião e por ter alcance nacional, já que o tema também é nacional.

O recorte temático teve como critérios o conteúdo ser de extrema relevância para a democracia brasileira, num momento de crise institucional, de disputa hegemônica e de *fake news* (notícias falsas), rica presença de estruturas retóricas, como revelamos ao citar Dikj (2016); mesmo tema central abordado nos editoriais; simultaneamente das publicações e homogeneidade discursiva.

A coleta dos dados foi documental e se deu com a pesquisa, por cada um dos editoriais, através do *site*<sup>9</sup> do acervo do periódico Folha de São Paulo. Os editoriais publicados localizam-se na página A2. Toda a página foi arquivada para posterior apreciação dos editoriais.

Do total de vinte e um editoriais, foram selecionados quinze. Não analisamos os

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>

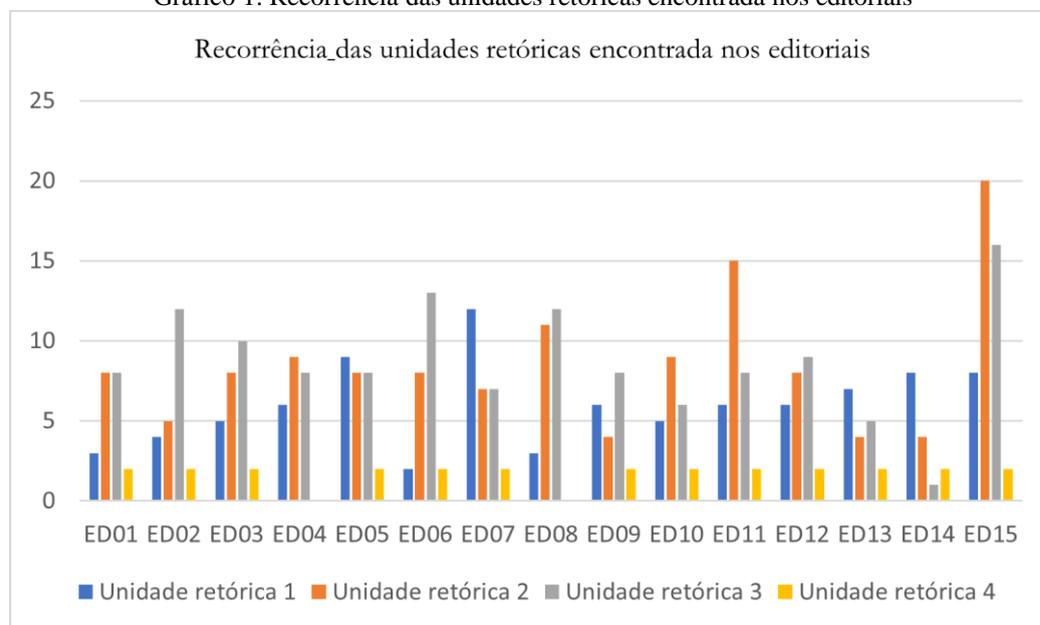
editoriais que tratam de prospecções sobre o futuro exercício do mandato eleitoral; de análises sobre o resultado do primeiro turno das eleições presidenciais de 2018; sobre as eleições a nível regional (Estado de São Paulo) e sobre fatos ou assuntos que apenas tangenciaram nosso recorte temático.

## 5 ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Iniciamos nossa análise com a apresentação dos dados quantitativos, conforme Gráfico 1. Nossa análise teve como parâmetro a proposta de Oliveira (2004). Essa etapa consiste na exposição da recorrência das unidades retóricas encontradas (Unidade retórica 1 - Apresentação do tema; Unidade retórica 2 - Apresentação de uma tomada de posição; Unidade retórica 3 - Avaliação e Unidade retórica 4 – Conclusão). Posteriormente apresentamos e discutimos os dados relativos às subunidades quantificadas a partir da análise dos editoriais.

A recorrência das subunidades contabiliza o título e a linha fina<sup>10</sup> uma única vez, quando pertencem à mesma subunidade de igual Unidade retórica; quando pertencem a subunidades diferentes, contabilizamos separadamente.

Gráfico 1: Recorrência das unidades retóricas encontrada nos editoriais



Fonte: Elaboração própria

Em nossa análise, poucos editoriais apresentaram uma sequência linear das estruturas

<sup>10</sup> Frase ou período sem ponto final, que aparece abaixo do título e serve para completar seu sentido ou dar outras informações. Funciona como subtítulo. Usa letras menores que as do título e maiores que as do texto.”

CIRCUITO FOLHA. \*\*L\*\*. Disponível em:

[https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_edicao\\_1.htm](https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_edicao_1.htm). Acesso em 19 jun. 2022

retóricas, conforme descrito em Oliveira (2004), tanto em relação às Unidades quanto às Subunidades. Apresentando mobilidade ao longo dos textos. Exceto a Unidade retórica 4 – *Conclusão*, que se manteve no último parágrafo, normalmente composta de 4 linhas e duas orações, sendo uma para cada subunidade.

Todas as quatro Unidades retóricas foram encontradas, com exceção da Unidade retórica 4 – *Conclusão*, no editorial quatro (ED04) e oito (ED08). Algo excepcional, pois essa Unidade, nos demais editoriais, sempre apareceu no último parágrafo, mesmo sendo um período constituído por poucas linhas.

Pela nossa análise, o editorial quatro (ED04) não apresenta conclusão, o último parágrafo desse editorial está inserido nas Unidades retóricas 1 e 3. Vejamos sua construção.

**Exemplo 01:**

*Há alguns meses, o assessor econômico de Bolsonaro sugeria arrecadar até R\$ 1 trilhão com vendas de ativos para abater a dívida pública - quantia vista como inviável mesmo antes de o capitão reformado dar novas mostras de suas inclinações estatistas.*

O parágrafo inicia com a apresentação de antecedentes do tema: “Há alguns meses, o assessor econômico de Bolsonaro sugeria arrecadar até R\$ 1 trilhão com vendas de ativos para abater a dívida pública”, subunidade 1B da Unidade retórica 1, seguido de uma avaliação: “quantia vista como inviável mesmo antes de o capitão reformado dar novas mostras de suas inclinações estatistas”, ou seja, subunidade 1A da Unidade retórica 3.

O mesmo ocorre com o editorial oito (ED08), sendo que avaliamos este último período como pertencente à Unidade retórica 3.

**Exemplo 02:**

*Este (sic) procura se mostrar mais moderado e maleável; depois de apresentado como preposto de Lula, porém, a mudança soa falsa. O sumiço da cor vermelha e o aceno a religiosos renderam, até aqui, pouco mais que piadas. As chances de vitória se reduzem, mas ainda superam as de autocrítica.*

A primeira e a segunda frase do período pertencem, respectivamente, à Unidade retórica 3. A primeira frase é composta pelas subunidades 1A: “Este procura se mostrar mais moderado e maleável” e 1B: “[...] depois de apresentado como preposto de Lula,” e novamente pela subunidade 1A: “[...] porém, a mudança soa falsa.” A segunda frase se insere na subunidade 1B: “O sumiço da cor vermelha e o aceno a religiosos renderam, até aqui, pouco mais que piadas.”

A última frase, na nossa análise, tem características da Unidade retórica 3 - Avaliação, sendo o trecho “As chances de vitória se reduzem,” avaliado como subunidade 1B e o trecho “mas ainda superam as de autocrítica.,” como subunidade 1A. Além disso, espera-se que a

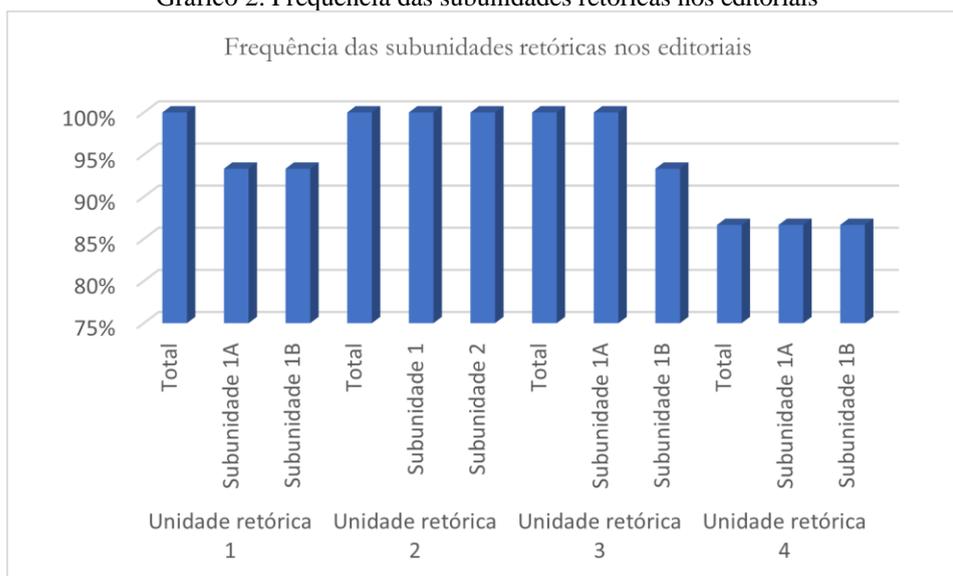
conclusão de um editorial de onze parágrafos não se resume a uma única frase.

Segundo a nossa experiência, como jornalista (umas das autoras), a falta de Conclusões editoriais pode ter ocorrido porque, quando o texto está longo e precisa ser editado, normalmente, a conclusão é excluída.

Como os editoriais são construídos, fundamentalmente, em torno de uma tomada de posição, de uma tese, representada por Oliveira (2004) pela Unidade retórica 2, notamos uma sobreposição de Unidades retóricas, principalmente entre as Unidades 2 e 3. Algo compreensível, já que estamos trabalhando com textos opinativos e persuasivos. Logo, em um mesmo parágrafo, encontramos trechos inseridos em mais de uma unidade retórica, que foram contabilizados separadamente.

Como exemplo dessa composição, descrita acima, temos o ED 04, cujo título: “Cacoetes Estatistas” se insere na Unidade retórica 2 e na Unidade retórica 3, pois ao mesmo tempo em que apresenta a tomada de posição do editorial, também realiza juízo de valor. A Unidade retórica 1, *Apresentação do tema*, (subunidade 1A – *apresentando o fato jornalístico* e/ou subunidade 1B – *apresentando o(s) antecedente(s) do tema em questão*), fica por conta da linha fina: “Bolsonaro dá novas mostras de resistência à venda de estatais e causa desconfiança”. Mas também, aqui, o trecho “causa desconfiança” pode ser compreendido como avaliação, juízo de valor, Unidade retórica 3, pois causar desconfiança não seria, em tese, um fato jornalístico.

Gráfico 2: Frequência das subunidades retóricas nos editoriais



Fonte: Elaboração própria.

Analisando, de forma mais detalhada, a imiscuidade ocorre com maior frequência entre as subunidades 1 e 2, da Unidade retórica 2, e as subunidades 1<sup>a</sup> e 1B da Unidade

retórica 3. Isso porque muitos editoriais formulam uma tese com um juízo de valor incluso. Como exemplo, temos o editorial quinze (ED15), intitulado *Defesa da democracia*, cuja linha fina é ao mesmo tempo a formulação da tese e uma avaliação: “Qual Bolsonaro pode chegar à Presidência? O que promete pacificar o país ou o que age como chefe de facção de comportamento abominável?” (FOLHA, 2018).

A primeira pergunta é classificada como subunidade 1 da Unidade retórica 2. A segunda pergunta pode ser dividida em duas partes. Primeira: “O que promete pacificar o país” ainda pertencente à subunidade 1 da Unidade retórica 2 e a segunda: “ou o que age como chefe de facção de comportamento abominável?”, que se insere tanto na subunidade 1 da Unidade retórica 2, pois é a segunda parte da formulação da tese, quanto na subunidade 1A da Unidade retórica 3, visto que realiza uma avaliação de Bolsonaro como “chefe de facção de comportamento abominável”.

Verificamos, também, uma justaposição, não apenas entre as subunidades das Unidades retóricas 2 e 3, como sublinhamos anteriormente, mas também entre as subunidades 1 e 2 da Unidade retórica 2 e entre as subunidades 1A e 1B da Unidade retórica 1. Chegando até mesmo ao fato jornalístico ser obliterado pela tomada de posição do editorial.

Como exemplo, temos o editorial 12 (ED12) cujo título: “Encruzilhada petista” e a linha fina: “Partido está longe de dispor de um programa de governo realista, que demonstre um aprendizado” não apresentam a Unidade retórica 1 – Apresentação do tema e, sim, a Unidade retórica 2 – *Apresentação de uma tomada de posição* e a 3 – *Avaliação*.

Esse editorial também traz um primeiro parágrafo, chamado de lide na comunidade discursiva dos jornalistas, bastante inusitado e não recomendado pela própria Folha de São Paulo. De acordo com o veículo, há dois tipos de lide, o noticioso “que responde às questões principais em torno de um fato (o quê, quem, quando, como, onde, por quê)” e um outro, classificado de “não-factual, que lança mão de outros recursos para chamar a atenção do leitor.” Sendo que, em qualquer caso, o lide deve evitar “Começar com declaração entre aspas, fórmula desgastada pelo uso indiscriminado.” (FOLHA, 1996). Porém, é com aspas que o lide, classificado na Unidade retórica 2 como subunidade 2, desse editorial começa:

**Exemplo 03:**

*A campanha de Fernando Haddad (PT) ‘mantém o jogo do faz de conta do desespero eleitoral, segue firme no universo do marketing, sem que o candidato inspire-se na gravidade do momento para virar a própria mesa, fazer uma autocrítica corajosa e tentar ser o eixo de uma alternativa democrática verdadeira’.*

Outro exemplo da amálgama e mobilidade entre as Unidades retóricas é quando o fato jornalístico (Unidade retórica 1) é usado como tese ou justificativa pela tomada de posição

(Unidade retórica 2) do editorial. Como exemplo, temos o editorial quinze (ED15) que, além dessas sobreposições, traz ainda a Unidade retórica 3 – Avaliação, atravessando quase todo o texto. Assim, como exemplo, apresentaremos a análise completa do ED15.

### **Considerações finais**

A partir da nossa pesquisa, observamos que, no *corpus* analisado de quinze editoriais, quatorze apresentaram todas as quatro Unidades retóricas descritas por Oliveira (2004). Apenas os editoriais quatro (ED04) e oito (ED08) não apresentaram a Unidade retórica 4 – *Conclusão*. Isso demonstra a validade do modelo *CARS* segundo Oliveira (2004), na análise retórica com estrutura mais típica de sequências argumentativa, como os artigos de opinião e editoriais. Não encontramos a presença de Unidades e Subunidades retóricas não descritas por Oliveira (2004).

A imiscuidade e sobreposição de Unidades retóricas e de Subunidades foi o que mais se destacou em nosso estudo. O texto dos editoriais analisados é construído em torno de uma opinião, de uma tese a ser justificada, logo sua construção argumentativa é bastante persuasiva, o que provoca uma amálgama de argumentos, opiniões e fatos jornalísticos enviesados, com predomínio das Unidades retóricas 2 e 3 e presença também da Unidade retórica 1.

Essa estratégia mobilizada em fazer do editorial um texto que não apresenta uma delimitação clara entre as Unidades retóricas, apresentadas por Oliveira (2004), e que privilegia as Unidades retóricas opinativas, que se retroalimentam, acaba por criar um texto cujos períodos devem ser avaliados de forma cuidadosa e crítico-reflexiva. Pelo menos no que diz respeito aos editoriais ora estudados, pois, como já afirmamos anteriormente, este não é um estudo generalizante.

### **Referências**

ASKEHAVE, I.; SWALES, J. M. Identificação de gênero e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (Org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: EDUPE, 2009. p. 221-243.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 176

BARBOSA, V. F.; DI FANTI, M. da G. C. Notas sobre gêneros do discurso em Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. In: ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno; ARANTES, Poliana; PESSÔA, Morgana (org.). **Em discurso 4 – Pesquisar com gêneros discursivos: interpellando mídia e política**. Rio de Janeiro: Cartolina, 2020, p. 185-200.

BAWARSHI, A.; REIFF, M. J. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BEZERRA, B. G. ; SILVA, I. N. ; LEDO, A. C. O. **Escrita acadêmica e organização retórica da introdução de artigos científicos em duas áreas disciplinares**. INVESTIGAÇÕES (ONLINE) , v. 34, p. 1-29, 2021.

CIRCUITO FOLHA. **\*\*L\*\***. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_edicao\\_1.htm](https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_edicao_1.htm). Acesso em 20 jun. 2022.

DIKJ, T. A. V. **Discurso-cognição-sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso**. Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, v. 9, n. esp. (supl.), s8-s29, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/>. Acesso em: 10 jun. 2019.

FIRMSTONE, J. Editorial journalism and newspapers' editorial opinions. In: **Oxford Research Encyclopedia of Communication**. Disponível em: <https://oxfordre.com/communication/view/10.1093/acrefore/9780190228613.001.0001/acrefore-9780190228613-e-803>. Acesso em 01 jun. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Frente esvaziada**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2018/10/frente-esvaziada.shtml>. Acesso em: 19 jun. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Encruzilhada petista**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2018/10/encruzilhada-petista.shtml>. Acesso em: 20 jun. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Defesa da democracia**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2018/10/defesa-da-democracia.shtml>. Acesso em: 23 jun. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Quem é quem**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2018/10/quem-e-quem.shtml>. Acesso em: 23 jun. 2022.

OLIVEIRA, C. M. M. **A organização retórica de artigos de opinião na imprensa e no jornal escolar**. Orientadora: Soares, M. E. 2004. 163f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2004. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3607>. Acesso em 28 Maio. 2022

PEREIRA, Maria Ladjane dos Santos. **Ensino interativo de gêneros: a escrita da resenha no Curso de Graduação em Direito**. Tese (Doutorado) – Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem. Pernambuco, 2022.

SWALES, J. **Genre analysis: English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J. M. **Reflections on concept of discourse community**. Asp. v.69, p. 7-19, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/asp.4774> Acesso em: 04 jun. 2022.

SWALES, J. Repensando gêneros: uma nova abordagem ao conceito de comunidade discursiva. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (Org.). **Gêneros e sequenciais textuais**. Recife: EDUPE, 2009, p. 197-220.

## ***Fanfictions* na era da convergência midiática: uma análise dos processos intertextuais**

Ozeias Evangelista de Oliveira Junior<sup>1</sup>

Maria da Graça dos Santos Faria<sup>2</sup>

### **Introdução**

Este trabalho está situado dentro da Linguística Textual, doravante LT, que compreende a linguagem como um ato social, cognitivo e interacional que é construído por sujeitos nos mais diversos espaços que compõem a sociedade a qual inserem-se. A prática social comunicativa compõe o meio pelo qual os sujeitos agem sobre os espaços e seus interlocutores formando nossa vida cotidiana, ou seja, a realidade. Tomando a linguagem como diversa, histórica e construída pela sociedade, compreendemos texto como “um enunciado que acontece como evento singular, compondo uma unidade de comunicação e de sentido em contexto, expressa por uma combinação de sistemas semióticos” (Cavalcante et al., 2019, p. 02).

Com as revoluções tecnológicas da contemporaneidade emerge, a Convergência Midiática, objeto de estudo de Henry Jenkins, que busca por essência estimular e intensificar novas formas de transmissão e criação de conteúdos, entre as diversas mídias existentes e as que possam surgir. Jenkins (2009), no livro *Cultura da Convergência*, demonstra como esse fenômeno possibilitou múltiplas adaptações para as diversas mídias existentes, mudando tanto a forma que se produz quanto a forma de consumo nos mais diversos meios de comunicação.

A cultura de fã emerge por meio dessa convergência das mídias reunindo os públicos interessados em um determinado produto cultural, buscando compartilhar, comentar e engajar suas opiniões e teorias acerca do mesmo. As *fanfictions* são uma das formas mais popularizadas de produção desse grupo cultural, entendidas, de forma geral, como escritas criativas baseadas em uma realidade de determinado produto cultural, nas quais o fã faz intervenções de seu gosto na história.

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras pela Universidade Federal do Maranhão. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC-V (2022/2023), vinculado ao Grupo de Pesquisa de Estratégias e Organização Textual e ao projeto de pesquisa Análise Argumentativa em Interações Digitais.

<sup>2</sup> Doutorado em Linguística (UFC). Professora Associada IV da Universidade Federal do Maranhão. Coordenadora do Grupo de Pesquisa de Estratégias e Organização Textual e do projeto de pesquisa Análise Argumentativa em Interações Digitais, também faz parte do Grupo PROTEXTO.

Partindo do conceito de Convergência Midiática, que em essência busca a adaptação de um dado conteúdo para cada mídia existente, entendemos que ocorre nas *fanfictions* uma relação entre textos, ou seja, faz-se uso dos processos intertextuais, sejam eles amplos ou estritos, para chegar ao objetivo final. Em intertextualidades, baseamo-nos no trabalho de Carvalho (2018), que confere ao fenômeno dos processos intertextuais uma visão mais ampla, uma vez que a autora considera ocorrências intertextuais em que podemos recuperar o texto-fonte e aquelas em que se tem uma relação mais ampla.

Tomando como base o papel das *fanfictions* na cultura de fã e na Convergência Midiática, traçamos como objetivo geral analisar os processos intertextuais em *fanfictions* no fenômeno da convergência midiática, os específicos são: i) Identificar os processos intertextuais presentes em *fanfictions*; ii) Verificar como os processos intertextuais atuam na construção de sentidos nesses textos. Para isso, selecionamos uma *fanfiction* no site Spirit Fanfics (que é um importante portal em que esse gênero circula e é dedicado a publicação dessa especificidade de texto), no contexto do programa televisivo Big Brother Brasil em que duas participantes são protagonistas da *fanfiction*. A análise dos dados foi feita de maneira qualitativa, com caráter explicativo e descritivo. Quanto ao método utilizado, trata-se do indutivo, pois partimos de dados particulares para chegarmos a conclusões gerais.

Para além desta parte introdutória, o trabalho segue a seguinte organização: primeiramente, traremos a explanação teórica sobre Convergência Midiática com base no livro *Cultura da Convergência* (Jenkins, 2009). Depois iremos situar as *fanfictions* como produções típicas da cultura de fã, que abarcam a Convergência Midiática. Em seguida, abordaremos os estudos sobre intertextualidades e suas relações estritas e amplas, com base em Carvalho (2018), buscando trazer o resgate de importantes trabalhos já publicados anteriormente. Depois apresentaremos a análise dos dados e por último as considerações finais.

### **Convergência Midiática**

Henry Jenkins é um dos importantes estudiosos do campo da comunicação social e focaliza boa parte de suas produções teóricas no campo das mídias e suas convergências. No Livro *Cultura da Convergência* (2009), Jenkins propõe o conceito de Convergência Midiática, mesmo em uma época onde a Internet ainda não havia alcançado uma proporção como hoje. O conceito focaliza-se na transmissão de conteúdo multiplataforma, na cooperação entre os múltiplos mercados em que tal produto vai circular e no comportamento do público em cada mídia. Ao conceituar tal fenômeno o autor traz uma visão além da integração de mídias:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (Jenkins, 2009, p. 29).

A formulação do conceito de Convergência Midiática feita por Jenkins (2009) refere-se a três fenômenos diferentes que estão interligados entre si: o uso complementar de diferentes mídias, a produção cultural participativa e a inteligência coletiva:

- a. O uso complementar de diferentes mídias diz respeito aos conteúdos divulgados por meio de diferentes meios de comunicação/plataformas, envolvendo a união entre diferentes indústrias midiáticas, de maneira fluida e estratégica atualmente;
- b. A produção cultural participativa refere-se ao consumidor que dispõe de poder participativo bem mais evidenciado. As mídias utilizam estratégias que chamam os consumidores para uma ação, para que estes participem ativamente da construção de novos conteúdos. Desse modo, o consumidor torna-se cada vez mais ativo na busca por aquilo que lhe interessa, assumindo um perfil mais participativo que não se via com relação às mídias tradicionais;
- c. A inteligência coletiva trata-se da percepção de que, sozinho, ninguém sabe todas as coisas, permitindo a união de grupos que se reúnem para discutir sobre determinados assuntos (Faria; Silva, 2021, p. 238).

Podemos citar como principais vertentes da Convergência Midiática a Transmídia e Crossmedia. A Transmídia ocorre quando diferentes mensagens, relativas a um mesmo universo/produto, são compartilhadas/publicadas em uma diversidade de mídias e de maneira complementar em relação ao conteúdo original, como, por exemplo, o caso da novela da TV Globo “Haja Coração”, que foi adaptada a uma nova versão da novela e, posteriormente, a um spin-off no Globoplay. Já a Crossmedia ocorre quando um mesmo conteúdo é transmitido em mídias diversas, mas sem sofrer alterações na sua essência, ou seja, na informação que está sendo passada, a exemplo de uma partida de futebol que pode ser transmitida por rádio, TV, redes sociais, sites e plataformas digitais.

A Convergência Midiática não se resume a mera proposta de multiplataforma dos produtos que circulam em cada mídia, ela atua diretamente no cérebro de quem consome esse fluxo midiático, interferindo diretamente nas interações sociais, pois o excesso de informação sobre determinado assunto acaba incentivando os consumidores a comentarem sobre esses produtos em redes sociais, gerando assim engajamento nesse meio digital:

(...) convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana. Por haver mais informações sobre determinado assunto do que alguém possa guardar na cabeça, há um incentivo extra para que conversemos entre nós sobre a mídia que consumimos. Essas conversas

geram um burburinho cada vez mais valorizado pelo mercado das mídias. (Jenkins, 2009, p. 30).

### **Cultura de Fã e *Fanfictions***

Na contemporaneidade, os fãs têm uma criatividade e liberdade de formas de produzir, compartilhar, participar e se engajar em torno das comunidades de fãs das quais participam sobre determinado produto cultural. Ou seja, as diversas mídias permitem a troca e a replicação das informações dos produtos, além de realizarem mobilizações contra o cancelamento de programas de televisão e de debates relacionados às questões sociais e políticas.

Para Jenkins cultura de fã é toda “cultura produzida por fãs e outros amadores para circulação na economia underground e que extrai da cultura comercial grande parte de seu conteúdo” (Jenkins, 2009, p. 385). As *Fanfictions* são muito presentes nesta cultura e são tidas como principal produção nesse meio, pois o fã a partir de sua relação de amor com o produto, da característica de típico consumidor ativo, que não se satisfaz em apenas consumir conteúdos razoáveis, está em constante interação com os produtos do universo no qual é fã e com outras pessoas que possuem os mesmos gostos.

Jenkins (2009) conceitua as *Fanfictions* como qualquer narração em prosa com histórias e personagens extraídos dos conteúdos dos meios de comunicação de massa, feita por praticantes da cultura de fã. As *Fanfictions* são textos com um público muito bem definido, que, em geral, quem as buscas consomem o produto da qual ela trata. Um ponto muito importante sobre as *Fanfictions* são as interações de quem ler, pois nota-se a presença de muitos comentários, bem como alguns com capítulos bem extensos. Em meio a estas considerações, tomamos como importante o pensamento de Jamison (2017, p. 49) que afirma “o que chamamos de fanfiction [...]: não se trata apenas de escrever histórias sobre personagens e mundos existentes – é escrever essas histórias para uma comunidade de leitores que já querem lê-las, que querem conversar sobre elas e que podem estar escrevendo, também”.

Entendemos, dessa forma, que as *Fanfictions* são textos que emergem a partir da Cultura de fã, cultura esta que emerge a partir da intensa produção e intensificação de conteúdo em massa em múltiplas plataformas de mídias, provocados pela Convergência Midiática. Portanto, compreendo-as como textos em que os autores escrevem para comentar sobre um universo do qual consomem e são fãs, como também percebemos nelas uma forte relação com a obra fonte, ou seja, uma relação entre textos.

Compreendemos ainda, as *fanfictions* como textos argumentativos, pois tudo que é

dito, é dito de uma maneira e não por outra, quando se diz algo de uma maneira, se deixa de dizer de outra maneira. Neste trabalho defendemos que todo texto é orientado por argumentatividade, logo todos são argumentativos em diferentes graus. A argumentação está na tentativa de influenciar o outro, a partir de determinada interação. Existem várias maneiras de escrever uma *fanfiction*, por isso existem várias *fanfictions* sobre o mesmo produto, porque cada *fanfiction* vai defender o seu ponto de vista sobre a história.

### **Intertextualidades Estritas e Amplas**

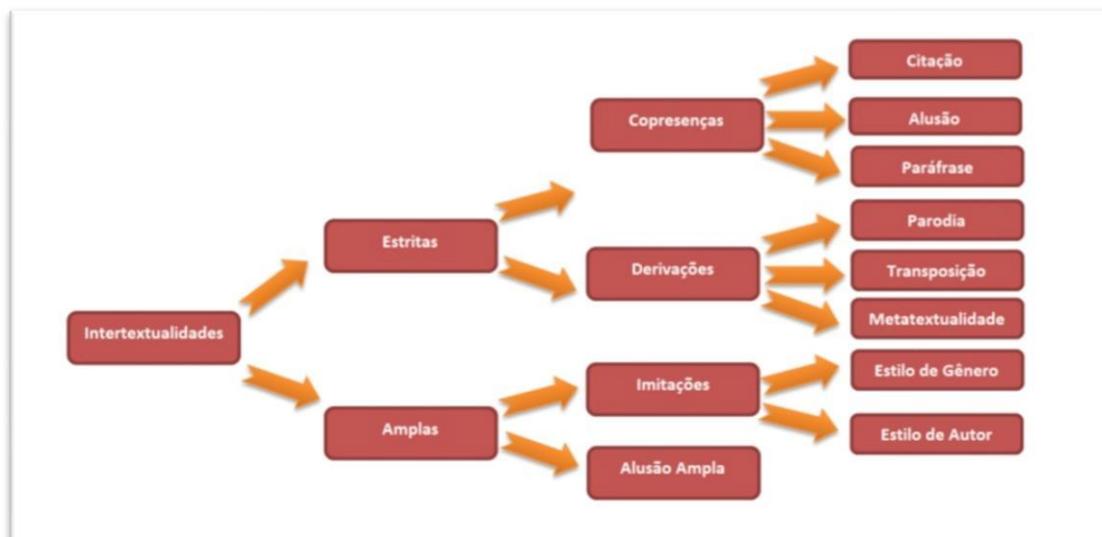
Neste trabalho, adotamos como referencial teórico para intertextualidades, em consonância com o grupo PROTEXTO, os estudos de Carvalho (2018), que conferem ao fenômeno da intertextualidade uma visão mais ampla, uma vez que consideramos, com base na autora, as ocorrências intertextuais em que podemos recuperar o texto-fonte e aquelas em que existe uma relação intertextual mais ampla, “em que o diálogo se dá não entre textos específicos, mas entre um texto e um conjunto de textos” (Cavalcante et al., 2020, p. 105).

Carvalho (2018) entende que existam ocorrências intertextuais em que há uma retomada a “fatos pontuais e/ou eventos marcantes e amplamente difundidos”, marcados no contexto, numa relação de um texto com textos diversos. Para dividir as intertextualidades em amplas e estritas, a autora faz as seguintes considerações:

[...] a intertextualidade pode se estabelecer por remissões de diversos tipos, tais como ao léxico, a estruturas fonológicas, a estruturas sintáticas, ao gênero, ao estilo, ao tom, dentre outras. Nessa perspectiva, importa, antes, a copresença de textos, parâmetros genéricos ou de estilo(s) de autor(es), que pode ou não ser reconhecida pelo interlocutor. Pleiteamos que, constitucionalmente, a intertextualidade se subdivide em duas formas distintas, embora não excludentes: i) estrita, dada pela copresença (inserção efetiva de um texto em outro) ou pela transformação/derivação de um texto específico ou de partes dele em outro texto; e ii) ampla, dada não pela marca de copresença de um texto específico em outro, mas por uma marcação menos facilmente apreensível, porque mais difusa a conjuntos de textos: por indícios à forma composicional de um padrão de gênero; ao estilo de um autor deduzido de vários de seus textos; ou a uma temática divulgada por diversos textos. (Carvalho, 2018, p. 11-12).

Na seguinte figura de autoria de Carvalho (2018), temos a divisão das intertextualidades em amplas e estritas e o reagrupamento dos seus (sub)tipos:

**Figura 1:** Classificação das Intertextualidades Estritas e Amplas



Fonte: Carvalho (2018)

Nas intertextualidades estritas, ocorrem as relações de copresença que se dão por meio da citação literal (com ou sem referência), evidenciando essa relação intertextual, já que resgata o intertexto em sua versão original ao novo texto. Há também a alusão estrita, que é uma menção indireta, relação intertextual em que o locutor deixa pistas para que seu interlocutor resgate o sentido pretendido do texto, pois há insinuações ao texto-fonte no novo texto. Há ainda o parafraseamento de conteúdos, que ocorre quando o novo texto reformula o intertexto, sem com isso se desviar do conteúdo deste.

Carvalho (2018) acrescenta aos estudos das estritas alguns fenômenos de derivação, contudo, Faria (2014) demonstrou, em sua tese, que esses processos de derivação recorrem às copresenças para se constituir, operando uma transformação no texto-fonte. A característica principal e fundamental dos processos de derivação consiste na alteração do texto-fonte através de aspectos formais, estilísticos ou de conteúdo, sem a perda de aspectos semânticos.

Dentro das derivações, Carvalho (2018) destaca a paródia como responsável por reformular a forma e/ou conteúdo do texto em uso como um modo de produzir humor nesse novo texto. Carvalho (2018) também insere nas derivações o fenômeno da transposição que também opera a reformulação de todos os traços de um texto-fonte para outro texto, porém sem levar em conta o “traço humorístico” que está presente na paródia. Além desses dois casos, há a metatextualidade, definida pela relação de um texto que comenta/critica/avalia um outro texto, que é tomada como recorrente nas interações que ocorrem no ambiente digital on-line.

É importante ressaltar que todas essas ocorrências intertextuais, como copresença,

transposição, metatextualidade, já haviam sido propostas por Genette (2010) e, posteriormente, por Piègay-Gros (2010) no âmbito dos estudos literários, mas adotamos Carvalho (2018), já que a autora reorienta esses estudos, reagrupando essas noções dentro da proposta de intertextualidades estritas e amplas, apresentando, para tanto, análises de textos de diversos gêneros e ampliando os estudos sobre o fenômeno da intertextualidade na Linguística Textual.

As intertextualidades amplas, são aquelas em que um texto não cria um diálogo com um texto específico, mas sim com um conjunto de textos, sendo que nem sempre o interlocutor reconhecerá essas relações de intertextualidade ampla (Cavalcante; Faria; Carvalho, 2018). existem três situações que podem ou não ser reconhecidas pelo interlocutor, conforme Carvalho (2018, p. 98-107):

1. Imitação de parâmetros de gênero: marcada por aspectos enunciativos que nos ajudam a recuperar a mobilização de parâmetros do gênero como: características composicionais, temáticas e funcionais que configuram determinado gênero; marcas superestruturais;
2. Imitação de estilo de autor: diz respeito a imitação de recursos discursivos e textuais, que de certa forma criam uma imagem do autor;
3. Alusão ampla a textos não particulares: essa remissão ocorre por meio de referências indiretas não a textos específico, mas a um conjunto de textos que tratam da mesma temática ou de uma temática partilhada coletivamente em dada cultura, manifestável por textos diversos.

### **Processos intertextuais em *Fanfiction***

As *Fanfictions* como já explicitado anteriormente são produções escritas, produzidas por fãs de um determinado produto cultural. Cabe ressaltar que elas extrapolam a interação entre fãs, proposta pelo conceito de cultura de fã, pois envolvem e engajam a criação e o compartilhamento de novos conteúdos acerca do objeto de admiração.

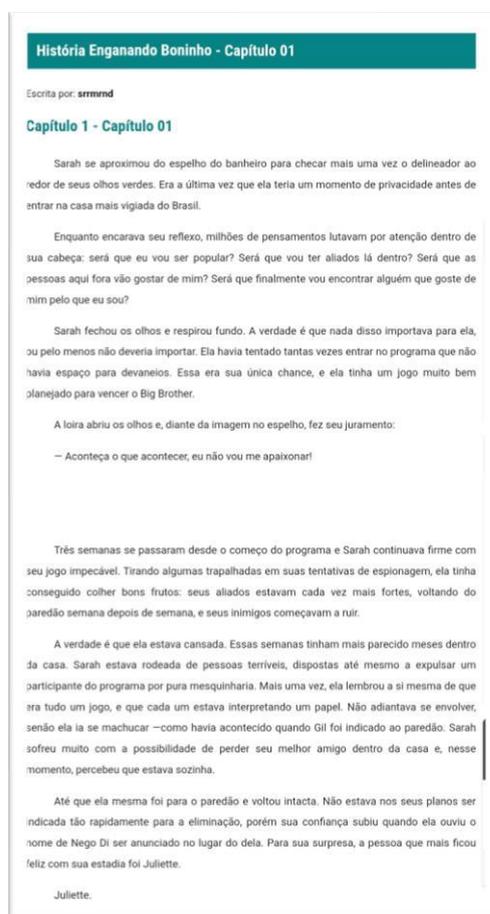
O gênero *Fanfiction* emerge no ambiente digital e é denominado um gênero nativo digital (Paveau, 2021) por ser elaborado de forma on-line num meio digital que o hospeda. Paveau (2021, p. 168) caracteriza a escrita para o digital:

[...] as restrições que a técnica coloca na escrita digital são de duas ordens: no nível macro, elas produzem determinismos dos formatos próprios dos dispositivos de escrita; em um nível micro, elas se voltam à natureza dos elementos da linguagem no contexto digital que integram intrinsecamente uma dimensão técnica.

O objeto de estudo deste trabalho foi retirado do site *Spirit Fanfics*, que é um portal disponível na internet dedicado à publicação desse gênero textual. A *fanfiction* selecionada tem como título “Enganando Boninho” e sua autoria é atribuída ao seguinte pseudônimo “srrmrd”, ela conta com um total de 22 capítulos, diversos comentários e muitos compartilhamentos para outras mídias.

Cabe destacar que o universo da *fanfiction* “Enganando Boninho” é o reality show brasileiro Big Brother Brasil, que é exibido pela Rede Globo de Televisão. A história faz uso da temporada de 2021 e mantém os mesmos participantes dessa edição nessa nova criação. Percebe-se que na *fanfiction* analisada o autor mescla realidade e ficção para engrenar seu texto. Nesse, em especial, o autor irá propor uma relação entre duas participantes do programa, porém o que nos interessa nesse trabalho é a análise dos processos intertextuais presentes nesse texto e como estes são mobilizados para construção argumentativa. Para análise dos dados, utilizaremos apenas o capítulo 1 da *fanfiction* já mencionada, devido a sua extensão e pluralidade a cada capítulo.

**Figura 2:** *fanfiction* “Enganando Boninho”<sup>3</sup>



Fonte: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/enganando-boninho-21721892/capitulos/21721894>

<sup>3</sup> Decidimos apresentar o texto por meio de imagens que foram geradas a partir de capturas de tela, pois o site não permite o sistema de copiar-colar.

**Figura 3:** *fanfiction* “Eganando Boninho”

A pessoa que ela queria ter visto saindo da casa na semana passada, e que agora era uma de suas mais valiosas aliadas. Sarah entendia que havia subestimado a parábola sobre sua habilidade de jogo e, considerando que ela, Sarah e Gil haviam voltado do paredão, o público provavelmente estava do lado deles.

A emoção da quase eliminação passou e a animação pra festa da líder tomou conta de Sarah. Por mais que ela não gostasse de Karol, precisava concordar que ela tinha um ótimo gosto para comida. Além disso, essa seria uma excelente oportunidade para usar suas botas pretas de cano alto que havia comprado em um site chinês semanas antes do confinamento.

A festa não estava muito animada, o que proporcionou momentos de conversa entre os participantes. Discretamente próxima a uma dessas rodinhas, Sarah conseguiu pescar um diálogo interessante...

— Não faz isso, mano — insistiu Projota para Karol. — A gente vai se foder nessa. Tamo precisando de aliados agora que o Di vazou.

— Mas não tem outra pessoa pra eu vetar — rebateu Karol naquele tom direto e frio dela. — Tem que ser a Carla. Ela tá com ódio de mim, não posso deixar que ela seja a líder.

— Se tu fizer isso, o Arthur nunca mais vai olhar na tua cara — disse Lumena. — Casal é poderoso dentro dessa casa.

Sarah refletiu sobre a declaração de Lumena, por mais que a voz da participante a irritasse profundamente. Ela passou os olhos pelo jardim observando todos os competidores do programa.

Carla e Arthur estavam abraçados em um canto, trocando beijos e charnegos. Flak fez uma gracinha com eles e saiu de perto. Casal é poderoso dentro dessa casa...

Caio e Rodolfo aproveitavam para encher o bucho perto do buffet. Aqueles dois não se desgrudavam de jeito nenhum. Por mais que ambos fosse héticos (até o presente momento), eles tinham uma parceria muito clara e objetiva, que inclusive já proporcionara imunidade para ambos nessas primeiras semanas de BBB. Casa é poderoso dentro dessa casa...

Em seguida, seus olhos pousaram em Gil, que fazia uma dança toda coreografada no meio da pista junto com João. Querido Gil... Ele merece o mundo! Mas, ainda que seja seu maior parceiro ali dentro, ele tinha suas próprias alianças. Não dava para considerar que ela e Gil fossem uma espécie de casal, de dupla forte o suficiente para se livrar de tudo ali dentro.

Passando pelas plantas sem prestar muita atenção nelas, Sarah finalmente pousou seus olhos em Juliette. Foi inevitável abrir um sorriso, pois a morena estava dançando sozinha, de olhos fechados, cantando para o céu. Juliette tinha esse jeito leve, porém sempre profundo e emotivo — o total oposto de Sarah. O que no começo havia causado repulsa, agora gerava respeito mútuo.

E, para completar, ela estava linda com aquele look estilo Ariana Grande.

Casal é poderoso dentro dessa casa.

Fonte: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/enganando-boninho-21721892/capitulos/21721894>

**Figura 4:** *fanfiction* “Eganando Boninho”

uma gracinha com eles e saiu de perto. Casal é poderoso dentro dessa casa...

Caio e Rodolfo aproveitavam para encher o bucho perto do buffet. Aqueles dois não se desgrudavam de jeito nenhum. Por mais que ambos fosse héticos (até o presente momento), eles tinham uma parceria muito clara e objetiva, que inclusive já proporcionara imunidade para ambos nessas primeiras semanas de BBB. Casa é poderoso dentro dessa casa...

Em seguida, seus olhos pousaram em Gil, que fazia uma dança toda coreografada no meio da pista junto com João. Querido Gil... Ele merece o mundo! Mas, ainda que seja seu maior parceiro ali dentro, ele tinha suas próprias alianças. Não dava para considerar que ela e Gil fossem uma espécie de casal, de dupla forte o suficiente para se livrar de tudo ali dentro.

Passando pelas plantas sem prestar muita atenção nelas, Sarah finalmente pousou seus olhos em Juliette. Foi inevitável abrir um sorriso, pois a morena estava dançando sozinha, de olhos fechados, cantando para o céu. Juliette tinha esse jeito leve, porém sempre profundo e emotivo — o total oposto de Sarah. O que no começo havia causado repulsa, agora gerava respeito mútuo.

E, para completar, ela estava linda com aquele look estilo Ariana Grande.

Casal é poderoso dentro dessa casa.

Sarah franziu o cenho, deixando a frase ecoar mais uma vez em seus pensamentos. Ela olhou novamente para Arthur e Carla, perdidos em suas conversas bobas de casal meio-que-mas-não-muito-apaixonado. Convenhamos: eles não tinham graça nenhuma. Era uma vergonha que fossem O Casal dessa edição do BBB.

Mas sabe o que poderia ser melhor do que um casal? Um casal de mulheres.

E mais: um casal que não vai ficar bobo porque não está apaixonado de verdade.

Foi assim que Sarah teve sua grande sacada de jogo, seu Gambito da Rainha, seu momento de brilhar, e cruzou confiante a pista de dança em direção a Juliette, parando a centímetros de distância da amiga.

— Confia em mim? — perguntou, séria, olhando profundamente nos olhos castanhos da morena.

— Oxe, o que foi, mulher? — Juliette parecia confusa, porém divertida com a intensidade no olhar de Sarah.

— Só me diz se você confia ou não.

Juliette abriu um sorriso sincero e segurou a mão de sua amiga.

— Claro que confio.

Foi o suficiente para que Sarah cruzasse a distância entre elas e juntasse suas bocas em um beijo.

Fonte: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/enganando-boninho-21721892/capitulos/21721894>

Temos na *fanfiction* selecionada diversas ocorrências intertextuais que foram utilizadas principalmente para aludir às partes que realmente ocorreram durante o programa, e também citações a conteúdos exteriores ao programa, com o objetivo de fazer comparações. Notamos o processo de alusão estrita que, segundo Carvalho (2018), ocorre quando o locutor deixa pistas para que seu interlocutor resgate o sentido pretendido do texto, pois há insinuações ao texto-fonte no novo texto, assim, no seguinte trecho, percebemos essa relação intertextual em: “Até que ela mesma foi para o paredão e voltou intacta. Não estava nos seus planos ser indicada tão rapidamente para a eliminação, porém sua confiança subiu quando ela ouviu o nome de Nego Di ser anunciado no lugar do dela”, este fato ocorreu durante o programa e faz-se uso dele para a história caminhar para o lado fictício, o lado em que o fã defende seu ponto de vista e tenta influenciar o outro.

Outro momento que nos remonta a fatos reais do programa para dar prosseguimento a *fanfiction* são os seguintes: “Caio e Rodolfo aproveitavam para encher o bucho perto do buffet. Aqueles dois não se desgrudavam de jeito nenhum”, com o uso de alusão. Em outro momento, percebemos a imitação de estilo do autor, quando o autor utiliza do jeito típico de falar do participante para escrever diálogos “- Confia em mim? - perguntou, séria, olhando profundamente nos olhos castanhos da morena. / - Oxe, o que foi, mulher? - Juliette parecia confusa, porém divertida com a intensidade no olhar de Sarah.”.

Identificamos, também, o uso de citação no seguinte trecho “Foi assim que Sarah teve sua grande sacada de jogo, seu Gambito da Rainha, seu momento de brilhar, e cruzou confiante a pista de dança em direção a Juliette”, o autor cita “O Gambito da Rainha”, minissérie da Netflix de 2020, que conta a história de uma mulher que conquista seu lugar no mundo do xadrez em uma época em que esse espaço era predominado por homens, ou seja, conta a história de uma mulher determinada a atingir seus objetivos, o que a personagem da *fanfiction* estava fazendo naquele momento da história.

Entendemos que esses processos intertextuais que foram mobilizados ao decorrer da *fanfiction* analisada, reforçam o papel da intertextualidade enquanto estratégia argumentativa, visto que os processos intertextuais ocorrem “como uma tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas da parte do alocutário” (Amossy, 2011, p. 130). Sendo assim, é mobilizada no texto para legitimar e defender o ponto de vista do locutor em relação ao envolvimento das duas participantes, ou seja, é utilizada para construir argumentos em defesa deste ponto de vista.

### Considerações finais

Este trabalho é resultado de um recorte de uma pesquisa de iniciação científica desenvolvida durante 2022-2023 e está situado no campo teórico e metodológico da Linguística Textual, que entende texto conforme Cavalcante et al. (2019) como evento único e irrepetível, acontecendo de uma forma nova a cada vez, em uma situação comunicativa particular, sinônimo de enunciado. Partiu-se das considerações sobre Convergência Midiática e *Fanfiction*s (Jenkins, 2009), e sobre intertextualidades estritas e amplas (Carvalho, 2018), a fim de provar a existência de uma relação efetiva entre intertextualidades e o gênero textual *Fanfiction*, gênero este que ocorre dentro das práticas discursivas em diversos contextos socioculturais.

Durante a análise dos dados, observamos no capítulo um da *fanfiction* selecionada o uso principal de três processos intertextuais: a alusão estrita, a citação e a imitação de estilo de autor. Esses processos foram empregados em momentos em que o autor se aproximava dos fatos reais do programa para dar prosseguimento a história que ele cria. Por fim, entendemos que a intertextualidade é uma estratégia textual que é mobilizada para construir sentidos, partindo de uma motivação argumentativa do locutor. Observamos, ainda, que a intertextualidade é uma estratégia argumentativa que confere força e legitimidade às *fanfiction*s desenvolvidas dentro do âmbito da Convergência Midiática, pois ajuda na formação da argumentação e na defesa do ponto de vista do locutor.

### Referências

- AMOSSY, Ruth. Argumentação e análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. *EID&A*, Ilhéus, v. 1, n. 23, p. 129-144. 2011.
- AMOSSY, Ruth. *Apologia da Polêmica*. 1.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2017. 223 p.
- CAVALCANTE; Mônica Magalhães et al. *Linguística Textual e Argumentação*. 1.ed. Campinas: Pontes, 2020. 200 p.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; CORTEZ, Suzana Leite; PINTO, Rosalice Botelho Wakim Souza; PINHEIRO, Clemilton Lopes. O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. *Revista (Com)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; FARIA, Maria da Graça dos Santos; CARVALHO, Ana Paula Lima de. Sobre intertextualidades estritas e amplas. *Revista de Letras*, v. 2, n. 36, p. 7-12, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/31250>.

Acesso em: 11 jul. 2023.

CARVALHO, Ana Paula Lima de. *Sobre intertextualidades estritas e amplas*. 2018. 136f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018.

FARIA, Maria da Graça dos Santos; SILVA, Mayara Crystina Rego. Convergência Midiática e Transposição: uma leitura da obra *Tieta do Agreste*. In: *Estudos da Linguagem: instrumentos da linguagem teóricos e metodológicos*. 1 ed. São Luís, EDUFMA, 2021.

FARIA, Maria da Graça dos Santos. *Alusão e citação como estratégias na construção de paródias e paráfrases em textos verbo-visuais*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Tradução: Cibele Braga et al. 2.ed. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

JAMISON, Anne. *Fic: por que a fanfiction está dominando o mundo*. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.

JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. São Paulo, Editora Aleph, 2009.

PAVEAU, M. A. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Campinas: Pontes, 2021.

PIÈGAY-GROS, Nathalie. Introduction à l'intertextualité. Tradução: Mônica Magalhães Cavalcante, Mônica Maria Feitosa Braga Gentil e Vicência Maria Freitas Jaguaribe. *Intersecções*, Jundiaí, v. 3, n. 1, p. 220 – 229. 2010.

## **A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM JUDICIAL SOB A PERSPECTIVA DA CRÍTICA GENÉTICA E ESTILÍSTICA**

PAULA ELISIE MADOGLIO IZIDORO (PPGEL/UEL)  
paula.madoglio.izidoro@uel.br

EDINA REGINA PUGAS PANICHI (PPGEL/UEL)  
edinapanichi@sercomtel.com.br

### **DISCUSSÕES INICIAIS**

Em um cenário que remonta ao ano de 1889, o estado brasileiro promoveu a transição de sua forma de governo, passando a adotar o modelo republicano, em detrimento da monarquia até então vigente, firmando assim as bases para o estabelecimento de um regime democrático em nosso país, com a fixação da clássica tripartição de poderes – executivo, legislativo e judiciário – e o conseqüente abandono da ideia de um poder moderador, que era exercido, com exclusividade, pelo monarca, na condição de chefe supremo da nação.

Com a ascensão de uma república federativa, teve vez uma importante modificação na estrutura do poder judiciário, correspondente à bipartição entre justiça estadual e justiça federal, que, a despeito da supressão temporária sofrida durante o regime autoritário vivenciado nas décadas de 1930 e 1940, foi mantida até os dias atuais, e hoje encontra fundamento na Constituição Federal de 1988.

Organizada em Juízes Federais e Tribunais Regionais Federais, respectivamente, como órgãos de primeira e segunda instância, compete à justiça federal, dentre outras atribuições, processar e julgar as causas em que a União, entidade autárquica ou empresa pública federal forem interessadas na condição de autoras, rés, assistentes ou oponentes, conforme se extrai dos artigos 106 e 109, da Carta Magna.

Vale destacar que, desde sua criação, o funcionamento da justiça federal se restringia às capitais dos Estados, no entanto, diante da necessidade de adequação de sua estrutura para o atendimento às demandas trazidas a sua jurisdição, a partir da década de 1970, a justiça federal viabilizou a criação de novas varas e cargos de juízes federais, por meio de concurso nacional, com a finalidade de facilitar o acesso a seus serviços aos municípios do interior. E é este o contexto no qual passa a se inserir José Carlos Cal Garcia como objeto de interesse do

nosso estudo, em razão de seu importante papel no desenvolvimento da justiça federal em nosso Estado.

Em um breve recorte de sua biografia, José Carlos Cal Garcia tomou posse, na data de 5 de setembro de 1984, como Juiz Federal no Paraná, depois de aprovado no concurso nacional. Com a reestruturação do poder judiciário, promovida pela Constituição Federal de 1988, que resultou na reorganização da segunda instância da justiça federal em cinco tribunais regionais federais, em 30 de março de 1989, na condição de Desembargador Federal, José Carlos Cal Garcia passou a integrar a composição inicial do Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4), sediado no município de Porto Alegre, com jurisdição sobre os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e com a atribuição principal de julgar, em sede recursal, as decisões dos Juízes Federais atuantes nesses Estados, chegando a exercer a presidência do referido órgão, logo antes de se aposentar, no ano de 1993.

Havendo compreendido a importância da implementação da justiça federal no Paraná, em especial nas regiões interioranas, bem como o trabalho deveras importante de José Carlos Cal Garcia nesse processo, validamos a importância de estudar os manuscritos deixados pelo desembargador, a fim de contribuir para memória no Estado do Paraná.

A crítica genética demonstra um grande interesse no processo de criação. Nessa linha, os manuscritos com suas rasuras despertam o interesse do pesquisador, o crítico genético, visto que as fendas do material de análise são exploradas de modo que permita maior compreensão da obra. Nesse sentido, a opção pelos estudos de Grésillon (2002, 2007, 2009) e Salles (2000, 2002, 2007, 2008) serão efetivas para a compreensão do processo de criação das sentenças de Cal Garcia, enriquecendo a área de crítica genética, mostrando sua eficiência e transdisciplinaridade, como também a área do direito, que resgatará a memória de um passado que foi tão importante para a construção da justiça federal no Paraná.

## **ASPECTOS TEÓRICOS**

### **Biografia: José Carlos Cal Garcia**

José Carlos Cal Garcia nasceu em 09 de abril de 1928 em Salvador, capital da Bahia. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Bahia, no ano de 1950. Posteriormente, cursou especialização em Direito Público e Direito do Trabalho na

Universidade Nacional de Tucumán, Argentina.

Na mesma década, casou e, a convite de um amigo, Almir Passo, veio ao estado do Paraná, onde estabeleceu-se na cidade de Maringá. Em torno de 1967, 1968, quando foi fundada a Faculdade de Direito de Maringá, Cal Garcia foi um dos primeiros professores, lecionando as disciplinas de Direito Constitucional.

Não obstante, também foi o segundo presidente da Subseção da Ordem dos Advogados de Maringá, bem como primeiro reitor da Universidade Estadual de Maringá – UEM, ocupando a cadeira do ano de 1969 a 1974. Nesta instituição, o bloco D-34 recebe seu nome, onde recebe o curso de direito<sup>1</sup>.

Cal Garcia seguiu advogando por trinta e três anos, mas também, no ano de 1983, foi aprovado no concurso público de o concurso nacional para juiz federal, único candidato aprovado do Paraná. Como resultado, tomou posse no cargo em 05 de setembro de 1984, aos 55 anos.

Progredindo, Cal Garcia, em 30 de março de 1989, tomou posse como Juiz do Tribunal Regional Federal da 4ª Região<sup>2</sup>, função que à época não era chamado de “Desembargador Federal”. Não obstante, também foi Vice-Presidente e Corregedor-Geral da Justiça do TRF da 4ª Região, no período de 25 de abril de 1990 até 21 de junho 1991. Como também o 2º Presidente do TRF da 4ª Região, durante o biênio 1991/1993, período em que a cidade de Maringá recebeu sua primeira Vara Federal<sup>3</sup>, criada pela Lei nº 8.424/1992<sup>4</sup>. Aposentou-se em 08 de outubro de 1993 e em 25 de agosto de 1998, José Carlos Cal Garcia faleceu, deixando um grande legado para a área jurídica do estado do Paraná.

## Os manuscritos

Os manuscritos que servirão como material de análise desse projeto são sentenças do Dr. Cal Garcia e compõe um acervo institucional da Justiça Federal do Paraná. Esses são

---

<sup>1</sup> Segundo informações da ementa do curso de direito. Disponível em:

[http://www.pen.uem.br/site/public/assets/files/19944F3D475A0C509C267FE117F4A9F8/20210309\\_164052-direito.pdf](http://www.pen.uem.br/site/public/assets/files/19944F3D475A0C509C267FE117F4A9F8/20210309_164052-direito.pdf) Acesso em 26 ago. 2022

<sup>2</sup> Conforme página de memorial dos magistrados. Disponível em:

<https://www.trf4.jus.br/trf4/memorial/paginas/magistrados/juizes/calgarcia.html> Acesso em 26 ago. 2022

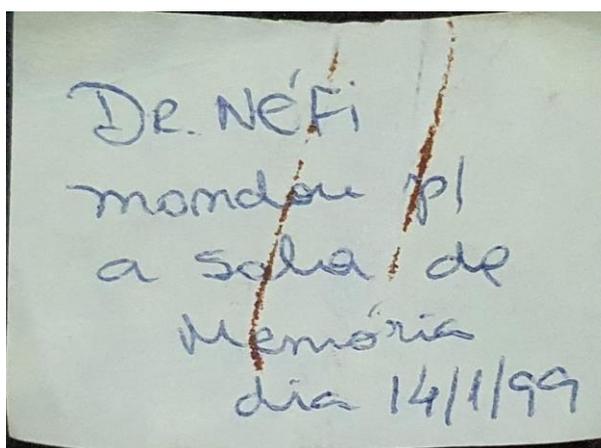
<sup>3</sup> De acordo com o arquivo “Momento Memória: A interiorização da JFPR”. Elaborado pelo Núcleo de Documentação e Memória – Seção de Memória Institucional da Justiça Federal do Paraná. Disponível em: [www.jfpr.jus.br/wp-content/uploads/2021/11/Edicao-de-Novembro-de-2021-A-Justica-Federal-chega-a-Maringa.pdf](http://www.jfpr.jus.br/wp-content/uploads/2021/11/Edicao-de-Novembro-de-2021-A-Justica-Federal-chega-a-Maringa.pdf) Acesso em 26 ago. 2022

<sup>4</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/1989\\_1994/L8424.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1989_1994/L8424.htm) Acesso em 26 ago. 2022

divididos em três pastas, enumeradas em I, II e III, que ficam armazenadas no Núcleo de Documentação e Memória, da seção de Memória Institucional do departamento da Justiça Judiciária no estado do Paraná.

Foi contabilizado mais de uma centena de manuscritos, dos quais identificamos, entre os documentos datados, que foram categorizados em: Pasta I – Manuscritos de 1986; Pasta II – Manuscritos de 1987 e 1988; Pasta III – Manuscritos de 1988 e 1989.

Junto deles, temos um prototexto, que, de acordo com Grésillon (2007) é um material que não é a obra, mas que conserva uma certa especificidade, contribuindo para aumentar os *corpora* legíveis, além de constituir um espaço em que auxilia nos meios de afiar ferramentas de análise e compreensão do objeto de análise. Nesse sentido, o material “não-obra” encontrado foi um bilhete anexo às pastas por um prendedor de papel metalizado, que, inclusive, deixou marcas no papel, com os seguintes dizeres: “DR. NEFI mandou p/ sala de memória dia 14/01/99”



Fonte: Seção de Memória Institucional da Seção Judiciária do Paraná

A referida nota nos auxilia no que diz respeito à localização do tempo e espaço visando a compreensão dos textos escritos. Nefi Cordeiro<sup>5</sup>, atualmente ministro aposentado do STJ, foi Juiz Federal no início dos anos 90, e com a abertura da Vara Federal em Maringá, ele passou a atender a nova unidade, acumulando função já com a titularidade da 10ª Vara Federal da Capital.

Ao considerar o prototexto, achamos pertinente entrevistar o senhor Nefi Cordeiro, na intenção de saber mais informações sobre os documentos que este disponibilizou à Casa da

<sup>5</sup> Ministro do Superior Tribunal de Justiça (2014/2021); Desembargador Federal de 2002 a 2014; Vice e Diretor do Foro Seção Judiciária do Paraná (1996/1999); Integrante do TRE (2001/2002) e da primeira Turma Recursal (2002); Juiz Federal (1992); Ex-Juiz de Direito (1990); Ex-Promotor de Justiça (1989).

Memória, bem como sobre o Senhor Cal Garcia. Na oportunidade, via correspondência eletrônica trocada em 26 de agosto de 2022, o Ministro Aposentado nos informou:

Não recordo desses documentos indicados. [...] porém nesses contatos com Gal Garcia pude percebê-lo como juiz sério, cuidadoso com os processos e um eficiente gestor do judiciário. Lembro de sua preocupação com a interiorização da justiça federal, fazendo implantar rapidamente Varas Federais autorizadas a funcionar no interior dos Estados da região Sul do país. Fui, inclusive, escolhido para atuar na instalação da Vara Federa de Maringá (cumulando com minha Vara criminal em Curitiba) e com ele tive contato pelos seus vínculos pessoais na região e preocupação com a melhor prestação da Justiça.  
Era pessoa afável, todos gostavam dele.  
Enfim, homem afável, humano; juiz sério e competente; gestor do Judiciário preocupado com a eficiência, com o atendimento do cidadão.

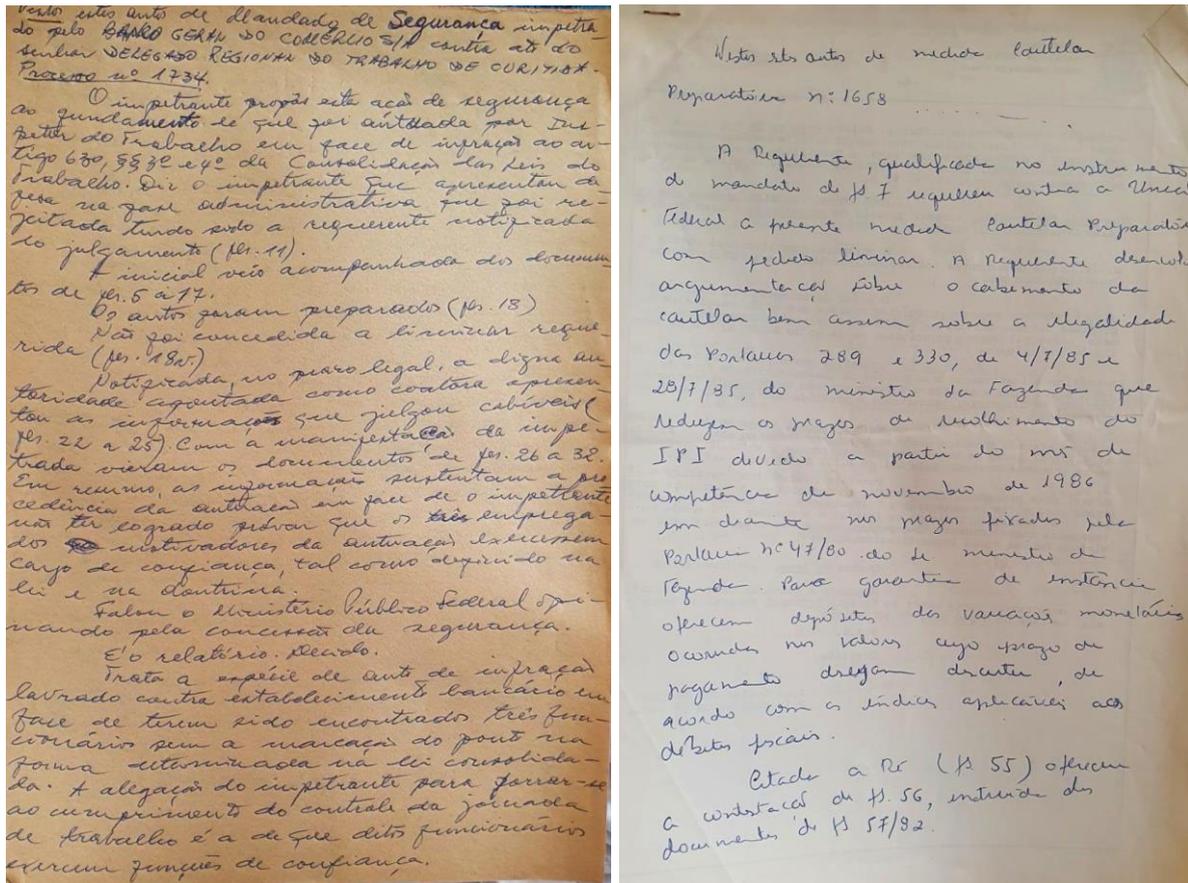
Nas falas, percebemos que o senhor Nefi não se recorda dos manuscritos ou de tê-los entregado na sala da memória, entretanto, reconhece o senhor Cal Garcia por suas qualidades, que nos servem de inspiração para dar continuidade nas análises de seus materiais deixados no período que foi desembargador.

Dentre esses manuscritos, fizemos duas exclusões, a primeira trata-se de um recorte de 36 páginas que foram utilizadas para a escrita do artigo intitulado “Os manuscritos de sentenças do juiz federal Cal Garcia à luz da crítica genética”<sup>6</sup>, escrito pelo Juiz Federal e doutor em estudos linguísticos no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – PPGEL/UDEL, Roberto Lima Santos, sob orientação da Professora Doutora Edina Regina Pugas Panichi.

O segundo recorte consiste em manuscritos que não foram produzidos pelo Cal Garcia. Esses documentos estavam juntos nas pastas, entretanto concluímos de que não partiram do punho do desembargador, visto as condições do papel, bem como caligrafia diferente dos demais documentos.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://memoria.jfpr.jus.br/wp-content/uploads/2022/07/Os-manuscritos-de-sentencas-do-Juiz-Federal-Cal-Garcia-a-luz-da-critica-genetica.pdf> Acesso em: 26 ago. 2022



Fonte: Seção de Memória Institucional da Seção Judiciária do Paraná

Como observado, os documentos apresentam-se de forma distinta. Alguns dos papéis, aparentemente, são mais recentes por conta da condição da folha, além de ser possível perceber que a letra tem caligrafia distinta dos documentos que sabemos ser de Cal Garcia.

### Crítica Genética

A crítica genética surgiu na França, em 1968, quando Louis Hay e Almuth Grésillon formaram um grupo de pesquisadores na intenção de organizar os manuscritos de um poeta alemão, Heinrich Heine, que recém chegara à Biblioteca Nacional da França, considerando “a literatura como um fazer, como atividade, como movimento”, nas palavras de Grésillon (2007, p. 19). Na oportunidade, os pesquisadores enfrentaram alguns problemas no que diz respeito à metodologia ao lidar com os referidos manuscritos (Salles, 2008).

Grésillon (1991) denomina esses momentos em “Momento germânico-ascético” e seguido pelo “Momento associativo expansivo” (1975-1985) quando instaurou-se a

comunicação entre esse grupo de pesquisadores e outro grupo que demonstravam interesse pelos estudos dos manuscritos de Proust, Zola, Valéry e Flaubert. Nesse momento ocorre a evolução de um projeto específico para uma problemática geral, em que foi criado o laboratório próprio com dedicação exclusiva aos estudos de manuscritos literários (Salles, 2008).

Já no Brasil, os estudos voltados para crítica genética tiveram início apenas em 1985, no estado de São Paulo, no I Colóquio de Crítica Textual, sob organização da Universidade de São Paulo (USP). Resultante disse, coube ao professor Philippe Willemart a introdução dos estudos genéticos no país, assim como relata no prefácio da edição brasileira de “Elementos da Crítica Genética: ler os manuscritos modernos”, de Almuth Grésillon, que desde esse evento, estabeleceu-se convênio do qual permitiu intercâmbio de professores franceses e brasileiros, dessa maneira, a crítica genética não estagnou somente na USP, mas alastrou-se pelo país todo, atingindo diversos lugares e tendo outros grandes autores como referência.

A Crítica Genética dedica-se ao acompanhamento teórico-crítico do processo de criação do texto, o processo da gênese da obra. Caracteriza-se pelo anseio de compreender o processo de criação artística, partindo de registros que o artista deixa em seu percurso, uma vez que, assim como assevera Salles (2000), a ação do criador sempre exerce e exercerá um determinado fascínio sobre os receptores das obras de arte e sobre, inclusive, os próprios criadores.

Para esse percurso, o pesquisador parte da curiosidade em entender e compreender a criação em processo. O crítico genético anseia enxergar a criação artística por completo; pela obra em construção, quer conhecer a sua história. Salles (2008) segue asseverando que o objeto de estudo é o caminho percorrido pelo autor na intenção de alcançar (ou quase sempre alcançar) a obra em sua plenitude.

Corroborando essa ideia, Salles (2000) ainda afirma que o manuscrito é a concretização de um processo em constante metamorfose, e é para esse material que o crítico genético volta seu olhar e o utiliza como ponto de partida para o desenvolvimento de seus estudos.

Ao considerar esse processo, sinalizamos as ideias de Bernardet (2016) que analisa que as produções já não são mais consideradas como balizas fixas que poderiam viabilizar uma melhor compreensão e análise da obra, uma vez que o que interessa é o movimento do processo, assim como as relações que se estabelecem entre os documentos.

Willemart (2009) concorda ao dizer que o foco da Crítica Genética não se limita, necessariamente, ao estudo dos manuscritos ou de outros esboços, mesmo que esses sejam o embrião da trajetória, pois os estudos genéticos também se tornam possíveis com textos sem manuscritos e com a produção eletrônica, visto que estuda os processos de criação com o objetivo de seguir os caminhos do criador.

O crítico genético mantém interesse, conforme Salles (2016), na discussão das obras vistas como objetos móveis e inacabados, o que se torna bastante diferente dos estudos acerca de fenômenos comunicativos em suas variadas manifestações e que consideram produtos terminados e/ou acabados. Panichi (2016) argumenta que na Crítica Genética, o texto começa a ser estudado como um objeto estético, havendo um deslocamento dos estudos literários de uma percepção estática do texto, rumo uma visão dinâmica do processo.

Recentemente, já vimos também a presença da crítica genética em vários meios, como no cinematográfico a partir de estudos de Francisco (2021, p. 04), quando afirma que “a crítica genética vai além dos documentos de processo manuscritos e ressurgue dentro da linguagem cinematográfica”.

Em vista disso, a crítica genética se aproxima e estabelece intertextualidade coerente como outras áreas do conhecimento, à medida em que oferta uma linguagem comum. Da mesma maneira como a Crítica Genética se dedicou, em um primeiro momento, aos textos literários, hoje há uma amplitude maior. Isso porque, mesmo que seu enfoque inicial tinha como objeto a produção literária, hoje vê-se a implementação dessa teoria para outras construções textuais.

Nessa perspectiva, o crítico genético mantém interesse, conforme Salles (2016), na discussão das obras vistas como objetos móveis e inacabados, que se torna bastante diferente dos estudos acerca de fenômenos comunicativos em suas variadas manifestações em que consideram produtos terminados e/ou acabados. Contribuindo com essa afirmativa, Panichi (2016) colabora ao considerar que na crítica genética, o texto começa a ser estudado como um objeto estético; visto um deslocamento dos estudos literários de uma percepção estática do texto rumo uma visão dinâmica desse processo.

Dessa forma, o geneticista, ao ter contato com os manuscritos de um determinado autor, terá como função, de acordo com Grésillon (2002), tornar disponíveis, acessíveis e legíveis os documentos que antes de tudo não passam de peças de arquivos, mas que ao mesmo tempo contribuíram para a elaboração de um texto e são os testemunhos materiais de uma dinâmica criadora.

## ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

A crítica genética é a ciência dos manuscritos, dessa forma, constitui-se na perspectiva teórico-metodológica, em que:

“Seu objeto: os manuscritos literários, tidos como portadores do traço de uma dinâmica, a do texto em criação. Seu método: o desnudamento do corpo e do processo da escrita, acompanhado da construção de uma série de hipóteses sobre as operações escriturais. Sua intenção: a literatura como um fazer, como atividade, como movimento” (Grésillon, 2007, p. 19).

Nessa perspectiva, Salles (2008) confirma que a grande pergunta que permeia a crítica genética é como o texto é criado, então busca analisar os documentos dos processos criativos na intenção de compreender o próprio movimento de criação, como os procedimentos de produção e, dessa maneira, assimilar o processo que antecedeu o desenvolvimento da obra.

Ainda, a autora agrega ao dizer que:

Ao investigar a obra em seu vir-a-ser, o crítico genético se detém, muitas vezes, na contemplação do provisório. Ele reintegra os documentos preservados e conservados – um objeto, aparentemente, parado no tempo – no fluxo da vida. Ele tem, na verdade, a função de devolver à vida a documentação, na medida em que essa sai dos arquivos ou das gavetas e retorna à vida ativa como processo: um pensamento em evolução, ideias crescendo em formas que vão se aperfeiçoando, um artista em ação, uma criação em processo (Salles, 2008, p. 29).

Nessa perspectiva, consideramos que a metodologia dessa pesquisa sustenta o que Morin (2000, p. 23) detalha como "arte de transformar detalhes aparentemente insignificantes em indícios que permitam reconstituir toda uma história".

Ainda, Salles (2008) assevera que o que certifica essa especificidade ao método, o que o distingue de outros estudos que também tem manuscritos como objeto, é o seu propósito, ou seja, o fato de toma-los como índices do processo de criação, sendo um suporte para a produção artística ou os registros da memória da criação, e, dessa maneira, dar tratamento metodológico que viabilize maior conhecimento sobre o percurso do autor.

Vale ressaltar o quanto a crítica genética não tem acesso a tudo de todas as obras, apenas a alguns de índices, entretanto, vivendo os meandros da criação quando o crítico está em contato com a materialidade do processo, pode conhece-la melhor, segundo Salles (2008), a quem o nome da metodologia se deve ao ato de que tais pesquisas se dedicam à participação teórico-prática do desenvolvimento da gênese dos textos.

Nesse sentido, a preocupação em qualificar o objeto de estudo permite explicar que a ciência da crítica genética agrega aos estudos, mesmo de áreas transdisciplinares, um objeto que vai além dos limites da obra da maneira como ela é entregue ao público, ou seja: seu processo de criação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grésillon (2007, p. 171) acentua que "a crítica genética contribui para restituir aos estudos literários uma certa dimensão histórica que o formalismo estruturalista tinha sistematicamente esvaziado". Sabendo da grandiosidade da crítica genética ao compreender que, hoje, não se aplica somente à literatura, podendo estender-se à várias outras áreas do conhecimento, buscamos, nessa pesquisa, trazer como resultados a restituição ao direito a dimensão histórica perdida ao longo do tempo pela excessiva demanda de trabalho que, por vezes, faz com que os profissionais da área busquem pela reutilização de sentenças, fazendo com que o processo de escrita seja mecânico e pragmático.

A essa altura, também espera-se reviver a memória da justiça federal no estado do Paraná, que preza tanto pelas lembranças a ponto de destinar uma seção justamente para guardar memórias importantes que contribuíram para o crescimento da ciência jurídica no estado, como o caso dos manuscritos de José Carlos Cal Garcia. E essa prática seria possível, pois, como afirma Genette (1987, p. 369) "o estudo genético confronta o que [o texto] é com o que foi, ao que teria podido ser, ao que quase foi, contribuindo assim para relativizar [...] a noção de conclusão, para confundir o demasiadamente famoso "fecho". Nesse sentido, revisitar essas memórias possibilita resultar, além de novas compreensões do texto, também trazer outras marcas que até então não se compreendia na leitura desses manuscritos (até então) terminados.

## REFERÊNCIAS

BERNARDET, Jean-Claude. Prefácio. In: SALLES, Cecilia de Almeida. **Redes de Criação**. 2. ed. Vinhedo/SP: Editora Horizonte, 2016, p. 11-12.

FRANCISCO, Eva Cristina. Crítica de processo e ensino-aprendizagem de língua portuguesa. **Revista (Entre Parênteses)**, Alfenas-MG, v. 10, n.1, p.1-16

GENETTE, Gérard. **Seuils**. Paris, Seuil, 1987.

GRÉSILLON, Almuth. Devagar: obras. In: **Criação em processo: ensaios de crítica genética**. Roberto Zular. São Paulo: Iluminuras, 2002.

GRÉSILLON, Almuth. **Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos**. Editora da UFRGS, 2007

GRÉSILLON, Almuth. Crítica genética, prototexto, edição. In: GRANDO, Ângela; CIRILLO, José (Orgs.). **Arqueologias da criação: estudos sobre o processo de criação**. Belo Horizonte: Editora Arte, 2009, p. 41-51.

MORIN, Edgar. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

PANICHI, Edina Regina Pugas; CONTANI, M. L. **Pedro Nava e a construção do texto**. Londrina: Eduel; São Paulo: Ateliê, 2003.

PANICHI, Edina Regina Pugas. **Processos de construção de formas na criação: o projeto poético de Pedro Nava**. Londrina: Eduel, 2016.

SALLES, Cecilia Almeida. **Crítica Genética: uma nova introdução**. 2. ed. São Paulo: Educ, 2000.

SALLES, Cecilia Almeida. Crítica Genética e Semiótica: uma interface possível. In: ZULAR, Roberto (Org.). **Criação em Processo: ensaios de crítica genética**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2002, p. 117-202.

SALLES, Cecília Almeida; CARDOSO, Daniel Ribeiro. Crítica genética em expansão. **Cienc. Cult.** São Paulo, vol.59, n.1, Jan./Mar. 2007

SALLES, Cecilia Almeida. **Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística**. 3. ed. São Paulo: EDUC, 2008.

SANTOS, Roberto Lima. **Os manuscritos de sentenças do juiz federal Cal Garcia à luz da crítica genética**. Disponível em: <https://memoria.jfpr.jus.br/wp-content/uploads/2022/07/Os-manuscritos-de-sentencas-do-Juiz-Federal-Cal-Garcia-a-luz-da-critica-genetica.pdf> Acesso em: 28 out. 2022

WILLEMART, Philippe. **Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

## O USO DE PALAVRÕES E PALAVRAS OFENSIVAS A PARTIR DE TWEETS SOBRE JOGOS DE FUTEBOL

Raissa Maria Pereira de Sousa<sup>1</sup>

André Luiz Souza-Silva<sup>2</sup>

### Introdução

O xingamento está presente na vida do ser humano desde a primeira infância, conforme Swingler ressalta “o uso de palavrões é algo universal: "o mundo inteiro diz palavrão — homens, mulheres, velhos, moços, crianças, ricos, pobres, em russo, em chinês, em croata, em todos os idiomas", conforme indica Souto Maior (2010, p. 13 *apud* Swingler, 2016, p. 15). É sabido que há várias formas de xingar, existindo os xingamentos de teor machista, racista, sexista, homofóbico, etc. Dentre um dos xingamentos mais presentes na cultura brasileira são os que envolvem o contexto homofóbico, sendo *viado* muito utilizado no Brasil para insultar a vítima, identificando-a como homossexual masculino, em uma espécie de controle da sexualidade, inferiorizando o outro, colocando-o em uma posição subalterna e inferior ao agressor.

No âmbito futebolístico não é diferente, tendo em vista os múltiplos acontecimentos que se tornaram de conhecimento popular quando algum atleta do futebol sofre um xingamento racista, por exemplo, por meio do uso do termo *macaco*, e chega a ser atingido com uma banana, conforme ocorrido com o jogador baiano, Daniel Alves, em uma partida do campeonato espanhol, em 2014, e teve repercussão mundial. Inclusive, entre os próprios jogadores dentro de campo, como aconteceu na partida entre Flamengo x Bahia, em 2020, em que o jogador Gerson afirmou ter sido alvo de racismo por parte do atleta do time adversário, com isso, observa-se que é um ato comum entre os sujeitos independentemente da posição desses sujeitos nessa comunidade de prática (cf. SOUSA, 2022).

Exposto isso, justificamos tal investigação levando em consideração que o campo da Sociolinguística estuda as relações entre língua e sociedade, e essa pesquisa analisa o uso linguístico por parte de uma comunidade de prática específica no que se refere a palavras ofensivas e palavrões durante jogos de futebol. Para além disso, nosso estudo contribui social e pedagogicamente, pois podemos explicar para a sociedade o que está implícito no discurso de

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba.

<sup>2</sup> Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba vinculado ao Grupo de Pesquisa Contato Linguístico (PROLING/UFPB/GPCL/CAPES).

alguns torcedores, a fim de que passem a analisar essas expressões de forma mais crítica. Pedagogicamente falando, é uma temática relevante visto que muitos alunos gostam de futebol ou convivem com alguém que acompanha.

Nosso objetivo geral analisa o uso de palavrões e palavras ofensivas de internautas-torcedores durante partidas de jogos de futebol. Para coletar os dados a serem analisados, escolhemos a rede social *Twitter*, visto que se trata de uma comunidade virtual que permite que os internautas se comuniquem em tempo real, através das *hashtags*, discutindo cada lance de uma partida de futebol. A pesquisa se faz de uma metodologia, predominantemente, qualitativa de caráter interpretativista. Para tal, na rede social *Twitter*, buscamos torcedores que comentaram jogos em tempo real, através de *hashtags* e páginas específicas direcionadas ao tema “futebol”.

### **Fundamentação teórica**

A Sociolinguística contribuiu de forma significativa para romper com um ideal de homogeneidade linguística que as teorias formalistas apoiavam, ao introduzir a concepção de variação linguística, bem como o próprio Labov (2008) declara que o termo Sociolinguística significa que não pode haver uma teoria ou prática linguística bem sucedida que não seja social:

Por vários anos, resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social [...] Apesar de um considerável volume de atividade sociolinguística, uma linguística socialmente realista parecia uma perspectiva remota nos anos de 1960 (Labov, 2008, p. 13).

A partir do exposto, Bortoni-Ricardo (2014) destaca que vários linguistas já desenvolviam trabalhos com teorias de natureza Sociolinguística, como é o caso de Meillet e Bakhtin. No entanto, apenas em meados de 1960 surgiu o conceito concreto da Sociolinguística, posto que foi o ano em que os estudos ganharam relevância, após um congresso fundado por William Bright, a fim de abordar assuntos referentes à língua e sociedade.

Culturalmente, já estamos habituados a escutar palavrões em ocasiões cotidianas. Preti (1984) discorre que o palavrão não é algo novo no comportamento linguístico humano. Por isso, Swingler (2016) apresenta autores que defendem o uso do palavrão, pois alega-se que apesar de para muitas pessoas ser um tabu social, afirmam que é através dos palavrões que os falantes demonstram uma intensidade maior para a fala que as palavras comuns não conseguem alcançar, a exemplo de serem uma forma de expressar sentimentos bons, de

extrema felicidade, e em algumas ocasiões a fim de demonstrar raiva, tristeza e insatisfação.

Para tanto, consoante afirma Preti (2010), as palavras são um reflexo da vida social, e a fim de se manter a ética, proíbem-se ou liberam-se o uso de determinadas palavras, julgando-as como “bons” ou “maus” termos, existindo as palavras que são adequadas ou inadequadas para determinado contexto sociocomunicativo. Nesse intento, surgem os tabus linguísticos, que são consequências do tabu social, que revela o agrupamento de uma linguagem proibida, definida por Preti como:

E, se é muito grande, de fato, a ligação entre léxico e costumes, muito maior se torna, quando se refere a certos vocabulários, como, por exemplo, aqueles que representam o ato sexual e as práticas eróticas, porque os juízos da sociedade sobre eles se transferem também para o léxico. Para nós, este passa a ser encarado como uma autêntica "linguagem proibida. (Preti, 1984, p. 61)

Ainda que os palavrões sejam considerados tabus, algumas pessoas pronunciam esse discurso com mais frequência que outras e esse fator está ligado a condições como idade, sexo, crença religiosa etc. Da mesma forma que a existência dos palavrões é descoberta em casa, a censura também começa a partir da repreensão dos pais, bem como escolas e instituições religiosas podem reprimir que as crianças e jovens utilizem expressões consideradas tabus.

A desaprovação do palavrão acontece principalmente quando se vê crianças proferindo palavrões, e acaba se tornando obrigação dos educadores mostrarem que não se deve utilizar essa linguagem, pois ela é “proibida” e, conforme ressalta Swingler (2016, p. 30), “além da censura parental inicial, experimentada em casa, a ideia de tabu é mais reforçada quando instituições educacionais, religiosas e governamentais ensinam e impõem regras com a intenção de reprimir essa chamada "doença social", algo que se reafirma desde que os falantes são crianças, a fim de mostrar que as palavras tabus não podem ser faladas.

A título de exemplo, comparemos adolescentes conversando em grupo sobre assuntos diversos versus um grupo de pessoas na igreja. Acerca desse exemplo, habitualmente, logo associamos que a utilização de palavrões e xingamentos é mais assídua entre o grupo de jovens, que, de acordo com a pesquisa de Zanello *et al.* (2011), os adolescentes de escolas públicas e particulares em Brasília proferem xingamentos relativos a comportamento sexual, atributos físicos, traços de caráter, e é um comportamento comum entre os jovens.

A partir desse contexto, outro critério observado em relação à utilização contínua de palavrões é o local que o enunciador e ouvinte se encontram, visto que existem situações que os palavrões são bem vistos e aceitos, por exemplo, em uma partida de futebol entre colegas, vídeos curtos de rede social, *chats online*, *WhatsApp*, dentre outros, pois são locais em que a

utilização da linguagem considerada tabu é de comum utilização, de acordo com Preti (1984), o Brasil desmistificou o palavrão, pois cada vez mais vem ganhando divulgação, de acordo com as transformações sociais.

É importante salientar um levantamento de Preti (1984, p. 43), no qual ele indica que o palavrão pode ser visto como a linguagem dos sentimentos, e que em algumas situações deixa de se tornar uma injúria e passa a ser uma linguagem de conotação afetiva, uma vez que “virou moda em certos ambientes em que nunca fora admitido antes, graça na boca dos jovens, nos campos de esporte, onde mais livremente explodem as emoções populares”.

Para Preti (1984, p. 40), a linguagem tida como obscena era mais associada à população da classe baixa, entretanto, observa-se que cada vez mais está se tornando uma linguagem usual, proferida por todas as classes, tendo em vista que para muitos é uma forma de demonstrar inconformismo com alguma situação, sendo assim, para o autor supracitado: “[...] servindo-lhe de compensação para as insatisfações, atuando como válvula de escape para sua revolta que, certamente, explodiria com muito mais intensidade e frequência não fora o desabafo das más palavras”. O autor evidencia que a classe social de uma determinada comunidade de fala não é uma variável que define quem utiliza mais palavrões, no entanto, o contexto e situação são considerados um elemento relevante.

Nesse intento, ressaltamos também o apontamento de Swingler (2016, p. 26) sobre no qual ele afirma que a visão que uma comunidade de fala específica tem sobre uma palavra é determinante para designar se ela é tabu ou não, bem como o uso frequente de determinado palavrão deixa de ser tabu quando todos estão fazendo o mesmo. Para o autor, as palavras tabus partem dos mesmos tópicos gerais, que seriam parte do corpo, práticas sexuais, fluidos corporais, etnias, minorias, doenças e morte.

Observamos que o palavrão é considerado um tabu social, pois a utilização dessas palavras está ligada a aspectos históricos e valores morais, conforme defende Preti (1984). No entanto, considerando a evolução da sociedade, os palavrões foram ganhando espaço nas mídias, e se tornando uma linguagem mais usual entre os falantes, de determinadas classes sociais, pois tornou-se uma espécie de linguagem dos sentimentos, visto que há uma inclinação sociocultural mediada pelo afeto. Já na perspectiva das palavras ofensivas, elas possuem um conceito divergente, para tanto, Swingler (2016, p. 61) indica que para uma palavra ser considerada ofensiva “[...] basta inseri-la em um contexto onde o seu uso indique uma intenção maliciosa, mesmo que ela não seja considerada um palavrão para a sociedade”.

## Análise dos dados

O futebol é um esporte popular em todo o mundo, sobretudo no Brasil, onde é inclusive conhecido como o “país do futebol”. No país, também é cultura ter um time do coração, mesmo não sendo amante do esporte. Por esse viés, para Rodrigues (2013), o futebol é considerado uma amálgama social, pois possibilita relações entre diferentes camadas sociais.

No que concerne ao âmbito futebolístico, notamos que o uso de palavrões é recorrente entre os torcedores, visto que ao proferir esses termos é possível demonstrar os sentimentos em relação a um time ou uma partida. Nesta seção, analisamos os recursos linguísticos presentes em 8 *tweets* de torcedores que comentam partidas na plataforma em questão. Após analisar o posicionamento de torcidas na rede social Twitter, constatamos que palavrões como *filho da puta*, *caralho*, *viado*, *bicha e porra*, são utilizados de forma constante para expressar os sentimentos em relação ao que está acontecendo no jogo, assim como ofender algum jogador ou arbitragem.

De início, observamos diversos *tweets* postados simultaneamente<sup>3</sup> relativos ao jogo de futebol entre Argentina x Brasil, pelas eliminatórias da copa do mundo 2022, que aconteceu em 16/11/2021. Dentre vários, selecionamos 6 *tweets* referentes ao jogo supracitado, e 2 foram relacionados a jogos aleatórios. O primeiro *tweet* selecionado foi o seguinte:

Figura 1 - Printscreen da postagem do item *filho da puta*.



Fonte: (Sousa, 2022)).

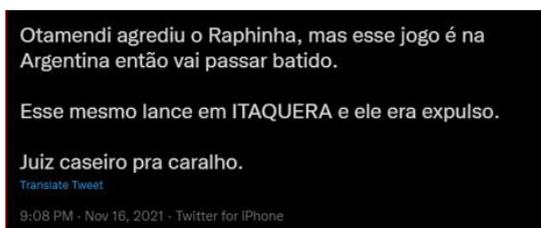
O torcedor demonstra sua insatisfação com a arbitragem através de palavrões, utilizando alguns como “*caralho*” “*vai tomar no cu*” e “*filho da puta*”. No caso do jogo em questão, ocorreu um lance de agressão em que a arbitragem não teria punido o agressor da forma devida, o que ocasionou revolta por parte da torcida. Sobre o uso linguístico, Cruz (2011) explica que a expressão *filho da puta*, no que concerne à agressividade, é o que ocupa o primeiro lugar, visto que é um palavrão que ofende a mãe da vítima, pois remete à vida sexual dela, conforme aponta a autora, o palavrão está relacionado: “[..] ao exercício que essa mãe faz de uma profissão ligada a uma atividade sexual pública. Crimes são cometidos por ofensas desse tipo, mais do

<sup>3</sup> Salientamos que não é possível contabilizar o número de *Tweets*, visto que o *Twitter* é uma rede social que possibilita comentários do mundo todo, e as postagens por minuto são inúmeras.

que qualquer outro palavrão” (CRUZ, 2011, p. 81). Nesse sentido, os informantes da pesquisa de Swingler (2016) enxergam a palavra *puta* como uma das que são consideradas mais ofensivas, pois, para alguns dos informantes, pode ser utilizada num contexto de misoginia, bem como é considerado um exemplo concreto de palavrão, visto que o uso desse recurso linguístico é designado para atingir diretamente pessoas específicas.

Referente à figura 2, o internauta utiliza o palavrão *caralho* apenas para insinuar que a atitude da arbitragem foi influenciada pelo local que a partida estava acontecendo.

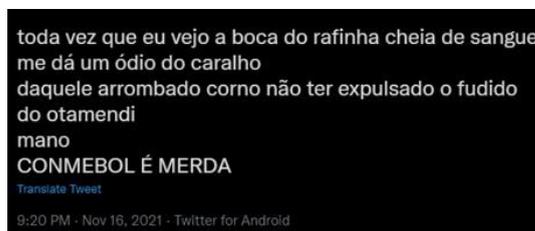
Figura 2 - Printscreen da postagem do item *caralho*.



Fonte: (Sousa, 2022).

No tocante à figura 3, o recurso linguístico utilizado pelo internauta também é indicativo de frustração pelo que ocorreu em relação a não expulsão do jogador argentino.

Figura 3 - Printscreen da postagem dos itens *caralho* e *cornu*.



Fonte: (Sousa, 2022).

Os *tweets* acima são relacionados ao mesmo lance que ocorreu na partida entre Argentina x Brasil, criticando a postura da arbitragem. O uso do recurso linguístico *caralho* se tornou usual entre os torcedores, funciona para exprimir emoções e sensações, assim como observamos, em alguns *tweets* uma agressividade maior, como é o caso da figura 1, em que o torcedor em questão utiliza os termos com maior intensidade para mostrar o sentimento de raiva devido a um lance específico da arbitragem.

Em relação ao contexto histórico, para Cruz (2011), o palavrão *caralho* possui semântica sexual e é sinônimo do órgão genital masculino, no entanto, na maioria dos casos é utilizado como interjeição, a fim de demonstrar admiração ou indignação, a exemplo de “caralho, que maravilha esta paisagem” ou “não admito esta atitude, caralho”. Em relação à origem da palavra, o autor explica:

Caralho é o nome que se dava nos antigos barcos a vela da época do descobrimento do

Brasil àquele cesto (ou gávea), também chamado de vigia, colocado no alto de mastro principal da caravela, onde ficava o vigia, marinheiro que observava o horizonte para avistar terra, recifes, barcos inimigos e cardumes para a pesca, tendo uma visão privilegiada, pela altura em que ficava. Por isso, o marinheiro indicado para ficar no caralho era o rebelde, agressivo, que para lá subia como punição. Assim, “ir para o caralho” era muito ofensivo” (Cruz, 2011, p. 80).

É válido salientar que a variação semântica do palavrão, por força pragmática, passou a um efeito discursivo que foi do mais concreto – que era a vela no barco – para o mais abstrato – que é o efeito de agressividade.

Ademais, ressaltamos que o palavrão exposto pode ser categorizado de formas distintas a depender do contexto situacional, conforme exemplifica Almeida (2021), quando uma criança pronuncia o palavrão caralho, um adulto pode repreendê-la alegando que é uma “palavra feia”, pois, para o adulto, causa espanto uma criança fazer uso dessa expressão. No entanto, a autora ressalta que o mesmo adulto que repreendeu a fala da criança utiliza do mesmo recurso linguístico, sem pudor, ao assistir uma partida de futebol, proferindo o termo a fim de demonstrar alegria com o gol do seu time, ou frustração por um lance do jogo. Nesse caso, o palavrão não causa forte impacto, assim como não é visto como um tabu, mas como interjeição. Portanto, de acordo com cada situação de fala, o palavrão é categorizado como agressivo/tabu ou mera interjeição. Por esse prisma, a autora afirma:

O estado de emoção e a interação sócio-histórica-cultural, no discurso, acionam, por meio da cognição, conhecimentos, crenças, armazenados nos frames de que as pessoas dispõem em suas mentes. Ao acionar partes desses saberes armazenados e ao inter-relacioná-los, através da cognição, a pessoa que usa o item léxico caralho atualiza seu sentido e produz usos de linguagem variados, o que possibilita que essa pessoa e organize o mundo de diferentes formas, tendo atitudes linguistas diversas; inclusive, em situações variadas, essa mesma pessoa poderá proceder a organizações distintas desse mesmo mundo, como demonstrado no exemplo do uso de caralho pela criança e pelo adulto, anteriormente aduzido (Almeida, 2021, p. 156).

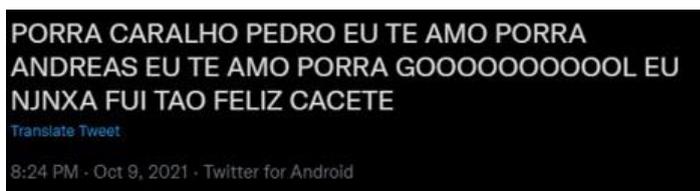
Nessa direção, salientamos o *tweet* da figura 7, em que o uso do termo *caralho*, o torcedor demonstra felicidade devido ao seu time ter marcado um gol, ou seja, esta é uma interjeição que demonstra admiração, conforme ressalta Cruz (2011), diferentemente dos *tweets* 4 e 6 em que percebemos uma interjeição de indignação.

Em relação à palavra *cornio*, presente na figura 6, conforme Swingler (2016), seus informantes consideram como um dos termos mais ofensivos, visto que é proferida a fim de agredir e causar ofensa, diferentemente de palavrões que são ditos para expressar emoções, como a palavra *caralho*. Em relação ao significado, Dal Corno (2010) explicita que é um insulto designado de forma pejorativa ao cônjuge enganado, mas dificilmente aplicáveis a mulheres. Ou seja, é uma forma de causar ofensa, partindo do pressuposto que está afirmando

que o homem foi traído pela companheira, assim ferindo a “honra masculina” que é demasiadamente presente no contexto do futebol.

Referente ao termo *merda*, Swingler (2016) ressalta que é a palavra mais considerada pelos informantes como não sendo verdadeiramente um palavrão, pois pode significar apenas uma indignação, no entanto, exprime que embora não seja considerado palavrão para uns, pode ser para outros, conforme aponta em relação ao uso do palavrão: “muda de pessoa para pessoa, até mesmo entre indivíduos da mesma comunidade de fala” (Swingler, 2016, p. 63). Já sobre a palavra *cacete*, o autor mostra que alguns informantes também avaliam que não constitui palavrão, pois possui uma grande variedade de uso entre os falantes, e assim como *merda* não é considerado uma palavra ofensiva, embora saliente que depende do contexto em que foi utilizado.

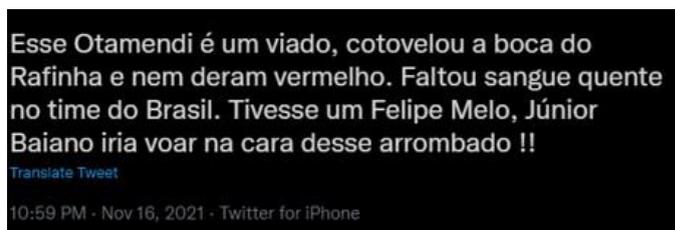
Figura 4 - Printscreen da postagem do item caralho e cacete.



Fonte: Coletado pela autora.

No que diz respeito ao termo *viado*, utiliza-se para agredir a orientação sexual do outro, o mesmo ocorre com a expressão *bicha*. No contexto do futebol, esses são vocábulos preconceituosos proferidos quando um jogador faz uma partida ruim, prejudica o time ou, a fim de ofender arbitragem. Conforme observamos na figura 5:

Figura 5 - Printscreen da postagem do item viado.



Fonte: Coletado pela autora.

No contexto da figura 5, o motivo da ofensa deu-se devido a um lance em que o jogador Otamendi, argentino, agrediu um jogador brasileiro, que pela regra deveria ser punido com um cartão vermelho. O torcedor ficou indignado com a agressão e chamou o jogador de *viado*, com intenção de ofendê-lo.

Figura 6 - Printscreen da postagem do item bicha.

Esse time do Marcilio...é um dos piores times que já vi..nos últimos 20 anos de Marcilio...O **Goleiro** é uma Mérdá...os laterais são oriveis...meio campo não existe...e o ataque parece um ataque de **bicha**...enfim....não vão chegar em lugar nenhum...mais um ano jogado no lixo..

20:35 · 13/02/2022 · Twitter for Android

Fonte: Coletado pela autora.

Em relação à figura 6, o internauta utiliza o termo *bicha* para afirmar que os atacantes do time são fracos e incompetentes. Para os informantes da pesquisa de Swingler (2016), assim como *puta*, o termo *viado* também é considerado um palavrão concreto, pois ofende diretamente o outro, no entanto, para alguns informantes pode ser utilizado em um contexto positivo. Para tanto, também em relação ao item *viado*, Oliveira (2021) evidencia que, no Brasil, é um termo que tem carga pejorativa e preconceituosa com homens homossexuais, entretanto, dentro da comunidade LGBTQIA+ a palavra foi ressignificada, e no contexto da comunidade de prática específica, o termo pode se comportar inclusive como uma gíria. Entretanto, não é a realidade do contexto futebolístico, tendo em vista que é um esporte predominantemente masculino, sendo marcado como heteronormativo.

Nesse sentido, Bandeira e Seffner (2013, p. 248) indicam que “[...] a masculinidade vivida nesse contexto específico possui algumas características particulares: ela é machista e homofóbica. Em muitos momentos, essa homofobia é naturalizada e manifestações dessa ordem não são entendidas como violentas”.

Portanto, as ofensas homofóbicas estão presentes entre as torcidas e, de acordo com Martins e Assunção (2019), o futebol torna-se, de certa forma, um opressor de minorias, visto que a comunidade LGBTQIA+ é alvo de diversos cânticos ofensivos, a fim de causar constrangimento à pessoa “ofendida”, visto que, na visão de pessoas preconceituosas, chamar o jogador do outro time de *viado*, é o mesmo que ofendê-lo, pois, futebol é “coisa de homem”, o que vai na contramão da *bicha*, que é uma figura vista como homem afeminado, frágil, associado também ao gênero feminino, o que não seria condizente com o ambiente do futebol. Por essa razão, parte das torcidas chamam os jogadores de bichas quando fazem uma partida ruim. Por isso, destacamos o apontamento de Preti (2010, p. 5):

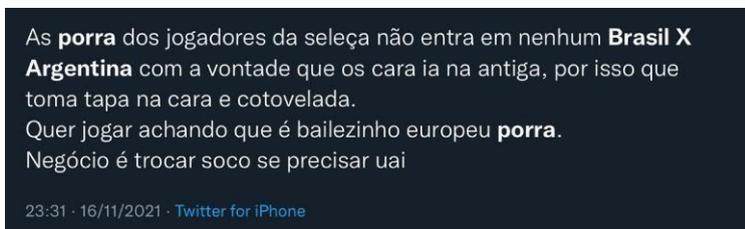
A gíria e a linguagem obscena formam um mecanismo catártico que explode com intensidade nas grandes concentrações populares, como os jogos de futebol, em que a multidão, servindo-se do anonimato, irrompe em coros furiosos (Bicha! Bicha!, por exemplo, para qualquer indivíduo que lhe é contrário), de natureza injuriosa, como elemento compensatório para suas frustrações de torcedores esportivos, ofendendo juízes, jogadores e torcida adversária.

Diante do exposto, é válido ressaltarmos como o contexto machista acaba por ceifar a

experiência plena da sexualidade, tendo em vista que os jogadores que se assumem homossexuais sofrem ofensas da torcida e muitas vezes tomam proporções gigantescas por parte da mídia. Camargo (2018, p. 14) afirma sobre esse assunto que "o universo esportivo precisaria ser reinventado em relação às temáticas de gênero e sexualidade, e, além disso, tanto o futebol quanto outras modalidades não deveriam ser tomadas como monolítica e essencialmente heteronormativas."

Além deste, o uso do palavrão *porra* é muito corriqueiro no contexto futebolístico, os torcedores utilizam de forma pragmática em diversas situações, no entanto, diferentemente dos termos *viado* e *bicha*, pois, quando utilizado de maneira pragmática, não causa ofensa direta ao outro. Conforme explicita Swingler (2016), existem as expressões que deixam de serem consideradas palavrões quando o seu uso se torna comum dentro de uma comunidade, da mesma maneira que não causa ofensa, dessa forma, conforme apontam Allan e Burridge (2006 *apud* Swingler, 2016), quando se utiliza palavrões frequentemente, ele pode diminuir a capacidade de chocar. Observamos na figura 7, em que o torcedor utiliza o termo *porra* para evidenciar que a partida está em um nível abaixo do esperado além de não gostar da postura dos jogadores:

*Figura 7 - Printscreen da postagem do item porra.*



Fonte: Coletado pela autora.

Em relação à figura 8, a utilização do termo *porra* refere-se à falta de lances emocionantes durante a partida, visto que é um clássico de rivais em que se espera, por grande parte do público, um jogo emocionante.

*Figura 8 - Printscreen da postagem do item porra.*



Fonte: Sousa (2022)

Diferentemente dos palavrões *caralho*, *filho da puta* e *viado*, mostrados nas figuras 1, 3 e 5, observamos que o uso do palavrão *porra* não causa forte impacto nos *tweets*, nem é utilizado a fim ofender alguém em específico, é um termo proferido usualmente, de forma

pragmática, como no caso das figuras 7 e 8. Nessa direção, de acordo com Sandmann (1992), existem os palavrões que não causam o mesmo grau de rejeição ou agressividade, como é o caso da palavra *porra*, visto que é proferida sem muita cerimônia diversas vezes por públicos distintos, não obstante, o autor intitula como “jogo de faz de conta” os palavrões que são escutados com frequência, pois ainda que proferidos, não têm um alto grau de ofensa.

Desse modo, frisamos que os usos desses recursos linguísticos são frequentemente mencionados por torcedores de times de futebol, visto que servem para descarregar emoções, sejam elas de alegria ou frustração. No entanto, cabe salientar que existem as palavras mais ofensivas, que são aquelas ditas a fim de agredir o outro, intencionalmente, utilizando de termos homofóbicos, por exemplo, que são demasiadamente recorrentes no contexto futebolístico.

Ademais, ressaltamos que foram identificadas siglas e abreviações dos palavrões, a exemplo de FDP (filho da puta) na figura 1, visto que o *Twitter* é uma rede social que limita a quantidade de caracteres por postagem, fazendo com que os internautas utilizem de recursos de abreviação. Nesse sentido, estudos sobre siglas associadas aos palavrões podem ser oportunos, possibilitando um estudo morfológico e lexical, em que itens como PQP (puta que pariu), TNC (tomar no cu), etc., podem ser analisados pela hipótese de se diminuir sua carga semântica.

## Metodologia

Para realizar a coleta de dados dos informantes, escolhemos a plataforma *Twitter*. Como lá é possível buscar palavras e *hashtags* que alguém deseja encontrar, era possível filtrar a *hashtag* “eliminatórias da copa” e o palavrão “*porra*”, e logo apareciam todos os *tweets* que foram publicados com as palavras filtradas. Um parâmetro para abordar os participantes foram *tweets* recentes e perfis que são ativos e usados frequentemente, bem como torcedores que colocam na biografia que gostam de futebol e são torcedores assíduos. Para localizar *tweets*, utilizamos *hashtags* como *#eliminatóriasdacopa #futebol #brasilxargentina*, a fim de filtrar *tweets* relacionados ao tema.

Encaminhamos o questionário para internautas, após identificar no perfil pessoal do *Twitter* que a pessoa costumava utilizar expressões de palavrões enquanto comentava sobre jogo de futebol. Depois da identificação, contatamos no privado a pessoa solicitando participasse de um questionário com fins para pesquisa de um trabalho de conclusão de curso (TCC). O questionário ficou disponível para participação entre 24/01/2022 e 07/02/2022. O questionário foi realizado na plataforma *Forms do Google*, incluímos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que os informantes tivessem conhecimento do cunho daquele questionário, também lhes resguardando anonimato e segurança.

A fim de abranger torcedores de diferentes regiões do país, escolhemos um jogo da Seleção Brasileira x Argentina para selecionar os *tweets* a serem analisados. A partida escolhida foi o jogo que ocorreu pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2022, realizado em 16/11/2021. Tendo em vista que a partida ocorreu no país adversário, muitos torcedores da Seleção Brasileira comentaram sobre o confronto na rede social *Twitter*. Ressaltamos ainda que existe uma rivalidade entre as duas seleções, o que torna um jogo de proporção maior, visto que os torcedores comentam cada lance de forma mais fervorosa, considerando a rivalidade das seleções.

Escolhemos a plataforma *Twitter* para realizar a análise da pesquisa em questão, visto que o *Twitter* é uma comunidade virtual e que torcedores passam a construir sua comunidade de prática. Assim como identificamos uma vasta quantidade de comentários, bem como os internautas se comunicam pelas hashtags em tempo real. Cada lance do jogo é comentado e discutido, e a partir disso, emerge o uso de palavrões e expressões ofensivas, apontando para uma prática de xingamento.

### **Considerações finais**

Diante do exposto, compreendemos que as palavras ofensivas e os palavrões são recursos linguísticos utilizados frequentemente por torcedores para demonstrar as emoções sentidas que são proporcionadas pelo esporte. Para alcançar o nosso objetivo, analisamos 8 *tweets* que contêm algum xingamento. Ademais, salientamos que a análise da presente pesquisa foi pertinente, visto que realizamos uma análise abordando os conceitos da Sociolinguística, explicando que esse campo de estudo é responsável por analisar o uso real da língua, avaliando que os aspectos sociais, como diferentes fatores sociais e situacionais são importantes para a compreensão de alguns fenômenos, o que é importante para examinar o comportamento linguístico e social dos falantes.

### **Referências**

- ALMEIDA, A. O que é caralho? É um palavrão? É uma parte do corpo humano? Estudo sociolinguístico-cognitivo sobre a variação categorial de um item léxico. *A Cor das Letras*, v. 22, n. Esp., p. 147-170, 2021.
- BANDEIRA, G. S. F. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. *Espaço Plural*, v. 14, n. 29, p. 246-270, 2013.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CEZARIO, M. M.; V. S. Sociolinguística, In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de*

*linguística*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 141-156.

COELHO, I.Z. *et al.* *Sociolinguística*. Florianópolis: UFSC, 2012.

CORBARI, C. C. Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR). *Signum: estudos da linguagem*, v. 15, n. 1, p. 111-127, 2012.

DAL CORNO, G. O. M. De paus e pedras a palavras: breve investigação sobre o insulto como linguagem disfêmica. *Trama*, v. 6, n. 12, p. 39-50, 2010.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. *et al.* *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção de sentido. In: Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. Rio de Janeiro, 3 ed. 2010, p. ??

MARTINS, D. N.; DE ASSUNÇÃO, M M S. Bichas, macacos, Marias: narrativas de opressão, invisibilidade, preconceito e resistência no futebol. *Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, v. 4, n. 7, p. 342-364, 2019.

OLIVEIRA, L. S. O TERMO 'VEADO/VIADO' EM DUAS COMUNIDADES LINGUÍSTICAS: DIFERENTES SENSACIONES DE SENTIDO NA PERSPECTIVA DA TEORIA QUEER E DA SEMÂNTICA CULTURAL. In: *Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre*.

PRETI, D. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T. A. QUEIROZ, 1984.

PRETI, D. A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica: Baseado no Dicionário moderno de Bock, de 1903. In: *Estudos brasileiros*. São Paulo: T. A. QUEIROZ, 2010. p. 79-146.

RODRIGUES, G. *A linguagem do futebol no ensino do português*. 2013. Disponível em: <<http://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/S1505.pdf>>. Acesso em: 24 de outubro de 2021.

RONZANI, T. M.; FURTADO, E F. Estigma social sobre o uso de álcool. *Jornal brasileiro de psiquiatria*, v. 59, n. 4, p. 326-332, 2010.

ROSELLI-CRUZ, A. Homossexualidade, homofobia e a agressividade do palavrão: Seu uso na educação sexual escolar. *Educar em revista*, n. 39, p. 73-85, 2011.

SANDMANN, A. J. O palavrão: formas de abrandamento. *Revista Letras*, v. 42, 1993.

SANTOS, D.A. *"#Somos todos macacos"*. *O preconceito racial no futebol*: Discurso e memória. 165f. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

SILVA, M. R.; GOMES, A. A. de A. O papel das atitudes linguísticas nos estudos variacionistas e de contato dialetal no PB. *Cuadernos de la ALFAL*, v. 12, p. 53-70, 2020.

SOUZA-SILVA, A L.; DIAS, T. S. R.; BEZERRA, F. A. S. Linguagem, gênero e sexualidade na educação de jovens e adultos: uma proposta de multiletramentos críticos. *Revista do GELNE*, v. 23, n. 1, p. 99-117, 2021.

SOUZA, C. C. B. N.; SILVA L. N. 17. Comunidade de prática, indexicalidade e estilo: subsídios teórico-metodológicos para uma pesquisa sociolinguística de terceira onda. *Revista Philologus*, v. 26, n. 76 Supl., p. 212-222, 2020.

SOUZA, R. M. P. Palavrões e palavras ofensivas em contexto futebolístico: *a atitude linguística de internautas do Twitter*. 2022. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Língua Portuguesa).- Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2022

SWINGLER, D. D. *Tabu linguístico*: mapeamento das atitudes relacionadas a palavrões e à influência que os fatores sociais, conversacionais, emocionais e de identidade exercem no seu uso cotidiano. 77 f. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

VELOSO, R. As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. In: *XVII Congresso Internacional Associação De Linguística E Filologia Da América Latina* (ALFAL), 2014, João Pessoa.

ZANELLO, V; BUKOWITZ, B; COELHO, E. Xingamentos entre adolescentes em Brasília: linguagem, gênero e poder. *Revista Interações*, Lisboa, v. 7, n. 17, p. 151-169, 2011.

## VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS

Simone Aparecida Migon<sup>1</sup>

Loremi Loregian Penkal<sup>2</sup>

### Introdução

Uma das maiores necessidades do ser humano é a comunicação, desenvolver algo que possa compartilhar com os demais, e também como forma de convivência, pois ao longo da história técnicas foram desenvolvidas para a sobrevivência, e assim a comunicação, a linguagem, a expressão também se mostram necessárias.

Nesse processo de comunicação, nem sempre a informação é transmitida de forma oral e escrita, há pessoas que não utilizam dessa configuração, temos, então, a utilização de imagens, gestos e sinais que são essenciais para que se estabeleça um diálogo eficiente nesse grupo, as pessoas surdas, as quais possuem canal visual espacial e se faz necessária uma transmissão diferenciada.

Para os surdos, a informação ocorre por sinais, com uso das mãos, expressões faciais e corporais, é o diálogo ativo dos mesmos, já que não possuem canal auditivo. Dessa forma, são os sinais que compreendem um sistema linguístico de natureza visual-motora e possibilitam que a língua sinalizada possua estrutura e gramática própria.

A língua de sinais é uma língua de modalidade gestual-visual, que utiliza a comunicação através de movimentos realizados com as mãos/sinalizados e uso de expressões faciais, percebidas através da visão. Libras corresponde à sigla de Língua Brasileira de Sinais, um conjunto de sinais utilizados pelos surdos brasileiros para a comunicação entre eles e pessoas que utilizam a língua, podendo ser surdas ou ouvintes.

Sabemos que as línguas orais apresentam variações, regionalismos, modos diferenciados de expressão, assim a língua sinalizada também apresenta tais características. Surdos criam sinais diferenciados para identificar lugares, objetos e conceitos, animais ou coisas que em determinados locais são característicos e não se encontram em outros.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras: Interfaces entre Língua e Literatura. Programa de Pós-Graduação em Letras, PPGL.

UNICENTRO/PR.

<sup>2</sup> Doutora em Letras/Linguística. Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, UNICENTRO. Programa de Pós-Graduação em Letras, PPGL.

De acordo com Karnopp (2006), a língua sempre despertou interesse e discussões entre as pessoas, em relação ao uso e à forma como ela é empregada pelos indivíduos, tempos e lugares. As pessoas, em geral, fazem comentários e observações sobre o “sotaque” e as “palavras diferentes” utilizadas em várias regiões.

No entanto, essa “diferença” não impossibilita que as pessoas possam se comunicar. Desse modo, a comunicação com as pessoas surdas também é possível, mesmo que os sinais apresentem variações, eles permitem entendimento e comunicação, pois, se há variação, ela se apresenta apenas na escrita ou no sinal, mas não altera o significado da palavra ou do contexto.

Como principal objetivo deste trabalho, um recorte da dissertação de mestrado, estudamos as variações linguísticas dentro da Libras, explicados pelo olhar da Sociolinguística, ciência que estuda a relação da língua com a sociedade, ou seja, com seus usuários, reconhecendo que há variações mesmo em línguas que diferem da oralidade.

Dessa forma, a teoria da variação linguística, proposta por Labov (1972), estuda a estrutura e evolução de uma língua dentro do contexto social numa comunidade linguística, definindo o modelo teórico e metodológico que busca explicar empiricamente como as estruturas internas de uma determinada língua são submetidas às variações, desencadeadas por fatores internos e externos no uso linguístico real.

A pesquisa consistiu na análise bibliográfica e, segundo Alyrio (2009), compreende a identificação, localização, compilação e fichamento das informações e ideias mais importantes de um texto. Sendo assim, a pesquisa se desenvolveu com base na teoria da Sociolinguística e sociolinguística variacionista. Percebemos que existem diferenças que podem ser resultantes de costumes ou culturas locais.

### **Sociolinguística**

Para a sociolinguística, descrever e analisar a diversidade linguística não é um problema, mas uma característica que constitui um fenômeno linguístico, em que cada indivíduo apresenta um comportamento particular, mas a mudança ocorre em grupo com interação social. As línguas são adaptadas conforme o uso da comunidade que a utiliza, não há línguas pobres ou sistemas gramaticais que possuem imperfeição. A língua é homogênea, mas o falante não, pelo fato de sua inserção no meio social. O que incide são os julgamentos de natureza política e social. Nos estudos da sociolinguística, as diferenças linguísticas

observáveis nas comunidades de fala são vistas como dado necessário a um fenômeno linguístico.

Desse modo, as variáveis linguísticas têm “[...] um ponto de partida, ocorrendo em ambiente mais favorecedor, e aos poucos, se propaga aos ambientes menos favorecedores”. Esse processo ocorre de maneira gradual e se manifesta em alterações de aplicação de regra a depender de cada contexto linguístico e social, em que uma variável linguística (regra variável) comporta duas ou mais variantes (Freitag; Lima, 2010, p. 49).

As variáveis linguísticas se constituem como objeto ou foco da pesquisa, conforme proposto por Labov (1972). Assim, a variável linguística costuma ser relativa e dependente: “Uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores de natureza social ou estrutural” (Freitag; Lima, 2010, p. 49, *apud* Mollica; Braga, 2003, p. 11).

Outra característica marcante nas variáveis linguísticas são os tipos de variação que podem ser apresentados, são os fatores extralinguísticos, ou seja, podem ser variações regionais ou sociais. Para Borin (2010), as variedades linguísticas são, de certa forma, subordinadas a dois amplos campos: variedades diatópicas e variedades diastráticas.

Por variação diatópica, geográfica ou regional, compreendemos que se referem:

[...] às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, podendo ser percebidas entre falantes de origens geográficas distintas, ou seja, são as responsáveis pelos chamados regionalismos, provenientes de dialetos ou falares locais. As variedades geográficas também conduzem à oposição entre linguagem urbana e linguagem rural. Ex. Brasileiros e Portugueses; Cariocas, Gaúchos e Baianos. (Borin, 2010, p. 14)

Ou, ainda, a variações entre:

Dois países, duas regiões de um mesmo país, dois estados de uma mesma região, duas cidades de um mesmo estado e mesmo entre falantes de dois bairros de uma mesma cidade. É comum também que se analise variação regional entre zonas urbanas e zonas rurais ou do interior. Além da etnia colonizadora de uma comunidade (Coelho, et.al. 2012, p. 76-77)

Temos, também, a variação diastrática ou social, tendo como principais características o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, o sexo/gênero, a faixa etária e mesmo a profissão dos falantes, conjunto esse que marca a identidade dos falantes, relacionados às variações de natureza social.

**Grau de escolaridade:** Pessoas com a cultura letrada e com o uso da variedade padrão da língua, supõe-se que, em geral, falantes altamente escolarizados dificilmente produzirão formas como *nós vai* ou a *gente vamos*, que são típicas de falantes pouco ou não escolarizados. É mais provável que eles falem *nós vamos* e a *gente vai*.

**Nível socioeconômico.** É um fator muito estudado, principalmente nos trabalhos de Labov e de seu grupo de pesquisa sobre o inglês de Nova Iorque. Resultados de seus estudos mostram que o grupo social menos privilegiado favorece o uso de variantes não padrão da língua, enquanto os mais privilegiados optam pela, variante padrão. Mas essa constatação, em geral, é correlacionada com ocupação e estratificação estilística. No Brasil, há poucos estudos que levam em consideração esses indicadores.

**Sexo/gênero:** Alguns estudos mostram que as mulheres são mais conservadoras do que os homens. Elas, em geral, preferem usar as variantes valorizadas socialmente; é como se elas fossem mais receptivas à atuação normatizadora da escola.

**Faixa etária.** A questão da relação entre variação linguística e idade do falante tem suscitado muitas reflexões dentre os sociolinguistas no Brasil e no mundo, pois, em geral, entra em jogo a questão da mudança linguística. Alguns estudos atestam essa hipótese clássica, quando trazem resultados que mostram os indivíduos adultos tendendo a preferir formas antigas e, os mais jovens, formas novas (Coelho *et al.* 2010, p. 78-81)

Esses fatores dentro dos estudos de variação linguística não devem ser considerados de forma isolada, pois podem explicar desde um dialeto até a aproximação da norma culta ou de prestígio dentro da língua.

Outra variação presente na sociolinguística é a variação estilística ou diafásica, a qual está presente na formalidade e informalidade da fala, em que um mesmo falante pode usar diferentes formas linguísticas a depender do contexto no qual se encontra, como, por exemplo, no contexto familiar ou no trabalho, na escola, ou com os amigos. Ou seja, cada indivíduo exerce um “papel social” estabelecido em diferentes domínios que as pessoas se encontram, exercendo uma adequação na comunicação (Coelho *et al.* 2010).

Ao analisar os fatores metodológicos que regem a sociolinguística variacionista, percebemos certa complexidade, porém, é preciso que o pesquisador colete um número considerável de dados através de gravações de amostras da fala, dos informantes, por meio de entrevistas ou fontes para haver discurso informal e espontâneo, por conseguinte, prosseguir com a pesquisa requerida.

Assim, o estudo das variações linguísticas ganha espaço nas línguas sinalizadas, pois até certo momento as pesquisas estavam voltadas a comunicação oral, apenas. Os estudiosos em destaque na variação linguística na Libras, são Strobel (2008), Quadros (2004; 2007) e Karnopp (2004), ícones nos estudos de e sobre surdos no Brasil.

## Metodologia

A coleta de dados foi realizada em materiais disponíveis em livro e no site do CAS<sup>3</sup> – Centros de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos do Paraná – Regional Oeste/Cascavel/PR, em forma de apostila, intitulada: *Curso de Libras Básico I*, produzida no ano de 2018, com total de 70 páginas. O material que traz consigo noções básicas sobre a Libras (advérbios, saudações, verbos, adjetivos, família, entre outros).

A segunda obra analisada é de autoria da professora doutora Eliziane Manosso Streiechen, publicada em 2013, pela editora CRV. Professora Eliziane é referência nos estudos sobre surdos e língua de sinais na região Sudeste, pois por longo período dedicou-se à comunidade surda e atualmente leciona na graduação e pós-graduação na universidade.

A mesorregião Oeste do Paraná concentra o maior número de municípios, sendo ao todo 50, que estão agrupados em três microrregiões: Cascavel, Foz do Iguaçu e Toledo, reunidos por sua grande importância econômica, baseada principalmente na agropecuária e agroindústria. Possui identidade histórico-cultural, com perfis singulares e forma de organização social específicos (Nascimento; Schroeder, 2009).

A mesorregião Sudeste abrange 21 cidades e está subdividida em 4 microrregiões, localizada no Segundo Planalto do Paraná, também denominado planalto de Ponta Grossa. Desenvolveu uma trajetória de urbanização num ritmo pouco menos intenso que o do próprio Estado, – o Estado do Paraná, no ano de 1970 –, já possuía mais de 36% de sua população vivendo em áreas urbanas. Por volta do ano 2000 esse percentual estava em mais de 80%, enquanto a mesorregião Sudeste iniciou o período de urbanização em torno de 28%, atingindo 53,6% em 2000 (Ipardes, 2009).

Efetuada o levantamento, os sinais escolhidos para serem analisados quanto à variação linguística foram estes: MAGRO, FAMÍLIA, MAMÃE, PAPAI, ONTEM, SEPARADO, LONGE, FRIO.

Os sinais escolhidas fazem parte do grupo dos substantivos, advérbios e adjetivos e se repetem nos dois materiais encontrados, apresentando variações em suas sinalizações. Foram escolhidos esses pelo fato de serem encontrados em comum nos materiais e não serem palavras específicas das regiões (as quais podem não apresentar variações e não serem conhecidas).

---

<sup>3</sup> “Visam à inclusão social e educacional da comunidade surda, a orientação quanto aos serviços de apoio pedagógicos complementares e suplementares no Atendimento Educacional Especializado aos estudantes surdos e a oferta de formação inicial e continuada aos profissionais da educação de surdos” (SEED/PR, 2018, p. 01). Disponível em: <https://www.educacao.pr.gov.br/Centros-de-Apoio-CAS>. Acesso em: 26 out. 2022.

O nível de análise linguística analisado é o fonológico, pois analisa os parâmetros de cada sinal quanto à configuração de mãos, movimento, local onde o sinal é realizado, expressão corporal, facial, e orientação da mão.

### Análise e discussão de dados

Os sinais variam de acordo com os parâmetros específicos da Libras (os quais são descritos em cada quadro). Destacam-se em variação padrão e não padrão, apresentam ainda variações sociais do dia a dia e características específicas de cada região.

Quadro 1 – sinal de MAGRO

Região Oeste do Paraná Sinal - MAGRO	Região Sudeste do Paraná MAGRO
 <p>CM: mão fechada, com dedo mínimo para cima, palma para frente. M: não apresenta. L: em frente ao corpo, espaço neutro. O: para baixo. ENM: bochechas retraídas para dentro.</p>	 <p>CM: mão fechada, com dedo mínimo para cima, palma para trás. M: não apresenta. L: em frente ao corpo, espaço neutro. O: para baixo. ENM: bochechas retraídas para dentro.</p>

FONTE: Acervo da autora (2022)

No sinal MAGRO, tanto para substantivo quanto para adjetivo, o sinal é realizado da mesma forma, não há um sinal específico para a classe gramatical diferenciada, a variação encontrada é quanto ao uso das mãos, em que na região Oeste é realizada com as duas mãos e na região Sudeste com apenas uma das mãos. A expressão facial comprime as bochechas para dentro nas duas regiões pesquisadas. O ponto de articulação ou locação (espaço neutro) é o mesmo. A direção da mão tem sequência para baixo. Para sinalizar a palavra magro, na região Oeste ocorre a utilização das duas mãos e na região Sudeste apenas uma das mãos é utilizada.

A análise linguística observada nesse sinal é a variação da unidade configuração das mãos, que em determinado momento é realizada com a palma da mão para frente (região Sudeste) e palma voltada para o sinalizante (região Oeste), realizada com uma das mãos e no

outro com as duas mãos. Nesse caso, o mesmo sinal pode ser articulado com a mão direita ou esquerda, não influenciando no significado do sinal.

As variações observadas correspondem à variação diatópica, conhecida por variação regional ou geográfica, a qual indica como uma pessoa fala ou sinaliza. Assim, na região sudeste, a variável corresponde à variação padrão, pois pode ser encontrada em outros materiais disponíveis e mais conhecidos pelos surdos. No entanto, mesmo com a variação, o sinal da região oeste é facilmente compreendido, não ocasionando desentendimento.

Quadro 2 – sinal de FAMÍLIA

Região Oeste do Paraná	Região Sudeste do Paraná
<p data-bbox="422 779 534 806">FAMÍLIA</p>  <p data-bbox="236 1093 673 1211">           CM: dedo indicador e polegar unidos            M: circular            L: em frente ao corpo, espaço neutro.            O: direita esquerda formando um círculo         </p>	<p data-bbox="1029 779 1141 806">FAMÍLIA</p>  <p data-bbox="845 1048 1283 1167">           CM: mãos em F            M: circular            L: em frente ao corpo, espaço neutro.            O: direita esquerda formando um círculo         </p>

FONTE: Acervo da autora (2022)

Para o sinal de FAMÍLIA, o parâmetro que sofre variação é a configuração de mãos, o ponto de articulação é o mesmo, assim como o espaço, não sofre variação. Na imagem da região Oeste, polegar e indicador se unem formando um círculo pequeno e em seguida se movem em forma de curva até os dedos mínimos se tocarem pelos lados. Na região Sudeste, a configuração de mãos se apresenta em “F”, seguindo em forma de curva para a frente até a união dos dedos mínimos pelos lados. Não há variação no parâmetro expressão facial e movimento.

Nesse caso, a configuração de mão (CM), segundo Brito (1995), pode ser entendida como a mão que toma frente durante a realização do sinal. Na região Sudeste, a configuração de mão está em F, ou seja, um empréstimo da língua portuguesa no formato da configuração (em F, de família), como os surdos costumam associar; não é entendida como português sinalizado, mas faz associação à letra correspondente ao alfabeto manual do português.

Na região Oeste, os dedos são unidos na realização do sinal de família, a configuração usada não remete ao português. É visto como um novo sinal pelos surdos, ou seja, um sinal

que teve reformulações com o passar dos anos. Em diálogo com os surdos, eles consideram como “união”, pois muitos sinais tiveram novos formatos e passaram a ter uma nova configuração em sua realização.

Dessa forma, nos estudos sociolinguísticos são apontados que gerações mais novas usam a língua de forma diferente dos seus pais, e mais diferente ainda dos seus avós, pela convivência com seus pares estar mais difundida, além dos meios tecnológicos que auxiliam nesse processo e assim promovem o surgimento de novos sinais, resultando na variação.

Quadro 3 – sinal de MAMÃE

Região Oeste e Sudeste do Paraná (variação 1)	Região Oeste do Paraná (variação 2)
<p style="text-align: center;">MAMÃE</p>  <p>CM: em A, depois fecha em S M: não apresenta L: na bochecha O: para baixo mais bênção.</p>	<p style="text-align: center;">MAMÃE</p>  <p>CM: mão em A M: não apresenta L: na bochecha O: lado do rosto</p>

FONTE: Acervo da autora (2022)

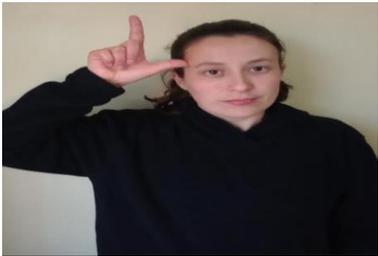
Para o sinal de MAMÃE foi encontrada apenas uma variação, na qual a configuração de mão (em mão fechada) é realizada na lateral do rosto; já o sinal composto (mulher (polegar tocando a lateral do rosto) + bênção (beijo no dorso da mão) = mamãe) pode ser encontrado nas duas regiões analisadas. É um sinal que não apresenta expressão facial ou movimento.

O dedo polegar, ao tocar a bochecha, indica delicadeza e carinho, tratamento de respeito com a mulher. Já a configuração de mão simbolizando a “bênção”, mostra-nos que culturalmente o respeito para com as pessoas de mais idade, ou seja, para os mais jovens o pedido de bênção mostra que -alguém de mais idade tem mais autoridade sobre os mais novos. Assim, o sinal de mamãe demonstra a autoridade materna e que a ela é necessário obedecer as ordens impostas.

Dentro da análise sociolinguística, é uma variável social, etária, pois remete ao respeito matriarcal. A faixa etária vem de uma atitude de respeito aos protetores da família, que detém mais responsabilidade (poder) sobre os mais jovens.

Mesmo com as duas variações, nas duas regiões encontramos os sinais de variação padrão e não padrão. Na variação padrão, temos o sinal de mulher + bênção; quanto à variação não padrão (2), é encontrada apenas na região Oeste, sendo classificado como um sinal regional.

Quadro 4 – sinal de ONTEM

Região Oeste do Paraná ONTEM	Região Sudeste do Paraná ONTEM
 <p>CM: mão em L, palma para frente M: para trás, noção de passado L: na têmpora O: para trás</p>	 <p>CM: mão em L, com palma para baixo M: para trás L: na bochecha O: para trás</p>

FONTE: Acervo da autora (2022)

Para a realização do sinal ONTEM, a configuração da mão é em L, palma para a frente, apontando o dedo indicador para trás. Na região Oeste do Estado, o sinal é realizado na têmpora; e na região Sudeste, na bochecha, com palma para baixo, em seguida apontando o dedo indicador para trás, também dando ideia de passado. O parâmetro que sofre variação é o ponto de articulação ou locação, ou seja, o lugar em que é realizado o sinal. Não possui expressão facial. Para este sinal, a mão gira no sentido anti-horário, dando a ideia de representação de algo passado, que ficou para trás.

De acordo com Ferreira-Brito (1995), a locação é um dos elementos importantes que constituem o sinal, podendo apresentar certa variação, como, por exemplo, o sinal realizado na têmpora no mesmo lado da mão que a configura, porém, em outro contexto, o mesmo sinal pode ser produzido mais baixo, na altura da bochecha. Dentro do campo linguístico, constitui o processo fonológico análogo ao observado na fala.

Quadro 5 – sinal de SEPARADO (estado civil)

<p>Região Sudeste do Paraná</p> <p>Separado (estado civil)</p>  <p>CM:mãos abertas palma para fora M: não apresenta L: espaço neutro em frente ao corpo O: para os lados</p>	<p>Região Oeste</p> <p>Separado (estado civil)</p>  <p>CM:mãos unidas em C, depois se separam, com palma aberta para os lados M: não apresenta L: espaço neutro O: para os lados</p>
---	--

FONTE: Acervo da autora (2022)

Para o sinal de SEPARADO (estado civil), a configuração de mãos se apresenta com as mãos horizontais abertas, dedos para a frente e palmas para os lados opostos, sinal realizado em frente ao peito. Não apresenta expressão facial. O sinal ocorre de forma composta, mãos unidas pelas palmas, em seguida, as mãos se separam e seguem lados opostos. Sinal realizado também em frente ao peito, sem possuir expressão facial.

A orientação manual segundo Ferreira Brito (1995) é a direção da palma da mão durante a realização do sinal. A mão pode estar voltada para cima, para baixo, para frente, lados opostos, podendo ou não se modificar. Já Quadros e Karnopp (2004), consideram a orientação da mão, durante a sinalização, como uma unidade fonológica, pois há mudança no significado de sinais quando à orientação da mão muda.

Mesmo que os dois sinais mostrem separação como estado civil, na região Oeste percebemos que é um sinal composto, sendo realizado o sinal de casar ou casamento e, em seguida, separação. Também é um sinal que ainda vigora o conservadorismo, em que, a partir do casamento, no momento em que não é mais possível a união (entre mulher e homem), ocorre a desunião. Na região Sudeste é realizado apenas um sinal, em que simplesmente ocorre uma separação civil, porém, o sinal não está voltado à união matrimonial.

Quadro 6 – sinal FRIO

Região Oeste do Paraná	Região Sudeste do Paraná
<p style="text-align: center;">FRIO</p>  <p>CM: mão em X M: tremular o queixo L: no queixo</p>	<p style="text-align: center;">FRIO</p>  <p>CM: mãos em S M: não apresenta L: em frente ao corpo (no peito)</p>

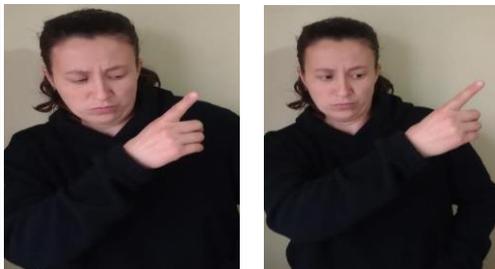
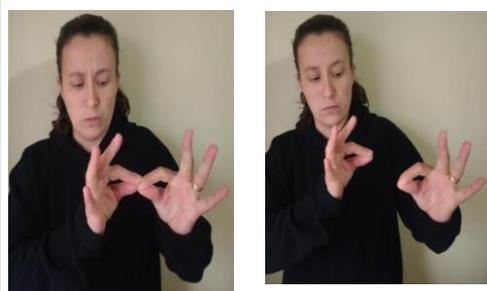
FONTE: Acervo da autora (2022)

Para o sinal de FRIO, nas duas regiões analisadas os sinais têm variações em mais de um parâmetro. No Oeste, a configuração da mão ocorre em X, batendo a lateral do indicador no queixo, com a expressão facial de encolher os ombros e tremer (de frio). No Sudeste, o sinal é realizado com as duas mãos em S, próximas uma da outra, realizado no peito, os ombros são encolhidos e trêmulos para os lados, a expressão facial com sobrancelhas franzidas, demonstrando estar sentindo frio.

As expressões faciais ou corporais, caracterizadas como não manuais (ENM), refere-se aos movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco, designam as diferenciações entre itens lexicais e sintáticas, como, por exemplo, sentenças interrogativas, exclamativas, negativas ou afirmativas, que dão vida e entonação ao sinal (Orselli, 2017).

De acordo com Capovilla *et al.* (2017), os dois sinais encontrados tratam de um morfema semelhante à gestualidade brasileira e o sinalizador faz a pantomima típica de que está com frio. Dessa forma, fica claro que a pessoa está sentindo algo e através de sua expressão torna-se um marcador indispensável durante o sinal.

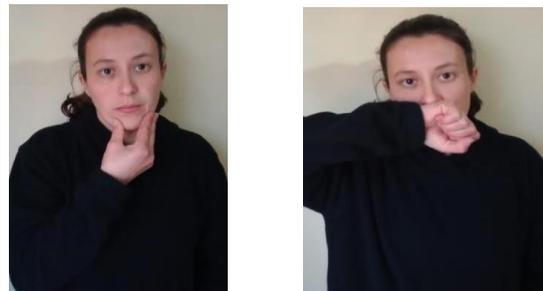
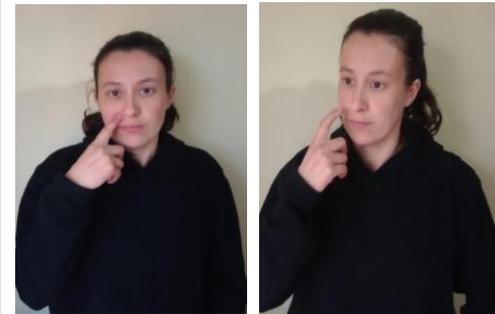
Quadro 7 – sinal LONGE

<p>Região Oeste do Paraná (variação 1) - LONGE</p>  <p>CM: mão em D em frente ao corpo M: circular L: em frente ao corpo, espaço neutro O: para a esquerda (na imagem) ENM : sobrancelhas franzidas</p>	<p>Região Oeste e Sudeste do Paraná (variação 2) - LONGE</p>  <p>CM: polegar e indicador unidos L: em frente ao corpo, espaço neutro O: mãos se afastam para a esquerda ENM : sobrancelhas franzidas</p>
--	--

FONTE: Acervo da autora (2022)

Para o sinal LONGE foram encontradas duas variações, sendo a primeira na região Oeste, em que há a configuração da mão em D, movendo para cima e para frente, a expressão facial é marcada por sobrancelhas franzidas, demonstrando estar distante, a segunda variação, também presente na região Oeste e Sudeste são realizadas com as mãos abertas, polegar e indicador unidos, sinal realizado em frente ao corpo, com movimento de afastar para a esquerda as mãos, sobrancelhas franzidas, indicando uma longa distância.

Quadro 8 – sinal PAPAI

<p>Região Oeste e Sudeste do Paraná – sinal PAPAI</p>  <p>CM: mão em C no queixo mais mão em S (sinal de benção) M: não apresenta L: queixo e em frente a boca O: para baixo</p>	<p>Região Oeste do Paraná – sinal PAPAI</p>  <p>CM: mão em D M: não apresenta L: no canto da boca O: para frente</p>
---	--

FONTE: Acervo da autora (2022)

Para a realização do sinal PAPAI, utiliza-se uma das mãos em formato de C (quadro 10), dedos tocando cada lado do queixo, mão para baixo, unindo as pontas dos dedos, em seguida, beijar o dorso da mão. A variação encontrada foi na região Oeste quanto à configuração de mãos, locação (quadro 11), na qual o sinal é feito com o dedo indicador próximo ao canto da boca e o dedo se move para baixo. Em relação aos demais parâmetros, não há variação (expressão facial, movimento).

Na classificação de variações padrão e não padrão, temos o sinal de homem + bênção, encontrado nas duas regiões, classificado em variação padrão. Já a variante (2) na região oeste, coloca-se como não padrão, por ser um sinal regional, usado especificamente naquela localidade. Na análise dos aspectos sociais, o homem (o genitor da família) possui barba e bigode. A configuração da “bênção” apresenta os costumes tradicionais, o gênero masculino como autoritário se mantém, remetendo à figura do pai como protetor da família e dos filhos, por isso o sinal mostra o respeito e a dignidade que ele deve ter.

Dessa forma, encontramos que o parâmetro que mais apresenta mudança é a configuração de mãos, CM, sendo encontrado em sete dos sinais analisados. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), o parâmetro que mais sofre variação é este, pois na realização dos sinais usamos as mãos, essas se movimentam no espaço em frente ao corpo, articulando os sinais. Um sinal pode ser articulado com uma ou duas mãos.

Quanto ao uso das mãos, direita para destros e esquerda para canhotos, essa escolha, portanto, não é distintiva e não compõe parâmetro de variação linguística. Os sinais articulados com uma das mãos são produzidos pela mão dominante, a depender dos usuários.

O segundo parâmetro mais recorrente nos sinais analisados é a locação, ou seja, é a área ou parte do corpo em que o sinal será articulado, podendo apresentar um número finito de locações. No entanto, algumas são capazes de ter mais exatidão, tais como a ponta do nariz e outros que são mais abrangentes, como a frente do tórax (Ferreira Brito e Langevin, 1995; Quadros e Karnopp, 2004).

Para Quadros e Karnopp (2004), o espaço de formulação do sinal é um espaço ideal, podendo ser reposicionado ou reduzido. Mas é importante que nessas situações as locações tenham posições pertinentes à sinalização e não fiquem “soltos” ou sem significado.

O terceiro parâmetro de maior presença analisado foi o uso de expressão facial ou expressão não manual (ENM), que dentro das línguas de sinais possuem traços discursivos, semânticos e morfológicos integrantes do significado de um sinal. As ENM encontram-se presentes nos enunciados das LS, mostrando traços afetivos e gramaticais, carregadas de

conteúdo e significado que podem ser interpretados, além do mais, uma frase ou palavra constituída de expressões pode vir carregada de mais significado (Quadros, Stumpf e Leite, 2013).

Também encontramos sinais que possuem variação social e regional. Nos exemplos de PAPAÍ e MAMÃE, principalmente na região Oeste do Paraná, é possível observar que os sinais seguem uma descendência específica do lugar, pois em outros materiais não encontramos variação padrão ou não padrão semelhantes.

De fato, a Libras é uma língua viva, natural, está ativa e sujeita aos mais diversos fenômenos, dentre eles, o da variação linguística. Ela apresenta alterações de acordo com a necessidade do falante, a depender do lugar onde esteja (variação e influência cultural regional), dessa forma, com o tempo algumas palavras caem em desuso e surgem outras para substituir.

### **Considerações finais**

De acordo com Audrei Gesser (2009, p. 39), “[...] ao se afirmar que todos os brasileiros falam o mesmo português é uma inverdade, assim como dizer que todos os surdos usam a mesma Libras”, fato esse carregado por uma crença de que se os surdos vivem no mesmo país, eles têm consigo a língua padrão de norte a sul do Brasil. Quando se difunde uma afirmação assim, de unidade, nega-se a extensa variedade das línguas existentes, em que nenhuma apresenta uniformidade.

Com isso pudemos comprovar, através da pesquisa e análise dos sinais, que esses apresentaram as variações linguísticas inicialmente tomadas de forma hipotética, concluindo que: os sinais apresentam variação, eles vão possibilitar análises específicas em relação aos objetivos propostos, as variações contemplam entendimento linguístico, a Libras não é uma língua universal, pois possui variedades, dessa maneira, encontramos sinais diferenciados nas regiões selecionadas, possuem mesmo significado, mas com parâmetros que variam.

De fato, a Libras é uma língua viva, natural, está ativa e sujeita aos mais diversos fenômenos, dentre eles, o da variação linguística. Ela apresenta alterações de acordo com a necessidade do falante, a depender do lugar onde esteja contemplando a variação e influência cultural regional.

### **Referências**

BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

GESSER, Audrey. *LIBRAS? Que língua é essa? crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

IPARDES. *Mesorregião Geográfica Sudeste Paranaense*. Curitiba: IPARDES, BRDE, 2004. Disponível em: [http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/leituras\\_reg\\_meso\\_sudoeste.pdf](http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/leituras_reg_meso_sudoeste.pdf). Acesso em: 18 mai. 2023.

KARNOPP, Lodenir. *Fonética e fonologia*. Apostila do curso de Letras-Libras licenciatura e bacharelado. Florianópolis: UFSC, 2006.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, Geralda de Oliveira Santos; FREITAG, Raquel Meister Ko. *Sociolinguística*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010.

NASCIMENTO, Wagner Cipriano do; SCHROEDER, Carla Andrea. Os desafios regionais da mesorregião geográfica oeste do Paraná. *In: IV SIMPGEO – Simpósio Paranaense de Pós-Graduação em Geografia*, 2009. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/GEOGRAFIA/Artigos/artigo\\_cipriano.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/GEOGRAFIA/Artigos/artigo_cipriano.pdf) Acesso em: 4 jun. 2023.

PARANÁ. Casa Civil do Governo do Estado do Paraná. *Dispõe sobre a criação do Centro de Apoio ao Surdo e aos Profissionais da Educação de Surdos - CAS de Cascavel*. Curitiba: Casa Civil do Governo do Estado do Paraná, 2018. Disponível em: <https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=208954&indice=1&totalRegistros=9&dt=19.3.2021.15.25.59.261>. Acesso em: 25 maio 2023.

QUADROS, Ronice Müller de.; KARNOPP, Lodenir, Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed. 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF; Marianne Rossi; LEITE, Tarcísio de Arantes (Orgs.). *Estudos da língua brasileira de sinais I*. Série Estudos de Língua de Sinais. V.I. Florianópolis: Insular. 2013.

## ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS DA MARCA NATURA NO FACEBOOK: UMA ANÁLISE DA ESTRUTURA POTENCIAL GENÉRICA (EPG)

Yohana Filgueira Silva do Nascimento<sup>1</sup>

Isadora Maria Cavalcante Oliveira<sup>2</sup>

### Introdução

Este artigo é um recorte da pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará (UFC), no período de agosto de 2022 a julho de 2023. A pesquisa *Anúncios publicitários da marca Natura no Facebook: uma análise da Estrutura Potencial Genérica (EPG)* compreende a fase I do projeto *Gênero Anúncio Publicitário à Luz das Abordagens Sociossemióticas e Sociorretóricas: Proposta de Ensino Fase I e II*, orientado pela Professora Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa (UFC)<sup>3</sup>, que tem se dedicado aos estudos sobre gêneros textuais e seus aspectos constitutivos.

Assim, buscamos tecer um recorte na Estrutura Potencial Genérica – em inglês, *Generic Structure Potential* (EPG) de Hasan (1989), levando em consideração a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday (1985). Para a realização de tal abordagem, nos ateremos aos conceitos de contexto de situação (registro) e contexto de cultura (gênero), sob o ponto de vista das variáveis campo (*field*), relação (*tenor*) e modo (*mode*), responsáveis pela constituição da Configuração Contextual (CC). Assim, com o objetivo de obter conclusões acerca do *status* genérico dos textos, analisamos 25 anúncios publicitários da marca Natura de acordo com as variáveis do contexto de situação, coletados na rede social *Facebook*, na página da própria marca (disponível em: [https://www.facebook.com/naturabrofficial/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/naturabrofficial/?ref=page_internal)), os quais foram armazenados no Google Drive com o intuito de formar o *corpus* desta pesquisa.

Hasan (1989) discute a possibilidade de analisar a linguagem como um sistema

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras-Português. Universidade Federal do Ceará (UFC). Integrante do Grupo de Pesquisa: Gêneros: Estudos Teóricos e Metodológicos - GETEME. Bolsista PIBIC (CNPq).

<sup>2</sup> Graduanda em Letras-Português. Universidade Federal do Ceará (UFC). Integrante do Grupo de Pesquisa: Gêneros: Estudos Teóricos e Metodológicos - GETEME. Bolsista PIBIC.

<sup>3</sup> Profa. Dra. da Universidade Federal do Ceará, coordenadora do Projeto de Iniciação Científica/PIBIC: Gênero Anúncio Publicitário à Luz das Abordagens Sociossemióticas e Sociorretóricas: Proposta de Ensino Fase I e II. 2022-2023. Coordenadora do Grupo de Pesquisa: Gêneros: Estudos Teóricos e Metodológicos - GETEME/PPGLin/UFC.

sociossemiótico, para tal, ela faz uso do conceito de Estrutura Potencial Genérica (EPG). Essa teoria busca analisar o texto, tendo em vista o contexto de situação da linguagem, a fim de tratá-la como prática social, visto que ela manifesta significados por meio de seu uso pelos participantes da interação social. Partindo desse pressuposto, ao longo do artigo nos debruçaremos sobre os estudos de Hasan (1989) e Halliday (1985;1989), consoante às pesquisas de (Lopes, 2013; Motta-Roth, Heberle, 2005; Oliveira, Sousa, Matos, 2022) a fim de compreendermos a estrutura que ocasionou esta pesquisa.

À vista disso, o presente recorte objetiva refletir o viés argumentativo dos textos de cunho publicitário, levando em consideração os elementos manifestados a partir das linguagens verbal e não verbal dos anúncios, assim como os significados evocados a partir do contexto de situação no ambiente da rede social *Facebook*. Desse modo, buscamos analisar o *corpus* tendo em vista o conjunto de valores manifestados em contexto que colaboram para a construção dos sentidos do texto.

### **A EPG dos anúncios publicitários da marca Natura no *Facebook***

O século XXI ocasionou inúmeras mudanças no modo de vida das pessoas, nesse sentido, as transformações tecnológicas ocasionadas pela globalização encurtaram caminhos e tornaram o processamento de informações instantâneo. Dentre essas transformações ocorridas, as redes sociais destacam-se por serem um ambiente no qual transitam diversos gêneros discursivos, como o anúncio publicitário, o *meme*, a entrevista, o fórum e etc. Além disso, elas também proporcionam um rápido processamento de informações e o encurtamento de distâncias físicas, assim, pessoas de diferentes lugares podem se comunicar instantaneamente sem nenhum esforço e ter acesso a informações sobre acontecimentos de todo o mundo.

Nesse sentido, dentre as plataformas existentes, o *Facebook* destaca-se por liderar o ranking das redes sociais mais usadas no mundo, somando 2,96 bilhões de usuários ativos. Através de sua característica multimodal, a plataforma abarca textos de variados gêneros, proporcionando, assim, o imbricamento da linguagem verbal e não verbal, e o uso dos sentidos pelos seus usuários. Além disso, esta rede social tornou-se um ambiente muito interativo, visto que proporciona a comunicação entre os indivíduos por meio de seus recursos de engajamento, como curtidas, comentários, compartilhamentos e expressões de sentimentos (curtir, amei, força, risada, raiva, tristeza e surpresa).

Mediante as características já citadas, muitas marcas brasileiras utilizam essa

plataforma com o objetivo de alcançar um número maior de consumidores, divulgar os seus produtos e, conseqüentemente, vendê-los. Este é o caso da marca Natura, que já acumula mais de 15 milhões de seguidores em sua página no *Facebook* e diariamente publica anúncios de cunho publicitário, em seu *feed* e *story*. Dessa forma, a frequência de publicações, o aspecto multimodal dos anúncios e a relevância da interação marca-consumidor, foram elementos observados para estudarmos a Estrutura Potencial Genérica (EPG) dos gêneros discursivos anúncios publicitários da marca Natura na rede social *Facebook*, à luz da abordagem sociosemiótica de Hasan (1989).

### **Estrutura Potencial Genérica (EPG)**

Hasan (1989) busca analisar a linguagem como um sistema sociosemiótico, para isto, a autora adota a linguística sistêmico-funcional de Halliday (1985). Sendo assim, ela acredita que os signos produzidos pelos falantes dentro de uma situação comunicativa produzem significados em contexto. Nesse sentido, Hasan (1989) define a Estrutura Potencial Genérica (EPG) como um conjunto de significados, os quais são produzidos pelos participantes da interação social através do uso da linguagem em um contexto situacional.

Mediante a isso, a autora busca desenvolver a sua teoria baseando-se nos conceitos de texto e contexto, visto que para Hasan (1989), texto e contexto são elementos da linguagem indissociáveis. Os falantes da língua produzem signos linguísticos para serem comunicados em situações específicas, os quais desempenham papéis comunicativos e produzem significados. Assim, o contexto é o pano de fundo do texto, ou seja, ele é responsável por atribuir sentido ao discurso e por nortear os falantes dentro da interação social.

Nesse sentido, Hasan (1989, p. 64)<sup>4</sup> afirma que “o significado relevante para a forma de mensagem geral é expresso como a Estrutura Potencial Genérica”, ou seja, para a EPG, os significados produzidos através do uso da linguagem devem apresentar um grau de relevância para estruturar o texto. Em suma, Hasan (1989) desenvolveu esta estrutura a fim de possibilitar a realização de previsões sobre qualquer texto associado a um dado contexto, ou seja, como afirmam Motta-Roth e Heberle (2005, p.17) a EPG traça os significados “de qualquer texto que possa ser considerado um exemplo ‘em potencial’ de um gênero específico”.

A Estrutura Potencial Genérica (EPG) estabelece uma relação dialética entre texto e contexto. Assim, para aprofundarmos a nossa compreensão acerca desta estrutura, é

---

<sup>4</sup> Todas as traduções foram realizadas pelas autoras.

fundamental que nos debrucemos sobre os conceitos de contexto de situação e contexto de cultura, a fim de compreendermos a relevância dos significados produzidos em contexto para a constituição do *status* genérico dos textos.

### **Contexto de situação e Contexto de cultura**

O contexto de situação é o conjunto de valores manifestados a partir da interação entre os indivíduos em dada situação, mediados pelo uso da linguagem. Este contexto diz respeito à situação comunicativa isolada, ou seja, cada situação em que há a ocorrência de uma interação social entre os falantes da língua origina um contexto de situação. Para Halliday (1989, p. 46) o contexto de situação “é o ambiente imediato no qual um texto está realmente funcionando.” Dessa forma, este contexto é utilizado para manifestar a ocorrência e/ou não ocorrência de unidades linguísticas, e constitui-se das variáveis campo (*field*), relação (*tenor*) e modo (*mode*) que englobam o registro.

Em contrapartida, o contexto de cultura é a união de vários contextos de situação, ele diz respeito ao gênero. Ou seja, este contexto atribui sentido às unidades linguísticas manifestadas no contexto de situação, as quais adquirem significados e valores por meio da repetição de suas ocorrências. Para Halliday (1989, p. 46) “qualquer contexto real de situação, a configuração particular de campo, relação e modo, que trouxe um texto à existência, não é apenas uma mistura aleatória de recursos, mas uma totalidade, um pacote, por assim dizer, de coisas que normalmente andam juntas na cultura.” Nesse sentido, o contexto de cultura é essencial para atribuir o *status* genérico ao texto, visto que na perspectiva sociosemiótica de Hasan (1989), o gênero corresponde justamente aos significados textuais recorrentes associados aos contextos situacionais.

As variáveis campo, relação e modo manifestadas no contexto de situação (registro), constituem a Configuração Contextual (CC) e são elementos essenciais para a construção dos sentidos do texto. Portanto, a seguir abordaremos a definição de Configuração Contextual (CC) proposta por Halliday (1989) em consonância com os conceitos (campo, relação e modo), a fim de compreendermos o conceito de EPG proposto por Hasan (1989).

### **Configuração Contextual**

A Configuração Contextual (CC) é constituída pelas variáveis campo (*field*), relação (*tenor*) e modo (*mode*). O campo relaciona-se à natureza do texto. A relação refere-se ao relacionamento dos participantes na interação social e a sua relação entre si e com o meio,

assim como os seus papéis estabelecidos na prática social. O modo está relacionado à transmissão do discurso e envolve os mecanismos textuais utilizados para a construção dos sentidos do texto. Nesse sentido, os valores expressos por estas variáveis atribuem características específicas à Configuração Contextual (CC) de um determinado texto, contribuindo, assim, para a produção de afirmações sobre a estrutura do texto e, conseqüentemente, para a elaboração da Estrutura Potencial Genérica (EPG) de um determinado gênero.

Para Hasan (1989, p. 55) “na unidade estrutural do texto, a CC realiza o papel central”, dessa forma, ela afirma que a CC é formada por um conjunto específico de valores manifestados através das variáveis do registro. Assim, a autora enuncia que deve-se relacionar os aspectos da estrutura do texto aos conjuntos de valores manifestados, realmente como uma configuração, pois se levarmos em consideração apenas os valores individuais, ocorrerá prejuízo na construção dos sentidos manifestados pela estrutura do texto.

Nesse sentido, para Hasan “a caracterização da estrutura genérica não se dá de forma rígida, mas pode haver variações, assim, os exemplares de um gênero específico podem ter suas variações que devem estar enquadradas em limites possibilitados por uma EPG”. (LOPES, 2013, p. 73) Assim, Hasan (1989) pontua que a constituição do gênero abarca elementos obrigatórios e opcionais que serão manifestados conforme o seu contexto de situação, logo, a EPG é uma estrutura que permite a ocorrência de variações. A seguir, veremos considerações que nos permitem sistematizar os limites na EPG:

Que elementos DEVEM ocorrer em cada exemplar de um determinado gênero?  
(Elementos obrigatórios)

Que elementos PODEM ocorrer, embora não precisem estar presentes em cada exemplar de um determinado gênero? (Elementos opcionais)

Que elementos PODEM ocorrer MAIS DE UMA VEZ ao longo do texto?  
(Elementos iterativos)

Que elementos TÊM UMA ORDEM FIXA de ocorrência se comparados a outros elementos?

Que elementos TÊM UMA ORDEM VARIÁVEL de ocorrência se comparados a outros elementos? (MOTTA-ROTH; HEBERLE, 2005, p. 18).

Dessa forma, vemos que o objetivo da EPG é delimitar a seqüência, a recorrência e a frequência dos elementos textuais no gênero, os quais podem ser obrigatórios, opcionais ou iterativos. Mediante a isso, a EPG torna-se uma estrutura sistemática, visto que ela busca traçar os elementos que devem ocorrer em um determinado gênero; os que podem ocorrer, mas não precisam apresentar uma recorrência; e os que podem ocorrer mais de uma vez em um mesmo texto. Nesse sentido, por meio de uma sistematização dos elementos da estrutura

do texto, a EPG possibilita a compreensão do *status* genérico dos anúncios publicitários da marca Natura no *Facebook*, tendo em vista as definições propostas por Halliday (1989) acerca das variáveis de campo, relação e modo e o conceito de Estrutura Potencial Genérica (EPG) de Hasan (1989). Na seção seguinte, abordaremos o método utilizado na análise dos dados de acordo com as variáveis campo (*field*), relação (*tenor*) e modo (*mode*), como também a metodologia utilizada nesta pesquisa.

## **Metodologia**

Esta pesquisa aborda o estudo da Estrutura Potencial Genérica de Hasan (1989), tendo como objetivo refletir o viés argumentativo dos textos e analisar o contexto de situação (registro) e o contexto de cultura (gênero) dos anúncios publicitários, sob o ponto de vista das variáveis campo (*field*), relações (*tenor*) e modo (*mode*), responsáveis pela construção da Configuração Contextual (CC) e pelo *status* genérico do texto. Para isto, analisamos os anúncios publicitários da marca Natura, coletados na rede social *Facebook* (disponível em: <https://www.facebook.com/naturabrofficial/>), publicados no período de julho de 2022 a fevereiro de 2023, e armazenados no Google Drive, como já informado. Os textos selecionados e coletados formaram um *corpus* composto por 25 anúncios, os quais foram analisados de acordo com o contexto de situação (registro) e o contexto de cultura (gênero), conforme as variáveis campo (*field*), relação (*tenor*) e modo (*mode*), responsáveis pela constituição da Configuração Contextual (CC), elementos que configuram a Estrutura Potencial de Genérica (EPG) de Hasan (1989). A partir da análise dos anúncios, buscamos obter conclusões acerca do caráter genérico destes textos e identificar traços concernentes aos seus contextos de produção.

Nesse sentido, essa pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, visto que através da observação das variáveis do contexto de situação, desenvolvemos interpretações acerca do papel social da linguagem, assim como, da manifestação de significados em contexto. Ademais, a observação das variáveis campo (*field*), relação (*tenor*) e modo (*mode*) nos anúncios publicitários, revela o tipo descritivo-reflexiva desta pesquisa, visto que estabelecemos relações entre as variáveis e analisamos os traços sociais manifestados por essas variáveis. O método utilizado para a observação destas variáveis foi o indutivo, pois partimos das particularidades observadas em cada anúncio para as generalizações acerca dos elementos recorrentes encontrados no contingente de 25 anúncios, que podem abarcar um contingente ainda maior, dada a consistência e recorrência dos elementos.

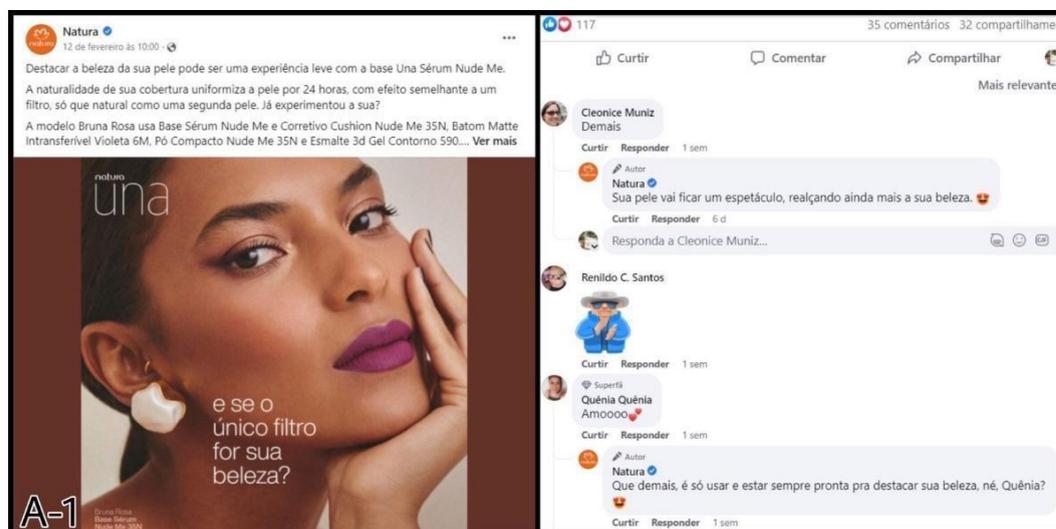
Desse modo, analisamos os elementos verbais e não verbais manifestados pelas variáveis do contexto de situação, como os textos verbal e não verbal; aspectos visuais; a interação marca-consumidor; as curtidas, comentários e compartilhamentos; o papel social do anúncio publicitário; o uso de verbos e pronomes; o uso de perguntas pelo representante da marca; etc., amparadas nas bases teórico-metodológica de Hasan (1989) e contribuições de pesquisadores que seguem sua perspectiva. Por último, levando em consideração que este texto é um pequeno recorte da nossa pesquisa, mencionamos que, por questão de espaço, neste artigo, consta a análise de apenas um anúncio da marca Natura que representa o contingente dos 25 anúncios publicitários analisados.

### **Análise dos dados**

Através dos dados analisados, constatamos que os anúncios da marca Natura exercem um papel social em contexto, visto que apresentam mecanismos verbais e não verbais, a fim de manipular os consumidores e/ou leitores a comprarem os produtos anunciados. Dessa forma, os elementos multimodais dos anúncios formulam um conjunto de valores expressos pelas variáveis campo (*field*), relações (*tenor*) e modo (*mode*) e estabelecem uma estreita relação com o contexto de produção da mensagem. Assim sendo, a seguir, veremos a manifestação dos elementos textuais, em consonância com os aspectos visuais, em um anúncio da marca Natura, conforme a Estrutura Potencial Genérica (EPG).

Tendo em vista as considerações apresentadas, informamos que a figura 1 é um anúncio publicitário da marca Natura, retirado da rede social *Facebook*. Tal anúncio apresenta o produto Base Una Sérum Nude Me, da linha de produtos Natura Una, da referida marca. Sendo assim, considerando os elementos verbais e não verbais manifestados por meio da legenda da publicação e da imagem, observamos a manifestação das variáveis da CC, responsáveis por apresentar valores que manifestam o contexto de situação do gênero em questão.

**Figura 1** - Anúncio da Base Una Sérum Nude Me



**Fonte:** <https://www.facebook.com/naturabrofficial/photos/10167840993685422>

Acesso em: 22 fev. 2023

A variável campo (*field*) refere-se à natureza do discurso, ou seja, aos objetivos que o texto busca atingir através do uso da linguagem em um determinado contexto de situação. Esta variável está intimamente relacionada com o propósito social do texto. Neste sentido, na situação comunicativa, o texto manifesta-se conforme o papel social que ele procura desempenhar sobre os participantes da interação (vender, informar, comunicar, elogiar, etc.). Assim sendo, o anúncio publicitário busca agir sobre os participantes da interação com o intuito de manipulá-los, levando em conta seus interesses e necessidades, a fim de atingir o seu papel social, que diz respeito ao ato de vender os produtos divulgados utilizando mecanismos textuais direcionados à persuasão do consumidor.

Na figura 1, a variável campo (*field*) é expressa através do uso da linguagem verbal por meio da frase: “Destacar a beleza da sua pele pode ser uma experiência leve com a base Una Sérum Nude Me”, na legenda da publicação. Neste elemento, o representante da marca apresenta o produto anunciado e faz uso de uma estratégia de manipulação, visto que ele induz o consumidor a pensar que a base é necessária para destacar a sua beleza. Ademais, os elementos visuais exprimem a linguagem não verbal e reforçam o objetivo do texto, tais como a cor lateral marrom que estabelece uma harmonia com a cor da pele da modelo, pele morena, e a cor branca, utilizada para destacar os elementos verbais da imagem.

À vista dos elementos expostos, verifica-se que a finalidade do texto é vender o produto anunciado, ou seja, a “Base Una Sérum Nude Me”. Desse modo, esse aspecto

caracteriza-se como elemento obrigatório dos anúncios, como adverte Hasan (1989), pois todos possuem o mesmo propósito social. Essa finalidade do texto reafirma o traço social do gênero anúncio publicitário, de modo que, por meio da ideia de que a beleza da mulher é o seu próprio filtro “E se o único filtro for sua beleza?”, a marca elabora estratégias para vender o produto. Através disso, os elementos verbais e não verbais, tais como, a legenda da publicação que apresenta a base Una Sérúm Nude Me; a frase “E se o único filtro for sua beleza?” localizada na imagem; a pele uniformizada e iluminada da modelo reafirma a naturalidade e leveza da base anunciada; o jogo de luz e sombras; contribuem para a concretização do objetivo do texto. Este aspecto multimodal dos gêneros já foi frisado anteriormente por Oliveira, Sousa e Matos (2022), quando referem-se aos anúncios publicitários na rede social *Facebook* e por Lopes (2013) quando aborda a multimodalidade da constelação do gênero cartas.

A variável relação (*tenor*) refere-se à interação social entre os participantes do discurso em uma determinada situação comunicativa. Esta variável leva em consideração o papel social que cada participante desempenha no momento da interação, o grau de controle entre os participantes, a relação que existe entre eles e com o meio, e a distância social existente.

Na figura 1, a variável relação (*tenor*), é expressa no discurso mediante o uso de pronomes, verbos e frases pelo representante da marca Natura. Na legenda do anúncio, o representante descreve algumas características do produto para o consumidor por meio de um texto verbal, com o intuito de informá-lo: “A naturalidade de sua cobertura uniformiza a pele por 24 horas, com efeito semelhante a um filtro, só que natural como uma segunda pele.” Posteriormente, verifica-se que ele interage diretamente com o consumidor através de uma pergunta retórica presente na legenda do anúncio: “Já experimentou a sua?”, com o objetivo de o(a) consumidor(a) não somente comprar o produto, mas também de usá-lo/experimentá-lo. Ademais, o texto apresenta um representante responsável por responder aos comentários da publicação feitos pelos consumidores. Esses comentários podem ser críticas, sugestões, elogios e reclamações. Na interação deste anúncio, uma consumidora comentou: “Amoooo”, em seguida, o representante da empresa respondeu: “Que demais, é só usar e estar sempre pronta para destacar sua beleza, né, Quênia?”.

Vemos, portanto, que o representante se expressa por meio de um tom amigável, educado e respeitoso, visando manter boas relações com os seus consumidores. Além disso, outras ferramentas também são utilizadas pelos consumidores/usuários com o intuito de

promover a interação social, como as diversas reações com ícones representando as expressões “amei e curti”. À vista disso, podemos afirmar que a presença de um representante responsável por manter um contato entre vendedor e consumidor, caracteriza-se como um elemento obrigatório do gênero anúncio publicitário, visto que é necessário manter esse canal aberto, aspecto que já foi verificado em Oliveira, Sousa e Matos (2022). Além disso, o uso da hashtag “DescriçãoDeImagem” caracteriza-se como um elemento descritivo do texto, principalmente voltado à acessibilidade para deficientes visuais. Acerca da linguagem não verbal, podemos observar que, na imagem do anúncio, a modelo olha diretamente para o consumidor do anúncio, com a cabeça um pouco inclinada, apoiando o queixo na mão, demonstrando um leve sorriso. Esses traços buscam transmitir uma imagem angelical, simpática e levemente sensual, de modo que prenda a atenção do consumidor no anúncio e assim ele busque ler o texto verbal também.

A variável modo (*mode*) refere-se à transmissão do discurso, como os mecanismos textuais utilizados para a construção dos significados do texto em dado contexto de situação. Logo, esta variável leva em consideração a organização simbólica do texto, o seu *status*, a sua função em contexto, o canal principal de transmissão do discurso (falado ou escrito), o modo retórico com que os significados foram organizados e as suas categorias textuais (persuasivo, expositivo, didático e etc.)

Na figura 1, a variável modo (*mode*) é expressa pelo texto verbal: “E se o único filtro for sua beleza?”, no qual se pode observar o jogo de sentidos feito com a palavra “filtro”, que possibilita a associação desta palavra aos filtros de beleza, atualmente, muito utilizados nas redes sociais pelos usuários, majoritariamente, por mulheres. Desse modo, a palavra “filtro” estabelece uma relação de duplo sentido entre a beleza artificial e a beleza natural, visto que os filtros das redes sociais são ferramentas tecnológicas desenvolvidas com o intuito de alterar a imagem (foto/visão) das mulheres por um curto período de tempo. À vista disso, estes filtros apresentam algumas ferramentas, como: suavização da pele, uso de cílios postiços, batom, sombra, *blush*, lápis de olho e etc. O anúncio sugere, por meio do texto verbal, que o filtro artificial pode ser substituído pelo filtro natural, ou seja, pela beleza feminina, se as consumidoras usarem a base Una Sérúm Nude Me da marca Natura.

A compreensão do duplo sentido da palavra “filtro” só é possível se analisarmos o contexto de produção do anúncio. Tal sentido é reforçado pelo texto verbal presente na legenda do anúncio publicitário: “Destacar a beleza da sua pele pode ser uma experiência leve com a base Una Sérúm Nude Me”, que incentiva a compra do produto (Base Una Sérúm Nude

Me) pelos usuários da rede social e consumidores da marca, o que garante a função social do anúncio publicitário, que “se preocupa” com a beleza natural e o bem-estar de suas consumidoras. Neste sentido, o produto é apontado como uma ferramenta que deve ser utilizada para destacar a beleza feminina já existente, diferente dos filtros artificiais, que funcionam como uma espécie de máscara. Ademais, a linguagem não verbal relaciona-se intimamente com o duplo sentido atribuído à palavra “filtro”, visto que a imagem é centralizada no rosto da modelo, com o objetivo de apresentar o resultado de sua pele com o uso da base *Sérum Nude Me*, semelhante a um filtro. Os elementos visuais são manifestados partir do jogo de luz e sombras na imagem, assim como a uniformização e suavização da pele, o desfoque do pano de fundo e o enquadre lateral, tais elementos são utilizados com o intuito de destacar os efeitos produzidos pelo uso do produto na pele da modelo.

Em síntese, o anúncio publicitário analisado apresenta elementos que foram observados frequentemente no *corpus* de 25 anúncios desta pesquisa. Na variável campo (*field*), foi verificado que é muito recorrente o uso da linguagem verbal na legenda da publicação com o intuito de apresentar os produtos anunciados e suas características e, consoante a isso, a linguagem não verbal é utilizada para apresentar a imagem dos produtos, e confirmar, como espera o anunciante, que os elementos ali evidenciados convençam (sem dúvida) a consumidora.

Na variável relação (*tenor*), observamos que, frequentemente, o representante da marca busca interagir diretamente com os consumidores e estabelecer a relação marca-consumidor através do uso de pronomes, verbos e frases, aspecto que já vem sendo estudado por Oliveira, Sousa e Matos (2022) em edições anteriores da pesquisa. Essa interação também pode ser vista mediante o uso frequente de perguntas na legenda e na imagem do anúncio, que incitam a realização da interação por parte dos consumidores da marca. Na variável modo (*mode*), verificamos que a marca Natura utiliza muitos elementos visuais para realçar a modalidade de seus anúncios, como o uso de luz, sombras, realces, enquadramento lateral e o desfoque do pano de fundo da imagem. Ademais, essa variável manifesta-se na linguagem verbal reforçando as principais qualidades e funções dos produtos anunciados com o intuito de persuadir os consumidores e, conseqüentemente, vender os produtos anunciados.

### **Considerações finais**

A partir da análise do *corpus* de 25 anúncios publicitários da marca Natura no *Facebook*, pudemos constatar que os textos de cunho publicitário apresentam traços

concernentes e coerentes aos seus contextos de produção, tais como a linguagem acessível e direta com o consumidor, a apresentação e divulgação dos produtos para a venda, o tom amigável e educado do representante da marca que busca fortalecer a interação marca-consumidor, o emprego de perguntas retóricas que objetivam influenciar a interação social, o uso de verbos que evocam uma instrução e a utilização de recursos não verbais que buscam captar a atenção do leitor. Todos esses elementos são manifestados através das variáveis campo (field), relação (*tenor*) e modo (*mode*) que constituem a Configuração Contextual (CC) e configuram a Estrutura Potencial Genérica (EPG) dos anúncios publicitários da marca Natura no *Facebook*.

Nesse sentido, os elementos já citados evocam significados que contribuem para a construção do gênero discursivo anúncio publicitário e, conseqüentemente, para a realização do propósito social da marca Natura, que diz respeito à venda dos produtos anunciados. Dessa forma, embora a pesquisa ainda esteja em processo de finalização, já apontamos resultados consistentes que sinalizam para efeitos conclusivos, como a identificação dos significados manifestados nos textos analisados que revelam o *status* genérico dos anúncios publicitários. Portanto, mediante a análise dos dados, concluímos que a EPG é uma estrutura que se faz importante para a constatação do *status* genérico dos textos, em virtude de seu caráter sistêmico e sociossemiótico, tendo em vista os significados manifestados no ato social em conformidade com o contexto de situação.

## Referências

- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, Context and Text: Aspects of Language in a Social-Semiotic Perspective*. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *An introduction to functional grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.
- LOPES, A. K. C. *A natureza multimodal de uma constelação de gênero cartas*. 2013. 262 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2013.
- MOTTA-ROTH, Désirée; HEBERLE, Viviane Maria. *O conceito de “estrutura potencial do gênero” de Ruqayia Hasan*. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (org) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 12-28.
- OLIVEIRA, Saniela Lima; SOUSA, Maria Margarete Fernandes; MATOS, Sayonara Melquíades. Anúncios publicitários em páginas do Facebook: uma abordagem funcionalista. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 1, p. 150-167, jan.-abr. 2022.